

Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde

PEDRO HENRIQUE FERREIRA DANESE OLIVEIRA

**INSTITUCIONALIZAÇÃO DO ALIENISMO NOS
PERIÓDICOS MÉDICOS**
(RIO DE JANEIRO, 1832-1852).

Rio de Janeiro

2016

PEDRO HENRIQUE FERREIRA DANESE OLIVEIRA

A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO ALIENISMO NOS PERIÓDICOS MÉDICOS

(RIO DE JANEIRO, 1832-1852).

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

Orientadora: Prof.^a Dra. Cristiana Facchinetti

Coorientadora: Prof.^a Dra. Maria Rachel Froes da Fonseca

Rio de Janeiro

2016

PEDRO HENRIQUE FERREIRA DANESE OLIVEIRA

**A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO ALIENISMO NOS PERIÓDICOS
MÉDICOS: (RIO DE JANEIRO, 1832-1852)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cristiana Facchinetti (COC/Fiocruz) – Orientadora

Profa. Dra. Maria Rachel de G. Froés Fonseca (COC/Fiocruz) – Coorientadora

Prof. Dr. Flavio Coelho Edler (COC/Fiocruz)- Membro interno

Prof. Dra. Ana Maria Galdini Raimundo Oda (FCM/DPMP/ Unicamp)- Membro externo

Suplentes:

Prof. Dr. Luiz Otávio Ferreira (COC/Fiocruz)- Suplente interno

Prof. Dra. Monique de Siqueira Gonçalves (Departamento de História/Uerj) – Suplente Externo

Rio de Janeiro
2016

O48i Oliveira, Pedro Henrique Ferreira Danese.
Institucionalização do alienismo nos periódicos médicos (Rio de Janeiro, 1832-1852) / Pedro Henrique Ferreira Danese Oliveira. – Rio de Janeiro: s.n., 2016.
181 f.

Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2016.

1. Psiquiatria – História. 2. Transtornos Mentais. 3. Publicações Periódicas. 4. História da Medicina. 5. Rio de Janeiro.

CDD 616.89

Dedicatória

Para meus pais, meus irmãos, minha
avó Maria Célia e Miguel

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de dizer que este processo de construção da pesquisa ao longo destes dois anos, não foi algo simples, então gostaria de agradecer primeiramente a minha família, pessoas que sempre estiveram ao meu lado quando eu mais precisei, inclusive com as dificuldades de adaptação no Rio de Janeiro: meu muito obrigado ao pai José Izane, minha mãe Anna Paula, meus irmãos Isabela e João Gabriel, meu sobrinho Miguel e minha avó Maria Célia que sempre me incentivou nesta temática de pesquisa e se hoje esta dissertação esta pronta vocês fizeram sua parte para que este trabalho fosse construído.

Em Mariana gostaria de agradecer primeiramente: a minha grande amiga e parceira de academia e para vida, muito obrigado Jumara! Obrigado por sempre estar presente quando eu mais precisei, pelas conversas, pelas correções e pelas sugestões e principalmente pela amizade durante todos estes anos.

Outras pessoas especiais de Mariana são: Bianca, Anas Paulas, Daiane, Stephanie, Carol, Natalia pessoal da 12.2 (meus eternos calouros) e também meus companheiros das Repúblicas Deuses do Gólo (minha primeira casa em Mariana) e Vúlvaros; muito obrigado a todos vocês pelo apoio durante os dois anos de mestrado e muitas vezes peço desculpas pela minha ausência devido a pesquisa, mas tenham certeza que carrego todos no meu coração para toda a minha vida.

Ainda em Mariana, gostaria de agradecer ao professor Alvaro Antunes por ter me inserido no mundo da academia através de um projeto de iniciação científica, ao professor Marco Antonio Silveira por ter sido meu orientador durante a monografia e ao professor Marcelo Rangel pelas correções e conversas. Se esta dissertação está pronta é porque vocês plantaram uma semente lá no começo que hoje desemboca neste texto, meu muito obrigado a vocês três.

Continuando em terras mineiras, gostaria de agradecer a um casal muito especial que, do mesmo modo que eu, também passou pelo crivo complicado de escrever uma dissertação. Jesus e Helena, gostaria de agradecer aos dois: primeiramente pela amizade durante todos estes anos, pelos passeios em Juiz de Fora, pelo incentivo a minha pesquisa, pela indicação de leituras e, principalmente, por pessoas como vocês fazerem

parte da minha vida, muito obrigado e se sintam agraciados por esta singela homenagem.

Muito obrigado a Nayara pela revisão aguçada do primeiro capítulo desta dissertação, tenho certeza absoluta que a escrita melhorou muito após esta revisão, infelizmente pelo tempo corrido não deu tempo de enviar o resto da dissertação, mas fica aqui o meu singelo agradecimento pelo seu trabalho primordial. Se este texto está pronto com toda certeza absoluta é também graças e você. Obrigado Luzia pela ajuda e tradução com os trechos em espanhol.

Gostaria de agradecer também as minhas amigas Ana Paula minha grande amiga de Divinópolis e a amizade de uma década da Carol, muito obrigado por estes anos de amizade.

Como um forasteiro na cidade grande, no Rio de Janeiro, o agradecimento especial vai para todos os meus grandes companheiros da turma 2014 da COC (Aline, Mariana, Maria Cecilia, Rodrigo, Renilson, Leandro, Otto, Josie, Larissa, Daniel, Lissandra, Rachel, Anderson, Robeto, Renata, Mariza e Giselle e mesmo não sendo da turma gostaria de agradecer também a Eliza, agradeço de coração todas as nossas conversas). Muito obrigado a todos vocês pelas conversas, ajudas e desabaços mútuos em relação ao complicado mundo da academia, sei que muitas vezes pareci um pouco distante, mas quero que todos vocês saibam que eu nunca em minha vida conheci uma turma de pós-graduação tão incrível quanto a nossa.

Gostaria de agradecer ao meu amigo de moradia, Gilton, muito obrigado pelas conversas, pelos inúmeros domingos assistindo futebol (muitas vezes mais de um jogo ao mesmo tempo), obrigado por sempre me ajudar quando eu precisei e pelo companheirismo durante o tempo em que nós convivemos juntos no Rio de Janeiro, você é uma cara sensacional, valeu mesmo!

Muito obrigado a todos os funcionários da secretária da COC: Sandro, Paulo e Maria Claudia por sempre estarem dispostos a me ajudar nas mais variadas questões fossem burocráticas ou não e muitas vezes por aguentarem eu perturbando vocês, meus sinceros agradecimentos e sintam-se parte desta dissertação pronta. Gostaria de agradecer também ao Deivison do xerox da COC e aos funcionários da biblioteca meus muito obrigado a todos.

Obrigado ao professor Flavio Edler pela presença na minha banca de qualificação e por ter me auxiliado na construção do texto desta dissertação através de indicação de leituras (principalmente em relação ao a medicina do século XVIII),

correções muito pertinentes no texto da qualificação que fizeram com que este texto ficasse pronto. Agradeço também ao professor Luiz Otavio Ferreira por também estar presente na minha qualificação e por me auxiliar bastante em relação aos periódicos no Rio de Janeiro e me atentar sobre o assunto da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, fato este que eu não havia pensado antes da qualificação.

Agradeço também aos professores Simone Kropf e Robert Wegner, por terem me ajudado no momento em que mais precisei. Muito obrigado também a professora Tania Pimenta por ter me emprestado bibliografia que foi de extrema importância para a qualificação.

A minha orientadora Cristiana Facchinetti fica o total agradecimento durante estes dois anos de mestrado, muito obrigado pelas correções, por me indicar caminhos, pelas sugestões de leitura, e principalmente pela paciência, dedicação e pela correção em relação a alguns erros recorrentes meus. Gostaria de agradecer a minha coorientadora Maria Rachel que, do mesmo modo que a Cristiana, foi essencial para a construção desta dissertação, principalmente pela indicação de leituras no primeiro capítulo, pois para um leigo em história da medicina no Brasil esta ajuda foi primordial.

E por fim e não menos importante gostaria de agradecer uma pessoa muito especial que foi a que mais me ajudou enquanto eu morei no Rio de Janeiro. Sei o quanto é complicado escrever isso por tudo que aconteceu.

Verinha, você é uma pessoa muito especial e com um coração muito puro, eu lhe agradeço principalmente por ter me auxiliado e quero que saiba que sem a ajuda, suas broncas em relação a minha letargia muitas vezes no que tange a minha pesquisa, o auxílio em relação a minha apresentação de slides do meu projeto e principalmente por ter sido a mão que mais me ajudou quando eu pensei em desistir do mestrado por causa dos meus problemas, enfim quero que você saiba que este texto final também está pronto graças a você e eu estou agradecido do fundo do meu coração ter conhecido você no Rio de Janeiro, te desejo todo sucesso na sua pesquisa e muito obrigado por tudo de verdade. Always.

Caso eu tenha esquecido o nome de alguém gostaria de pedir desculpas, mas que esta pessoa também sintase agraciada por ter feito parte da minha pesquisa.

Lift you up again
Give you to the trees
All sound and visions are
What they ask of me
Let's run fast through the fields
Over mountaintops
Let's swim through ocean water
And we'll never stop
Just close your eyes
And pretend that everything's fine
Just close your eyes
I'll tell you when
(Mastodon/ All the heavy lifting)

RESUMO

O alienismo, surgido na França entre o final do século XVIII e início do XIX, difundiu-se paulatinamente no continente europeu e também em países da América Latina, tornando-se hegemônico como primeira especialidade médica. O presente trabalho teve como objetivo analisar o modo que se deu a apropriação do alienismo no Brasil na primeira metade do XIX. Para investigar a circulação e apropriação do tema do alienismo após a criação das primeiras instituições de ensino de medicina (Salvador e Rio de Janeiro), optou-se por escolher o ano de 1832 para o início da pesquisa, quando por meio de uma reforma de ensino, as escolas médicas se transformaram em faculdade de medicina. A pesquisa terminou no ano de 1852, quando o primeiro asilo do país começou a funcionar na capital do Império. Para a análise, optou-se por investigar uma importante ferramenta de divulgação dos preceitos da medicina da época: os periódicos médicos que circulavam na cidade do Rio de Janeiro. A análise permitiu descrever quem eram os médicos da capital que produziam trabalhos sobre o alienismo; quais os temas sobre os quais se debruçavam; que autores eram mais citados por esses médicos; que classificações de doenças mentais eram utilizadas e como eram acomodadas à realidade local; e, finalmente, se ainda eram utilizadas interpretações setecentistas a respeito das doenças mentais. A dissertação apresenta, ainda, o debate médico sobre a importância da construção de uma instituição especial para alienados.

PALAVRAS-CHAVE

Alienismo; Rio de Janeiro; periódicos médicos;

ABSTRACT

The alienism arised in France between the end of 18th century and begining of the 19th. It was spread on the European continente and also in Latin America, becoming the first medical speciality. This research intend to investigate how alienism was adapted in Brazil, through the first half of 19th century. To investigate the circulation of alienism topic after creation of first medical educacional institutions (in Salvador and Rio de Janeiro), it was choosed the year of 1832 for the research start, when medical schools became medical colleges, and 1852 is the final year for the analysis, as the first asylum was created in the Imperial capital city. It was analised also medical magazines published in Rio de Janeiro, as those periodical papers were importante news media. The investigation demonstrated that: the capital doctors who wrote papers about alienism; which topics the researchs were conducted; which authors were most quoted; which mental illness denominations were mentioned; and finally if it still remained interpretations from 18th century about mental illness. This research offer a medical debate about the importance of a special institution for lunatics, through this time period

KEY-WORDS

Alienism; Rio de Janeiro;medical journals

Lista de Tabelas.

Tabela I: Currículo das academias de medicina (Rio de Janeiro e Salvador) do ano de 1813. p. 30.

Tabela II: Currículo das faculdades de medicina (Rio de Janeiro e Salvador) do ano de 1832. p. 32.

Tabela III: Classificação das monomanias de Esquirol. p. 71.

Tabela IV. Classificação das enfermidades na obra de José Maria Bomtempo. p. 81.

Tabela V. Classificação dos humores de Galeno. p. 91.

Tabela VI. Números de mortes associadas ao alienismo no Rio de Janeiro e freguesias nos três primeiros meses de 1845. p. 114.

Tabela VII. Números de mortes associadas ao alienismo no Rio de Janeiro e freguesias nos meses de abril, maio e junho de 1845. p. 114.

Tabela VIII. Números de mortes associadas ao alienismo no Rio de Janeiro e freguesias nos meses de julho, agosto e setembro de 1845. p. 114.

SUMÁRIO

Introdução	13
Capítulo 1. A medicina na primeira metade do século XIX: Uma ciência à procura de se tornar indispensável	22
1.1 De colônia a capital modernização da ciência	22
1.2 Medicina no Brasil	27
1.2.1 A Santa Casa da Misericórdia.....	34
1.3 Dos periódicos a publicações médicas.....	41
II - O Alienismo	51
2.1 O processo de medicalização da loucura: o século XVIII	51
2.2. Do alienismo e de suas afecções: o asilo médico no século XIX	58
2.3. Da classificação nosográfica pineliana.....	63
2.3.1. <i>Melancolia</i>	64
2.3.2. <i>Mania sem delírio</i>	65
2.3.3. <i>Mania com delírio</i>	66
2.3.4. <i>Demência</i>	66
2.3.5. <i>Idiotismo</i>	67
2.4. Da terapêutica	68
2.5. Hegemonia do alienismo na Europa: novos personagens	70
2.5. Circulação e apropriação do alienismo no além-mar: o caso da América Latina.....	75
2.6 O alienismo local	78
Capítulo 3. A medicina mental como ciência médica	86
3.1. O alienismo nos periódicos médicos: entre a higiene e a medicinal legal.....	87
3.1.2 O Propagador das Sciencias Medicas ou Annaes de medicina, Cirurgia, e Pharmacia	87
3.1.3 Semanario de Saude Publica	93
3.1.4 Diario de Saude ou Ephemerides das Sciencias Medicas e Naturaes do Brazil	96
3.1.5 Revista Medica Fluminense.....	108
3.1.6 Revista Medica Brasileira. Jornal da Academia Imperial de Medicina	111
3.1.7 Annaes Medicina Brasiliense e Annaes Brasilienses de Medicina	113
3.2. Da necessidade de um hospício.....	119
Conclusão.....	135
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	139
ANEXO I	157
ANEXO II.....	161
ANEXO III	163
ANEXO IV.....	171
ANEXO V	175
ANEXO VI.....	178
ANEXO VII	180

Introdução

Em fins do século XVIII e começo do XIX surge na França uma nova compreensão médica sobre doenças mentais intitulada de alienismo, perspectiva teórica e assistencial essa concebida por Phillippe Pinel (1745-1826). A doutrina médica, formalizada no *Tratado médico filosófico sobre a alienação mental ou a mania* [1800-1801] e inspirada nos preceitos iluministas em voga na filosofia francesa, afirmava que todo ser humano era constituído de razão, sendo essa a essência do humano. O alienado seria aquele que havia perdido a razão; entretanto, como humano que era, guardava a razão em sua essência, razão pela qual poderia curar-se. Cabia ao especialista, denominado de alienista, fazer com que o paciente pudesse reestabelecer a razão através de uma terapêutica de base principalmente moral.

Além de Pinel, um representante de destaque do alienismo francês foi seu aluno, o médico Jean Etienne Dominique Esquirol (1772-1840), que sistematizou a classificação das alienações mentais do seu professor, modificando, sistematizando e ampliando a organização do sistema proposto por Pinel. Tais proposições não ficaram apenas no papel: antes, produziram reformas em todo o sistema asilar francês, orientando na especialização de instituições voltadas apenas para alienados e organizando o sistema de assistência aos alienados por todo território francês.

Importante salientar que, durante muito tempo, os preceitos alienistas ganharam estatuto de verdade e eram hegemônicos no campo da medicina mental, ainda que as controvérsias que eles suscitaram tenham crescido ao longo dos anos. Entretanto, após o falecimento de Esquirol (1840), as críticas aos asilos e à terapêutica alienista aumentaram substancialmente¹. As críticas crescentes não impediram que a reforma no tratamento aos loucos empreendido pelos alienistas se ampliassem para além das fronteiras da França. Foram realizadas em hospícios na Inglaterra, Itália, Alemanha e Estados Unidos, reestruturações do sistema asilar baseadas nas concepções alienistas. As propostas alienistas também foram divulgadas em países da América do Sul, chegando, inclusive, ao Brasil.

¹ De acordo com Amarante: “Desde os primeiros momentos de sua instauração o alienismo foi objeto de muitas críticas. Muitos de seus contemporâneos observavam que o isolamento e o tratamento moral representavam paradoxos com seus ideais libertários da Revolução Francesa”. Para mais informações ver: AMARANTE, Paulo. Saúde Mental e atenção psicossocial. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2007. p.37.

Nesta pesquisa analisamos como se deu a institucionalização do alienismo em território brasileiro, principalmente após a chegada da Família Real, em 1808, e a criação de instituições voltadas para o saber científico no Brasil.

A escolha pelo recorte temporal não foi simples; afinal, já em 1814² a loucura começava a ser tratada no âmbito da medicina no Brasil³. Além disso, ao longo da pesquisa, avaliamos também considerar como marco inicial o primeiro artigo encontrado em periódico médico especializado sobre o alienismo produzido no Brasil, no ano de 1827⁴. Esta evidência parecia ser significativa, funcionando como indicador de que o processo de transformação da loucura em doença mental já estava em pleno processo e já estava se tornando uma preocupação dos médicos que circulavam no país.

Mas segundo Machado e Engel, é apenas nos anos de 1830 que os médicos passaram a buscar mais sistematicamente apoio para a construção de instituições médicas especializadas para a internação dos loucos que perambulavam pela cidade. É também nessa década que o alienismo adentra o ensino médico pelas mãos da medicina legal e da higiene. Optamos então por considerar como recorte inicial o ano de 1832, ano de uma reforma importante no ensino da medicina no país, quando as escolas de medicina se transformaram em faculdade. O final da periodização é o ano de 1852, ano da fundação da primeira instituição voltada especialmente para a alienação no país: o Hospício de Pedro II. A partir do funcionamento do asilo, considera-se que o processo de institucionalização do alienismo dá um novo passo: o ambiente de estudo prático impacta fortemente a produção científica local⁵; além disso, junto à sociedade mais ampla, com a presença do asilo, o alienismo passa a cumprir também um papel preponderante na atividade de assistência em prol da higiene social local.

Isto posto, iremos focar nossa análise em três instituições que foram essenciais para o processo de institucionalização primeiramente das ciências e posteriormente do alienismo no Brasil: a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, assim denominada em

² GOMIDE, Antônio Gonçalves. Impugnação Analítica ao exame feito pelos clínicos Antônio Pedro de Sousa e Manuel Quintão da Silva em uma rapariga que julgaram santa na capela da Senhora da Piedade da Serra (1814). *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 14, n. 2, jun. 2011, pp.346-361.

³ FACCHINETTI, Cristiana; KURY, Lolerai; SILVA, Simone. Os êxtases da Irmã Germana: diferentes interpretações em torno das doenças nervosas no Brasil. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 14, n. 2, jun. 2011, pp. 329-345.

⁴ BAYLE, Antoine. Sobre as Allucinações dos sentidos. *O Propagador das Sciencias Medicas*, Rio de Janeiro, tomo 1, anno 1, n.1, 1827, pp. 9-39. Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital.

⁵ BARBOSA, Manoel José. Relatório e estatística do hospício Dom Pedro II. Primeiro de julho de 1854 até trinta de julho de 1855. *Annaes Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, ano 10, v. 10, n. 5, jul. 1856, pp.98-103.

1832, a Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, centro para a prática dos acadêmicos em medicina no período; e os periódicos médicos, referenciais científicos e sociais do Rio de Janeiro no período.

Como capital, a cidade do Rio de Janeiro sofreu grandes alterações no campo científico, educacional, urbano etc., com a chegada da Família Real, em 1808⁶. As instituições acima mencionadas foram relevantes neste processo, ainda que na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro não houvesse uma disciplina específica para o campo psiquiátrico, a qual só seria instituída em fins do XIX:

A consolidação da psiquiatria tal como uma especialidade somente ocorreu nos anos 1880, existindo, antes desta década, um grande amálgama entre as diversas teorias que informavam a prática médica no âmbito do tratamento das moléstias de cunho nervoso, visto que não existia uma formação específica nessa disciplina, nas faculdades de medicina do Império até esse momento⁷.

Apesar disso, os alunos e os professores tinham contato quase que diário com os alienados, pois como a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro não possuía sede própria, a maioria das aulas eram lecionadas nas dependências da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, onde também eram internados parte dos alienados da cidade do Rio de Janeiro. O contato com os alienados permitia aos alunos melhor observar sintomas e sinais da alienação, assim como internalizar a classificação das diferentes espécies de alienação e de seus tratamentos.

Vale dizer, a medicina francesa tinha grande influência sobre a medicina brasileira no século XIX, visto que os médicos brasileiros, além de se formarem em Portugal, e Edimburgo, também buscavam instituições francesas para sua formação. E também de acordo com Nava:

Os livros gauleses que aqui existiram entraram com matéria de contrabando. Entretanto se a influência gaulesa foi tão combatida até fins do século XVIII, cumpre fazer justiça aos Bragança, dizendo e provando que indiretamente foram eles , [...] que abriram as portas da

⁶ Sobre a história do Brasil nesse período, ver, por exemplo: MALERBA, Jurandir. *A corte no exílio: civilização e poder no Brasil às vésperas da Independência (1808 a 1821)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000; e SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

⁷ GONÇALVES, Monique de Siqueira. *Mente sã, corpo são: Disputas, debates e discursos médicos na busca pela cura das “nevroses” e da loucura na Corte Imperial (1850-1880)*. Rio de Janeiro, 2011. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde), Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz. Fiocruz, 2011.

nossa medicina ao influxo que seria tão benéfico e duradouro dos mestres franceses⁸.

Já no que diz respeito à circulação de revistas no Rio de Janeiro, esta certamente foi incentivada pelo fato de ser a cidade um espaço central para o processo de institucionalização das ciências médicas no país a partir de 1808, quando foram criados os primeiros estabelecimentos de ensino médico cirúrgico nas cidades de Salvador e do Rio de Janeiro. Nas décadas seguintes, surgiram os primeiros jornais médicos, como *O Propagador das Ciências Médicas ou Anais de Medicina, Cirurgia e Farmácia para o Império do Brasil e Nações Estrangeiras* em 1827⁹, nos quais passaram a ser divulgados os trabalhos a respeito do alienismo, fossem artigos escritos por médicos estrangeiros ou por médicos brasileiros.

Para aperfeiçoar a formação dos médicos no país, diversas reformas no ensino foram feitas nessas primeiras décadas do século XIX, e com elas, novas cadeiras foram sendo paulatinamente criadas. Entre estas destaca-se, para os interesses desta pesquisa, a reforma de 1832, quando foram incluídos, no sexto ano, o curso de higiene e história da medicina, dado por José Maria Cambuci do Vale (1791-1837)¹⁰ e o de medicina legal, cuja cadeira foi preenchida por José Martins da Cruz Jobim (1802-1878)¹¹. A partir desse momento, compreende-se que o alienismo passou a estar claramente incluído no campo das preocupações acadêmicas e das questões de saúde, prementes naquela sociedade.

Utilizamos para a construção desta pesquisa primeiramente os trabalhos de Dantes¹² e Figueiroa¹³ no que tange ao debate historiográfico em relação à

⁸ NAVA, Pedro. *Capítulos da História da Medicina no Brasil*. Londrina: EDUEL. 2003, p. 66.

⁹ FERREIRA, Luiz Otávio. Negócio, política, ciência e vice-versa: uma história institucional do jornalismo médico brasileiro entre 1827 e 1843. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v.11, supl.1, 2004, pp.93-107.

¹⁰ José Maria Cambuci do Vale, cirurgião aprovado pela Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro, foi cirurgião militar, lente substituto e depois professor de higiene e história da medicina da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi de sua autoria um “Plano de organização da Escola Médica”, em 1831. Ver: SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. *História Geral da Medicina Brasileira*. V.2. São Paulo: Hucite: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

¹¹ Foi um dos fundadores da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1829, diretor e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e o primeiro médico a ser nomeado para fazer a ronda semanal à ala provisória de alienados no Hospício de Pedro II, em 1842. Para mais dados biográficos do personagem, ver: José Martins da Cruz Jobim. *Dicionário Histórico Biográfico das Ciências na Saúde no Brasil (1830-1930)*. Disponível em:

<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/escancimerj.htm>.

Acesso em 9 de maio de 2015.

¹² DANTES. Maria Amélia. Fases da implementação da ciência no Brasil. *Quipu*, v. 5, n. 2, mai.-ago. 1988, pp. 265-275.

institucionalização das ciências no território brasileiro. As autoras ressaltam que a partir da chegada da Família Real e das inúmeras modificações na cidade do Rio de Janeiro dela decorrentes, foram criadas várias instituições para a produção do conhecimento científico. Especificamente em relação ao modo como foi se constituindo o ensino médico, utilizamos os trabalhos de Edler¹⁴, Fonseca¹⁵ e Santos Filho¹⁶ como base para nossa análise e escolha de recorte temporal. Outro autor importante para nosso trabalho foi Luiz Otávio Ferreira.¹⁷ Através de seus trabalhos é que percebemos como o surgimento dos periódicos médicos foi uma importante ferramenta para a divulgação do conhecimento científico neste período.

A partir desses autores e de seus trabalhos sobre a ciência local no XIX – em especial sobre a medicina, esta pesquisa circunscreveu seus objetivos: entender como seu deu o processo de institucionalização do alienismo, considerando de que modo os periódicos de época foram importantes no processo de institucionalização dos preceitos do alienismo no Rio de Janeiro, na primeira metade do XIX.

A dissertação ficou dividida da seguinte forma: no primeiro capítulo analisamos, primeiramente, como se deu a institucionalização das ciências no território brasileiro com a transformação da então colônia em capital do Império, com a vinda da Família Real para cá após a invasão de Napoleão. Em seguida, destacamos as mudanças efetuadas pelo Príncipe-Regente D. João ao desembarcar no território brasileiro, sendo estas não somente sociais, arquitetônicas e urbanas, mas também no campo científico.

¹³ FIGUEIRÔA, Silvia Fernanda de Mendonça. Mundialização das ciências e respostas locais: sobre a institucionalização das ciências naturais no Brasil (de fins do século XVIII a transição no século XX). *Asclepio – Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia*, Madrid, v.L, fasc.2, 1998, pp.107-123.

¹⁴ EDLER, Flavio. A natureza contra o hábito: a ciência médica no império. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 22, n.1, jan/jun 2009, p. 153-166.

¹⁵ FONSECA, Maria Rachel Froés da. A saúde pública no Rio de Janeiro imperial. In COSTA, Renato da Gama Rosa; FONSECA, Maria Rachel Froés da; SANGIARD, Gisele; PORTO, Angela (orgs). *História da saúde no Rio de Janeiro: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2008. Sobre o tema da mesma autora ver também: FONSECA, Maria Rachel Fróes da. A institucionalização das práticas científicas na Corte do Rio de Janeiro. In KURY, Lorelai; GESTEIRA, Heloisa (orgs.). *Ensaio de história das ciências no Brasil. Das Luzes à nação independente*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p.293-305. Sobre o assunto cf: FONSECA, Maria Rachel Froés da; EDLER, Flavio Coelho; FERREIRA, Luiz Otavio. A Faculdade de Medicina no século XIX: a organização institucional e os modelos de ensino. In DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. *Espaços da Ciência no Brasil (1800-1930)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001. pp.59-80.

¹⁶ SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. *História Geral da Medicina Brasileira*. Tomo II. São Paulo: Editora HUCITEC; EDUSP. 1991.

¹⁷ FERREIRA. Luiz Otávio. Os periódicos médicos e a invenção de uma agenda sanitária para o Brasil (1827-43). *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.6, n.2, jul.-out. 1999, pp.331-351. p.331.

Neste sentido, consideramos que, naquele momento, as práticas científicas ganharam maior efetividade em terras brasileiras. Anteriormente, como não havia imprensa, os trabalhos científicos de brasileiros eram publicados e divulgados na Europa. Com a criação da Imprensa Régia, no ano de 1808, juntamente com a criação das escolas médicas nas cidades de Salvador e Rio de Janeiro no mesmo ano, apresentaram-se novas condições para formação de quadros e para circulação de trabalhos científicos. Outras instituições também foram criadas, como a Biblioteca Nacional entre outras, auxiliando também na propagação dos conhecimentos científicos no Brasil.

Já a criação das escolas médicas demonstra a preocupação do governo português com a formação de médicos no Brasil. Com a criação das escolas médicas, na primeira década do séc. XIX, há maior produção e propagação de conhecimentos médicos dentro do território brasileiro. Entretanto, é importante ressaltar que mesmo após a criação das escolas médicas, a população ainda buscava na medicina denominada “popular” a cura para as suas doenças¹⁸, ou seja, temos então o início disputas para que se definisse quem deteria o monopólio da cura e do cuidado da população em território brasileiro.

A seguir, analisamos alguns dos debates do campo historiográfico, especialmente em relação ao processo de institucionalização das ciências no Brasil no contexto do século XIX. Alguns autores consideram que, mesmo após as transformações introduzidas após a chegada da Família Real, no âmbito das ciências o cenário manteve-se ainda rudimentar, e que a institucionalização das ciências no Brasil só se daria no início do século XX, com a criação de instituições como o Instituto Soroterápico Federal, em 1900 no Rio de Janeiro, e o Instituto Serumterápico do Estado de São Paulo em 1901. Seguimos, porém, outra corrente historiográfica, buscando demonstrar que as práticas científicas estavam presentes no território brasileiro.

Em seguida, nossa atenção recai mais especificamente sobre a medicina no Brasil, quando descrevemos sobre como este campo foi se constituindo. Destaca-se, neste cenário, o fato de que antes da criação das escolas médicas, em 1808, a formação médica dos brasileiros era realizada em instituições europeias, de Coimbra, Edimburgo e Paris. A partir de 1808, o ensino médico passou a ser organizado no Rio de Janeiro e

¹⁸ PIMENTA, Tânia Salgado. Entre sangradores e doutores: práticas na formação médica na primeira metade do século XIX. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 23, n.59, abril 2003, pp.91-102.

em Salvador, ainda que a formação de médicos pelas escolas médicas locais sofressem de limitações estruturais.

Para aperfeiçoar o ensino, algumas reformas importantes foram realizadas com o passar dos anos. Vale destacar a transformação das escolas em academias médicas no ano de 1813, quando houve a inserção de novas disciplinas na carga horária dos estudantes, e o aumento do curso de quatro para cinco anos. Posteriormente, outras reformas foram realizadas e, no ano de 1832, ocorreu a transformação das academias em faculdades de medicina, alterando sua estrutura curricular, mas mantendo ainda o referencial teórico francês como eixo organizador da formação médica. Nesse momento, houve novamente uma mudança na grade e novas exigências passaram a ser impostas para o ingresso no curso.

Outro importante movimento para a institucionalização da medicina no país foi o surgimento da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro no ano de 1829, que também é apresentado neste capítulo. Ainda no campo médico, estudamos a Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, desde sua origem em Portugal, sua criação nas colônias, e sua importância como sede do ensino médico na capital do Império durante muitos anos. Importante destacar que, como não havia uma instituição especializada para o tratamento dos loucos na cidade do Rio de Janeiro, estes eram internados na Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, fato este que era muitas vezes criticado pelos médicos devido às condições precárias a que estes pacientes eram submetidos.

Por fim, ainda no primeiro capítulo, analisamos o surgimento dos periódicos, destacando a *Gazeta do Povo*, primeiro jornal no país, e o *Patriota*, primeiro periódico científico. Posteriormente, abordamos outros dois periódicos médicos destacados por Ferreira¹⁹, e juntamente com as instituições analisadas anteriormente, dissertamos como estes se tornaram importantes veículos de divulgação de trabalhos médicos e, conseqüentemente, do alienismo. Neste contexto, temos a criação do primeiro periódico médico, o *Propagador das Ciências Médicas*, no ano de 1827. A seguir, temos a criação de outros periódicos que, em sua grande maioria, duravam pouco, devido principalmente à falta de interesse dos leitores e problemas financeiros.

No segundo capítulo, analisamos o modo como o alienismo foi se consolidando no campo médico no século XIX. Primeiramente, apresentamos o processo de

¹⁹ FERREIRA, Luiz Otávio. *O nascimento de uma instituição científica: O periódico médico brasileiro da primeira metade do século XIX*. Tese (Doutorado em História), FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

medicalização da loucura no século XVIII e de que como este saber desembocou no constructo alienista. Tratamos de várias escolas médicas no séc. XVIII e suas diferentes formas de interpretar as doenças e também a loucura. Alguns médicos foram centrais na elaboração de discursos e práticas alienistas que seriam a seguir, como o médico e químico escocês Willian Cullen (1710-1790), o negociante e filantropo inglês Willian Tuke (1732-1822) e o médico italiano Vincenzo Chiarugi (1759-1820). Além destes, destacamos dois importantes médicos para o ambiente luso-brasileiro do séc. XVIII: o médico brasileiro Francisco de Mello Franco (1757-1822) e o médico português Antonio Nunes Ribeiro Sanches (1699-1783), buscando sublinhar suas obras como importantes para a propagação do conhecimento acerca das moléstias mentais na medicina portuguesa e, posteriormente, brasileira.

Após o estudo das concepções médicas que antecederam o alienismo, passamos a descrever essa primeira especialidade médica dedicada ao estudo das moléstias mentais. Em primeiro lugar o estudo se deteve ao alienismo francês, que teve como principal figura, no começo do XIX, o médico Phillipe Pinel, que elaborou uma nosografia específica para a classificação das moléstias mentais em espécies e que desenvolveu uma metodologia sistemática de observação e de tratamento das moléstias mentais.

Em seguida, demonstramos como se constituiu a terapêutica alienista dentro dos hospícios europeus: a divisão dos doentes em alas específicas; a questão da vigilância; o isolamento para os indivíduos mais furiosos; e, principalmente, o relacionamento no asilo, conduzido de forma tal a permitir ao alienado restituir a razão.

Tratamos então das obras de Jean Esquirol, que sistematizou a classificação pineliana, aumentando assim o número de espécies de moléstias mentais, ocasionando inclusive um debate entre os campos do direito e da psiquiatria em relação a mania instintiva. Descrevemos então como se deu o alienismo na França. Nosso objetivo centrou-se na discussão da ida do alienismo para o além-mar, principalmente para a América Latina. Importa lembrar, que apesar da inexistência de instituições especializadas para alienados na maioria dos países em solo americano de então, o discurso alienista já estava presente, assim como existiam esforços por parte dos médicos para conseguir estabelecer o tratamento médico para os loucos. Neste capítulo, buscamos também ver o modo como as ideias de Pinel foram apropriadas no território brasileiro, usando como exemplo os trabalhos realizados pelo médico brasileiro Antônio

Gonçalves Gomide (1770-1835) e por José Maria Bomtempo (1774-1843), médico português²⁰.

No terceiro capítulo apresentamos de que forma o alienismo foi apresentado nos artigos em periódicos médicos brasileiros, ainda na primeira metade do século XIX.

Assim, apresentamos trabalhos que tratam de diversos temas, como o tratamento que deveria ser efetuado com os indivíduos alienados e a associação da alienação a outras doenças. O capítulo busca, desse modo, sublinhar a presença do discurso alienista e de como esse conhecimento circulava, seja através de trabalhos de médicos no Brasil ou por meio de traduções de trabalhos estrangeiros aqui publicados.

Finalmente, buscamos discutir o modo como se deu a luta dos médicos no Brasil, a partir da década de 30 do século XIX, pela construção de uma instituição adequada para o tratamento dos alienados. Apresentamos então as denúncias dos maus tratos aos alienados nas instituições existentes, bem como o debate acerca das condições a que eram submetidos, que passaram a ser consideradas como insalubres. Demonstramos, ainda, como medidas de cunho alienista foram sendo paulatinamente adotadas com relação ao tratamento dos alienados, até a criação do Hospício de Pedro II. Buscamos demonstrar como o tema foi se tornando um problema de saúde pública.

²⁰ Para mais informações sobre José Maria Bomtempo ver anexo I p. 163-166.

Capítulo 1. A medicina na primeira metade do século XIX: Uma ciência à procura de se tornar indispensável

1.1 De colônia a capital modernização da ciência

A chegada da Família Real ao Brasil, em 1808, com D. João VI²¹ e toda a sua numerosa comitiva de súditos em seus navios, promoveu grandes transformações na cidade do Rio de Janeiro que, ao se tornar capital do Império, teve que se adequar a esta nova situação e atender às novas necessidades do governo português. Foi um acontecimento único, pois nunca, até então, um governante de uma metrópole havia buscado refúgio em uma colônia²².

O cotidiano do Rio de Janeiro, no momento da chegada da Corte portuguesa para essa cidade, caracterizava-se pela existência de esgotos a céu aberto, áreas alagadiças e diversos morros que tornavam o clima insalubre. Isto não era exclusividade dos cariocas, pois outras cidades como, por exemplo, Salvador, a primeira em que a frota portuguesa havia atracado, era assim caracterizada no começo do século XIX: “[...] ao desembarcar, as primeiras decepções assaltavam os viajantes. As ruas eram estreitas, irregulares, mal calçadas, sujas, com esgotos abertos, dentro dos quais se lançavam todo tipo de dejetos”²³.

Tais informações são consideradas relevantes para pensarmos as significativas mudanças com a chegada da Família Real, não apenas culturais e sociais, mas também nas práticas científicas. O cenário cultural e científico local no qual ocorreu uma expansão urbana significativa.

Assim, estamos falando de inúmeras modificações na cidade, pois o principal desafio da corte portuguesa foi o de transformar aquela pequena aldeia em sede do

²¹ Nascido em 1767 e falecido em 1826, João Maria José Francisco Xavier de Paula Luís António Domingos Rafael de Bragança ou simplesmente Dom João VI, foi príncipe regente de Portugal de 1799 até 1816 e rei de 1816 até 1826. Para mais informações sobre o personagem consultar: JOHN VI King of Portugal. In: Disponível em: < <http://global.britannica.com/biography/John-VI-king-of-Portugal> > .Acesso em: 07/04/2016.

²² MALERBA, Jurandir. *A corte no exílio: civilização e poder no Brasil às vésperas da Independência* (1808 a 1821). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

²³ REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 28.

governo português²⁴. Entre as diversas implementações, interessa-nos citar como um dos primeiros atos de D. João a criação, em 13 de maio de 1808, da Impressão Régia, a qual a partir daquele ano passou a deter o monopólio das publicações oficiais²⁵ e a editar a primeira publicação oficial impressa no Brasil, a *Gazeta do Rio de Janeiro*. De fato, no período joanino houve uma transformação fundamental para o desenvolvimento da ciência e da medicina brasileiras: o advento da imprensa²⁶.

Em 1808, foram também criados os primeiros estabelecimentos de ensino médico cirúrgico nas cidades de Salvador e Rio de Janeiro:

A vinda do príncipe regente D. João para o Brasil, em 1808, teve o condão de transformar a possessão americana em MetrÓpole do mundo Português [...] No setor da instrução, criaram-se as escolas de Cirurgia da Bahia e do Rio de Janeiro [...] acarretando assim o fim da era dos físicos e cirurgiões formados no exterior²⁷.

A criação das escolas médicas no ano de 1808 ocorreu logo após o desembarque dos portugueses, primeiramente em Salvador e depois no Rio de Janeiro, como demonstram os trabalhos de Santos Filho²⁸, Edler²⁹ e Fonseca³⁰. A Escola de Cirurgia

²⁴ Acerca das dificuldades encontradas *a priori* pelo governo português no que tange à administração da nova sede e às medidas tomadas devido ao grande contingente que abarcou nos portos da Bahia e do Rio de Janeiro ver: SCHWARZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da biblioteca dos reis: Do terremoto de Lisboa a independência do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

²⁵ De acordo com Souza, a *Impressão Régia* tinha como função: “a impressão de outras obras quaisquer, desde que os interessados em publicá-las pudessem pagar por isso e obtivessem a autorização da censura [...] Além das funções administrativas, deveria analisar os manuscritos enviados para serem lá impressos, com a função de “examinar” e “vigiar” tudo o que fosse mandado publicar e impedir a impressão de escritos que contrariassem moral ou politicamente os bons costumes”. Para mais informações sobre a *Impressão Régia* ver: SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. *Primeiras impressões: romances publicados pela Impressão Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP. Campinas, 2007. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/teses/pdfs/simone.pdf>. Acesso: 16/05/2016. Sobre a *Impressão Régia* ver também: CAMARGO, Ana Maria de Almeida; MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia da Impressão Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*. São Paulo: Edusp/Kosmos, 1993.

²⁶ KURY, Lolerai. A cidade e os médicos no período joanino. In: SCOTT, Ana Silvia Volp; FLECK, Eliane Cristina Deckman.(orgs). *A corte no Brasil: População e sociedade no Brasil e em Portugal no início do século XIX*. São Leopoldo, RS: Oikos Editora, 2008. p.119.

²⁷ SANTOS FILHO. *História Geral da Medicina Brasileira. op.cit.* p.9.

²⁸ *Idem, Ibidem*.

²⁹ EDLER, Flavio. A natureza contra o hábito: a ciência médica no império. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 22, n.1, jan/jun 2009, p. 153-166.

³⁰ FONSECA, Maria Rachel Fróes da. A saúde pública no Rio de Janeiro imperial. In COSTA, Renato da Gama Rosa; FONSECA, Maria Rachel Fróes da; SANGIARD, Gisele; PORTO, Angela (orgs). *História da saúde no Rio de Janeiro: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2008. pp.31-57. Sobre o tema, da mesma autora ver também: FONSECA, Maria Rachel Fróes da. A institucionalização das práticas científicas na Corte do Rio de Janeiro. In KURY, Lorelai; GESTEIRA, Heloisa (orgs.). *Ensaio de história das ciências no Brasil. Das Luzes à nação independente*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. pp.293-305.

da Bahia foi fundada na cidade de Salvador, em 18 de fevereiro de 1808, sendo instalada inicialmente no Hospital Real Militar da Bahia, localizado no antigo prédio do Colégio dos Jesuítas, no Largo Terreiro de Jesus. Já a Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro foi fundada em 2 de abril de 1808, data de nomeação do cirurgião português Joaquim da Rocha Mazarem (1775-1849) para a cadeira de anatomia, e funcionou inicialmente nas dependências do Hospital Real Militar e Ultramar³¹, mudando-se mais tarde para o antigo Colégio dos Jesuítas no morro do Castelo.

Segundo os autores mencionados, foi grande a relevância destes dois acontecimentos, já que consideram tais fundações como item fundamental de modernização do território brasileiro e também de promoção da cultura científica, visto que anteriormente não havia sido permitida a criação de instituições de ensino superior.

Até a vinda da realeza, a educação no país era somente aquela existente nos colégios e os seminários sob a direção dos jesuítas³². Para estudar medicina, os brasileiros mais abastados tinham que ir para a Europa. Os destinos mais frequentes eram as escolas médicas das cidades de Edimburgo, Paris e Coimbra. Com a criação das escolas médicas locais, iniciou-se, ainda que de maneira bastante incipiente e com inúmeras dificuldades, o início do ensino acadêmico de medicina no Brasil. No ano de 1810 foram escolhidos três alunos entre os estudantes da Escola Anatômica Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro, para aperfeiçoarem seus conhecimentos cirúrgicos em instituições europeias, principalmente em Edimburgo³³.

A proposta era não apenas de garantir uma boa formação profissional, mas prepará-los para serem multiplicadores da medicina, tornando-os capazes de difundir seu saber em seu retorno. Esperava-se que participassem do crescimento do ensino

³¹ Várias instituições foram criadas após a vinda da Família Real ao Brasil, como: A Academia Médico-Cirúrgica (1813, Salvador; 1815 Rio de Janeiro), transformada posteriormente na Faculdade de Medicina (1832, Salvador e Rio de Janeiro); e a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro (1829), posteriormente denominada Academia Imperial de Medicina (1835) e atual Academia Nacional de Medicina. Informações sobre estas instituições ver: FILHO, Santos Lycurgo. *História Geral da Medicina Brasileira*. Tomo II. São Paulo: EDUSP, 1991.

³² DANTES, Maria Amélia. Fases da implementação da ciência no Brasil. *Quipu*, v. 5, n. 2, mai.-ago.1988, pp. 265-275.

³³ FONSECA, Maria Rachel Froés da; EDLER, Flavio Coelho; FERREIRA, Luiz Otavio. A Faculdade de Medicina no século XIX: a organização institucional e os modelos de ensino. In DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. *Espaços da Ciência no Brasil (1800-1930)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001. pp.59-80. p.65.

médico no país, visto que as práticas populares de cura da população eram bastante comuns, principalmente curandeiros, parteiras, barbeiros, sangradores etc³⁴.

Segundo a historiadora Tânia Salgado Pimenta, após a criação do ensino acadêmico da medicina, os médicos iniciaram uma campanha contra as práticas ditas populares, as quais passaram a ser consideradas como perniciosas e não-científicas. Anteriormente o panorama era outro:

Ao analisarmos o exercício das práticas médicas, durante as três primeiras décadas do século XIX, deparamo-nos com uma situação bem diferente. Junto com licenças para médicos, cirurgiões e boticários, havia para sangradores, parteiras e curandeiros. Todos que quisessem exercer alguma atividade terapêutica teriam liberdade para isso, caso conseguissem uma autorização concedida pela Fisicatura mor, que era o órgão do governo responsável pela regulamentação e fiscalização das práticas de cura³⁵.

Deste modo, aqueles que pretendiam exercer atividades ligadas ao ofício da medicina passaram a ter que se submeter à avaliação da Fisicatura para obter um diploma, que passava a atestar estarem os candidatos aptos a atuar. Temos, então, o seguinte ambiente: o começo de um ensino médico conjuntamente com a medicina denominada popular e a tentativa paulatina dos médicos de obter e manter o monopólio do exercício da prática médica e do saber médico.

Outras instituições também foram criadas nos primeiros anos após a chegada da Família Real, e contribuíram igualmente para a propagação das ciências: a Academia Real Militar, o Real Horto (posteriormente Jardim Botânico do Rio de Janeiro), a Biblioteca Nacional, e o Museu Real (depois Museu Nacional). Na mesma época foram implementadas também algumas medidas buscando promover o saneamento da cidade do Rio de Janeiro, como a criação da Junta da Instituição Vacínica da Corte, em 1811.

Para alguns autores, como Fernando de Azevedo³⁶ e Simon Schwartzman³⁷, apesar de todas as instituições referidas anteriormente, a institucionalização das ciências era ainda incipiente no início do século XIX, pois o Brasil não teria condições de produzir conhecimento científico. Silvia Figueirôa, ao contrário, destacou ser possível “um novo olhar sobre as atividades científicas desenvolvidas no Brasil, até hoje pouco

³⁴ PIMENTA, Tânia Salgado. Entre sangradores e doutores: práticas na formação médica na primeira metade do século XIX. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 23, n.59, abril 2003, pp.91-102.

³⁵ *Idem, Ibidem*. p.92.

³⁶ AZEVEDO, Fernando de (org.). *As ciências no Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1994.

³⁷ SCHWARTZMAN, Simon. *Formação da comunidade científica no Brasil*. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1979.

valorizadas. Sem esquecer, contudo, que sempre estiveram balizadas pelo marco da condição colonial do país”³⁸.

De acordo com Dantes³⁹ e Figueirôa⁴⁰, até o começo da década de 80 a historiografia⁴¹ negava que tivesse havido ciência no Brasil antes do fim do século XIX e começo do XX, quando teriam finalmente surgido instituições propriamente científicas, com a criação de institutos experimentais, como o Instituto Serumterápico do Estado de São Paulo (Instituto Butantan), em 1901, e o Instituto Soroterápico Federal, em 1900, no Rio de Janeiro:

Como decorrência, esses estudos classificaram de exceção as manifestações científicas que, ainda assim, devido a alguns trabalhos de cunho sobretudo memorialista, teimavam em se destacar de tal passado predominantemente livresco. Muito dessa historiografia, em larga medida produzida por não-historiadores, padeceu dos limites dados por sua matriz positivista e pelo "mimetismo historiográfico" e conduziu a uma visão estreita do passado, não tendo dado conta de uma prática científica concreta que, embora tivesse existência material nos arquivos, bibliotecas e museus, não podia e não conseguia, dessa forma, encontrar seu lugar⁴².

Figueirôa e Dantes afirmam então a existência de atividades científicas no início do séc. XIX em terras brasileiras, mesmo que - como elas afirmam – ainda inexistissem instituições de ensino superior. Ambas corroboram como fato de que a ciência alavancou com a chegada da Corte e com a criação de espaços no quais poderia ser produzido conhecimento científico:

No entanto, foi somente com o estabelecimento da corte portuguesa na colônia, em 1808, que ocorreram as medidas mais concretas para a institucionalização da atividade científica no Brasil. A cidade do Rio de Janeiro, como capital do Império, foi aparelhada com instituições necessárias a sua vida administrativa e social: escolas profissionais,

³⁸ FIGUEIRÔA, Silvia Fernanda de Mendonça. *As ciências geológicas no Brasil: uma história social de institucional, 1875-1934*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997. p.17.

³⁹ DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. As ciências na história brasileira. *Ciência e Cultura* (SBPC), São Paulo, v. 57, n.1, 2005. p.26.

⁴⁰ FIGUEIRÔA, Silvia Fernanda de Mendonça. Mundialização das ciências e respostas locais: sobre a institucionalização das ciências naturais no Brasil (de fins do século XVIII a transição no século XX). *Asclepio – Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia*, Madrid, v. L, fasc.2, 1998, pp.107-123.

⁴¹ Destacamos a obra *História das Ciências no Brasil* organizada em três volumes por Shozo Motoyama e Guilherme Ferri, no qual podemos perceber esta visão recorrente apregoada pela historiografia da época, segundo a qual o conhecimento científico no Brasil se consolidou somente a partir do fim do século XIX e começo do século XX com a criação dos grandes institutos de pesquisa. Ver: FERRI, Guilherme; MOTOYAMA, Shozo. *História das Ciências no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1979.

⁴² FIGUEIRÔA, Silvia Fernanda de Mendonça. Mundialização das ciências e respostas locais. *op.cit.* p.107.

uma biblioteca, um horto e um Museu de História de Natural entre outras⁴³.

Com apoio das autoras, fortalecemos nossa compreensão de que o processo de institucionalização das ciências no Brasil passou por um momento importante a partir das modificações introduzidas pelo governo português no início do século XIX, principalmente após a vinda da Família Real. Apesar de todas as dificuldades encontradas para a implementação destas iniciativas no território brasileiro, podemos já perceber esforços de produção de conhecimento nas mais variadas áreas, como por exemplo, botânica, medicina, farmácia, geologia entre outras.

Concomitantemente a este grande desafio para o monarca português “desencadearam-se importantes transformações de caráter administrativo e cultural de impacto sobre o desenvolvimento da medicina no país⁴⁴”. Era comum nos oitocentos a população se curar no ambiente do lar ou recorrer, de acordo com Pimenta⁴⁵, a terapeutas não reconhecidos oficialmente.

1.2 Medicina no Brasil

Como já foi mencionado, no Brasil, até o começo do século XIX, a educação superior no Brasil era bastante incipiente, pelo fato de a formação superior ter sido proibida no território brasileiro. Desta forma, até então, a educação dos brasileiros ficava a cargo dos colégios e seminários dirigidos pelos jesuítas, e a formação superior tinha que ser feita em universidades da Europa⁴⁶, como as de Coimbra, de Edimburgo e de Montpellier, o que limitava o acesso ao ensino superior a uma ínfima elite local.

Mas apesar das dificuldades no campo educacional e de toda a precariedade existente nas colônias portuguesas, entre o final do século XVIII e início dos oitocentos já existia um importante comércio de livros no país, como destaca Lucia M. Bastos Neves:

⁴³ DANTES. Fases da implementação da ciência no Brasil. *op.cit* p. 267.

⁴⁴ FONSECA, Maria Rachel Fróes da. A institucionalização das práticas científicas na Corte do Rio de Janeiro. In KURY, Lorelai; GESTEIRA, Heloisa (orgs.). *Ensaio de história das ciências no Brasil. Das Luzes à nação independente*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p.293.

⁴⁵ PIMENTA. Entre sangradores e doutores: práticas na formação médica na primeira metade do século XIX. *op. cit*.

⁴⁶ De acordo com Fonseca “em virtude da inexistência de instituições de ensino superior, os brasileiros buscavam sua formação no ramo das ciências, especialmente das ciências naturais e da medicina, na universidade de Coimbra, Montpellier, de Edimburgo e de Paris”. FONSECA. A institucionalização das práticas científicas na Corte do Rio de Janeiro. *op.cit*. p. 295.

Embora no Brasil colonial o movimento comercial de livros tenha sido, segundo estudos já realizados, comparativamente menor que o da América Espanhola, não podemos subestimar as condições do dinamismo desse setor. A cidade do Rio de Janeiro era um importante centro cultural do país, oferecendo quatro locais de livreiros e um bom público consumidor, composto de magistrados, funcionários reais, militares, botânicos, físicos, professores e negociantes⁴⁷.

Fora deste contexto colonial português, podemos observar uma situação diferente na América Espanhola, uma vez que no mesmo período já haviam sido criadas universidades no México, Peru, Argentina e Colômbia:

As primeiras escolas e universidades de medicina são criadas [...] nas colônias espanholas, disputando as Universidades de San Marcos de Lima e a do México a honra de serem as primeiras no ensino da medicina.⁴⁸

O que difere do cenário brasileiro, pois só tivemos a criação de ensino superior com a chegada da Família Real em 1808:

A organização profissional e regulamentação da educação médica no Brasil, como atividade diversa da praticada por barbeiros, sangradores, práticos e curandeiros, começou apenas no século XIX, motivada pela súbita fuga da Corte portuguesa, ameaçada pelas tropas de Junot, para a cidade do Rio de Janeiro⁴⁹.

Betania Figueiredo, em sua análise sobre os dilemas da história social das ciências no Brasil, destaca que “ao abordar as ciências e as práticas médicas nas colônias, é necessário particularizar essa visão em função do contexto específico das ex-colônias, e, em particular do Brasil, mostrando as especificidades ao se viver, pensar e produzir nesses locais”⁵⁰.

⁴⁷ NEVES, Lucia Maria Bastos P. Avisos de Livros nos periódicos lusos brasileiros: Um instrumento dos acontecimentos políticos e culturais. In SCOTT, Ana Silvia Volp; FLECK, Eliane Cristina Deckman.(orgs). *A corte no Brasil: População e sociedade no Brasil e em Portugal no início do século XIX*. São Leopoldo, RS: Oikos Editora, 2008. pp.135-159. p.136.

⁴⁸ ROJAS MALPICA, Carlos; GEADA, Nestor de la Portilla; BAYARDO, Sergio Xavier Villaseñor. Historiografía de la psiquiatria latinoamericana, *Investigación en salud*, Guadalajara, México, v.IV, n.3, diciembre de 2002, p.0.

⁴⁹ EDLER, Flavio Coelho. A Escola Tropicalista Baiana: um mito de origem da medicina tropical no Brasil. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, mai.-ago. 2002, p. 364.

⁵⁰ FIGUEIREDO, Betania Gonçalves; OLIVER, Graciela de Sousa. Os dilemas da história social das ciências no Brasil: As artes de curar no início do século XIX. In KURY, Lorelai; GESTEIRA, Heloisa (orgs.). *Ensaio de história das ciências no Brasil. Das Luzes à nação independente*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p.41.

Acerca desta conjuntura de mudanças no Rio de Janeiro, podemos destacar o trabalho realizado por Kury e Gesteira⁵¹, o qual nos leva a refletir sobre as descontinuidades e continuidades do processo científico lusoamericano, assim como sobre a desconstrução da ideia de impossibilidade de uma civilização nos trópicos.

Nas cidades do Rio de Janeiro e de Salvador, foram criadas as escolas médicas que buscavam aumentar o número de médicos, que era, então, insuficiente para o extenso território brasileiro. Outro aspecto a ser destacado é o fato do exercício bastante restrito da medicina no começo do século XIX, pois esse era facultado somente, como assinalou Fonseca, a “físicos e cirurgiões portadores de um atestado de habilitação [...], conforme a legislação de 1800”⁵².

Após a criação das escolas médicas, em 1808, passou a existir “um ambiente que incentivava a circulação de novas ideias e práticas, incluídas aí aquelas relativas ao mundo da cura: conhecimento, saberes, práticas, medicamentos, métodos e textos”⁵³.

Apesar da pouca documentação existente acerca dos currículos das escolas médicas, como destacou Santos Filho⁵⁴, considera-se de que os currículos eram semelhantes nas escolas de Salvador e do Rio de Janeiro.

As disciplinas ensinadas inicialmente nas duas escolas eram a de anatomia e cirurgia. Em relação ao ingresso na escola médica do Rio de Janeiro, o estudante interessado deveria comprovar que possuía conhecimento de língua francesa e efetivar o pagamento de uma taxa de matrícula.

Neste prelúdio do ensino médico no Brasil, Santos Filho⁵⁵ afirma que, apesar de todas as dificuldades existentes no ensino nas duas escolas recém-criadas, podem ser consideradas de certa forma positivas:

As duas escolas médicas conseguiram, nesta fase, a formação de profissionais mais ou menos ilustrados, e teóricos imbuídos de algumas conquistas científicas europeias, que procuraram aplicar no exercício da Clínica e da Cátedra. Os mais destacados são em geral os professores. Os outros, os doutores, bem mais instruídos que seus

⁵¹ KURY, Lorelai; GESTEIRA, Heloisa (Orgs.). *Ensaio de história das ciências no Brasil: das Luzes à nação independente*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

⁵² FONSECA, Maria Rachel Fróes da. A saúde pública no Rio de Janeiro imperial. In COSTA, Renato da Gama Rosa; FONSECA, Maria Rachel Fróes da; SANGLARD, Gisele; PORTO, Angela (orgs). *História da saúde no Rio de Janeiro: instituições a patrimônio arquitetônico (1808-1958)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008. p.37.

⁵³ FIGUEIREDO, Betania Gonçalves; OLIVER, Graciela de Sousa. Os dilemas da história social das ciências no Brasil. *op. cit.* p.41.

⁵⁴ SANTOS FILHO. *op.cit.*

⁵⁵ SANTOS FILHO. *op.cit.*

predecessores na prática médica, clinicam na capital e nos principais centros⁵⁶.

Importante salientar que inúmeras dificuldades foram encontradas pelos professores para o ensino da medicina nestas escolas, especialmente em relação às instalações, que eram muito precárias. Ademais, houve também conflitos de outra natureza no interior das escolas de medicina: mais especificamente, em relação à doutrina neohipocrática, que ainda era muito bem quista e influenciava bastante os estudantes e os adeptos dos preceitos apregoados pela medicina francesa.⁵⁷

No que diz respeito à consolidação do ensino médico, houve inúmeros debates e reformas propostos ao longo do século XIX com o objetivo de apontar as precariedades do ensino e reconfigurar as escolas médicas e, com elas, novas cadeiras foram sendo paulatinamente criadas. Em 1813, as escolas passaram a ser denominadas Academia Médico-Cirúrgica da Bahia e Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro, e seus currículos foram modificados de forma importante com a inclusão de novas disciplinas. Com essa reforma, a exigência para ingresso tornou-se maior, já que, além do idioma francês, os alunos agora deveriam ter o conhecimento de língua inglesa. Outra alteração importante foi a ampliação do tempo de curso, de quatro para cinco anos, e o fato de que as próprias academias passaram a poder conceder diplomas a seus alunos, mas as licenças para práticos ainda continuavam nas mãos do físico-mor e do cirurgião-mor⁵⁸. O curso passou a ficar constituído da seguinte forma:

1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano
Anatomia Geral	Anatomia (repetição)	Higiene	Instrução cirúrgica e operações	Medicina
Química Farmacêutica	Fisiologia	Etiologia	Arte obstétrica (teoria e prática)	Arte obstétrica (repetição)
Noções de Farmácia		Patologia		
		Terapêutica		

Fonte: FONSECA, Maria Rachel Froés da; EDLER, Flavio Coelho; FERREIRA, Luiz Otavio. A Faculdade de Medicina no século XIX. *op.cit.*p.64

⁵⁶ *Idem, Ibidem.* p.35.

⁵⁷ COELHO, Edmundo Campo. *As profissões imperiais: Medicina, Advocacia e Engenharia no Rio de Janeiro (1822-1930)*. Rio de Janeiro. Editora Record, 1999.

⁵⁸ FONSECA, Maria Rachel Froés da; EDLER, Flavio Coelho; FERREIRA, Luiz Otavio. A Faculdade de Medicina no século XIX. *op.cit.*, p. 64.

Após a conclusão do curso, eram conferidas aos alunos as cartas de “aprovado” ou “formado” em cirurgia:

A primeira era concedida aqueles que apenas finalizassem os cursos, e a de formado ao que, além disso, frequentassem as disciplinas novamente as disciplinas dos 4º e 5º anos. O cirurgião “aprovado” poderia atuar somente no campo da cirurgia, compreendendo a realização de sangrias, a aplicação de ventosas, a cura de fraturas, contusões e feridas. O cirurgião “formado” estaria habilitado a realizar curas de cirurgia e também de medicina, incluindo o direito de tratar todas as enfermidades nos locais onde não existissem médicos licenciados pelas faculdades europeias.⁵⁹

Verificou-se, a partir de então, “uma progressiva organização do ensino institucionalizado, com a Escola de Cirurgia transformada em Academia Médico-Cirúrgica e, posteriormente Faculdade de Medicina”⁶⁰.

Outras reformas ocorreram, destacando-se a de 1820, quando a estrutura curricular foi completamente modificada, e foram aumentadas as exigências para o ingresso naquelas escolas médicas. O processo de institucionalização da medicina ganhou novo impulso a partir de 1826, quando as escolas médicas ganharam autonomia para a emissão dos diplomas, colocando fim à subordinação ao poder do físico-mor e de Coimbra.

Em 1829, foi fundada Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, que, inspirada no modelo da Sociéte de Medecine de Paris, pretendia congregar os médicos para debater os temas relativos à saúde e às doenças e debater sobre as principais questões de saúde pública e do exercício da medicina⁶¹. Seus criadores foram médicos de destaque no cenário da medicina do período, entre eles: Joaquim Cândido Soares de Meirelles (1797-1868), Luís Vicente de Simoni (1792-1881), José Francisco Xavier Sigaud (1796-1856), Jean Maurice Faivre (1795-1858) e José Martins da Cruz Jobim (1802-1878)⁶². Um dos pleitos defendidos pela Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro foi a reforma no ensino, que ainda era considerado incipiente pelos médicos.

⁵⁹ *Idem, ibidem.*

⁶⁰ PIMENTA, Tânia Salgado. As artes de curar a e Fisicatura-mor na época de D. João VI. In: KURY, Lorelai; GESTEIRA, Heloisa (orgs.). *Ensaio de história das ciências no Brasil. Das Luzes à nação independente*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. pp.53-64. p.54.

⁶¹ SOCIEDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível na Internet: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br> Acesso em 25 de novembro de 2015.

⁶² Para mais informações sobre os médicos ver anexo I. p. 160-163.

Outras reformas foram feitas, e com a Lei de 3 de outubro de 1832, as escolas foram transformadas em *Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro* e *Faculdade de Medicina da Bahia*. O currículo ainda era influenciado pela medicina francesa, mesmo após ter sido totalmente reformulado, e o curso passou a ter seis anos de duração. O ensino nas faculdades de medicina ganhava cada vez maior sistematização.

Na tabela a seguir, podemos verificar o novo quadro curricular:

TABELA II					
1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano
Física médica	Química médica	Anatomia	Patologia externa	Anatomia topográfica	Higiene e História da Medicina
Botânica médica	Princípios elementares de mineralogia	Fisiologia	Patologia interna	Medicina operatória e aparelhos	Medicina legal
Princípios elementares de zoologia	Anatomia geral e descritiva		Farmácia	Partos	
			Matéria médica	Moléstias de mulheres peçadas e paridas e de meninos recém-nascidos	
			Terapêutica e arte popular		

Fonte: FONSECA, Maria Rachel Froés da; EDLER, Flavio Coelho; FERREIRA, Luiz Otavio. A Faculdade de Medicina no século XIX. *op.cit.* p.65.

Em 1833, integravam o corpo docente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro muitos membros da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, como Francisco de Paula Cândido (1805-1864), lente de física médica, Joaquim Vicente Torres Homem (? -1858), lente de química médica e princípios elementares de mineralogia, e José Martins da Cruz Jobim (1802-1978), lente de medicina legal⁶³.

Dantes⁶⁴, na obra que organizou sobre os espaços das ciências no Brasil, apresenta um capítulo sobre as faculdades de medicina no século XIX, no qual podemos acompanhar a trajetória destas instituições, suas características e as reformas pelas quais passaram. Ferreira, Edler e Fonseca⁶⁵ afirmam que o ingresso para a recém-criada Faculdade de Medicina era caracterizado da seguinte maneira:

⁶³ Para informações dos autores consultar anexo I. p. 160-163.

⁶⁴ DANTES, Maria Amélia M. (org.). *Espaços da Ciência no Brasil (1800-1930)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

⁶⁵ FONSECA, Maria Rachel Froés da; EDLER, Flavio Coelho; FERREIRA, Luiz Otavio. A Faculdade de Medicina no século XIX. *op.cit.*

[...] Novas exigências nos exames preparatórios foram estabelecidas, determinando-se, para o ingresso, a idade de 16 anos completos, um maior conhecimento de línguas (latim, inglês ou francês), de filosofia racional e moral, de aritmética e de geometria e a apresentação de um atestado de bons costumes⁶⁶.

Ao aumentar os níveis de exigência, tanto o governo quanto os professores buscavam formar médicos mais capacitados e cercear a concorrência. Mas apesar destas importantes mudanças no ensino das faculdades médicas, elas ainda sofriam com falhas, quer estruturais, como a falta de materiais para as aulas práticas, quer disciplinar, como aponta Coelho⁶⁷, que chama atenção para a conduta inadequada dos alunos em relação aos professores. Segundo o autor, os alunos não respeitavam, muitas vezes, a hierarquia dentro da sala de aula. Desse modo, na década de 30, foram promulgados pelo Governo Imperial novos regulamentos, que pretendiam suprir as carências e estabelecer a disciplina perante os acadêmicos.

Outros fatores também prejudicavam o ensino médico, embora de uma forma sutil, como as disputas políticas para assumir as cátedras nas faculdades de medicina. Neste sentido, podemos nos referir ao fato de membros da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro serem escolhidos como responsáveis por cátedras na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro⁶⁸.

Com a reforma do ensino médico, de 1832, mais uma vez foi reformulado o currículo e incluídas novas disciplinas, entre essas a de medicina legal, que introduzia preceitos e conhecimentos importantes relativos à medicina legal e à higiene. Desta forma, podemos compreender que, a partir de então, a higiene e a medicina legal, questões delas decorrentes e saberes a ela articulados – como o alienismo –, passaram a estar incluídas no campo das preocupações acadêmicas e das questões de saúde prementes daquela sociedade.

Neste mesmo período, também foram criados periódicos médicos, que passaram a circular no Rio de Janeiro, constituindo-se em importantes instrumentos na formação

⁶⁶ FONSECA, Maria Rachel Froés da; EDLER, Flavio Coelho; FERREIRA, Luiz Otavio. A Faculdade de Medicina no século XIX. *op.cit.* p.66

⁶⁷ COELHO, Edmundo Campo. *As profissões imperiais: Medicina, Advocacia e Engenharia no Rio de Janeiro (1822-1930)*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

⁶⁸ Devido aos limites da pesquisa não tratarei desse assunto. Para buscar mais informações sobre o tema ver: FERREIRA. Negócio, política, ciência e vice-versa: uma história institucional do jornalismo médico brasileiro entre 1827 e 1843. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.11, supl.1, 2004, pp.93-107.

de um público de medicina especializado, no processo de institucionalização da medicina no país, como destacou Luiz Otávio Ferreira. De acordo com o autor:

Uma característica importante dos primeiros periódicos médicos brasileiros foi a inserção relativamente frequente de matérias versando sobre temas que pudessem interessar diretamente ao leitor leigo. (...). A eleição da higiene como campo de diálogo entre a medicina e a sociedade e campo privilegiado de produção científica possibilita a compreensão do modo como determinadas doenças foram alçadas a condição de problemas de relevância social, mas também da forma como se deu a implantação do debate sobre os problemas sanitários do país. (...).⁶⁹

Os médicos pretendiam legitimar o discurso higienista:

Dessa perspectiva, a legitimidade social é vista como o resultado não necessariamente previsto de diferentes estratégias empreendidas pelos grupos médicos organizados, pois, no caso em questão, o estabelecimento e a ampliação da audiência da medicina dependeu da capacidade dos médicos reunidos na SMRJ e, posteriormente, na AIM de fazer dos periódicos científicos um meio efetivo de interlocução com a elite letrada do Rio de Janeiro. O destaque dado nos periódicos aos assuntos relacionados ao quadro sanitário do país ressalta a importância do discurso higienista assumido como a forma mais ou menos deliberada de inscrição da medicina na vida pública.⁷⁰

Apesar de todos os esforços efetivados pelos médicos, os periódicos não tiveram uma vida tão longa, devido, principalmente, à falta de assinantes. Assim, sem ter de onde vir o dinheiro para se manterem, alguns periódicos médicos acabavam se extinguindo após algum tempo. De qualquer modo, entretanto, esses periódicos eram ao mesmo tempo produto e produtor de relações de trocas de ideias entre os brasileiros e os estrangeiros no desenvolvimento dos estudos sobre as moléstias que afligiam o país, durante a primeira metade do século XIX.

1.2.1 A Santa Casa da Misericórdia

No século XIX, além das escolas médicas e dos periódicos, outra instituição relevante para a medicina no país foi a Santa Casa da Misericórdia, formada por uma

⁶⁹ FERREIRA. Luiz Otávio. Os periódicos médicos e a invenção de uma agenda sanitária para o Brasil (1827-43). *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.6, n.2, jul.-out. 1999, pp.331-351. p.331.

⁷⁰ FERREIRA. Os periódicos médicos e a invenção de uma agenda sanitária para o Brasil. *op. cit.* p.351.

irmandade leiga em relação ao clero católico e também não era especializada em medicina. Sua origem remonta a Portugal, no final do século XV, coincidindo com o contexto de uma nova política de ocupação de terras pela Coroa portuguesa, “com a conquista da capacidade representativa e interventora de um determinado grupo de homens na vida da sua comunidade”⁷¹.

Como afirma Laurinda Abreu, as Santas Casas tiveram uma relevância bastante considerável para o Império Português:

(...) como no Portugal metropolitano, também no ultramar as Misericórdias foram instituições fundamentais como instâncias de garantia do sistema de assistência pública, instrumentos moralizadores das comunidades, núcleos de poder local e, portanto, estruturas homogeneizadoras de um império espacialmente descontínuo e com especificidades tão diversas como as que se refletem nos modelos institucionais e administrativos adotados.⁷²

O governo português permitia a instalação das Santas Casas nas colônias somente em regiões que pudessem ter uma grande influência política. Outro aspecto importante era a presença de religiosos nas Santas Casas, fazendo com que estas instituições servissem também como um espaço para que se pudesse expandir a fé cristã para os considerados infiéis.

A Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro foi fundada em 1582, na praia de Santa Luzia nº 2, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Sendo regida pela Santa Casa de Lisboa, a do Rio de Janeiro apresentava os mesmos objetivos. Sendo assim, destinava-se a acolher os presos, alimentar os pobres, curar os doentes, asilar os órfãos, dar assistência aos mais carentes e abandonados⁷³.

Inicialmente, a função da Santa Casa era meramente caritativa, como ressaltou Viscardi⁷⁴, baseada principalmente na doutrina cristã de fazer o bem para os mais necessitados. Mas Pedro Nava destaca que a “criação de hospitais era um imperativo dessas irmandades, pois uma de suas obras é curar os enfermos”⁷⁵. Inicialmente, o

⁷¹ ABREU, Laurinda. O papel das Misericórdias dos “lugares de além mar” na formação do Império português. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.8, n.3, set.-dez. 2001, pp.591-611. p.598.

⁷² ABREU. O papel das Misericórdias dos “lugares de além mar” na formação do Império português. *op. cit.* p. 591.

⁷³ SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO RIO DE JANEIRO. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível na Internet: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br> Acesso em 25 de novembro de 2015.

⁷⁴ VISCARDI, Claudia Maria Ribeiro. Pobreza e assistência no Rio de Janeiro na Primeira República. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 18, supl.1, dez. 2011, pp.179-197. p.183.

⁷⁵ NAVA. Capítulos da História da Medicina. *op.cit.* p.47.

tratamento dos doentes era realizado por um físico e um cirurgião efetivos. Até o século XVIII, quando foram criados os hospitais militares pelo Marquês de Pombal (1699-1782), chefe do governo metropolitano, as Santas Casas foram as únicas instituições que podiam dar assistência aos soldados enfermos e feridos. A assistência hospitalar continuou, ao longo do século XIX, a ser feita principalmente por elas.

Na Santa Casa, as atividades médico-cirúrgicas ficavam a cargo dos médicos, e cabia aos diretores da Irmandade, aos provedores e mordomos a administração da instituição. A Misericórdia também administrou outros estabelecimentos de caridade e de saúde na cidade do Rio de Janeiro, como o Hospital Geral, o Hospício de Pedro II, o Recolhimento de Órfãos, a Roda dos Expostos e a enfermaria de Nossa Senhora da Saúde⁷⁶.

Além de ser uma instituição com objetivos assistencialistas e de tratamento e cura, a Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro abrigou também o ensino médico durante muito tempo, pois em suas instalações e prédios funcionaram os cursos da Faculdade Medicina do Rio de Janeiro, ao longo do século XIX. O ensino prático de anatomia e de outras disciplinas era realizado naquelas dependências⁷⁷. Em 1813, a Academia Médico-Cirúrgica se transferiu do Hospital Militar para as dependências da Santa Casa, usando salas de seu hospital, e, até 1918, quando foi concluída a construção de um prédio próprio, a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro ficou instalada nas dependências da Santa Casa:

A presença dos professores e de alunos ajudou a modificar o cotidiano do hospital, ao mesmo tempo que se modificou a formação médica, pois tinham acesso a vários tipos de enfermidade, a botica, mesmo algumas aulas teóricas foram ministradas lá por determinado período⁷⁸.

Para o tratamento dos loucos, esses eram colocados em enfermarias próprias da Santa Casa, pois não havia hospitais especiais para seu atendimento no país. Desta forma, no interior do hospital da Santa Casa professores e alunos começaram a fazer

⁷⁶ SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO RIO DE JANEIRO. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível na Internet:

<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br> Acesso em 7 de julho de 2016.

⁷⁷ *Idem, ibidem*.

⁷⁸ PIMENTA, Tânia Salgado. Hospital da Santa Casa de Misericórdia: assistência à saúde no Rio de Janeiro dos oitocentos. In *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. ANPUH*. São Paulo, julho de 2011. p.1.

observações sobre os denominados “loucos” e produzir anamneses e estudos sobre essa doença.

José Martins da Cruz Jobim, médico e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, havia sido relator, em 1830, da Comissão de Salubridade organizada pela Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro. Na ocasião, se manifestou contra as condições precárias dos internados no hospital da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. Poucos anos depois, o médico José Francisco Xavier Sigaud, um dos primeiros presidentes da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, também criticou esta situação no artigo "Reflexões acerca do trânsito livre dos doidos pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro", publicado no *Diário de Saúde ou Ephemérides das Sciencias Medicas e Naturaes do Brazil*, em 1835.

Em 1837, Antônio Luís da Silva Peixoto, em sua tese na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, intitulada "Considerações Gerais sobre Alienação Mental", discursou sobre as causas da loucura e sobre as condições de atendimento aos alienados no estabelecimento da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, esta foi a primeira tesa apresentada no território brasileiro associada ao alienismo.⁷⁹ De acordo com o *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil*, Peixoto teria então denunciado “a persistência da utilização do acorrentamento no tronco como forma de

⁷⁹ Apesar de não ser o foco da pesquisa, é importante ressaltar quão importantes eram as teses médicas escritas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro para a produção do conhecimento médico e também de trabalhos associados ao alienismo. De acordo com Oda: “Para a feitura das teses, uma lista de temas ou “pontos” era determinada a cada ano pelas Faculdades, referentes às diversas cadeiras ou seções de ensino médico, e um tema era escolhido pelo aluno ou lhe era atribuído por sorteio (o que varia conforme o período). A estrutura da tese, em geral, era composta por três partes: a primeira e principal tinha um tema desenvolvido como ensaio ou monografia, a “dissertação”; a segunda, dedicava-se a “proposições” sobre assuntos relacionados às seções do curso, que eram escritas em forma de sentenças breves, numeradas; “aforismos hipocráticos” em latim, muito raramente em grego, encerravam a tese. As primeiras teses, das décadas de 1830/1850, muitas vezes se resumem a quatro ou cinco páginas, e tendem a aumentar de volume no decorrer do tempo” Contudo, apesar disto a obra de Peixoto foi um plágio de dois dicionários médicos europeus. Para mais informações ver: ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. A primeira tese brasileira sobre a alienação mental: leituras, plágios e ciência. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, 16(4), 630-641, dez. 2013. Isto se deve ao fato de que acordo com Jacó-Vilella e Souza os “trabalhos científicos daquela época não eram exigidos os mesmos parâmetros de hoje em dia, até em função de que os leitores – poucos – provavelmente conheciam as referências feitas. Isto é razão suficiente para compreendermos o aparente “descuido” no que diz respeito às referências – ou a falta delas – nas teses”. Ver também: SOUZA, Roberto Silva; JACÓ-VILELLA, Ana Maria. Paixões e afetos: uma análise sobre conceitos e apropriações em teses de medicina do século XIX. *Memorandum*, 15, 35-51. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a15/soujaco01.pdf>. Acesso em: 20/09/2016. Outra tese importante relacionada ao alienismo foi a de Joaquim Manuel de Macedo, intitulada *Considerações sobre a Nostalgia*, apresentada no ano de 1844. cf: MACEDO, Joaquim Manuel de. *Considerações sobre a nostalgia*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

tratamento e repressão dos enfermos, o que o levou a solicitar a construção de um hospital adequado para recebê-los”.⁸⁰

Posteriormente, em 1841, foi decretada a criação do Hospício de Pedro II, subordinado à Santa Casa. Desta forma, podemos dizer que a Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro inspirada principalmente no modelo do Asile de Charenton, na França, foi à primeira instituição a aplicar métodos da ciência alienista no tratamento dos alienados. A partir de então, um novo e importante passo seria dado na direção de cura alienista:

Em 1844, durante a gestão de Clemente Pereira, foi enviado à Europa o médico Antônio José Pereira das Neves para visitar os manicômios e estudar os novos processos terapêuticos de Philippe Pinel. Com a República, o Hospício foi desvinculado da Santa Casa, passando à administração federal, quando seu nome foi mudado para Hospital Nacional dos Alienados⁸¹.

Nesse ano de 1844, participavam do quadro de médico das instalações provisórias do Hospício de Pedro II: José Martins da Cruz Jobim (1802-1978), Luís Vicente de Simoni (1792-1881), Manoel Feliciano Pereira de Carvalho (1806-1867), lente da cadeira de anatomia topográfica, medicina operatória e aparelhos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Luigi Bompani (? -1877), lente da Università di Modena, Augusto Cezar de Souza, e Antônio José Pereira das Neves (1814-1881), médico legista da polícia da Corte:

O provedor da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, José Clemente Pereira, determinou a criação de uma repartição separada, intitulada administração do Hospício de Pedro II, composta por escrivão, tesoureiro e procurador, que seriam nomeados anualmente pela Mesa da Irmandade, a quem ficariam subordinados. Em setembro de 1841 organizou a administração do Hospício, indicando José Francisco de Mesquita (Barão do Bonfim) como tesoureiro e contador, Francisco José da Rocha Filho como procurador, e Diogo Soares Bivar como escrivão. Em dezembro desse mesmo ano foram acomodados em instalações provisórias nove alienados, sob a guarda do administrador de obras Manuel Maria da Costa. Em novembro de 1842, José Martins da Cruz Jobim, professor de medicina legal e diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1842-1872), foi o primeiro médico nomeado pela mesa administrativa do Hospício com fins de visitar, prescrever e formular o tratamento aos alienados recolhidos. Em 1844 compunham o quadro do Hospício de Pedro II:

⁸⁰ Hospício de Pedro II. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível na Internet: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br> Acesso em 25 nov. 2015.

⁸¹ SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO RIO DE JANEIRO. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>. Acesso em: 25 de novembro de 2015.

médicos - José Martins da Cruz Jobim, Luiz Vicente De Simoni, Manoel Feliciano Pereira de Carvalho (cirurgião-mor), Luigi Bompani (cirurgião-mor interino, médico-cirurgião interno), Augusto Cezar de Souza (médico-cirurgião interino), e Antônio José Pereira das Neves (médico-cirurgião interno). 1º boticário - Porfirio Dias dos Santos. 2º boticário - Gabriel Soares Rodrigues.⁸²

Pimenta mostra que, apesar de todos os esforços dos médicos pela propagação da medicina científica e pelo monopólio da cura, tanto na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro quanto na própria Santa Casa, a maioria da população ainda preferia buscar tratamento para suas doenças junto aos terapeutas populares, que poderiam ser barbeiros, sangradores, parteiras, entre outros. Desta forma, a disputa entre uma medicina oficial e uma medicina popular se travava no cotidiano:

No dia a dia, contudo, as pessoas sem formação acadêmica que costumavam oferecer os seus serviços de curar, sangrar, preparar e vender remédios podiam ser encontradas nos mesmos lugares e muitas continuavam a publicar anúncios nos jornais da cidade para irritação da elite médica⁸³.

Mas não era só a relação entre uma medicina popular e outra acadêmica que era palco de disputas de legitimidade. No ambiente das Santas Casas, é possível observar a disputa política entre o Governo Imperial e os médicos que ali trabalhavam. Estes buscavam obter o monopólio da cura no ambiente hospitalar da Santa Casa. A interferência das autoridades era bastante recorrente na administração do hospital, especialmente em relação no que diz respeito ao “o espaço e o perfil”⁸⁴ dela.

Esta “queda de braço” entre o Governo e a administração do nosocômio ganhou contornos importantes com a presença do ensino médico. Gandelman, em seu trabalho sobre a Santa Casa do Rio de Janeiro, afirma que estas disputas começaram a partir de 1820 e se intensificaram em 1830, e que a principal queixa era a de que “as múltiplas funções daquele amplo conjunto arquitetônico centralizado pela igreja da irmandade passam a ser consideradas o veículo de inúmeras contaminações físicas e morais”⁸⁵. Entretanto, é importante ressaltar que esta interferência da Coroa Portuguesa se dava principalmente no âmbito da assistência à população.

⁸² HOSPÍCIO PEDRO II: *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>. Acesso em: 25 de novembro de 2015.

⁸³ PIMENTA. Hospital da Santa Casa de Misericórdia. *op.cit.* p.1.

⁸⁴ GANDELMAN, Luciana Mendes. A Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro nos séculos XVI a XIX. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, set.-dez. 2001, pp.613-630.

⁸⁵ GANDELMAN. *A Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro nos séculos XVI a XIX. op.cit.* p.618.

A importância reconhecida pela Coroa do papel do hospital da Santa Casa na oferta de assistência à população e no controle das doenças, pode ser indicada na organização de comissões de melhoramentos e observação do hospital da Misericórdia que foram sendo instituídas em função de problemas considerados relevantes em cada contexto⁸⁶.

Estas inúmeras disputas que envolviam Santa Casa da Misericórdia da cidade do Rio de Janeiro indicavam a tentativa dos médicos de estabelecer o direito de curar sem interferência de quaisquer outros profissionais ou do governo, como foi afirmado nos trabalhos de Pimenta⁸⁷ e Gandelman⁸⁸.

Além desses, havia outros questionamentos sobre as condições da principal instituição hospitalar da cidade do Rio de Janeiro na época, como aqueles referentes à confusão e ao descaso para com os profissionais que ali trabalhavam e que necessitavam de um ambiente mais propício para o atendimento, tratamento e cura dos pacientes, cujo número crescia ao longo dos anos.

Vemos assim que, com o passar do tempo, as Santas Casas passaram a ser questionadas por médicos, mas mantiveram uma força política relevante no contexto imperial brasileiro. Importante salientar que elas, em especial, a do Rio de Janeiro, poderiam ser consideradas um ambiente “democrático” para a população, pois não havia discriminação no atendimento, e qualquer cidadão sendo rico, pobre, branco ou escravo, poderia receber o tratamento da sua moléstia⁸⁹.

Importante destacar também, no que tange à administração do hospital da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, que a relação entre o Governo Imperial e a Santa Casa não foi a mesma durante todo o tempo. Pimenta, no seu trabalho atenta-se para isto ao afirmar que a relação se “modificava ao longo do tempo, dependendo dos grupos que detinham o poder em cada espaço, da presença de médicos acadêmicos em suas enfermarias e de ameaças mais concretas de epidemias⁹⁰”.

⁸⁶ PIMENTA. Hospital da Santa Casa de Misericórdia. *op.cit.* p.2.

⁸⁷ PIMENTA, Tânia Salgado. O exercício das artes de curar e o hospital da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro (1ª metade do século XIX). In *Anais do XXIII- Simpósio Nacional de História-ANPUH*. Londrina, 2005. Da mesma autora, ver também: PIMENTA, Tânia Salgado. Hospital da Santa Casa de Misericórdia: assistência à saúde no Rio de Janeiro dos oitocentos. In *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. Anpuh*. São Paulo, julho de 2011.

⁸⁸ GANDELMAN. A Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro nos séculos XVI a XIX. *op. cit.*

⁸⁹ GANDELMAN. A Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro nos séculos XVI a XIX. *op. cit.*, pp.613-630.

⁹⁰ PIMENTA. Hospital da Santa Casa de Misericórdia: assistência à saúde no Rio de Janeiro dos oitocentos. *op.cit.* p.2.

Contudo, como destaca a autora, a dificuldade maior da administração da Santa Casa, ao que parece era mais “estrutural do que financeira”⁹¹, pois o Governo Imperial pagava o aluguel dos prédios necessários para as aulas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e também ressarcia a Santa Casa pelos gastos com o atendimento dos escravos e dos habitantes mais pobres.

Portanto, podemos compreender que no século XIX, a Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, apesar de todos os problemas enfrentados, foi um importante espaço não só para a cura e para o tratamento, mas também para o ensino da medicina no país, visto que as aulas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro eram ministradas em suas dependências. Assim, os estudantes tinham contato direto com os doentes e também com materiais que estavam disponíveis no hospital para os estudos de certas disciplinas.

1.3 Dos periódicos a publicações médicas

Um dos primeiros atos implementados por D. João no país foi a criação da Imprensa Régia em 13 de maio de 1808, que tinha o monopólio das publicações oficiais⁹² e que editou, a partir daquele ano, a primeira publicação oficial impressa no Brasil, a *Gazeta do Rio de Janeiro*. Em relação ao papel desempenhado e às características da *Gazeta do Rio de Janeiro*, Freitas⁹³ afirma que o periódico “realizou esse papel de divulgador dos assuntos científicos, noticiando a produção de obras, a realização de cursos, a produção e venda de livros e textos científicos. Além das notícias e alusões, o periódico chegou a publicar memórias científicas⁹⁴”. Importante salientar as dificuldades encontradas para propagar as ciências neste começo de século XIX, pois como asseveravam os redatores da *Gazeta*, o desafio principal encontrado era o seguinte:

A ideia de ciência enquanto saber desinteressado não teve clara acolhida tampouco seguidores notáveis, mas, ocasionalmente foi lembrada. A importância do desenvolvimento de pesquisa científica isenta de preocupações de ordem prática, como essencial para novos

⁹¹ *Idem, Ibidem.* p.8.

⁹² CAMARGO, Ana Maria de Almeida; MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*. São Paulo: Edusp/ Kosmos, 1993.

⁹³ FREITAS, Maria Helena Freitas. Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros. *Caderno informativo*: Brasília, v.35, n.3, 2005, pp.54-66.

⁹⁴ FREITAS. Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros. *op.cit.* p.55.

avanços científicos, era uma prerrogativa a que não se podia mais se abandonar⁹⁵.

Sobre o contexto do início da imprensa no Brasil ainda acrescenta Juliana Meirelles:

Em 10 setembro de 1808, surgiu oficialmente a imprensa no Brasil com a circulação da Gazeta do Rio de Janeiro na capital tropical do Império. Até então, era proibido aos súditos do rei o contato com publicações na sua colônia mais importante. E a novidade era bem restrita: produzida pela Imprensa Régia, portanto publicação oficial, a folha era editada e censurada pelos ministros (e diretores do periódico) de estrita confiança do rei. No entanto, nos anos seguintes o periódico oficial mostrou-se mais do que apenas um veículo de interesses políticos. Passou a interagir com o cotidiano da cidade e adotou princípios que permaneceriam orientando a imprensa brasileira⁹⁶.

A partir da Imprensa Régia, tornou-se possível a publicação de periódicos, de livros, compêndios e de documentos do Império, embora a proposta da imprensa fosse a de controlar tudo o que fosse publicado, funcionando também como órgão de censura e restrição. Contudo, apesar de todas as medidas restritivas impostas pelo Governo Português (através de seu órgão censor), inclusive na distribuição de verbas para os jornais, podemos perceber falhas em relação à fiscalização do que era publicado, como corrobora o conteúdo de outro periódico, criado em 1808, o *Correio Braziliense*, criado por Hipólito da Costa, um adepto das ideias liberais.

De acordo com Lustosa⁹⁷, o *Correio Braziliense* tinha como uma de suas características “informar os brasileiros para o que se passava no mundo, por isso boa parte do jornal era dedicada a comentar e criticar as autoridades portuguesas e os seus equívocos administrativos⁹⁸”. Não obstante, a “defesa de princípios modernos de condução do Estado foi a principal bandeira levantada pelo *Correio Brasiliense* e por outras publicações luso-brasileiras que surgiram na época⁹⁹”:

Hipólito José da Costa Pereira de Mendonça (1774-1823), em o *Correio Braziliense*, percebia ainda a situação nada boa, para o desenvolvimento científico, pois para ele as restrições ainda

⁹⁵ OLIVEIRA, José Carlos de. A cultura científica e a Gazeta do Rio de Janeiro (1808-1821). *Revista da SBHC*, Rio de Janeiro, n.17, 1997, pp.29-58. p.30.

⁹⁶ MEIRELLES, Juliana Gesuelli. A Única saída. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 28, jan.2008.

⁹⁷ LUSTOSA, Isabel. *O nascimento da imprensa brasileira*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2004.

⁹⁸ LUSTOSA. *O nascimento da imprensa brasileira*. *op.cit.* p.17.

⁹⁹ SILVA, Cesar Agenor Fernandes da. *Ciência, Técnica e Periodismo no Rio de Janeiro (1808-1852)*. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Franca, 2010. p.20.

perduravam, no campo da ciência, exatamente onde o governo português esforçava-se por dinamizar. Ele apontava em seu periódico os entraves causados pela censura. Para Hipólito, a nação portuguesa tinha muitos homens de talento, de erudição de conhecimentos. Entretanto, dizia que os entraves, em se opor as ciências, eram ainda algumas perseguições, que sofriam os homens das letras fazendo com que estes talentos ficassem sopitados. Hipólito insurgia-se com as medidas de censura do governo. Segundo o jornalista elas indicavam a dubiedade do governo para com o desenvolvimento científico. O redator de o *Correio* queria dizer mostrar onde existia o mal, para que as nações estrangeiras não acusassem o país, de falta de propensão às ciências¹⁰⁰.

Outro fator era que, muitas vezes, alguns assuntos pouco discutidos até então eram publicados, como o artigo sobre a substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre, divulgado pelo criador do *Correio Braziliense* (periódico esse publicado em Londres), Hipólito da Costa. Importante destacar que Costa publicava também em periódicos de Londres, ou seja, estava em contato com vários intelectuais da época, explicando desta maneira o modo crítico e contestador caracterizado nas páginas escritas por ele:

Hipólito defendia a gradativa substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre. Achava que o meio certo para isso era a imigração de europeus pobres para o Brasil. Mas achava também que para este processo dar certo era preciso que o Brasil tivesse leis claras e eficazes, que o estado reduzisse sua interferência sobre as ações da sociedade [...] Acreditava que a monarquia constitucional tal como conhecia na Inglaterra era o melhor dos governos possíveis¹⁰¹.

Além disso, com a criação da imprensa também foi possível a publicação de trabalhos relacionados às ciências e a de periódicos científicos e médicos. Assim, juntamente com as escolas de medicina, as letras agora se tornam um importante veículo para a propagação dos conhecimentos científicos.

O Patriota, periódico criado em 1813 sob a influência dos ideais iluministas propagados no território brasileiro, acabou por se tornar o primeiro periódico brasileiro que tinha como objetivo a propagação das ciências. Caracterizou-se pela publicação, no país, de trabalhos escritos por brasileiros sobre os mais variados assuntos. Muitos dos estudos dos brasileiros, tendo em vista a inexistência da imprensa anteriormente, tinham

¹⁰⁰ OLIVEIRA. A cultura científica e a Gazeta do Rio de Janeiro (1808-1821). *op.cit.* p.32.

¹⁰¹ LUSTOSA. O nascimento da imprensa brasileira. *op.cit.* p.17.

que ser publicados no exterior. Desta maneira, Kury¹⁰² destaca a importância de *O Patriota*, o primeiro periódico realmente científico no território brasileiro, que divulgou inúmeros trabalhos sobre as ciências, demonstrando preocupação de seus autores em levar as luzes para a “população brasileira”. Para os editores de *O Patriota*, era importante iluminar a população através dos saberes das ciências. Consideravam-se como uma ferramenta importante para a divulgação do conhecimento, pois “é uma verdade conhecida pelos menos instruídos que sem a prodigiosa invenção das letras, haverão sido muito lentos os progressos nas ciências e nas artes¹⁰³”. Apesar dos esforços para divulgar os saberes e as ideias iluministas, o periódico durou somente um ano, de 1813 até 1814.

O primeiro periódico médico editado no país, o *O Propagador das Sciencias Medicas*, que surgiu em 1827, tendo como editor o médico francês José Francisco Xavier Sigaud, foi publicado pela tipografia Imperial Seignot Plancher¹⁰⁴. Tinha como função a divulgação de artigos sobre temas médicos nas mais variadas áreas. Os artigos muitas vezes divulgavam trabalhos estrangeiros traduzidos pelo próprio Sigaud, ou matérias inéditas escritas por ele ou por alguns colaboradores. Seguiu o modelo europeu que era o de divulgar o conhecimento produzido pelos médicos, “através da popularização da medicina e da ação pedagógica sobre os próprios médicos”¹⁰⁵.

Em relação a este periódico, podemos destacar que as edições foram publicadas em tomos, e o número de páginas dos tomos era variado: Tomo I: 393 páginas; Tomo II: 332 páginas; Tomo III: 219 páginas e Tomo IV: 172 páginas. Tinha como principais

¹⁰² KURY, Lorelai (org). *O Iluminismo e Império no Brasil: O Patriota*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

¹⁰³ *O Patriota, jornal literário, político e mercantil do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, n.1, janeiro de 1813, p.2.

¹⁰⁴ Foi criado em 1827 por Pierre René Plancher (1799-1844), juntamente com a criação do *Jornal do Commercio*, e funcionou até 1834 quando seu dono teve que retornar à França. Plancher publicou os seguintes periódicos médicos: *Semanário de Saúde Pública*, *Propagador das Sciencias Medicas* e *Diário de Saúde*. De acordo com Junqueira “foi após esse início titubeante das tipografias e do periodismo no Brasil que nasceu um jornal na década de vinte do oitocentos que perduraria até nossos dias — o respeitável *Jornal do Commercio*. O periódico foi fundado pelo francês Pierre René Plancher em 1º de outubro de 1827 e, o tipógrafo francês ainda atuou na edição e venda de livros. Depois de uma conversa com o Imperador D. Pedro I, acabou adquirindo um brevet de livreiro e obtendo o título de Impressor Imperial para si mesmo e de Tipografia Imperial de Plancher para seu negócio”. JUNQUEIRA, Julia Ribeiro. A História do Brasil através dos editoriais do *Jornal do Commercio* — edição comemorativa do centenário da Independência. In MATA, Sérgio Ricardo da; MOLLO, Helena Miranda; VARELLA, Flávia Florentino (orgs.). *Anais do 3º. Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a história?* Ouro Preto: Edufop, 2009.

¹⁰⁵ FERREIRA. *O nascimento de uma instituição científica: O periódico médico brasileiro da primeira metade do século XIX*. op.cit.p.13.

seções: “*Medicina*”, “*Observações*”, “*Tratamento*”, “*Bibliografia Medica*”, “*Cirurgia*”.

Infelizmente, esse primeiro periódico médico teve vida muito curta, tendo sido extinto no ano de 1828. Como demonstra Ferreira, isso ocorreu pelos mais variados fatores, entre os quais podemos destacar o desinteresse dos médicos brasileiros em publicar artigos. Impactava a falta de assinantes para manter o periódico, assim como a falta de um órgão que apoiasse o periódico com investimento financeiro. Apesar disso, é importante salientar o trabalho realizado nesta primeira tentativa de se publicar e divulgar o conhecimento médico para o público leigo em periódicos.

O segundo periódico médico publicado em território brasileiro foi criado após o surgimento da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro (SMRJ) em 1829, e intitulado *Semanario de Saude Publica*, em 1830. A justificativa para a criação do periódico foi apresentada por seu criador, José Francisco Xavier Sigaud, em um discurso lido na SMRJ e publicado na primeira edição do periódico:

Os periódicos iluminam a opinião pública, espalham a instrução em todas as classes, e assim alcançam o mais louvável fim, o de ensinar os povos, e de lhes lembrar por uma contínua repetição, e por uma lição diária, os seus direitos, os seus deveres. Também nas ciências os periódicos propagam as luzes, anunciam as descobertas, e tornam-se úteis ao maior número de homens que estudam, estreitando entre eles os laços de uma ativa emulação. Os sábios de todas as nações se comunicam entre si pelo intermédio dos jornais[...]¹⁰⁶.

Percebe-se, novamente, que a justificativa apresentada por Sigaud a seus pares para a criação do periódico estava relacionada à propagação das Luzes e do conhecimento, pois, de acordo com o autor, o conhecimento médico propagado através das páginas dos periódicos seria bastante benéfico para a população, e com o apoio de outros médicos poderia haver um intercâmbio maior de saberes científicos nas mais variadas áreas do conhecimento médico.

O *Semanario de Saude Publica* foi criado por Sigaud em 1830 como veículo oficial da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, e tinha como proposta a propagação do conhecimento médico da época através de artigos originais publicados ou tradução de artigos estrangeiros. Era publicado semanalmente aos sábados pela

¹⁰⁶ SIGAUD, Joseph François. Plano de um jornal de medicina, apresentado a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, pelo Sr.Dr. Sigaud, e por este adoptado na sua Sessão de 21 de outubro de 1830. *Semanario de Saude Publica*, Rio de Janeiro, n.1, anno de 1831, pp.1-4.

tipografia Imperial Seignot Plancher. Entretanto, sua primeira edição só foi publicada em 1831 sem uma data específica, e a última em julho de 1833 (totalizando cento e cinquenta e cinco edições). O número de páginas variava entre quatro e doze, dependendo da edição¹⁰⁷. Tinha como principais seções: *Boletim da Sociedade*, *Boletim Universal das Sciencias Medicas* e *Correspondencias Particulares*. Os principais colaboradores deste periódico eram médicos membros da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro entre eles: Luís Vicente de Simoni, José da Cruz Jobim, Joaquim Cândido Soares Meirelles, Francisco de Paula Candido¹⁰⁸.

Para Ferreira, o periódico seguia o modelo dos outros jornais médicos brasileiros do período, visando “a promoção da circulação do conhecimento e a publicação de matérias de interesse científico¹⁰⁹” entre outras funções. Entretanto, apesar de um provável sucesso no início, inclusive com a participação de leitores leigos, o *Semanario de Saude Publica*, do mesmo modo que o periódico citado anteriormente, encerrou suas atividades principalmente devido a dificuldades financeiras, embora fosse o periódico oficial da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro.

Posteriormente, surgiu o terceiro periódico médico brasileiro: o *Diario de Saude* ou *Ephemerides das Sciencias Medicas e Naturaes do Brazil*. Criado em 1835, também por Sigaud, o periódico tinha como proposta a divulgação de trabalhos relacionados ao campo médico. Esse periódico era publicado aos sábados pela tipografia Imperial Seignot Plancher, passando a ser publicado a partir de 1836 pela tipografia J. Villeuneuve¹¹⁰. Sua primeira edição foi publicada em 16 de maio de 1835, e a última em 18 de abril de 1836 (totalizando cinquenta e três edições). O número de páginas variava entre oito e dezesseis, dependendo da edição. Tinha como principais seções: *Medicina*, *Cirurgia*, *Pharmacia*, *História Natural*, *Varietades e Notícias diversas* e *Biographia*. Em sua primeira edição, consta um artigo de Sigaud a respeito dos alienados na cidade do Rio de Janeiro. Sigaud, após a transformação da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro em Academia Imperial de Medicina, em 1835, muitas vezes

¹⁰⁷ FERREIRA. Negócio, política e vice-versa uma história institucional do jornalismo médico brasileiro entre 1827 e 1843. *op.cit.* p.99.

¹⁰⁸ Para informações sobre os médicos consultar anexo I. p. 160-163.

¹⁰⁹ FERREIRA. Negócio, política e vice-versa uma história institucional do jornalismo médico brasileiro entre 1827 e 1843. *op. cit.*, p.98.

¹¹⁰ Devido a um contexto político conturbado Plancher foi obrigado a voltar para a França. O *Jornal do Commercio* e sua tipografia foram comprados por Junio de Villeneuve, passando assim a se chamar Tipografia Villeuneuve, a qual publicou algumas edições do *Diario de Saude*.

utilizou esse periódico para criticar seus pares brasileiros¹¹¹, como podemos perceber no depoimento a seguir publicado no *Diario de Saude*:

Em seu berço sufocada quase pela indiferença dos de fora, ela deveu aos esforços de seu primeiro presidente e de seu primeiro secretário, seu rápido crescimento. Durante este período de zelo e boa fé, tudo marchava na mais perfeita harmonia para o bem ser e engrandecimento da sociedade. A desmembração de alguns sócios, a ambição e o espirito compadresco provocaram mais tarde rivalidades, o desalento, e ameaçaram a sociedade em sua marcha e duração. Graças à prudência e ao zelo de alguns membros, um espírito de atividade veio a propósito reanimar sua existência; e é quando as vantagens desse espírito se faziam melhor sentir, que a sociedade pelo voto unânime de seus membros desapareceu como um homem forte e vigoroso atacado de uma apoplexia fulminante, para dar lugar à academia imperial de medicina, instituição nova oferenda de remuneração feita pelo governo a sociedade, ato de transformação orgânica no sentido literal e científico.¹¹²

A situação política complicada pela qual passava o Brasil a partir da década de 30 do século XIX, produziu reflexos na medicina brasileira da época. A reforma das faculdades de medicina em 1832, com a consequente disputa política pelas cátedras recém-criadas e atuação da Academia Imperial de Medicina, foi o cenário dos conflitos entre os médicos na capital do Império. Como já foi demonstrado, isso fez com que Sigaud criasse o seu próprio periódico, afastando-se um pouco das discussões realizadas dentro da Academia Imperial de Medicina (AIM). Assim, no mesmo ano de criação do *Diario de Saude*, em 1835, os sócios da AIM criam um novo periódico, a *Revista Medica Fluminense*, publicado mensalmente pela tipografia Fluminense de Brito¹¹³, e cuja primeira edição lançada foi em abril de 1835, e a última em março de 1841. O número de páginas era variável, entre quarenta e cinquenta e cinco páginas, dependendo da edição, excetuando-se os volumes de 2 de abril de 1836, com 468 páginas, e o volume de 4 de abril de 1838, com 398 páginas. Destacam-se como principais seções: *Sciencias Medicas*, *Variedades Medicas*, *Secção Cirurgica*, *Discurso*, *Pharmacia*. Os principais colaboradores foram: Joaquim Soares Meirelles, Alvares Carneiro, Torres

¹¹¹ FERREIRA. Negócio, política e vice-versa uma história institucional do jornalismo médico brasileiro entre 1827 e 1843. *op. cit.*, p.101.

¹¹² SIGAUD, Joseph François. Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro. *Diario de Saude*, Rio de Janeiro, v.1, n.28, outubro de 1835. p. 217.

¹¹³ Criada em 1831, a Tipografia Fluminense de Brito publicou os seguintes periódicos: *Revista Medica Fluminense*, *Revista Medica Brasileira* e algumas edições dos *Annaes Brasilienses de Medicina*.

Homem, José da Cruz Jobim, Emilio Joaquim da Silva Maia, Francisco de Paula Candido, Luís Vicente de Simoni, Freire, entre outros.

Neste periódico observa-se a presença constante de muitos médicos que ajudaram a criar a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro e atuaram na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, permitindo-nos concluir que a obtenção destes cargos na redação dos periódicos era restrita a um grupo pré-determinado por meio de um ciclo de relações exigidas pelos meios sociais e políticos. Salienta-se, destarte que, do mesmo modo que todos os outros anteriores, este periódico teve sua publicação suspensa devido a dificuldades financeiras, sendo extinto em 1841. Entretanto, é importante destacar que entre os periódicos da época, a *Revista Medica Fluminense* foi a que obteve vida mais profícua em relação aos publicados anteriormente.

Após o fechamento da redação da *Revista Medica Fluminense*, a Academia Imperial de Medicina procurou criar mais um periódico oficial da casa, com a diferença de que somente os sócios pudessem publicar. Então, após algumas reuniões, a *Revista Medica Fluminense* foi reformulada, surgindo em 1841 a *Revista Medica Brasileira*, como publicação oficial da Academia Imperial de Medicina. Sua periodicidade era mensal e publicada também pela tipografia Fluminense de Brito. Sua primeira edição foi publicada em maio de 1841, e a última edição em março de 1843¹¹⁴. Tinha como principais seções: Revista Medica Brasileira, Academia Imperial de Medicina, Variedades e Novidades Medicas. Seu diretor e redator chefe era o médico Emilio Joaquim da Silva Maia. Diferentemente dos outros periódicos, no qual o principal escopo era a cidade do Rio de Janeiro, o autor se destacava por ter colaboradores em outras províncias, entre os quais podemos destacar: José Pereira Rego (Corte), José Miguel Pereira Cardoso (Maranhão), Cláudio Luiz da Costa (Santos), José Pedro de Oliveira (Montevideu) e José Manoel Rosário (Campos).

Esse periódico teve suas atividades interrompidas em 1843, também por dificuldades financeiras e pela exígua colaboração dos médicos, que enviavam poucos artigos. Muitas vezes a manutenção e administração destes periódicos, apesar dos esforços arreatados, era bastante custosa, o que fazia com que dependessem de um grande número de assinantes, como ocorreu com a *Revista Medica Fluminense*. Assim, até esse período, surgiram cinco periódicos médicos fundados na cidade do Rio com o

¹¹⁴ Refere-se a todos os exemplares consultados disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Exemplares disponíveis em: <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/revista-medica-brasileira/146366> Acesso em 26 de março de 2015.

mesmo intuito - a propagação do conhecimento médico. Nestes, um ponto importante foi a disputa médica pelo controle da cura, presente também presente nas páginas dos periódicos¹¹⁵.

A partir desse período há um hiato nas publicações oficiais da Academia Imperial de Medicina, que apenas volta a apresentar um periódico próprio no ano de 1845, com a fundação dos *Annaes Brasilienses de Medicina*, publicados pela tipografia Francisco de Paula Brito. Diferentemente dos últimos periódicos, este era publicado sem muita regularidade. Isto posto, é importante destacar que apenas sócios da Academia Imperial de Medicina podiam enviar manuscritos para publicação. Sua primeira edição foi em 1845, e a última em 1849:

Adotando novo formato, o periódico agora era apresentado em duas partes: a primeira com as atas e trabalhos da Academia e a segunda com artigos de medicina, cirurgia, farmácia, ciências naturais e comunicados da área, em geral. Sob esta denominação, publicou 4 volumes: 1º volume: (1845-1846 – de junho a maio); 2º volume (1846-1847 - de junho a maio); 3º volume: (1847-1848 – de junho a maio) e 4º volume (1848-1849 – de junho a junho). Seus redatores e colaboradores foram Francisco de Paula Cândido, Roberto Jorge Haddock Lobo, José Pereira Rego, Antonio Correia de Souza Costa, José Maria de Noronha Feital, Luís Vicente de Simoni Robert Christian Avé Lallemand, Domingos Marinho de Azevedo Americano, Antônio José Pereira das Neves e Manoel José Barbosa¹¹⁶.

A partir de outubro de 1849, os *Annaes Brasilienses de Medicina* mudaram de nome e passaram a ser denominados *Annaes Brasilienses de Medicina*, sendo caracterizados principalmente pela predominância de artigos estrangeiros.

Assim, podemos concluir que desde a primeira publicação periódica, no ano de 1827, o empenho de alguns médicos de levar o conhecimento médico para camadas mais amplas da população encontrou uma série de obstáculos. Primeiramente, era o desinteresse dos próprios médicos locais em publicar nos periódicos; segundo, era a falta de incentivo, visto que, mesmo após a criação da Sociedade de Medicina do Rio, sua primeira publicação oficial não durou muito tempo, e conseqüentemente, foi extinta

¹¹⁵ FERREIRA, Luiz Otavio. Ciência Médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840) In CHALHOUB, Sidney; MARQUES, Vera Regina Beltrão; SAMPAIO, Gabriela dos Reis; SOBRINHO, Carlos Roberto Galvão (orgs). *Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social*. Campinas: Unicamp, 2003. pp.101-122.

¹¹⁶ SOCIEDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO. *Dicionário Histórico Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/socmedtrj.htm>. Acesso em 6 de julho de 2015.

devido a dificuldades financeiras; o mesmo se aplica aos outros periódicos produzidos posteriormente.

Na análise dos artigos destes periódicos percebe-se que os médicos no Brasil estavam atentos às publicações do meio médico estrangeiro. Conseqüentemente, o que podemos perceber ao ler os artigos é que apesar da falta de hábito de escrever, há sim um intercâmbio de saber entre os brasileiros e os estrangeiros, sendo publicados e traduzidos artigos não somente de países como França e Inglaterra, mas também dos vizinhos americanos como Argentina e Uruguai e Estados Unidos. Mais ainda, ao fim e ao cabo podemos compreender os periódicos como importantes espaços de produção e circulação de conhecimento das ciências no Brasil. Destaca-se o fato de que os médicos que neles publicavam eram em sua grande maioria professores da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, cujas aulas funcionavam nas instalações da Santa Casa de Misericórdia. Ou seja, podemos perceber que somente um grupo bem restrito que escrevia nestes periódicos, vemos então que este não era um hábito médico, visto que algumas publicações foi extintas pela falta de publicações.

Assim, nestas quatro instituições (Santa Casa, periódicos médicos, ciências e ensino de medicina) temos, como já foi ressaltado, os aspectos centrais de um processo de institucionalização do conhecimento médico no Brasil na primeira metade do século XIX. Neste capítulo, descrevemos diversas atividades científicas e o interesse pela produção de conhecimento científico, o que foi possível estabelecer por meio dos periódicos médicos. O material apresentado demonstra a presença notória de uma circulação de conhecimento que havia sido negada por toda uma historiografia mais tradicional, como já apontado por Dantes¹¹⁷, por exemplo.

¹¹⁷ DANTES. Maria Amélia. Fases da implementação da ciência no Brasil. *Quipu*, v. 5, n. 2, mai.-ago.1988, pp. 265-275.

II - O Alienismo

Neste capítulo tratamos do processo paulatino de medicalização das moléstias mentais, tal como ele foi se configurando no âmbito médico e científico. Primeiramente buscamos analisar como o processo se configurou na Europa, a partir de meados do século XVIII, destacando as principais escolas médicas e seus representantes no período. Em seguida, analisamos a construção dos preceitos do alienismo na França e de que modo estas ideias chegaram na América Latina, e também no Brasil, no começo do XIX.

2.1 O processo de medicalização da loucura: o século XVIII

Para compreendermos os preceitos alienistas, é necessário entender como este saber foi sendo construído como uma medicina sobre o mental, até se configurar no alienismo propriamente dito, especialidade que ganhou notoriedade no começo dos oitocentos.

Inúmeras transformações ocorreram na Europa de meados do século XVIII até o começo do século XIX, como resultado dos vários movimentos políticos e sociais, assim como de guerras, que alteraram significativamente a conjuntura política europeia do período. A medicina não passou imune a este contexto. Automeada como científica, a medicina europeia “fixou sua própria data de nascimento em torno dos últimos anos do século XVIII”¹¹⁸, época em que houve a reformulação da percepção médica que se completaria no século XIX.

Desta maneira, no séc. XVIII surgiram inúmeras teorias acerca das mais variadas concepções das doenças, com destaque para a doença mental. Teorias como o vitalismo, o empirismo, a iatroquímica e a iatromecânica foram, paulatinamente, demarcando o campo da loucura como coisa médica.

Ao longo do século XVIII, a revisão de concepções sobre a natureza humana originadas em amplos debates médico-filosóficos tornou possível o desenvolvimento e a larga difusão do olhar médico sobre o comportamento transgressor. Tal inovação foi possível graças ao surgimento de novas correntes de pensamento médico que, motivadas

¹¹⁸ FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. Tradução de Roberto Machado. 4ªed. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1994. p.X.

por uma postura crítica à aplicação da filosofia mecanicista como modelo explicativo dos fenômenos do corpo humano, rejeitaram a cisão entre *res cogita* e *res extensa*, preconizada pela proposta cartesiana. Ao propor modelos de fisiologia calcados numa relação recíproca entre os domínios da alma e do corpo, encarnadas, em grande parte, nas formulações animistas, vitalistas e sensualistas, essas propostas assentavam-se na ideia de que os processos mecânicos seriam insuficientes para dar conta dos fenômenos fisiológicos¹¹⁹.

Diante deste cenário, no que diz respeito aos preceitos da nosografia¹²⁰ e nosologia¹²¹, intrínsecos aos estudos relacionados à medicina mental, temos um período que pode ser caracterizado principalmente por uma variedade enorme de classificações das moléstias mentais no século XVIII. É possível perceber, nessa variedade, até resquícios do pensamento medieval, apesar da influência do pensamento ilustrado nessas classificações. Ademais, as diferentes escolas¹²² deste período apresentavam distinções cada vez mais apuradas entre si uma “nova articulação entre o saber e a técnica”¹²³, que se consolidaria em fins do XVIII com os trabalhos de Philippe Pinel (1745-1826).

Temos como destaque nesse período em especial “as noções humorais de Galeno” (129-200/216)¹²⁴ que ainda eram aplicadas. Assim é que para legitimar a medicina da loucura, filósofos iluministas e empiristas como Voltaire (1694-1781), John Locke (1632-1704) e René Descartes (1596-1650) passaram a ser utilizados entremeados aos conceitos médicos:

¹¹⁹ REY, Roseline *apud* FREITAS, Ricardo Cabral. *A psicofisiologia de Antonio Ribeiro Sanches (1699-1783): a Dissertação sobre as paixões da Alma*. 2012. Disponível em: http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338411857_ARQUIVO_ArtigoAnpuh2012.pdf. Acesso em 14 de fevereiro de 2015.

¹²⁰ Área da medicina que se dedica à categorização e classificação das doenças Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/nosografia/>. Acesso em 18 de abril de 2016.

¹²¹ Área da medicina que se dedica ao estudo, descrição e classificação das diferentes doenças. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/nosologia/>. Acesso em 18 de abril de 2016.

¹²² No século XVIII “a medicina não foi monolítica, campos rivais proliferaram, e as tradicionais escolas da França e da Itália, antes centros de excelência, foram substituídos por: Halle, Leiden, Londres, Edimburgo, Viena e Filadélfia. Cada uma com a sua própria escola. Em Halle, George Ernst Stahl denunciou o materialismo na filosofia mecanicista de Boerhave, advogando em prol do animismo[...] Boissier du Sauvages professor da faculdade de medicina de Montpellier aceitou que o corpo é uma máquina, matematicamente compreensível, mas a doença era um esforço da alma para expelir a matéria doente [...] e seus sucessores negaram também a importância da mecânica para explicar o corpo”. Para ver informações sobre as escolas médicas do século XVIII ver: PORTER, Roy. *Enlightenment. In PORTER, Roy. The greatest benefit to mankind: a medical history of humanity from antiquity to present*. New York: WW Norton and Company, 1998. pp. 245-304.

¹²³ FACCHINETTI, Cristiana. Pinel e os primórdios da medicina mental. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, v.11, n.3, set.2008, pp.502-505.

¹²⁴ Claudio Galeno (131-200/216). Médico romano nascido na cidade de Pergamun, que atualmente pertence ao território da Turquia. Para mais informações ver: STONE, Michael H. *A Cura da mente. A História da Psiquiatria da Antiguidade ao presente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. pp.30-31.

[...] os médicos do período também se apropriavam de conceitos e procedimentos oriundos da filosofia, conciliando-os com as práticas e procedimentos das artes médicas vigentes. Ora de maneira declarada, ora de maneira mais indireta, muitos médicos aproximaram-se da filosofia e da teologia e divulgaram regras de conduta e pressupunham o cuidado da alma e do corpo em conjunto¹²⁵ [...]

Nesta multiplicidade de acontecimentos, a concepção de moléstias mentais foi adquirindo nova compreensão, ganhando uma localização no organismo e impactando o intelecto e a moral do ser humano, o que poderia ser compreendido a partir dos sintomas¹²⁶. Nesse período, especialmente, a noção de *paixões da alma*, que produziram reflexos na medicina mental tanto no século XVIII quanto no século XIX¹²⁷, compreendidas como capazes de levar os indivíduos a doenças diversas, dentre as quais a loucura, se tornaram objeto de inúmeras pesquisas e tratados.

Embora os termos diagnósticos cunhados pelos antigos médicos gregos tenham sido largamente mantidos: mania, melancolia, histeria, as noções sobre etiologia afastavam-se das teorias sobre humores e úteros migratórios. Teorias neuroanatômicas (...) surgiam agora, assim como as teorias psicológicas em relação as “paixões” (principalmente o amor ou raiva)¹²⁸.

Assim, diversas teorias médico-científicas voltadas especialmente para o tema da loucura surgiram no séc. XVIII, tendo com destaque algumas instituições. Na *Université de Montpellier*, uma das mais importantes da época no que tange ao estudo da medicina, tivemos como representante de destaque o professor de medicina François Boissier de Sauvages de Lacroix (1706-1767), o qual negou a teoria mecanicista para a explicação das doenças, focou sua análise em um viés mais materialista, e estabeleceu importante nosologia a respeito das doenças. Em relação às doenças mentais, suas principais classificações eram: erros do espírito, morosidades e delírios¹²⁹.

Na *University of Edinburgh*, outro relevante centro dos estudos médicos da época, destacamos os trabalhos realizados pelo médico escocês William Cullen (1710-

¹²⁵ SILVA, Paulo José Carvalho da. O tratamento das paixões da alma nos primórdios da medicina moderna: o de *Victumromanorum* de Alessandro Petronio. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v IX, n. 1, mar. 2006, pp. 64-75.

¹²⁶ BERCHERIE, Paul. *Los fundamentos de la clínica: Historia y estructura del saber psiquiátrico*. Traducción: Carlos A. de Santos. Buenos Aires; Argentina: Ediciones Manatíal, 1986. p.17.

¹²⁷ BIRMAN, Joel. *A psiquiatria como discurso da moralidade*. Rio de Janeiro: Graal. 1978.

¹²⁸ STONE, Michael H. *A Cura da mente. A História da Psiquiatria da Antiguidade ao presente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. p.62.

¹²⁹ PESSOTTI, Isaias. *Os nomes da loucura*. São Paulo: Editora 34, 1999. pp.38-42.

1790), cujo trabalho foi traduzido por Pinel e serviu como inspiração para a obra do alienista francês. Formado pela Universidade de Glasgow e influenciado pelo empirismo britânico - principalmente as ideias de John Locke -, Cullen foi um importante médico inglês. Seus estudos no ramo na medicina mental focaram principalmente a relação entre os sonhos e o delírio. Cullen foi também o cunhador do termo *neurose*, o qual serviu para descrever principalmente casos de ansiedade por ele observados. Entretanto algumas classificações de Cullen ainda estavam relacionadas às questões demonológicas¹³⁰.

Na Università di Pisa tivemos a formação do médico Vincenzo Chiarugi (1759-1820), que seguiu os passos de Cullen ao se aproximar de sua classificação, pois em seu trabalho a loucura passou a ser totalmente relacionada a disfunções cerebrais e não às paixões da alma. O médico italiano, ao mudar-se para Florença e começar o seu trabalho, influenciado principalmente pelas ideias iluministas presentes no território italiano, foi patrocinado por Leopoldo II (1747-1792). O trabalho de Chiarugi, por assim dizer, inaugurou uma nova parte no estudo das doenças mentais, pois sua obra representou uma síntese do que viria a ser estudado nos preâmbulos do século XIX. Chiarugi, que trabalhou principalmente no Ospedale de San Bonifazio.

Exceção quanto às compreensões dos médicos da época em relação à loucura e às primeiras reformas nas instituições para os alienados ocorreu por meio do trabalho realizado por Willian Tuke (1732-1822), um famoso filantropo inglês que, inspirado pelas ideias do iluminismo presentes na Inglaterra, realizou a construção do York Asylum, importante instituição que apregoava um tratamento mais adequado para os doentes mentais¹³¹. A escolha da análise do trabalho de Tuke se dá pelo fato de que ele quase que concomitantemente a Pinel também pretendia um tratamento moral aos insanos.

Na *University of Halle* tivemos a presença do médico alemão Johann Cristian Reil (1759-1813), que foi professor dessa instituição durante vinte e três anos e, do mesmo modo que Pinel, realizou trabalhos tanto no fim do séc. XVIII como no começo

¹³⁰ STONE. A Cura da mente. *op. cit.*, p.106.

¹³¹ FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na idade classica*. Tradução: José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2010. A justificativa para a inserção de Willian Tuke neste contexto de vários médicos, é que mesmo não sendo formado em medicina o filantropo utilizou de preceitos do alienismo para a criação de um asilo e um melhor tratamento para os alienados.

do XIX. Em 1808, Reil introduziu o termo *psiquiatria* em seus trabalhos¹³², e afirmou que as doenças mentais deveriam ser tratadas por médicos especializados, ou seja, pelos próprios psiquiatras.¹³³

Na *Universidad de Salamanca* tivemos um importante personagem para a medicina lusófona. Antonio Nunes Ribeiro Sanches (1699-1783), autor da *Dissertação sobre as paixões da Alma* (1753), visitou as principais instituições no campo médico da época com destaque para *Université de Montpellier* e *University of Leiden*. Na última instituição frequentou aulas de um dos mais importantes médicos da época, o holandês Herman Boerhaave (1668-1738).¹³⁴ O médico português tinha outra interpretação a respeito da aflição provocada pelas doenças, como destacou no começo do seu trabalho:

[...] Poucos médicos consideram até aqui as paixões da alma como objecto da Medicina, todos notaram que são a causa de muitos males, e mesmo da morte, mas raríssimo aquele que entrou na indagação da causa delas [...] enfim tratarei aqui as paixões da alma como causa de muitas doenças e enfermidades o que pertencente essencialmente a Patologia [...]¹³⁵

O médico português destaca-se, assim, em meio aos diversos médicos que estudam o tema. A obra de Ribeiro Sanches apresenta uma tentativa de desassociar as paixões da alma dos conceitos espirituais bastantes presentes à época associando-os aos caracteres patológicos. Embora a grande interlocução entre religião e a filosofia ainda estivesse influenciada pelos preceitos aristotélicos, percebemos uma tentativa de Sanches de se distanciar da filosofia da época e das ideias do pensador francês Descartes. Deste modo, para o médico português, os movimentos do corpo poderiam ser “voluntários, que seriam os mediados pela razão, que caracterizariam os movimentos regradados e dependentes do arbítrio, e os movimentos involuntários, comandados por mecanismos exclusivamente corporais”¹³⁶.

Silva exemplifica as paixões nesses autores como o “amor [que] guarda uma proximidade muito perigosa com a melancolia, psicopatologia bastante discutida pelos

¹³² MARMEROS, Andreas. Psychiatry's 200 th birthday. The British journal of psichiatry. 2008. Disponível em: <http://bjp.rcpsych.org/content/bjprpsych/193/1/1.full.pdf> . Acesso em 12 de abril de 2016.

¹³³ STONE. A Cura da mente. *op.cit.*, p.78.

¹³⁴ DORIA, José Luis. Antonio Ribeiro Sanches: a portuguese doctor in 18th century. *Vesalius: Acta Internationales Historiae Medicinae*, Brussels, Belgium, v. VII, n.1, 2001, pp.27-35.

¹³⁵ SANCHES, Antonio Ribeiro. *Dissertação sobre as paixões da alma*. *op.cit.* p.1.

¹³⁶ EDLER; FREITAS. O “imperscrutável vínculo” corpo e alma. *op.cit.*, p.443.

médicos dos séculos XVI e XVII”¹³⁷. Entretanto o autor ressalta que este é um tema polêmico desde a Antiguidade, sendo o amor relacionado muitas vezes à melancolia ou à mania, sem que se tivesse a certeza de qual aflição fosse central, devido aos sentimentos mais variados que provocava. Estes sentimentos estariam relacionados aos movimentos corporais que, no amor, levariam o homem a perder totalmente a razão, ao alterar os movimentos involuntários do corpo e modificar completamente o humor do indivíduo, alterando completamente suas ações. Este estado faria com que a pessoa, já com os sentimentos involuntários alterados, fixasse em um objeto na sua mente, o que o impediria de pensar em outra coisa a não ser o objeto não alcançado, tornando-se desta maneira uma doença. Assim temos o processo de construção da loucura como um objeto da medicina:

Logo uma paixão da alma não é mais que uma doença dela; não é mais do que uma fraqueza, e o seu ser mais limitado e oprimido. Chamamos maníaco não aquele que não discorre, mas aquele que com ferocidade discorre de um só objeto sem ordem e sem comparação com a verdadeira, do honesto, nem do útil. Este é o estado cativo da paixão da alma que chamamos de doença¹³⁸.

Para o tratamento, Ribeiro Sanches indicava que o médico devia utilizar-se, de modo terapêutico, de paixões que não eram exacerbadas. Ou seja, Sanches acreditava que o médico poderia influir na coloração das paixões e direcioná-la: “o médico prudente pode incitar no paciente o desejo de vingança para curar a paralisia e a fadiga, ao alterar o curso dos espíritos animais”¹³⁹.

O médico, ao propor novos métodos de tratamento dos enfermos com base nas paixões, indicava que a sede dos sentimentos era um dos principais lugares em que se deveria começar o tratamento para obter cura, indo de encontro a alguns preceitos empregados na época - como os castigos físicos, por exemplo - e propondo uma nova terapêutica que se avizinhava ao tratamento que seria posteriormente utilizado no século XIX. Em um contexto mais bem elaborado como o utilizado pelos alienistas em suas terapêuticas, algumas características que apareceram na obra de Ribeiro Sanches se mantiveram ao longo do séc. XIX.

Estes debates sobre estas formas de lidar com a doença:

¹³⁷ SILVA, Paulo José Carvalho da. A dor de amor na medicina da alma na primeira modernidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v.11, n.3, set.2008, pp.475-487. p.480.

¹³⁸ *Idem, Ibidem* .p.7.

¹³⁹ EDLER; FREITAS. O “imperscrutável vínculo” corpo e alma. *op.cit.* p.445.

Atingiam seu auge em setores da intelectualidade ilustrada, [...].Esse caráter social continuaria presente em diversas vertentes do pensamento médico, sobretudo até a primeira metade do século XIX, e seria reformulado de maneiras diversas através dos postulados médicos sobre o comportamento transgressor pela via do higienismo, do alienismo, da medicina legal, dentre outros¹⁴⁰.

Outro médico de grande destaque no cenário lusoamericano do final do século XVIII foi o mineiro, nascido em Paracatu, Francisco de Melo Franco (1757-1823), que trabalhou em Portugal na Universidade de Coimbra. O autor de *Medicina Theologica*, trabalho escrito em 1794¹⁴¹, obra calcada pelos ensinamentos iluministas e produzida durante o período da reforma pombalina em Portugal é particularmente importante para o tema da insânia como doença¹⁴².

A medicina, em Mello Franco, aparece como o conhecimento apto a desvendar os meandros da natureza humana e produzir discurso legítimo sobre o comportamento dos indivíduos, o que criava tensões com a sermonística cristã e com os debates jurídicos sobre culpabilidade penal. Mais do que isso, ela é reivindicada como autoridade indispensável para garantir o “cultivo” de cidadãos adequados às necessidades do Estado português.¹⁴³

Desta forma, de acordo com Jean Abreu:

A alma, termo associado à religião, passava a ser objeto do saber médico, sendo atribuída a ela as sensações do corpo humano. Era sob esse prisma que Ribeiro Sanches, antes de Francisco de Mello Franco, abordava a questão, afirmando que trataria das “paixões da alma como causa de muitas doenças e enfermidades, o que pertence essencialmente à Patologia” [...] As considerações acerca da máquina do corpo humano e da neurologia eram expressas por Francisco de Mello Franco na sua obra *Medicina teológica*¹⁴⁴.

¹⁴⁰ FREITAS. A psicofisiologia de Antonio Ribeiro Sanches (1699-1793): A Dissertação sobre as paixões da alma. *op.cit.* p.8.

¹⁴¹ EDLER; FREITAS. O “imperscrutável vínculo” corpo e alma. *op. cit.*, p.435.

¹⁴¹SANCHES, Antonio Ribeiro. *Dissertação sobre as paixões da alma*. 1753. Disponível em: www.estudosjudaicos.ubi.pt/rsanches_obras/dissertacao_paixoes_alma.pdf . Acesso em 12 de abril de 2016.

¹⁴² FREITAS, Ricardo Cabral de. Francisco de Mello Franco (1757-1822) na Ilustração Luso-Brasileira: reforma cultural e medicina-filosofica. *XXVII Simpósio Nacional de História*. Natal, 2013. Disponível em:

http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364762234_ARQUIVO_ANPUH2013.pdf. Acesso: 04/06/2016.

¹⁴³ *Idem, ibidem*.p.8.

¹⁴⁴ ABREU, Jean Luiz. A educação física e moral dos corpos: Francisco de Mello Franco e a medicina lusobrasileira em fins do século XVIII. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXXII, n. 2, dez.2006, pp. 65-84, Acesso: 04/06/2016. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/viewFile/1357/1062> .

Ainda sobre a importância sobre a obra de Mello Franco para o contexto da medicina no XIX, Jean Abreu mostra uma importante característica apregoada por pelo médico formado em Coimbra no seu trabalho:

As ideias de Mello Franco mostram as fissuras nas relações entre a religião e o saber médico de fins do século XVIII, o que não significa que o discurso médico prescindisse de uma concepção de moral. A perspectiva adotada pelo médico não deve ser vista como isolada. Na passagem do século XVIII para o XIX, o campo da moral ia migrar cada vez mais para a medicina que se desvincularia da idéia do amor como um pecado. Com esse autor, a meu ver, temos, de certa forma, os alicerces da “medicina moral” no Brasil¹⁴⁵.

Assim sendo, entre o final do XVIII e o início do XIX, após o surgimento de diversos pensamentos clínicos em relação a moléstias mentais, surge uma nova escola de tratamento da morbidade mental que irá florescer e alcançará sua hegemonia durante algumas décadas não apenas na França, pois impactará em diversas tradições médicas na Europa e nas Américas: o Alienismo.

2.2. Do alienismo e de suas afecções: o asilo médico no século XIX

Phillipe Pinel (1745-1828), nasceu em uma família de vários médicos e optou primeiramente pelos estudos de teologia, na cidade de Toulouse, e depois formou-se em matemática. Finalmente, foi na *Faculté de Médecine* de Toulouse que Phillippe Pinel doutorou-se, em 1773, em medicina.

De acordo com Oda e Dalgalarrrondo, pouco “depois de formar-se em medicina, para sustentar-se ganhou a vida como professor ou preceptor de filhos de famílias mais ricas. Apenas em 1786 passou a tratar de doentes mentais”.¹⁴⁶ Ainda que seu primeiro trabalho, a *Nosografia Filosofica* (1798) tenha sido uma obra de classificação de doenças inspirada na classificação do médico e botânico François Boissier du Sauvages (1706-1767), autor de *Nosologia Methodica*, marcada pela ciência do século XVIII, no

¹⁴⁵ *Idem, ibidem.* p. 77.

¹⁴⁶ ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. DALGALARRONDO, Paulo Phillippe Pinel: biografia e influencias intelectuais. In PINEL, Philippe. *Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania*. Tradução de Joice Armani Galli. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p.18.

mesmo ano de publicação dessa obra, ele começou a repensar o tratamento para os alienados no Hôpital Bicetre¹⁴⁷, no qual era médico em 1793.

Observa-se também na *Nosografia Filosofica* (1798) que apesar da influencia de Boissier du Sauvage há também uma “clara influência da nosografia do médico inglês Willian Cullen, de quem Pinel traduziu do inglês para o francês a obra *First lines of the practice of physics* (1776)¹⁴⁸. Ainda, em relação à *Nosografia Filosofica* é interessante observar que ele ali:

(...) inclui a melancolia entre as neuroses das funções cerebrais, mais exatamente na seção dedicada às perturbações das capacidades mentais (Vesânicas). Define-a como um tipo de temperamento, que pode ser diferenciado em dois tipos: um deles é o que se transmite de pai para filho; outro é aquele que é adquirido em alguma etapa da vida. Em relação a essa segunda forma, admite que possam ser duas as causas principais: uma de caráter geográfico e outra de ordem moral. Em relação à primeira, afirma que a melancolia pode ser muito frequente nos lugares em que, sendo a atmosfera muito quente, de repente, sopram ventos boreais e o ar se torna úmido, ou onde o ar nebuloso causa uma palidez em tudo o que existe. Ainda em relação às causas, observa-se o predomínio de uma etiologia moral: defende que não raramente se tornam melancólicos os que enfraquecem pelo uso do álcool ou os que, acostumados ao álcool e aos narcóticos¹⁴⁹.

Podemos perceber com esta afirmação que Pinel, alguns anos após começar a trabalhar junto aos alienados na França, já observava neste trabalho as moléstias mentais. Vale dizer, ao apontar a questão moral como uma das causas da melancolia, o médico ensaia um dos prelúdios do que será tratado como um dos preceitos do alienismo.

Interessante destacar também é a ideia de hereditariedade. Segundo Pinel, um pai melancólico teria grandes chances de passar a doença para o filho.

Em relação à terapêutica da melancolia na *Nosografia*, Socudo assim delineia o tratamento de Pinel:

(...) os vômitos biliosos, a diarreia, a disenteria, os fluidos hemorroidais, as várias erupções e as urinas sedimentosas. O autor também menciona que algumas vezes observou-se uma melhora de pacientes melancólicos após o episódio de uma febre alta, para depois

¹⁴⁷ MERIMEE, Ana M. *Philippe Pinel. The Father of Modern Psychiatry*. Disponível em: <http://www.geniusrevive.com/en/component/sobipro/163-philippe-pinel-the-father-of-modern-psychiatry.html?Itemid=0>. Acesso em 14 de abril de 2016.

¹⁴⁸ ODA. Ana Maria Galdini Raimundo; DALGALARRONDO, Paulo. Philippe Pinel: biografia e influencias intelectuais. In: PINEL, Phillipe. Tratado médico filósifico da alienação mental. Porto Alegre. Artmed. 2007. p. 20

¹⁴⁹ SOCUDO, Andrea Maria Carneiro Lobo. Da teoria dos humores à tristeza como “afecção mental”: a constituição do conceito de depressão no contexto de uma psiquiatria ampliada. *Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-RJ.: Saberes e práticas científicas*. Rio de Janeiro, 2014. p.4-5.

voltar novamente. No entanto, segundo Pinel, a medicina seria, em geral, pouco eficiente para tratar dessa afecção mental. O enfermo, segundo o autor, envelhece e enfraquece, aumentando-se, dia-a-dia, sua morosidade e seu fastio.¹⁵⁰

Tal perspectiva fez com que ele formulasse um novo modelo nosográfico para as afecções mentais. Pinel também foi diretor dos dois principais hospícios da França, o Bicêtre para o tratamento de homens, em 1793, e o de Salpêtrière, para o tratamento de mulheres, em 1795¹⁵¹. Em Bicêtre, Pinel observou o trabalho de Jean Pierre Pussin (1745-1811)¹⁵², vigilante do hospício; tais observações, como ele indicou posteriormente em seu *Tratado*, contribuíram para o desenvolvimento dos princípios de seu tratamento moral¹⁵³.

Além de Cullen, outra importante referência “muito relevante para Pinel¹⁵⁴” foi o médico e filósofo Pierre Jean Georges Cabanis (1757-1808). Ao se tornarem amigos, Pinel “passou a frequentar o Salão dos Ideólogos¹⁵⁵”.

No ano de 1801, Pinel publicou sua principal obra, o *Tratado Médico Filosófico sobre a Alienação Mental*, no qual apresentou o resultado desses anos de estudo, com uma proposta sistematizada para o tratamento dos considerados doentes mentais. Nesta obra são calcados os principais conceitos do alienismo e do tratamento moral no começo do século XIX. Dessa forma, Pinel demonstrou para os médicos da época como tratar os alienados mais de acordo com os princípios da medicina moderna e ao mesmo tempo guiado pela filantropia iluminista.¹⁵⁶

¹⁵⁰ SACUDO. Da teoria dos humores à tristeza como “afecção mental”: a constituição do conceito de depressão no contexto de uma psiquiatria ampliada. *op. cit.* p.5.

¹⁵¹ TALINA, Antonio Miguel Cotrim. Saúde mental em meio prisional: avaliação de necessidades de cuidados em reclusos com perturbação mental. Lisboa, 2013. Tese (Doutorado em Medicina, Especialidade de Psiquiatria e Saúde Mental), Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, 2013. p.4. Disponível em: <http://run.unl.pt/bitstream/10362/12209/3/Talina%20Antonio%20Miguel%20TD%202013.PDF>. Acesso em 14 de abril de 2016.

¹⁵² Jean Pierre Pussin (1745- 1811). Foi um dos colaboradores mais próximos de Pinel em Salpêtrière entre os anos de 1793 e 1795. Para mais informações ver. PUSSIN, Jean Pierre. Disponível em: <http://psychiatrie.histoire.free.fr/pers/bio/pussin.htm>. Acesso 12 de julho de 2016.

¹⁵³ ODA; DALGALARRONDO. Phillipe Pinel: biografia e influências intelectuais. *op. cit.* p. 19.

¹⁵⁴ ODA. Ana Maria Galdini Raimundo; DALGALARRONDO, Paulo. Cabanis e os ideólogos. In PINEL, Philippe. *Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania*. Tradução de Joice Armani Galli. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p.21.

¹⁵⁵ *Idem, ibidem.* p.20.

¹⁵⁶ Para Kury a “filantropia é na língua francesa um neologismo do século XVIII para designar uma virtude que consideravam natural do ser humano, que é o amor por seu próximo. A filantropia é uma laicização do sentimento da caridade. Quanto à caridade, trata-se do amor por Deus que leva ao ato de fazer bem aos outros; já a filantropia diz respeito à “humanidade”. [...] A filantropia é um valor aos olhos da elite europeia de fins do século XVIII e do século XIX, qualquer que seja sua orientação política. Ela age como um pano de fundo a justificar as ambições nacionais e pessoais, já que os interesses privados

A obra apresenta desde o tratamento até a forma segundo a qual deviam ser organizados os lugares para abrigar os alienados. O asilo passou a se configurar como um sistema aparelhado de observação dos doentes e de tratamento moral, com o objetivo de aplacar as paixões e restituir a vontade dos indivíduos¹⁵⁷. De acordo com Venâncio:

Na medida em que as modalidades de encargo da loucura não devem ser mais homogêneas às que continuam a controlar os criminosos, os vagabundos, mendigos e outros “marginais”, o louco é reconhecido na sua diferença a partir das características do aparelho que vai tratá-lo daí por diante¹⁵⁸.

A partir do asilo, o médico passava a poder observar longitudinalmente os diferentes estágios da doença em um número grande de casos, para classificar os pacientes adequadamente, experimentar diversos tratamentos e, deste modo, consolidar tratamentos eficazes que levassem os enfermos à cura.

Separaram os alienados e os insensatos, antes confusos na mentalidade do séc. XVIII. Dessa maneira, o alienado seria aquele que havia perdido completamente a verdade, entregue à ilusão de seus sentidos, enquanto o insensato, rescende sua loucura, e se transforma numa razão pervertida, desviada em seus movimentos do espírito. Portanto, a loucura, tal como ficara recôndita no internamento do séc. XVII, isola-se no asilo e retoma a linguagem que havia conquistado no silêncio de sua clausura. A loucura, portanto, para ser compreendida pela ciência médica, ao mesmo tempo em que ganha seu lugar, precisa ser afastada, e, esse lugar, certamente, é o lugar de seu exílio¹⁵⁹.

De acordo com as indicações teóricas, preconizava-se antes de mais nada o afastamento do doente da família e da sociedade, afastando-o dos problemas que haviam levado à *alienação*. Assim, o doente deveria ser tratado somente no âmbito asilar.

[...] um asilo que não mais seria uma jaula do homem entregue a selvageria, mas uma espécie de republicado sonho onde as relações só se estabelecem numa transparência virtuosa [...] Pinel é símbolo da “boa liberdade”, aquela que libertando os mais violentos, doma suas paixões e os introduz no mundo calmo das virtudes tradicionais. Os benefícios do asilo renovado serão oferecidos a todos, com exceção dos fanáticos [...] o asilo deve configurar agora a grande continuidade

eram vistos como coletivos”. ver: KURY, Lorelai. Auguste de Saint Hilaire, viajante exemplar. *Revista Intellèctus*, São Paulo, ano 2, n.1, 2003, pp.1-11. p.2.

¹⁵⁷ VENANCIO, Ana Teresa. A construção social da pessoa e a psiquiatria: do alienismo a nova psiquiatria. *PHYSIS. Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.3, n.2, 1993, pp.117-136. p.123.

¹⁵⁸ CASTEL. *A Ordem Psiquiátrica: A Idade de Ouro do Alienismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1978. p.10.

¹⁵⁹ BORGES, Guilherme Roman. A normalização e a exclusão: o louco e o criminoso em Michel Foucault. *RAÍZES JURÍDICAS* Curitiba, v. 7, n. 2, p.145-184. jul/dez 2011.

da moral social. Os valores de família, trabalho, todas as virtudes reconhecidas imperam no asilo. O asilo reduzirá as diferenças, reprimirá os vícios, extinguirá as irregularidades¹⁶⁰.

Para Pinel, além de ser fundamental como campo de observação e experimentação, o hospício permitia ao paciente acometido de alienação evitar os conflitos que concorreram para a sua alienação no seio de sua família e sociedade. Assim, o isolamento se justificava por afastar o indivíduo de irritações e excessos emocionais, alimentares e de todos os tipos, tornando-se uma das etapas para a cura.

“O hospício encontra na articulação entre sistematização e terapêutica sua legitimidade, demonstrando-se no *Traité* como fundamental para a acumulação reflexiva do conhecimento acerca da loucura e o estabelecimento de regras metodológicas de pesquisa da moléstia”.¹⁶¹

Deste modo, a loucura tornou-se objeto de um campo especializado da medicina, sendo tratada como doença. Os médicos deste período passaram a compreender a loucura como uma disfunção orgânica que produzia sintomas patológicos na consciência do indivíduo. Ou seja, pautando-se pelos ideais iluministas, entendia-se que todo indivíduo considerado louco possuía consciência, cabendo ao médico especializado restituí-la.

O isolamento do mundo exterior seria, então, justificado pelo intuito de excluir o insano do âmbito da desordem do contexto social no qual se alienara. Se a liberdade em meio à desordem social conduzira à alienação, seria o aprisionamento em meio ordenado a forma de levar à cura. Pinel, em seu *Traité*, estabelece claramente a necessidade incontestável da internação em estabelecimentos médicos¹⁶².

Temos também as acomodações dos doentes, as quais eram organizadas de acordo com suas respectivas enfermidades, separada por alas, seções e pavilhões de acordo com os tipos e os graus da doença. Por exemplo, os alienados que tinham acessos constantes de fúria eram isolados dos outros pacientes para impedir que os machucassem ou evitar que machucassem a si mesmos¹⁶³.

O isolamento justifica-se também como terapêutica e técnica, uma vez que ao afastar o doente do mundo externo, Pinel pensava intervir em

¹⁶⁰ FOUCAULT. História da loucura na Idade Clássica. *op. cit.* p. 475-488.

¹⁶¹ FACCHINETTI, Cristiana. Pinel e os primórdios da Medicina Mental. *op.cit.* p.504.

¹⁶² *Idem, ibidem.*

¹⁶³ PINEL, Philippe. *Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania.* Tradução de Joice Armani Galli. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

seu conflito interno, apoiando as forças da saúde e a tendência natural da doença na direção da cura. Além disso, evitava que os alienados perturbassem a ordem, ao mesmo tempo em que protegia sua "sensibilidade excessiva" das "zombarias" e da "ignorância" frente à enfermidade¹⁶⁴.

Ademais, destacamos o papel de regente de todo essa complexa rede asilar, na qual se incluem pacientes, enfermeiros, guardas, médicos, estudantes, etc. Acerca dos médicos Foucault afirma o seguinte:

[...] Se a personagem do médico pode delimitar a loucura, não é porque não a conhece; aquilo que para o positivismo assumirá a figura de objetividade é apenas o outro lado o nascimento deste domínio [...] O médico se pode exercer sua autoridade sobre o mundo asilar na medida em que, desde o começo foi Pai, Juiz, Família e Lei, E Pinel reconhece que o médico cura quando joga fora das terapêuticas modernas, põe em jogo estas figuras imemoriais¹⁶⁵.

A análise da obra "*Tratado Médico Filosófico de Alienação Mental ou a Mania*" (*Traité médico-philosophique sur l'aliénation mentale ou la manie*) de Pinel, publicada em 1801, permite considerar o papel particular exercido pelo diretor do asilo, o Dr. Alienista: "aqueles estabelecimentos, a que se refere Pinel, deveriam ser administrados pela única autoridade a solucionar o problema infundável da loucura: o alienista."¹⁶⁶

2.3. A nosografia pineliana

Ao ser tratada como doença isolada, e não mais apenas como um dos possíveis sintomas advindos da diminuição ou aumento de fluidos no corpo, a loucura ganhou novas roupagens, para adequar as paixões a ela, paixões essas anteriormente associadas ao campo da alma:

A apropriação da loucura pela medicina, no entanto, apresentaria desde o seu início um caráter duplo e bastante diferenciado. Por um lado, a nascente medicina alienista iria considerar a loucura no âmbito do desregramento do controle das paixões. Por outro, a também

¹⁶⁴ FACCHINETTI, Cristiana. Pinel e os primórdios da Medicina Mental. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v.11, n.3, set.2008, pp.502-505. p.504.

¹⁶⁵ FOUCAULT. História da loucura na Idade Clássica. *op. cit.* p. 498.

¹⁶⁶ FERRAZZA, Daniele de Andrade. *A psiquiatrização da existência: dos manicômios a neuroquímica da subjetividade*. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/105617/000721990.pdf?sequence=1> . Acesso em 20 de fevereiro de 2016.

nascente medicina clínica, de base anatomopatológica, procuraria perceber a loucura como a consequência de uma lesão orgânica¹⁶⁷.

Desta maneira, podemos compreender a medicina mental moderna como aquela em que pela primeira vez temos a loucura ganha um lugar especial na medicina. – Seja como sede das paixões, seja como lesão. Assim, além da classificação, que deve servir para descrever as diferentes espécies de alienação e sintomas, passa-se também a buscar a sua sede, para que se possa ter um tratamento mais adequado. O louco passa a ser tratado com um doente que precisa de um lugar adequado para que se possa obter efetividade no seu tratamento e a cura.

Assim dirá Foucault sobre essa nova configuração:

É este novo jogo de verdade que permitirá a emergência uma reconfiguração de discursos que propiciará a emergência de uma psiquiatria científica e de uma psicologia a partir do século XIX, em suas aproximações e distanciamentos das explicações morais [...] o que está em jogo é uma edificação das percepções morais da loucura, este é o processo de tipificação da loucura dos sujeitos considerados loucos¹⁶⁸.

Para Pinel então, nesta tipificação em relação aos sintomas das moléstias, o isolamento se justifica na medida da observação de todas as características de doença com o objetivo de encontrar: quais são os principais sintomas de cada espécie de alienação mental, a causa da sede da alienação mental e também após todas estas observações, um tratamento adequado para que o paciente possa obter a cura. Passemos agora para ver de modo mais pormenorizado o modo como às doenças passaram a ser compreendidas.

2.3.1. *Melancolia*

Para Pinel, a melancolia era caracterizada principalmente pela fixação do pensamento em um objeto, podendo ser compreendida da seguinte maneira:

Os alienados desta espécie são algumas vezes dominados por uma ideia exclusiva que eles lembram sem cessar em suas proposições, a qual parece absorver todas as suas faculdades; em outras vezes, ficam fechados em um silêncio obstinado de vários anos, sem deixar penetrar o segredo de seus pensamentos; alguns não permitem que se

¹⁶⁸SILVEIRA, Fernando de Almeida; SIMANKE, Richard Thiesen. A Psicologia em *História da Loucura* de Michel Foucault. *Fractal: Revista de Psicologia*. v. 21, nº 1. jan/abril de 2009 p.23-42.

entreveja nenhum ar sombrio e parecem dotados de um julgamento dos mais sadios, quando uma circunstância imprevista faz eclodir repentinamente seu delírio¹⁶⁹.

Assim, em Pinel, a *melancolia* é uma afecção caracterizada principalmente por um delírio exclusivo sobre um determinado objeto ou por mais de um objeto (ou seja uma loucura parcial), acompanhado por uma tristeza profunda, na maioria das vezes sem acessos de violência. Além disso, o indivíduo possuiria o livre exercício em relação às faculdades mentais, ou seja, o indivíduo possui plena consciência do que acontece consigo quando ocorre a alienação. Entretanto, seria possível num quadro melancólico, o indivíduo apresentar um “estado afetivo do delírio, podendo ser de natureza [...] alegre e exaltada”.¹⁷⁰ Assim, o melancólico, com a degradação do seu estado mental, poderia às vezes tornar-se um maníaco.

2.3.2. *Mania sem delírio*

Após o estudo da melancolia, Pinel analisou a mania sem delírio. Esta classificação demonstrava que, em relação aos aspectos da nosologia do século XIX, havia uma observação diferenciada do paciente, já que até então só se podia falar de moléstia mental nos casos em que fosse comprovado que a pessoa realmente sofria de delírios. Com Pinel, abre-se a possibilidade de pensar em alienação sem o estado delirante do indivíduo.

A mania sem delírio era causada principalmente por uma educação mal feita por parte dos pais e também por um forte caráter de indisciplina que, segundo Pinel, “podem produzir as primeiras nuances desta espécie de alienação”¹⁷¹, possuindo como sintoma principal uma fúria periódica e exasperada e uma “alteração da afetividade e da excitação”¹⁷², como podemos perceber no caso de um homem narrado a seguir:

Em Bicêtre, os mesmos casos de fúria periódica, semelhantes tendências automáticas e atos de atrocidade, dirigidos alguma vez em relação ao vigilante, de quem ele não se cansa de elogiar os cuidados compassivos e a brandura. Este combate interno, que lhe faz experimentar a razão sã em oposição à crueldade sanguinária, o reduz às vezes ao desespero; muitas vezes fazendo com que tente, com a morte, terminar esta luta insuportável. Um dia consegue apanhar o

¹⁶⁹ PINEL. Tratado médico-filosófico da alienação mental ou da mania. *op.cit.* p.164.

¹⁷⁰ BERCHERIE. Los fundamentos de la clínica: historia y estructura del saber psiquiátrico. *op.cit.* p. 18.

¹⁷¹ PINEL. Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania. *op.cit.* p.170.

¹⁷² BERCHERIE. Los fundamentos de la clínica. *op.cit.* p. 18.

trinchete do sapateiro do hospício, fazendo um profundo corte no lado direito do peito e no braço, o que se seguiu a uma violenta hemorragia. Uma reclusão severa e o colete de forças impediram o curso de seus projetos suicidas¹⁷³.

Tal moléstia é compreendida como tendo uma periodicidade contínua ou descontínua. Além disso, se caracteriza por não afetar as funções “do entendimento, da percepção, do julgamento, da imaginação e da memória, etc.”; ao invés disso, está marcada pela perversão das funções afetivas¹⁷⁴, como por exemplo, acessos de fúria repentinos e atos de violência extremos.

2.3.3. *Mania com delírio*

O terceiro tipo é o tipo de alienação mais comum para a época, de acordo com Pinel, a mania com delírio. O autor, na primeira parte da sua obra, cita inúmeros casos desta afecção, assim como de idiotismo, pela grande frequência de ambos os diagnósticos nas papeletas dos hospícios em que ele trabalhava¹⁷⁵.

A mania com delírio, do mesmo modo que a sem delírio era descrita como podendo ter acessos contínuos ou alternados e também alterações tanto na questão moral do doente quanto na questão física, pelo fato de ela ter como característica a lesão de “uma ou várias funções do entendimento, como emoções alegres ou tristes, extravagantes ou furiosas¹⁷⁶”. Mas em relação à cura, o alienista francês afirmava que a medicina da época, com apoio dos tratamentos moral e físico, era capaz de obter a cura total da doença.

2.3.4. *Demência*

O quarto tipo de espécie de alienação proposta por Pinel era a demência, também conhecida pela abolição de pensamento. À diferença da mania, quando o doente seria capaz de associação de ideias e de julgamento, (ou seja, “o maníaco, por exemplo, que crê ser Maomé, [...] traz na realidade seu julgamento, que ele alia a suas

¹⁷³ PINEL. Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania. *op.cit.* p.172.

¹⁷⁴ PINEL. Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania. *op.cit.* p.174.

¹⁷⁵ PINEL. Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania. *op.cit.* p.174.

¹⁷⁶ *Idem, Ibidem.* p.177.

ideias sem fundamento, isto significa que o julgamento é falso”¹⁷⁷), no caso da demência não haveria nenhum tipo de julgamento, as ideias surgiriam de maneira isolada, em uma sequência repentina e não associativa, tendo em consequência “a desordem, a mobilidade, a existência “automática” e a destruição da função de síntese [...]”¹⁷⁸, com total abolição de pensamento.

Mais especificamente, Pinel delinearía os principais sintomas dos dementes da seguinte forma:

Sucessão rápida, ou antes, alternância não interrompida de ideias isoladas e de emoções superficiais e disparatadas, movimentos desordenados e atos contínuos de extravagância, esquecimento completo de todo estado anterior, abolição da faculdade de perceber os objetos através das impressões feitas pelos sentidos, obliteração de julgamento, atividade continua sem objetivo e sem intento e espécie de existência automática¹⁷⁹.

2.3.5. *Idiotismo*

A quinta e última espécie de alienação seria o idiotismo ou obliteração das faculdades intelectuais e afetivas, que significaria a suspensão quase completa das faculdades mentais do indivíduo, sendo caracterizada principalmente por um estágio vegetativo por parte do doente, e com resquícios ínfimos de alguma atividade psiquiátrica¹⁸⁰.

Acerca do idiotismo, Pinel afirmava o seguinte: “Os idiotas formam uma espécie muito numerosa nos hospícios e seu estado apresenta-se frequentemente como consequência de um tratamento muito ativo ao qual foram submetidos anteriormente¹⁸¹”. Para a cura do idiotismo, mesmo sendo considerado o mais grave estado de alienação mental, seria necessário o paciente ter acessos de mania, como no seguinte caso apresentado:

[...] Um jovem militar de 22 anos é tomado de terror pelo estrondo de artilharia, em uma ação sangrenta, da qual faz parte assim que chega a Armada; sua razão é abalada e submetem-lhe ao tratamento pelo método ordinário das sangrias, dos banhos e das duchas. Na última sangria a atadura se abre, e ele perde uma grande quantidade de sangue, caindo em uma síncope muito prolongada [...] ao final de um

¹⁷⁷ *Idem, Ibidem.* pp. 179-180.

¹⁷⁸ BERCHERIE. Los fundamentos de da clínica. *op.cit.* p. 18.

¹⁷⁹ PINEL. Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania. *op.cit.* p.181.

¹⁸⁰ BERCHERIE. Los fundamentos de da clínica. *op.cit.* p. 19.

¹⁸¹ PINEL. Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania. *op.cit.* p.181.

mês, já se anunciavam sinais precusores de um acesso de mania, constipação, vermelhidão da face e volubilidade da língua [...] este acesso dura 18 dias, a calma volta paralelamente ao restabelecimento da razão do jovem, após ainda ter passado vários meses no hospício, a fim de assegurar sua convalescença foi devolvido cheio de senso e razão ao seio da família¹⁸².

Podemos perceber que o idiotismo estava associado a outras doenças e que um acesso de mania podia levar o indivíduo à cura completa, mas em relação aos sintomas idiossincráticos dos idiotas, temos o seguinte:

Obliteração mais ou menos absoluta das funções do entendimento e das afeições do coração; algumas vezes doces devaneios com sons semi-articulados; outras vezes, taciturnidade e perda da palavra, pelo defeito das ideias. Alguns idiotas são muito doces; outros sujeitos a caprichos muito vivos e encolerizam-se facilmente¹⁸³.

2.4. Da terapêutica

Após observarmos como Pinel definiu os cinco principais tipos de alienação mental, veremos agora como foi construída a sua terapêutica nos hospícios. Importante destacar que esta terapêutica foi utilizada posteriormente em vários hospícios, tanto na Europa quanto em outros lugares. No Brasil¹⁸⁴, a terapêutica proposta por Pinel foi extremamente influente, servindo inclusive como modelo na construção do primeiro hospício brasileiro, o Hospício de Pedro II, na cidade do Rio de Janeiro, na segunda metade do século XIX, como veremos no próximo capítulo.

A primeira característica apregoada na proposta de asilamento de Philippe Pinel é a construção de alas específicas para cada tipo de doente, e caso seja necessário, o isolamento para os casos mais graves, como por exemplo, quando surgem os acessos de furor dos maníacos. Sobre isto Pinel havia afirmado o seguinte: “a distribuição metódica

¹⁸² PINEL. Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania. *op.cit.* p.184.

¹⁸³ PINEL. Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania. *op.cit.* p.184

¹⁸⁴ De acordo com Teixeira “A construção do hospício, no bairro da Praia Vermelha, leva mais de dez anos. Seu desenho arquitetônico inspira-se na Maison Nationale de Charenton, na França. O edifício de linhas neoclássicas é decorado com sete estátuas feitas pelo escultor alemão Ferdinand Petricch: de Dom Pedro II; de José Clemente Pereira, provedor da Santa Casa que coordena a construção; dos alienistas Phillipe Pinel e Étienne Esquirol; das deusas Ciência e Caridade; e de São Pedro de Alcântara, padroeiro do Império brasileiro”. Para mais informações sobre a construção do primeiro hospício no Brasil ver: TEIXEIRA, Manoel Olavo. As origens do alienismo no Brasil: dois artigos pioneiros sobre a construção do hospício Pedro II. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v.15, n.2, jun.2012, pp.364-381.

dos alienados do hospício em diversos departamentos [...] faz saber as medidas respectivas para a sua alimentação, higiene, regime moral e físico [....]¹⁸⁵”.

Salienta-se que, neste momento, considerava-se importante o estabelecimento de um diálogo entre o alienista e o arquiteto que projetaria o hospício para que ambos pudessem desta maneira construir do modo mais moral e racional possível as acomodações dos doentes dentro de suas alas. Conseqüentemente, o alienista francês afirmava que era mais simples construir um edifício com alas específicas do que um prédio totalmente homogêneo em relação às seções nas quais deviam ficar instalados os doentes. Outrossim, para que este projeto fosse bem sucedido, a função do alienista era central na alocação dos alienados:

O médico fará um recenseamento geral dos alienados, tomará sobre cada um deles as notas mais completas que as circunstancias permitam, distribuindo-os em seguida em diversos conjuntos isolados, colocando-os em lugares próprios a contrabalançar suas ilusões, não menos que para concorrer a facilidade e a exatidão de sua vigilância. Assim será um lugar agradável limpo e adequado ao cultivo de vegetais que serão colocados os sombrios melancólicos; os maníacos em fúria ou em estado de extravagância serão confinados em um espaço mais recolhido do hospício [.....].¹⁸⁶

Por conseguinte, era importante para o médico se atentar para os diferentes tipos de terapêutica, de acordo com os dados levantados por Pinel em Bicetre:

[...] O médico Gestaldi empregou, de fato, nos diferentes casos, os evacuantes, fossem eméticos, fossem purgativos, a sangria, os banhos, as duchas, as bebidas diluentes, [...] algumas leituras escolhidas, [...] o exercício, uma ocupação mecânica. Sabe-se que as disposições do local são próprias a secundar os efeitos dos tratamentos médicos [...] lugares particulares para tomarem banhos e duchas, um terreno próprio para o cultivo de toda espécie de vegetais, lugares para passeios particulares e um terraço muito elevado onde se descortina um horizonte imenso¹⁸⁷

¹⁸⁵ PINEL. Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania. *op.cit.* p.189.

¹⁸⁶ PINEL. Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania. *op.cit.* p.190.

¹⁸⁷ PINEL. Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania. *op.cit.* pp.242-243.

2.5. Hegemonia do alienismo na Europa: novos personagens

Jean Etienne Esquirol, nascido em 1772, foi aluno de Pinel e é apresentado muitas vezes como o sistematizador do alienismo. No ano de 1811 sucedeu seu professor como médico chefe em Salpêtrière e, no ano de 1819 publicou um importante trabalho sobre as condições precárias dos hospícios no continente europeu, demonstrando, a partir deste trabalho, que “tornou-se evidente que as reformas iniciadas por Pinel e Chiarugi não se estenderam através do continente em um dia”¹⁸⁹.

Esquirol representou um avanço expressivo no plano teórico ao propor nova sistematização nosográfica, a partir de uma análise fina e de uma diferenciação mais detalhada das síndromes psicopatológicas. No campo mais específico do saber e da prática psiquiátrica, Esquirol também produziu uma mudança importante ao rever o conceito de melancolia depois de pesquisá-la e descrevê-la longamente”¹⁹⁰.

O criador do termo *alucinações*¹⁹¹. Participou ativamente da reforma realizada nos hospícios franceses em 1838, ano em que foi aprovada a lei para os alienados na França, lei essa que “tratava das questões relativas à construção e funcionamento de estabelecimentos destinados aos alienados, às internações e às altas – descrevendo os procedimentos necessários e à administração dos bens dos alienados”¹⁹². No mesmo ano, publicou em dois volumes a sua mais importante obra, intitulada “*Des maladies mentales considérées sous les rapports médical, hygiénique et médico-légal*”. Nessa obra, que não possui tradução para o português, podemos ver uma síntese da obra de Esquirol no que tange aos preceitos da classificação das alienações e também sobre a terapêutica, principalmente a partir da reforma dentro dos hospícios¹⁹³.

Esquirol incluiu outros gêneros de alienação em sua classificação, a qual era mais complexa do que a de seu professor e mestre. Sendo assim, ele propôs a organização das moléstias mentais em: demência, mania, idiotia, lipemania (sendo esta caracterizada por uma paixão triste ou depressiva) e, por último, temos a monomania (que pode ser definida como os delírios parciais de alegria).

¹⁸⁹ STONE. A cura da mente. A História da Psiquiatria da Antiguidade ao Presente. *op.cit.*p.70.

¹⁹⁰ PACHECO, Vera Maria de Pompeo. Esquirol e o surgimento da psiquiatria contemporânea. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v.VI, n.2, jun. 2003, pp.152-157. p.154.

¹⁹¹ STONE. A cura da mente. A História da Psiquiatria da Antiguidade ao Presente. *op.cit.*p.92.

¹⁹² Para mais informações ver: BRITTO, Renata Corrêa. A internação psiquiátrica involuntária e a Lei 10. 216/ 01. Reflexões acerca da garantia de proteção aos direitos da pessoa com transtorno mental. *op.cit.* p.28.

¹⁹³ BERCHERIE. Los fundamentos de la clínica: historia y estructura del saber psiquiátrico *op.cit.* p. 18.

A primeira modificação em relação ao trabalho de Pinel dá-se na definição do idiotismo. Para o antecessor de Esquirol, este tipo de fenômeno acontecia gradativamente, principalmente em pessoas adultas, não sendo comum em crianças. Esquirol definiu o idiotismo desde os mais jovens até os mais velhos, descrevendo os diversos graus da doença, fato este não observado por Pinel. Assim sendo, temos os seguintes graus do idiotismo: imbecilidade, idiotice propriamente dita e o cretinismo. Diferenciou também a idiotice da loucura, “não é uma enfermidade, é um estado em que as faculdades mentais não se manifestaram ou não puderam se desenvolver suficientemente”¹⁹⁴.

A classificação mais complexa da teoria de Esquirol era a das monomanias, que abrangia uma grande variedade de sintomas e doenças. Primeiramente, era dividida em lipemia ou melancolia, que seriam os delírios associados principalmente à tristeza, e temos também a mania sem delírio. Posteriormente, baseados na classificação de Esquirol apresentada por Bercherie temos uma alteração montamos uma tabela que ficou da seguinte maneira:

TABELA III

Monomania intelectual	Monomania afetiva	Monomania instintiva ou sem delírio
Entendida como os delírios, alucinações e ilusões que estão em primeiro plano.	São as alterações do caráter, da afetividade e do comportamento. O doente possui a capacidade de raciocinar intacta. A maioria dos casos da mania sem delírio de Pinel entram nesta classificação.	O enfermo é levado a atos que a razão e os sentimentos não determinam, e que a consciência reprova.

Fonte: Classificação das monomanias de Esquirol. In BERCHERIE. *Los fundamentos de da clínica: historia y estructura del saber psiquiátrico. op.cit.* p. 28.

Por fim, “as monomanias como todas as ações consideradas mórbidas por parte dos indivíduos (assassinato, suicídio, roubo, incêndio entre outros).¹⁹⁵”.

Após estes trabalhos, o alienismo ganha um enorme impulso no território francês, primeiramente em torno de Pinel e a primeira geração de alienistas formada em torno dele e da qual destacamos Guillaume Marie Andre Ferris (1784- 1861), além do

¹⁹⁴ BERCHERIE, Paul. *Los fundamentos de la clínica: historia y estructura del saber psiquiátrico.* Buenos Aires, Manatial, 1986. p. 27.

¹⁹⁵De acordo com os limites impostos pela pesquisa não me atentarei a este tema, para saber mais ver: BERCHERIE. *Los fundamentos de da clínica. op.cit.*, p.27.

próprio Esquirol; e depois ao redor de Esquirol, em que se destacam alunos como Étienne Jean Georget (1795-1828), que trabalhou em Salpêtrière e que, de acordo com Postel, estava “preocupado com o tratamento moral e tentou melhorar a Salpêtrière, tanto individualmente como em um nível coletivo, não hesitando em criar grupos terapêuticos com pacientes”¹⁹⁶. Neste período de acordo com Bercherie, “a obra de Esquirol, de maneira geral, é, objeto de um consenso geral [...]”, e o alienismo torna-se algo corrente no território francês e passa a ser utilizado por quase todos os alienistas.

Apesar do domínio do alienismo no território francês, temos concomitantemente um avanço da psiquiatria de cunho mais organicista ou neurológico na França, e também um avanço crítico da ideia evolucionista, especialmente através dos trabalhos de Antoine Laurent Bayle. Nasceu em treze de dezembro de 1799 e começou cedo os estudos de medicina. Aos dezoito anos já trabalhava no Chartenon e, aos vinte e três anos, apresentou sua famosa tese na *Faculté de Médecine* de Paris. Desta maneira, temos a apresentação desta primeira obra no ano de 1822, publicada com o seguinte título: “*Recherches sur les maladies mentales*”¹⁹⁷, ou “*Pesquisas sobre as doenças mentais*”, que foi recebida com bastante hesitação por seus pares. Foram necessários vinte anos para que seu ponto de vista começasse a parecer viável de ser comprovado¹⁹⁸.

Para a pesquisa é interessante analisar o trabalho de Bayle, pelo fato de que os dois primeiros trabalhos acerca do alienismo publicados no primeiro periódico médico brasileiro foram justamente os seus. Assim, é possível afirmar que mesmo Bercherie afirmando que seu trabalho não repercutiu imediatamente no trabalho de seus pares¹⁹⁹, é possível afirmar que a obra de Bayle trouxe novas contribuições para a compreensão das alienações mentais que impactaram o campo médico-mental. Precisamos então entender que contribuições são essas, de modo a justificar o motivo de seu trabalho ter sido publicado em um periódico brasileiro tão rapidamente.

¹⁹⁶ POSTEL, Jacques. Georget, Jean Étienne. 1795-1828). *Encyclopædia Universalis*. Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/etienne-jean-georget/> Acesso em 3 de junho de 2016.

¹⁹⁷ Preferimos trabalhar com a tradução da obra de Bayle, entretanto fica a ressalva que encontramos a obra completa, para mais informações ver: <http://www.biusante.parisdescartes.fr/histoire/medica/resultats/index.php?cote=TPAR1822x247&do=chapitre>. Acesso: 9 de julho de 2016. Importante destacar também que Bayle, não foi o único médico que tivemos analisando as relações entre inflamações cerebrais e moléstias, quase que concomitante ao seu trabalho, a pesquisa de Louis Florentin Calmeil (1798-1895), que também utilizava da relação de certos tipos de delírio com a paralisia geral. Contudo, daremos destaque a Bayle visto que seu trabalho apareceu nos periódicos médicos brasileiros. Para mais informações sobre a vida de Calmeil consultar: <http://psychiatrie.histoire.free.fr/pers/bio/calmeil.htm> . Acesso em: 20/09/2016.

¹⁹⁸BERCHERIE. Los fundamentos de da clínica. *op.cit*, p. 51.

¹⁹⁹ *Idem, ibidem*.

A tese, segundo Bercherie²⁰⁰, foi recebida com pouca adesão em um primeiro momento. Entretanto, materializava o desejo enunciado desde Pinel de que fosse possível encontrar a sede da moléstia mental. Assim, ela trazia de novo uma concepção da alienação centrada na fisiologia cerebral do indivíduo, associada a uma inflamação crônica das regiões cerebrais. Seu objetivo primeiro era o “de abordar, a partir de bases empíricas, anátomo-clínicas e biológicas, o espinhoso tema da “natureza íntima” da alienação mental”²⁰¹. Assim, Bayle relacionava os transtornos psicopatológicos a inflamações de regiões cerebrais bastante específicas, e considerava que quanto maior o aumento desta inflamação, pior seria o agravamento da moléstia.

Nas primeiras páginas de sua obra, Bayle afirma que os trabalhos dos médicos anteriores a suas pesquisas foram importantes para a construção de um saber no que tangia ao estudo das moléstias mentais, mas, devido à complexidade da área psiquiátrica, intrínseca à análise das alienações mentais, pouco se havia avançado neste campo. Deste modo, Bayle afirmou que:

Infelizmente, para a espécie humana, os esforços dos maiores médicos até o presente, apenas permitiram rasgar parte do véu que recobre o assunto aqui abordado. Tantos os sintomas da alienação e as causas que a preparam ou excitam foram descritos com a maior exatidão, entretanto, a sua natureza mais íntima, ou antes, as suas causas mais imediatas, escaparam, até hoje às mais laboriosas e científicas pesquisas²⁰² [...]

Desta maneira, a primeira parte da obra, ele foca principalmente nos trabalhos anteriores ao dele.

A seguir, dedicou-se à demonstração de que a alienação mental estava intrinsecamente relacionada à inflamação da aracnóide. Na segunda parte do trabalho, Bayle indicava que haveria relações da alienação mental com problemas intestinais; finalmente, a última parte do trabalho estabelecia correlações entre a alienação mental e alguns casos de gota observados pelo autor.

Iremos focar principalmente na parte do trabalho em que é mostrado a articulação entre a alienação mental e a inflamação cerebral. Segundo Bayle, os três estágios da doença - respectivamente, o delírio monomaníaco em estado de exaltação, o

²⁰⁰ BERCHERIE. Los fundamentos de da clínica. *op.cit.*,p. 52.

²⁰¹ PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Bayle e a descrição da aracnodite crônica na paralisia cerebral: sobre as origens da psiquiatria biológica na França. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, v.12, n. 4, dez.2009, pp.743-751. p.744.

²⁰² BAYLE, Antoine-Laurent. Pesquisa sobre as doenças mentais. *op. cit.* p. 752.

delírio maníaco geral com exaltação e, por fim, a demência com amnésia e incoerência nos pensamentos - poderiam ser percebidos a partir do caso de um paciente estudado por Bayle, o senhor Claude François, que era viciado em bebidas e sofrera muitas perdas recentes que, de acordo com o alienista, “lhe causaram pesares muito vivos”²⁰³.

O primeiro acesso teria lhe ocorrido no ano de 1818, quando o paciente sofreu um desmaio e, posteriormente como consequência dos sintomas, teve uma hemiplegia do lado direito do corpo, “assim, este primeiro período da doença apresenta-nos [...] uma leve irritação da aracnóide [...]”²⁰⁴.

Após este incidente o seu quadro mental começou a piorar gradativamente. Teve acessos de grandeza. Primeiramente se automeava como imperador Napoleão Bonaparte, dizia possuir riquezas imensuráveis, e tinha acessos de fúria, principalmente quando era contrariado pelos enfermeiros do hospital em que ficou internado.

Nos dois meses subsequentes, de acordo com Bayle, seu quadro se alterou pouco, mantendo contínua a ideia de que era o imperador da França, mas desta vez acrescentando que seus filhos também seriam imperadores e sua esposa “recebeu três condecorações da *croix d’honneur*”²⁰⁵.

Em 1825 Bayle escreveu outro importante trabalho intitulado “Nova doutrina das *enfermidades mentais*”, no qual apresentava os conceitos de uma tese que pretendia, *a posteriori*, defender, graças às observações realizadas nos seus tratados anteriores, os quais, de certa forma, estavam inacabados. Nesse tratado, o médico propunha um novo modelo de classificações, cujas categorias carregavam preceitos da anatomia, como podemos observar a seguir:

A maior parte das alienações mentais são sintomas de uma inflamação crônica das membranas do cérebro. Algumas alienações dependem de uma irritação simpática do cérebro. Certo número de monomanias e de melancolias se devem primitivamente a uma lesão profunda e durável das afeições morais e de um erro dominante [...]o idiotismo depende de um vício inato da conformação ou da organização do cérebro²⁰⁶.

Como podemos perceber, Bayle não restringiu sua teoria organicista somente à paralisia geral, mas também abrangeu outras moléstias mentais.

²⁰³ BAYLE, Antoine Laurent. Pesquisa sobre as doenças mentais *op.cit.* p.755.

²⁰⁴ *Idem, ibidem.* p.757.

²⁰⁵ *Idem, ibidem.* p.755.

²⁰⁶ BERCHERIE.. Los fundamentos de da clínica: historia y estructuradel saber psiquiátrico *op.cit.* p. 53.

Ainda que em sua obra Pinel tenha colocado desenhos de crânios humanos para estudar a presença das alienações e tenha afirmado que a doença mental tinha sua origem no cérebro, não conseguiu associar a doença com qualquer região cerebral específica, fator este que Bayle desenvolveria posteriormente ao observar inflamações em certas regiões cerebrais e relacioná-las com doenças mentais. Por conseguinte, podemos perceber a importância de Bayle para o alienismo, ainda que seu modelo para todas as doenças tenha ficado limitado, principalmente, para a paralisia geral.

2.5. Circulação e apropriação do alienismo no além-mar: o caso da América Latina

As ideias apregoadas pelos alienistas em relação à assistência dos doentes mentais e a sua terapêutica ecoaram nos países do além mar. Na América Latina, ainda que não possuíssem instituições especializadas até a segunda metade do século XIX, alguns países, entre eles a Argentina, México, Peru, Colômbia, Venezuela e Brasil, passaram a discutir a loucura em termos médicos e buscar os meios públicos para o tratamento eficaz de seus alienados. O que percebemos é o surgimento da demanda, por parte dos médicos locais, para a construção de um ambiente especializado para o tratamento dos alienados nestes países. Com a criação das instituições de ensino superior, os médicos formados principalmente sob orientação da medicina francesa, passaram a lutar por um tratamento mais adequado para os alienados no continente americano. De acordo com Moisés, podemos entender a influência francesa no território latino-americano da seguinte maneira: “Ao longo de todo o século XIX a França foi o farol (metáfora recorrente nos discursos latino-americanos de então) cuja luz nos guiou. Recebemos da França até mesmo a denominação sob a qual nos reconhecemos, a de América Latina²⁰⁷.”

Na Argentina, ainda no século XVIII, havia o Hospital de San Martín²⁰⁸, também conhecido como *El Loquero*, dedicado a abrigar os doentes mentais durante muito tempo. De acordo com Falcone, o San Martín era “uma modestíssima enfermaria

²⁰⁷ Para mais informações ver: PERRONE-MOISÉS, Leyla. Paradoxos do nacionalismo literário na América Latina. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.11, n.30, mai.-ago. 1997, pp.245-259. p. 250. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v11n30/v11n30a15.pdf> . Acesso em 18 de abril de 2016.

²⁰⁸ Para mais informações sobre as principais instituições ver anexo II.p.164-5.

com um número reduzido de camas [...] e médicos com uma grande boa vontade”²⁰⁹. Ainda no século XVIII, mais precisamente em 1748, foi extinto o Hospital San Martín, sendo substituído pelo Hospital Santa Catalina e, posteriormente, em 1799 foi construído, no lugar, o Hospital General de Hombres, uma das mais importantes instituições do período (funcionou desde a sua fundação até sua demolição em 1883) para o tratamento de alienados. Portanto, até o começo do século XIX temos esta como a principal instituição para alienados da Argentina.

A Facultad de Medicina, em Buenos Aires, criada em 1821. E em 1827 foi produzida a primeira tese na Argentina influenciada pelos preceitos do alienismo, escrita por Diego Alcorta, e intitulada “*La Manía Aguda*”²¹⁰. Nesta tese, o médico argentino analisava os mesmos tipos de alienação estudados por Pinel, mania, melancolia, demência e o idiotismo, destacando principalmente a análise da mania.

Desta forma, vemos surgir uma nova geração de médicos que buscavam mudanças nas instituições para os alienados no território argentino. Para isso, foram criadas comissões para observar as possíveis irregularidades apontadas pelos médicos, que iam desde as dificuldades no tratamento até a superlotação dos quartos, pois em algumas instituições cada quarto abrigava entre sete e oito internos²¹¹. Apesar de todo o empenho dos médicos, a criação de um hospício especializado se concretizou somente na segunda metade do século XIX, em 1863, denominado Hospicio de San Buenaventura.

No México, a criação de uma instituição especializada para alienados demorou ainda mais, pois foi inaugurada somente no ano de 1910, denominada *Manicomio General La Castañeda*²¹². Apesar disto, já haviam, no território mexicano trabalhos publicados sobre o alienismo. De acordo com Sacristán, “durante o século XIX saíram nas imprensas da nação pelo menos 400 títulos de tema psiquiátrico entre artigos, teses e livros de autores mexicanos e hispanos, assim como traduções de autores estrangeiros. Os temas que mais se privilegiaram foram os relativos a medicina legal [...]”²¹³.

²⁰⁹ FALCONE, Rosa. Breve historia de las Instituciones psiquiátricas en Argentina. Del Hospital cerrado al Hospital abierto. p.3. In Facultad de Psicología. Universidad de Buenos Aires. Historia de la Psicología. Disponível em: http://23118.psi.uba.ar/academica/carrerasdegrado/psicologia/informacion_adicional/obligatorias/034_historia_2/inv_trab.htm Acesso em 13 de maio de 2016.

²¹⁰ *Idem, ibidem*.

²¹¹ *Idem, ibidem*.

²¹² Para mais informações sobre a criação do primeiro manicômio mexicano ver: MOLINA, Andrés Ríos. *La locura durante la revolución mexicana: los primeros años del Manicomio General La Castañeda (1910-1920)*. 1ª ed. México, D.F: El Colegio de México, Centro de Estudios Históricos, 2009.

²¹³ SACRISTÁN, Cristina. La contribución de La Castañeda a la profesionalización de la psiquiatría mexicana, 1910- 1968. *Salud Mental*, México, v.33, n.6, nov.-dic.2010, pp.473-480. p.475.

Em relação ao alienismo, foram publicados trabalhos sobre melancolia, mania, demência, alcoolismo entre outros. Assim podemos perceber que, da mesma forma que ocorreu na Argentina, a presença do alienismo era ali inegável. A influência da medicina mental francesa era tão importante que os trabalhos focavam principalmente na dualidade e nas semelhanças e diferenças entre as outras doenças, do mesmo modo que fizera Pinel em seu tratado.

No Peru, em meados do século XVII, duas instituições passaram a ter destaque no tratamento dos alienados, os hospitais de Santa Ana e Hospital Real de San Andrés, que gozaram de grande influência no território peruano. No ano de 1816, “o informe do Protomédico interino del Virreinato, Miguel Tafur, elogiava o trabalho do hospital de San Andrés no cuidado dos alienados”²¹⁴. Do mesmo modo, como ocorrera no território argentino, no Peru, após assumir o primeiro presidente Luis José Orbegoso, no ano de 1834, foram indicadas reformas na saúde da recém-proclamada República peruana. Havia por parte dos médicos inúmeras críticas sobre o modo como eram tratados os doentes nas *loquerias* peruanas, como as que foram feitas pelo médico francês Abel Victorino²¹⁵, em 1827. Temos então no Peru uma batalha por parte dos médicos para a criação de lugares adequados para o tratamento dos alienados, iniciativa esta comum em outros países sul-americanos analisados que, igualmente influenciados pelos alienistas, buscavam uma terapêutica adequada e um tratamento moral para os enfermos. Assim, após muitas batalhas dos médicos peruanos, em 1859 finalmente foi criado em Lima, o Hospício del Cercado - o primeiro manicômio do Peru.

Na Colômbia, o processo de reforma nas instituições para alienados demorou um pouco em relação a outros países latino-americanos referidos anteriormente. Neste país a criação de manicômios se deu somente no fim do século XIX, mais especificamente nos anos de 1870 e 1880, respectivamente nas cidades de Bogotá e Medellín. De acordo com Arango-Dávila²¹⁶, um dos primeiros médicos a se preocupar com a situação que se encontravam os hospícios colombianos foi Antonio Gomez Calvo, que afirmou que os doentes mentais na Colômbia se encontravam em uma situação medieval.

²¹⁴ PORTOCARRERO, Santiago Stucchi. *Loquerias, manicomios y hospitales psiquiátricos de Lima*. Lima: Universidade Peruana Cayetano Meredia, 2012. p.21. Disponível em: <http://documents.tips/documents/loquerias-manicomios-y-hospitales-psiquiatricos-de-lima.html>. Acesso em 20 de dezembro de 2015.

²¹⁵ *Idem, ibidem* .p. 25.

²¹⁶ ARANGO-DÁVILA, Cesar Augusto. Aspectos conceptuales de la enseñanza de la Psiquiatría en Colombia. *Revista Colombiana de Psiquiatria*, Bogotá, v. 41, supl., oct.2012, pp.11s-21s. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0034-74502012000500002&script=sci_arttext. Acesso em 4 de janeiro de 2016.

A Venezuela foi um dos primeiros países da América a contar com um projeto para a criação de uma instituição especial para alienados. O frade Francisco Javier Beiratoso tinha o projeto de construir um lugar para mulheres alienadas; contudo, de acordo com Oliveira²¹⁷, apesar de todas as dificuldades financeiras encontradas, foi criado, em 1812, o “Asilo para Mujeres Enajenadas en la ciudad de Mérida”²¹⁸. Todavia, pouco tempo depois um terremoto destruiu a edificação, ficando a Venezuela sem uma instituição para alienados até 1876, quando foi criado o Asilo de los Teques.

Destarte podemos compreender os preceitos alienistas como extremamente importantes para a reforma do tratamento dos alienados no começo do século XIX primeiramente na França e, posteriormente, em outros países europeus e na América Latina, como vimos nos trabalhos apresentados anteriormente em relação: à Argentina, Peru, México, Colômbia e Venezuela.

2.6 O alienismo local

O Brasil não passou impune às ideias alienistas durante a primeira metade do século XIX. Do mesmo modo que os outros países da América Latina, o Brasil foi também influenciado pelos preceitos do alienismo e do tratamento moral dos alienados. Os médicos brasileiros, como seus vizinhos, durante muito tempo batalharam para a criação de um local para o tratamento dos alienados na capital do Império, e divulgaram seus trabalhos embebidos dos conceitos da terapêutica alienista por meio das teses da faculdade de medicina e dos artigos em periódicos.

Pretendemos analisar como o alienismo entrou no território brasileiro e de que modo a sua terapêutica alertou os médicos de que algo precisava ser realizado sobre o problema dos alienados na capital do Império.

No país, a obra de Pinel chegou a circular no original, em francês²¹⁹. Isto pode ser compreendido pela influência da cultura francesa tanto em Portugal quanto no Brasil, o que gerou uma grande circulação de obras da medicina francesa no contexto

²¹⁷ OLIVEIRA, Claudia. La historia de la psiquiatría en Venezuela. Medicina en el tiempo. Entrevista al Dr. Manuel Matute. VITAE, n.17, oct.-dic.2003. Caracas. Disponível em: http://vitae.ucv.ve/pdfs/VITAE_2079.pdf. Acesso em 4 de janeiro de 2016.

²¹⁸ ROJAS MALPICA, Carlos; PORTILLA GEADA, Néstor de la; VILLASEÑOR BAYARDO, Sergio Javier. Historiografía de la psiquiatría latinoamericana. *Investigación en Salud*, Guadalajara, México, v.IV, n.3, dic. 2002, pp.0. p.6.

²¹⁹ ODA, Ana Maria Galdini Raimundo; DALGALARRONDO, Paulo. Pinel no Brasil. In PINEL, Philippe. *Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania*. Tradução de Joice Armani Galli. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p.33.

científico local. Importa destacar que o modelo médico francês serviu de inspiração para a criação da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1829, e para a estruturação das Faculdades de Medicina, do Rio de Janeiro e da Bahia, em 1832.

Além disso, já no ano de 1814, foi publicado um trabalho intitulado “Impugnação Analítica (...)”, de Antônio Gonçalves Gomide, mineiro e senador do Império. Nesta obra, o foco do médico foi a análise do caso de uma beata que foi considerada santa por grande parte dos cirurgiões da época. Gomide estuda o caso e afirma que os cirurgiões que examinaram e prestaram um laudo sobre a beata eram “homens de espíritos fracos”, crentes. Simone Santos de Almeida Silva afirma que, para Antônio Gonçalves Gomide, os fenômenos atestados sobre a mulher seriam, isso sim:

[...] resultado do estado patológico da beata, frutos das diferentes anomalias da "ação nervosa", que levaram pessoas ignorantes a considerá-la influenciada por Deus ou pelo diabo. A intenção do doutor Gomide era dar ênfase aos êxtases da beata como parte de um quadro de "catalepsia convulsiva" resultado de uma doença epiléptica²²⁰.

Assim como outros médicos da época, Gomide também teria sido influenciado pelas escolas médicas do século XVIII. De acordo com Silva, no trabalho do médico brasileiro podemos ver os principais autores que influenciaram seus trabalhos, dentre os quais nós destacamos:

Ele se baseia, para o estabelecimento desse diagnóstico, em nomes como o do médico francês Philippe Pinel (1745-1826), que destacou o enfoque da clínica sobre a psiquiatria, e em William Cullen, médico e professor da Universidade de Edimburgo que estudou as enfermidades nervosas sem febre, para analisar a possibilidade de simulação por parte da beata [...] ²²¹

Temos então presente referências ao trabalho da *Nosografia Filosófica* de Pinel na França. Para Silva, a ideia de Gomide ao definir o diagnóstico, e afirmar que a beata estava com “catalepsia convulsiva”, resultado de uma “doença epiléptica” que afetava os músculos, causando espasmos ou convulsões, deixando a beata com as extremidades contraídas, pode ser compreendida da seguinte maneira:

[...] não é possível afirmar que ele se manteve alinhado a apenas uma ou outra orientação filosófica, mesmo porque a ausência de unidade

²²⁰ SILVA, Simone Santos de Almeida. Antônio Gonçalves Gomide: uma semiologia das doenças nervosas no Brasil.. *História, Ciências, Saúde- Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, dez. 2010, pp.515-525. p.519.

²²¹ *Idem, ibidem*. p. 521.

no pensamento médico-científico europeu também se fazia presente entre os médicos luso-brasileiros. No caso dos acadêmicos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, percebe-se que possuíam diferentes orientações teóricas no período da ilustração luso-brasileira. Dialogavam com a *Nosografia* de Pinel, ao mesmo tempo com os trabalhos do médico francês Broussais, opositor das classificações pinelianas das doenças²²².

De qualquer modo, a menção aos trabalhos de Philippe Pinel (1745-1826), William Cullen (1710-1790), Alexander Crichton (1763-1856) e de mais uma miríade de médicos importa na medida em que permite verificar a presença de novas teorias médico-mentais circulando no país, e permite situar o médico como um porta-voz desse novo grupo de teorias novas:

[Gomide situava-se] como um porta-voz da medicina científica, apoiado nas teorias das modernas escolas estrangeiras, a fim de rebater com autoridade a opinião dos cirurgiões. (...) Um texto que (...) pode ser considerado pioneiro sobre os estudos das doenças mentais no Brasil no início do século XIX e que contribui não só para a ciência médico-filosófica do período, como também para a historiografia atual²²³.

Percebe-se então que já no período estava sendo buscada a sistematização científica das moléstias mentais no país. No trabalho de Gomide está presente a controvérsia e debate contra aqueles que interpretavam os transtornos mentais como fruto de milagres, aos quais Gomide advertia no artigo, buscando demonstrar que, ao contrário do exercício do sobrenatural sobre os corpos, os fenômenos observados pelos cirurgiões eram sintomas relacionados à uma moléstia mental.

No ano seguinte, foi publicada a obra intitulada “*Compêndios de Medicina Prática*”, escrita pelo médico José Maria Bomtempo, na qual já temos presente os preceitos de Pinel, ainda que predominantemente marcado por sua *Nosografia* (...). Na obra o autor apresenta, logo no prefácio, uma menção ao médico francês, demonstrando sua importância para o estudo da medicina no país:

Persuadi-me pois que o sistema de Pinel, seria sem dúvida o melhor que eu poderia adotar; e por isso lancei mão dele, fazendo as reflexões que me ofereciam, e reduzindo-a o ponto de simplicidade a qual o pude elevar, sem que contudo deixasse ao mesmo tempo de

²²² *Idem, ibidem.* p. 521.

²²³ *Idem, ibidem.* p. 523.

transcrever a sua “ Tábua Nosográfica”, peça útil que ela com delicadeza, e engenho organizou, a qual serve aos práticos [...]”²²⁴

Podemos perceber, neste trecho do prefácio, a importância dada a Pinel pelo médico brasileiro. A seguir, o médico dividiu sua obra em várias seções nas quais abrangia o estudo de doenças musculares, doenças dos olhos, surdez, etc. Destaca-se então uma seção na qual Bomtempo tratou especificamente das alienações mentais, denominada “*Nervozas das funções cerebrais*”, em que tratou mais especificamente das vesânicas.

Nesta parte estão presentes, inclusive, as mesmas classificações de Pinel, tal como estas foram apresentadas em seu *Tratado* publicado em 1801, ou seja, os diagnósticos apresentados por Bomtempo são mania, melancolia, demência, e idiotismo ou amência. O autor ainda acrescentou outras moléstias articuladas a essas, como o sonambulismo, a apoplexia, a catalepsia, a epilepsia e a hipocondria. Percebe-se, desta maneira, a paulatina organização adotada por Bomtempo para a classificação das moléstias em geral, levando em conta vários fatores como sintomas, tratamento, evolução da doença etc. Nessa classificação das “enfermidades que atacam a espécie humana”, havia um lugar em separado para as moléstias nervosas, a saber²²⁵:

TABELA IV

Febres	Flegmasias ou inflamações	Hemorragias	Moléstias Nervosas	Lesões orgânicas
Características: Frequência de pulso; aumento de calor; lesão na maior parte das funções.	Dor, calor e vermelhidão local; com ou sem estado febril: terminam por resolução, supuração, gangrena e induração.	Exalação ativa ou passiva do sangue.	Lesão de sentimento e movimento sem inflamação nem lesão de conformação.	Mudança ou alteração das funções orgânicas.

Fonte: BOMTEMPO, José Maria. *Compendios de Medicina Pratica*. Rio de Janeiro: Regia Oficina Typografica. p.IX. 1815. Disponível em: <http://collections.nlm.nih.gov/bookviewer?PID=nlm:nlmuid-2543074R-bk>. Acesso em 30 de dezembro de 2015.

Após dividir as doenças em cinco principais classes e mostrar quais moléstias seriam analisadas em sua obra, Bomtempo iniciou sua análise sobre as moléstias mentais:

²²⁴ BOMTEMPO, José Maria. *Compendios de Medicina Pratica*. Rio de Janeiro: Regia Oficina Typografica. p.IX. 1815. Disponível em: <http://collections.nlm.nih.gov/bookviewer?PID=nlm:nlmuid-2543074R-bk>. Acesso em 30 de dezembro de 2015.

²²⁵ *Idem, ibidem*. pp.8-9.

As vesânicas são caracterizadas por uma lesão mais ou menos notável no exercício das funções intelectuais, ou faculdades afetivas, havendo uma aversão inexplicável, ou uma paixão desmarcada para certos objetos. As vesânicas compreendem os seguintes gêneros: hipocondria, melancolia, mania, demência e idiotismo ou amênciã²²⁶.

José Maria Bomtempo estudou as doenças de acordo com a sua predisposição, causas, quando eram ocasionadas, quais eram os principais sintomas e o modo como se devia agir em relação à forma de tratamento. Em sua classificação, podemos perceber uma forte presença dos conceitos da moléstia mental advindos da *Nosografia*, antes mesmo de serem sistematizados no *Tratado* pineliano. O médico brasileiro se propôs a produzir uma revisão e também um complemento aos estudos de Pinel, separando a melancolia em duas espécies. A primeira era a melancolia, tal como proposta por Pinel como a fixação por um objeto, podendo ser compreendida como:

Uma disposição particular e muitas vezes hereditária caracterizada por magreza, cor achumbada, ou azulada nas faces, e conjuntiva, um caráter de irascibilidade, paixões fortes, abuso de narcóticos, excesso de prazeres venéreos [...] uma vida sedentária, tremores profundos, um amor excessivo e ciúme, e uma afeção orgânica das entranhas abomináveis, são as causas mais frequentemente que podem desenvolver enfermidade²²⁷.

Em relação aos sintomas, Bomtempo chamava atenção para o erro de percepção das coisas e a fixação em um ou mais objetos, assim como os acessos de delírio regulares ou irregulares.

Já o segundo tipo de melancolia era aquela também observada por Pinel, em que o indivíduo tinha predisposição ao suicídio, tendo como sintomas: o desânimo, tristeza, a falta de vontade de viver, a escolha de um tipo de morte, agonia e a preferência pela solidão.

O tratamento proposto por Bomtempo aos melancólicos era o de afastar o doente do sintoma que o dominava através da realização de outras atividades, incluindo banhos e, caso fosse necessário, o uso de remédios.

A próxima enfermidade analisada foi a mania, na qual, e assim como Pinel o fizera, Bomtempo apresentava dois tipos: a com delírio e a sem delírio. O autor afirmava então que várias eram as causas que poderiam ocasionar um estado maníaco: “trabalhos forçados, exposições aos raios solares, paixões vivas da alma, tanto excitante

²²⁶*Idem, ibidem.* pp.147.

²²⁷*Idem, ibidem.* pp. 149.

quanto deprimentes [...]”²²⁸. No primeiro caso, podemos perceber que não havia alteração nenhuma de pensamento, nem das funções intelectuais, e o paciente tinha acessos de fúria e ilusões que permeavam a sua imaginação. Já no segundo caso podia-se perceber existência de lesões no intelecto, principalmente quando havia manifestação de sentimentos tristes, alegres e ora furiosos, fossem estes acessos contínuos ou não.

Sobre o tratamento, Bomtempo afirmou que havia três estágios distintos da doença e que cada um possuía um tratamento específico. No primeiro, o maníaco, que o médico denominou “estágio agudo” por causa dos seus sintomas exacerbados, o doente devia ser enclausurado em um local escuro, “para se evitar toda e qualquer impressão que se possa obrar sobre os órgãos dos sentidos”²²⁹. E assim que o paciente estivesse mais calmo, afirmou Bomtempo, “deve-se dar toda a liberdade [...], porém em um lugar fechado havendo, além disso, toda a cautela em observar, para evitar qualquer dano, ou perigo que possa acontecer”²³⁰. No estágio seguinte, denominado por Bomtempo de declinação, daria-se uma maior liberdade de movimentos o maníaco. Destarte, era permitido que o doente estivesse em contato com os outros pacientes; nesta situação, tinha que se focar principalmente no tratamento moral do doente, pois este era um método que aumentava as chances da cura e, de acordo com Bomtempo, havia sido utilizado em outros países com resultados satisfatórios. O último estágio era o da convalescença. Devia-se utilizar o tratamento do segundo estágio e devia-se acrescentar também uma modificação na alimentação do doente, iniciando, além disso, a prática de exercícios, para que o doente fosse capaz de restituir aos poucos a sua razão e, ao fim, curar-se completamente.

A seguir, Bomtempo trata da demência, que ele considerava mais comum com o envelhecimento do paciente. Neste tipo de moléstia poderiam ser percebidos movimentos desconexos e contínuos de “extravagância, total esquecimento do período anterior, abolição, ou diminuição de perceber os objetos, obliteração do juízo [...] e em muitos casos há a dificuldade de exprimir as ideias”²³¹. Em relação ao tratamento, caso a demência houvesse sido acidental, ou seja, aquela ocasionada por sentimentos como o medo, ou pela evolução da mania se transformando em demência, havia maior chance de cura. Para estes pacientes eram recomendados os exercícios que ajudassem nas funções intelectuais, como leituras para exercitar o cérebro do demente.

²²⁸*Idem, ibidem* .pp. 151.

²²⁹*Idem, ibidem* .pp. 152.

²³⁰*Idem, ibidem* .pp. 152.

²³¹*Idem, ibidem* .pp. 153.

O idiotismo ou amênia era a obliteração quase que absoluta das funções de entendimento e intelectuais, observando casos díspares desde uma alegria extrema até uma tristeza que parece interminável. Haviam casos também de um profundo silêncio por parte dos pacientes, mas sempre a perda de raciocínio. Para o tratamento, Bomtempo afirmava que o idiotismo, na grande maioria das vezes, era uma doença incurável, mas caso tivesse possibilidade de cura era importante seguir o mesmo tratamento dado aos dementes.

Bomtempo também tratou do histerismo em seu trabalho. Afirmava então que nessa moléstia havia uma grande sensibilidade física e moral por parte da paciente, a diminuição da menstruação e, do mesmo modo que ocorria com a ninfomania, havia uma entrega aos prazeres venéreos. Estavam presentes as leituras voluptuosas e alterações de humor frequentes como possíveis causas do histerismo. Os principais sintomas eram o choro sem qualquer motivo aparente, crises de riso, cor vermelha da face, movimentos convulsivos nos membros como tronco e cabeça, estado de ira repentina e, finalmente, suspensão da respiração e circulação e, conseqüentemente, a morte. O tratamento tinha como escopo a prática do mesmo modo que a moléstia anterior, como os preceitos de higiene por parte da paciente, para que se pudesse evitar que os ataques chegassem a um grau irreversível. Havia também uma observação interessante por parte de Bomtempo, segundo a qual caso o histerismo fosse contraído durante a puberdade, “[...] o modo mais rápido com a qual desaparece semelhante mal, quando é possível celebrar e contrair o matrimônio”²³².

Por fim, podemos concluir que a medicina mental de língua francesa do final do XVIII era bastante influente no Brasil no período investigado por nossa pesquisa, mantendo certa influência durante toda a primeira metade do século XIX. Aqui, essa medicina mental do XVIII se amalgamou ao alienismo pineliano do XIX. Prova disso é a profusão de debates, especialmente a partir da década de 1830, sobre a necessidade de se construir instituições médicas e especializadas para abrigar alienados mentais no além-mar, já que a loucura passara a ser compreendida como uma doença específica e não mais associada a outras doenças, como era comum no séc. XVIII, ainda que as classificações em circulação fossem mais diversificadas.

²³²*Idem, ibidem* .pp 194.

Passamos agora a analisar de que maneira essa diversidade na compreensão do que seria alienação e seus tratamentos se manifestou nas publicações dos periódicos na cidade do Rio de Janeiro.

Capítulo 3. A medicina mental como ciência médica

O processo de constituição do alienismo como primeira doutrina médica a tratar a alienação como doença foi se configurando gradativamente ao longo de um século. Como vimos no capítulo anterior, com as escolas médicas no continente europeu, como as de Leiden, Montpellier, Edimburgo entre outras, pudemos constatar a presença de diferentes teorias quanto à interpretação das doenças em geral e das doenças mentais, como: mecanicismo, vitalismo, iatroquímica, iatromecânica, etc, que circularam no cenário médico no período. Vimos, também, como este discurso foi a partir do século XVIII(tivemos várias versões da medicina que traziam para si as vesanias), foi se constituindo aos poucos ao transformar a loucura em doença que precisava ser tratada e desta forma começou sua tentativa de se consolidar inicialmente através das primeiras reformas nos hospícios europeus até ser colocado em prática no começo do séc. XIX. Pois antes não havia uma conceituação de loucura.

Como método, deixaram de lado o estudo dos clássicos e colocaram em prática a empiria. Consequentemente, para o médico tornava-se importante passar a observar todos os estágios da doença para elaborar um tratamento adequado, o que muitas vezes, como foi analisado, apregoava como necessário isolar o doente da família. Esta medida era importante para que se pudesse ter uma efetividade no tratamento e, portanto, a cura do paciente.

O louco no séc. XIX, de acordo com a interpretação dos médicos então, tornara-se um ser racional – porque humano. Precisava de um tratamento adequado para ter sua razão reestabelecida. Tal perspectiva contribuiu para mudanças no trato da doença e na sua terapêutica, as quais seriam então colocadas em prática. Tal perspectiva, como já foi mencionado, não ficou restrita ao território francês, tendo repercutido em outros países como Inglaterra, Itália e Alemanha e também na América Latina, inclusive no Brasil.

Neste capítulo veremos como os médicos brasileiros na década de 30 do século XIX, época em que a escola médica se constituía como Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, interpretaram o alienismo. E para isso, iremos analisar alguns periódicos médicos, procurando inquirir de que modo à doença mental era vista pelos médicos autores dos artigos publicados nestes periódicos, quais eram seus principais referenciais teóricos, se bebiam somente da fonte dos autores franceses ou se utilizavam outros autores para o estudo das doenças mentais na cidade do Rio de Janeiro.

Por fim, veremos o modo como se deu o processo de luta para a construção de uma instituição de alienados no território brasileiro, começando pelos relatórios da Comissão de Salubridade na década de 30 do século XIX acerca da condição deplorável a que eram submetidos os alienados na Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, passando pelos artigos publicados em periódicos, e chegando na promulgação da lei para a criação do Hospício de Pedro II em 1842. Analisaremos, igualmente, os relatórios enviados pelo médico Antonio José Pereira das Neves (1814-1882), por ocasião de sua estada na Europa para verificar qual o modelo asilar mais adequado para ser utilizado no Hospício de Pedro II no Brasil.

3.1. O alienismo nos periódicos médicos: entre a higiene e a medicinal legal

Com o surgimento dos periódicos médicos no ano de 1827, o alienismo passou a ter um importante veículo para a sua divulgação no Brasil.

Pudemos perceber, ao analisarmos os periódicos, que muitas das vezes os sintomas associados às doenças mentais eram relacionados com outras moléstias, como as febres, a cólera, e com problemas durante o parto, entre outros. Isto é interessante, porque, *a priori*, demonstra que não havia um saber consolidado em relação ao alienismo no Brasil, especialmente quando se considera que os médicos, neste começo de século, não separavam as doenças mentais de outras moléstias. Preferimos, então analisar os artigos separadamente para compreendermos como estava sendo construído o saber médico em relação às moléstias mentais no Brasil. Com o levantamento e análise das fontes nos foi possível entender que a constituição do estudo do alienismo no Brasil foi se consolidando lentamente no campo da medicina.

Afim de demonstrarmos este processo, apresentamos a seguir as aparições do tema nos periódicos médicos do período investigado.

3.1.2 O Propagador das Sciencias Medicas ou Annaes de medicina, Cirurgia, e Pharmacia

Em 1827, na primeira edição de *O Propagador das Sciencias Medicas ou Annaes de Medicina, Cirurgia, e Pharmacia*, editado pelo médico José Francisco Xavier Sigaud e considerado o primeiro periódico médico publicado no Brasil, encontramos um artigo com a temática das doenças mentais, intitulado *Sobre as*

*alucinações dos sentidos*²³³, o qual podemos deduzir ser uma tradução de alguns dos estudos do médico francês Antoine Laurent Jessé Bayle (1799-1858)²³⁴, que haviam sido publicados pela primeira vez no ano de 1822.

Assim, após as obras de Antônio Gonçalves Gomide e José Maria Bomtempo, publicadas respectivamente em 1814 e 1815²³⁵, e após um *gap* de mais de dez anos, este é o próximo trabalho sobre o tema que se tem notícia até o momento, publicado em um periódico médico local. A importância do artigo está principalmente em deixar prova documental de que o alienismo havia entrado e se difundido no país, circulando já na primeira edição do periódico *O Propagador das Sciencias Medicas*, o qual também demarcava a influência da medicina francesa neste processo. Destaca-se, ainda, o fato de que este trabalho não era de Pinel e muito menos de Esquirol, ou seja, podemos perceber que os médicos aqui no Rio de Janeiro estavam bem atentos ao que se produzia mais recentemente no território francês, buscando reproduzi-lo também em âmbito local.

No trabalho, Bayle afirmava que as alienações mentais e, conseqüentemente, as alucinações, eram causadas por lesões nas faculdades mentais e intelectuais, fato este que fazia com que os indivíduos acometidos da moléstia tivessem sintomas associados ao alienismo. Utilizando como base a classificação de Pinel, Bayle afirmava que as principais classificações (em especial a mania com e sem delírio e a melancolia) eram propícias à produção de alucinações, excetuando-se apenas os casos de demência e de idiotismo, visto que nestas doenças não havia a alucinação dos sentidos devido à perda parcial no caso da demência e total para o idiotismo das faculdades mentais e da razão.

Destarte, como o nome do artigo já dizia, Bayle analisava as alucinações nos cinco sentidos: tato, olfato, visão, audição e paladar. Bayle entendia que as alucinações, de um modo geral, estavam associadas aos sentidos. Assim sendo, o autor explicitava primeiro detalhadamente como se dava a alucinação com cada tipo de sentido e quais eram os problemas que acarretavam no paciente. Ao definir como eram os tipos de

²³³ BAYLE, Antoine Laurent. Sobre as allucinações dos sentidos. *O Propagador das Sciencias Medicas*, Rio de Janeiro, tomo 1, anno 1, n.1, 1827, pp.9-39. Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>

²³⁴ Estudou medicina em Paris e foi residente de Antoine-Athanase Royer Collard (1768-1825) no asilo Charenton. Foi professor associado da Faculdade de Medicina de Paris. Para mais informações ver: FIGUEIREDO, Gabriel. Crime e loucura - o aparecimento do manicômio judiciário na passagem do século. *Revista de Antropologia* São Paulo, v. 41, n. 2, 1998, pp. 227-233.

²³⁵ GOMIDE, Antônio Gonçalves. *Impugnação analítica do exame feito pelos clínicos Antonio Pedro de Sousa e Manuel Quintão da Silva em huma rapariga que julgaram santa na Capela de Nossa Senhora da Piedade da Serra, próxima à Vila Nova da Rainha do Caeté*. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1814.

alucinações, ele também exemplificava cada caso, mostrando inclusive alguns sintomas específicos para determinado tipo de alucinação. Finalmente, destacava as que eram mais comuns nos alienados, as alucinações da visão e as da audição.

Bayle definia a alucinação da audição da seguinte maneira: “estas ilusões são tão variadas quanto às afecções morais que as fazem nascer e os objetos que a elas se referem”²³⁶. Neste caso, o alienado ouvia vozes que lhe davam ordens e conselhos, e também em alguns casos, estas vozes podiam não ser estranhas, mas serem semelhantes com as vozes de parentes ou de pessoas conhecidas, o que fazia com que o indivíduo pudesse ficar ainda mais confuso, pois não seria capaz de discernir se aquilo que ouvia era real ou não. Nas pessoas em que houvesse predominância de sentimentos ligados à tristeza, podia haver, de acordo com Bayle, um maior número de alucinações ligadas à audição, pelo simples fato de que ao ser acometido por estes sentimentos tristes, as vozes se “apresenta ao infeliz que as sofre, as mais penosas ideias”²³⁷.

Em relação à alucinação da visão, os indivíduos julgavam estarem corretos ao verem coisas que na realidade não existiam, “uns julgam reconhecer seus parentes, seus conhecidos, seus amigos nas pessoas que estão em torno deles”²³⁸. Em outros casos, a pessoa via objetos em sua casa que nunca existiram. Sobre este tipo específico de alienação, Bayle nos apresentava o seguinte caso:

Um antigo empregado que de resto não delirava sobre algum objeto, era todos os dias a uma certa hora, atormentado por uma visão singular. De repente ele percebia uma aranha suspendida em um fio no seu quarto. Via crescer progressivamente diante de seus olhos, e finalmente encher todo o seu quarto, a qual era obrigado a sair, a fim de não ser sufocado por este horrível e gigantesco animal. Reconhecia que sua vista o enganava, mas não podia resistir a esta ilusão, nem tão pouco vencer o espanto que ela lhe inspirava²³⁹.

Ainda que fosse apto a perceber que aquilo que via não era real, o homem, mesmo assim, não era capaz de desvencilhar-se da sua visão, sendo este um sintoma comum para este tipo de alienação. A pessoa era totalmente capacitada a distinguir o certo do errado, mas mesmo assim, a visão continuava em sua cabeça. Além disto, poderia ver também objetos, animais estranhos, anjos lhe outorgando tarefas e, até mesmo, Deus.

²³⁶ BAYLE, Antoine Laurent. Sobre as allucinações dos sentidos p.18.

²³⁷ *Idem, ibidem.* p.19.

²³⁸ *Idem, ibidem.* p.12.

²³⁹ *Idem, ibidem.* p.13.

Estas visões podiam, inclusive, fazer com que a pessoa não conseguisse distinguir mais o que era real do que era imaginário. Diante desse cenário, caso a voz lhe ordenasse a cometer um assassinato, muito provavelmente esta pessoa o cometeria em virtude de obedecer à ordem que lhe fora enviada.

No número subsequente, temos outro artigo de Bayle traduzido, e intitulado *Nova Doutrina das Doenças Mentais*²⁴⁰, cujo escopo era a análise da concepção sobre doenças mentais. No artigo, o autor começava analisando o conceito de doença mental em Hipócrates (460-370), o médico grego que definira a moléstia mental como a presença de um espírito maligno no corpo da pessoa. Assim sendo, ele iniciava seu artigo afirmando o seguinte:

A inteligência e a razão são tão frágeis e de tão numerosas causas que podem ofendê-las que não é de admirar, que a alienação mental tenha se manifestado em todos os tempos, em todos os países, e que a sua origem, de alguma maneira, seja tão antiga quanto à própria espécie humana. A história dos povos mais remotos nos fornece muitos exemplos desta funesta moléstia, que muitas vezes se achava perdida em uma mitologia, por causa dos fenômenos singulares e extraordinários que apresenta durante o seu curso. Uma moléstia que priva o homem das suas mais nobres prerrogativas, que o torna tão frequentemente nocivo aos seus semelhantes e a si mesmo, que é incapaz de viver em sociedade²⁴¹.

Desta afirmação podemos retirar a definição essencial de moléstia mental para Bayle, segundo a qual doença mental seria aquele fenômeno que despojava o homem dos seus direitos mais racionais, por causa de seu comportamento muitas vezes ignominioso, levando-o, inclusive, a ser inapto de viver em sociedade. Ou seja, a doença mental cercearia o que havia de mais nobre nos homens, que seria o direito de liberdade, pois para tratar estes doentes era necessário trancafiá-los em lugares especializados para que os alienistas, mediante um tratamento adequado, fossem capazes de possibilitar que o paciente reestabelecesse seus mais nobres direitos.

Neste artigo, Bayle estudou as moléstias mentais partindo da análise dos trabalhos de médicos antigos como o caso de Galeno, até os estudos mais contemporâneos acerca das moléstias mentais. De acordo com sua análise, o conhecimento sobre a loucura teria se modificado consideravelmente desde o momento em que era tratado como assunto ligado aos humores, passando pela relação com as

²⁴⁰ BAYLE, Antoine Laurent. Nova doutrina das moléstias mentais: Opiniões dos autores sobre a natureza destas moléstias. Artigo traduzido da Revista Médica de Paris. *O Propagador das Ciências Médicas*, Rio de Janeiro, 1º ano, tomo segundo, n.V, 1827, pp. 125-139.

²⁴¹ *Idem, ibidem.* p.125.

possessões durante o período da Idade Média até o século XVIII, e finalizando no séc. XIX quando a loucura passou a ser tratada como doença, a qual precisava de um tratamento adequado para que pudesse ser curada. O interessante neste trabalho de Bayle foi mostrar como a percepção de moléstia mental modificou-se ao longo dos séculos até chegar ao alienismo, em fins do XVIII e começo do XIX.

Para o médico e filósofo romano Galeno (129-217), citado no artigo de Bayle, a definição da alienação mental estava atravessada pela teoria humoral. Sendo assim, Galeno associava o temperamento do indivíduo a algum elemento da terra, apresentando, então, a seguinte classificação:

TABELA V

Temperamento	Elemento	Humor
Melancólico	Terra	Bile negra
Sanguíneo (maníaco)	Ar	Sangue
Colérico	Fogo	Bile amarela
Fleumático	Água	Fleuma

Fonte: STONE, Michael H. *A Cura da mente. A História da Psiquiatria da Antiguidade ao presente*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul-Sul/Biomed, 1999. pp.30-31.

Além de Galeno, Bayle faz também a referência aos trabalhos de Alexandre de Tralles (525-605) que “vogou por algumas modificações”²⁴² em relação ao trabalho de Galeno, ao associar a melancolia a prováveis impulsos suicidas. O estudo de Bayle apresentava, igualmente, a análise de trabalhos de algumas escolas médicas europeias, principalmente as de Montpellier e Paris. Mencionou, também, os trabalhos de Gerard van Swieten (1700-1772) e de Herman Boehave (1668-1738), pertencentes à escola de Leiden, e que “fizeram longas dissertações sobre a propriedade da pituita viscosa”²⁴³.

Na referência a estes autores podemos perceber a incessante busca de Bayle para relacionar a maneira como as doenças mentais afetavam a população na Europa, atentando-se principalmente aos sintomas da doença. Neste segundo artigo, o autor demonstra através dos trabalhos dos médicos anteriores a ele para demonstra como este saber em torno das moléstias mentais foi sendo construído ao longo anos até chegar as teorias a respeito da compreensão alienista em fins do século XVIII e começo do XIX. Sobre o trabalho de Phillipe Pinel, Bayle afirma o seguinte:

²⁴² *Idem, ibidem*. p.127.

²⁴³ *Idem, ibidem*. p.127.

M. Pinel chega mesmo a dizer que faria má escolha, quem tomasse a alienação mental para objeto particular de suas indagações, entregando-se a discussões vagas sobre a sede do entendimento, e a natureza de suas diversas lesões; por isso que nada existe mais [...] impenetrável. Porém, aquele, que, contendo-se em limites espaçosos, se aplicará ao estudo de seus caracteres distintivos que se manifestam por sinais exteriores e não adotará por princípio de tratamento, senão os resultados de uma experiência esclarecida²⁴⁴.

Em relação ao trabalho de Esquirol, Bayle diz:

Assim M. J Esquirol pensa que esta afecção depende muitas vezes de uma lesão nas forças vitais do cérebro, e em certas ocasiões de um transtorno nos focos de sensibilidade situados nas diversas regiões do corpo²⁴⁵.

Com isso percebemos que Bayle estava atento ao que se tinha produzido até então a respeito da alienação, fazendo um mapeamento bem minucioso a respeito dos autores e de suas principais teorias. No final do artigo, ao tratar da associação do cérebro com as alienações mentais, o autor conclui:

Qual será pois a razão por que estes autores tão justamente célebres, não contemplaram jamais a inflamação crônica das meninges como a causa da loucura ? Parece-nos que se poderiam dar três razões desta singularidade. A primeira é que sendo o cérebro o instrumento das faculdades intelectuais, nada era mais natural do que buscar no mesmo órgão a causa dos desarranjos das funções respectivas. A segunda nasce de que a maior parte dos autores, que acabamos de citar, não tinha observado um número suficiente de doentes, para poderem elevar a uma doutrina geral, e além disto estavam preocupados pela ideia, de que a causa da loucura devia ser uma única alteração do cérebro; porém a principal razão do facto que nós buscamos explicar, consiste em que nenhum dos excelentes observadores, por nos citados, parece ter seguido no estudo desta moléstia, aquela marcha, que pode só conduzir a resultados positivos, qual é a de recolher com muito cuidado e com os mais circunstanciados detalhes grande numero de historias individuais sobre a alienação mental, de submeter cada uma em particular a uma discussão profunda, e de juntar ao depois aquelas que apresentam maior analogia, a fim de que esclareçam assim umas as outras, e possam passando de fato em fato, conduzir-nos a uma doutrina geral²⁴⁶.

Percebe-se desta maneira que, mesmo que não se possa afirmar que este artigo ao ter sido traduzido por José Francisco Xavier Sigaud, pode-se com ele demonstrar como os médicos brasileiros estavam atentos ao que se produzia no exterior no que

²⁴⁴ *Idem, ibidem.* p.130.

²⁴⁵ *Idem, ibidem.* p.131.

²⁴⁶ *Idem, ibidem.* p.133-4.

tange ao estudo das alienações mentais, interessante notar ainda que estes dois primeiros artigos publicados no primeiro periódico médico do Brasil são de um autor que como demonstramos teve inúmeras críticas ao seu trabalho em um tempo no qual o predomínio da doutrina alienista era latente no continente europeu.

3.1.3 Semanario de Saude Publica

A seguir, analisamos o periódico o *Semanario de Saude Publica*, publicado pela Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro entre 1831 e 1833, no qual encontramos a primeira referência a um caso de alienação tratado por um médico brasileiro. Tratava-se de um artigo escrito por José Martins da Cruz Jobim²⁴⁷, no qual relatava um caso de melancolia de um cirurgião português presenciado por ele na Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. O referido cirurgião português tinha uma vida normal, de acordo com Jobim, até que um dia:

Tendo tido uma disputa com um sujeito, e este o ameaçou revelar certas particularidades da sua vida, o que afligindo-o, desceu ele a Câmara, e ali acometido de grande melancolia pela sua posição desgraçada, resolveu tentar contra sua própria existência. Dissolveu em meio copo de água uma oitava de sublimado corrosivo que se achou na botica do navio, e engolindo toda essa porção de veneno.²⁴⁸

Jobim afirmou que, após ingerir o líquido, o indivíduo desmaiou, tendo sido encontrado uma hora depois quando, arrependido de sua atitude, teria pedido que lhe dessem claras de ovos dissolvidas em água. Posteriormente este indivíduo teria sido levado ao hospital. No dia seguinte, de acordo com Jobim, o paciente apresentava “fisionomia um pouco incendiada e inquieta [...] desfalecimentos e suores frios”²⁴⁹.

Neste relato podemos perceber a presença de uma característica comum a muitos melancólicos, igualmente observada por Pinel e Esquirol, que era a propensão ao suicídio devido ao desespero em que se encontravam, corroborando assim a ideia de que o desespero era somente um dos ingredientes para a tentativa do suicídio.

²⁴⁷ Para mais informações sobre o médico José Martins da Cruz Jobim, ver anexo I. p. 160-163.

²⁴⁸ JOBIM, José Martins da Cruz. Invenenamento pela sublimado corrosivo. *Semanario de Saude Publica*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 59, 11 de fevereiro de 1832, pp.275-276. p. 275.

²⁴⁹ *Idem, ibidem*. p. 275-6.

[...] a tristeza impetuosa e inesperada, o amor traído, a ambição não alcançada, a honra comprometida, a perda da fortuna, entre outros fatores, perturbavam a razão e privavam o homem de qualquer reflexão. Quando a razão não fosse subjugada, as capacidades de ponderar e raciocinar não corresponderiam mais ao esperado, o homem seria acometido por um delírio agudo e suicidar-se-ia²⁵⁰.

Como tratamento para o caso relatado, Jobim recomendava sangrias e claras de ovos desfeitas em água (era utilizada popularmente como protetor de mucosa – servia para diminuir a queimação por causa do veneno, provavelmente). Lembrando que nesse caso a alienação vem em um segundo plano, visto que a principal meta era combater o envenenamento ocasionado por causa do veneno.

Em relação ao uso de sangrias e apesar dos avanços do conhecimento científico à época e da prescrição do tratamento moral para os melancólicos com propensões suicidas, a medicina ainda fazia uso de sangrias, para o tratamento de doenças mentais como podemos verificar a seguir:

Apesar das críticas que a sangria havia recebido por parte de Pinel, este afirmava: “estou muito distante de proibir o uso da sangria, e somente me declaro contra seu abuso”. Esta ideia, contida no *Tratado Médico-Filosófico da Alienação Mental ou Mania*, havia surgido ao observar que depois da cura dos doentes ele os encontrava em um estado de grande debilidade de idiotismo, que não traziam outro resultado, na maioria das vezes segundo Pinel, que desgastar as forças vitais e favorecer a passagem da enfermidade para demência. A sangria era indicada para os estados em que se havia: iluminação do rosto com olhos arregalados e loquacidade excessiva, características da proximidade de um paroxismo de mania, e se abstinha de realizá-las durante seu curso; assim mesmo as prescrevia em: “os acessos de mania periódica regular, e na mania contínua e antiga, e na perda de conhecimento complica com a mania, em espécies de alienação muito rebeldes e as que acompanham muitas vezes sintomas gravíssimos, ou melhor dizendo, quase sempre mortais, e estava contra o seu uso nos estados melancólicos simples ou complicados com hipocondria porque sua característica distintiva era o abatimento. Pinel utilizava as evacuações sanguíneas gerais, sanguessugas locais ou por ventosas escarificadas. Esquirol, no seu *Tratado de Enfermedades Mentales* (1858), mostrou que ao descobrir-se a circulação sanguínea se acreditava ter encontrado a origem e o tratamento das enfermidades. Nos seus alienados isto não foi a exceção pois, com a intenção de curá-los, os sangrava ate que terminavam em um estado de demência profunda. As indicações dentro dos hospícios da Francia para este procedimento eram estados com “sangue quente e abundante”, que devia ser evacuada e refrescada. Por tal motivo, os enfermos sangravam, mesmo estando amarrados os pés e as mãos e um tanque de agua fria. Esquirol, do mesmo modo que Pinel, se pronunciava

²⁵⁰ LOPES, Fabio Henrique. *Suicídio e saber médico: estratégias históricas de domínio, controle e intervenção no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008. p.123.

contra de seu abuso, que era algumas vezes tão grande, e referindo-se ter cuidado com alienado que havia sangrado treze vezes em 48 horas.

²⁵¹

Ou seja, podemos perceber que apesar das críticas realizadas por Pinel em relação a sangria, esta muitas vezes era considerada necessária para o combate de alienações mentais. E como o artigo aponta, Jobim continuava indicando as sangrias, principalmente na região epigástrica, para aliviar as dores abdominais sentidas pelo paciente. Interessante notar que o médico brasileiro focava principalmente em medidas para diminuir os efeitos causados pelo envenenamento ao paciente. Ainda segundo o relato, embora o estado do paciente piorasse gradativamente, apresentando uma “fisionomia decomposta e ansiedade”²⁵², Jobim manteve a mesma prescrição citada acima; e o homem arrefeceu e acabou falecendo. Ao longo do artigo é possível perceber que para Jobim a morte não era apenas decorrente da corrosão química advinda da ingestão de um veneno, mas da própria melancolia, que teria feito o paciente adotar uma atitude extrema para dar fim a sua vida. Apesar do tratamento dado pelo médico brasileiro estar focado na tentativa de diminuir os efeitos do envenenamento para salvar a vida do paciente, enquanto causa para o seu sofrimento atribuía-se a alienação, já que teria sido sob efeito da melancolia que o rapaz havia tentado por cabo em sua vida. Desse modo, surge ao longo da sua descrição, traços psicológicos, como a ansiedade.

Importante lembrar que, para Pinel, somente o tratamento moral possuía eficácia na cura dos alienados. Vamos analisar agora outro trabalho que é utilizado o magnetismo animal, ou seja, haviam outras técnicas de tratamento, ainda que devessem ser feitas por médicos experientes:

Antes de tratar o enfermo, o médico prudente e instruído, deve precaucionar-se contra o risco de lhe ser nocivo, e logo que todas as pessoas que empregam o magnetismo viram que produzia efeitos desastrosos. A melancolia, a alienação mental não raras vezes resultaram da sua aplicação. Que tamanha responsabilidade recebe o imprudente magnetizador, que não teme perturbar o espírito de um sonâmbulo e de envenenar toda sua existência enfraquecendo suas

²⁵¹ VIESCA, Ma. Blanca Ramos de; CRUZALTA, Andrés Aranda; DULTIZIN, Benjamín; VIESCA, Carlos T. La sangría como recurso terapéutico en las enfermedades mentales en el México del siglo XIX *Salud Mental*, vol. 25, núm. 6, diciembre, 2002, pp. 53-58. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=58262507>. Acesso em 12 de julho de 2016.

²⁵² JOBIM. Invenenamento pelo sublimado corrosivo. *op.cit.* pp.275-276.

faculdades físicas e morais. [...] e sendo a autoridade informada de tão fatais resultados, deverá proibir a sua repetição²⁵³.

Percebe-se na citação acima o que se entendia que a perturbação do espírito do paciente podia ocasionar as alienações mentais, ao enfraquecer suas faculdades físicas e morais levando, conseqüentemente, à alienação do paciente. Desta maneira, o autor alertava para os riscos que podiam ocorrer caso os médicos realizassem tratamentos utilizando o magnetismo animal, já que qualquer falha poderia lesionar ou prejudicar as faculdades morais do indivíduo, levando-o, desta maneira, a um estado melancólico. Alertava-se, também, para o perigo que a o magnetismo representava não só para o paciente, mas também para a sua família e para a sociedade em geral. Assim, ao ser hipnotizado pelo médico, o paciente, muitas vezes em estado de sonambúlico, poderia concordar com quaisquer ordens que lhe fossem feitas, e aí então estaria o perigo no qual nos referimos anteriormente.

O autor, afirmava, ainda que de maneira implícita, que o melhor modo de tratar as doenças, fossem elas quais fossem, deveria embasar-se principalmente na terapêutica apregoada pelos alienistas, ou seja, na nosografia filosófica pineliana, imensamente divulgada e utilizada pela medicina do fim do séc. XVIII e começo do XIX.

Portanto, percebemos nestes trabalhos que a relação do alienismo com outras moléstias era algo muitas vezes recorrente e que para o tratamento destas eram utilizadas as mais variadas terapias.

3.1.4 Diário de Saude ou Ephemerides das Sciencias Medicas e Naturaes do Brazil

Na primeira edição do *Diario de Saude ou Ephemerides des Sciencias Medicas e Naturaes do Brazil*, editado pelos médicos José Francisco Xavier Sigaud, Francisco de Paula Cândido (1804-1864) e pelo cirurgião Francisco Crispiniano Valdetaro (1805-1862)²⁵⁴, temos a publicação de um estudo de José Francisco Xavier Sigaud acerca do transito dos doidos na cidade do Rio de Janeiro. Importa lembrar que na época ainda não havia uma instituição especializada para o tratamento de alienados no território brasileiro.

²⁵³ Relatório do Sr Cuissart sobre a Memoria do Sr Gamard acerca do Magnetismo animal: lido na Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro em 6 de outubro de 1832. *Semanario de Saude Publica*, Rio de Janeiro, ano 2, n.126, nov. 1832, pp. 441-448. p.447.

²⁵⁴ Para mais informações sobre os médicos consultar anexo I p. 160-163.

O médico chegava a afirmar que: “Em primeira linha poremos a residência de doidos em casas particulares, no seio de suas famílias; seu livre trânsito pelas ruas da cidade; e finalmente sua fatal reclusão no hospital da misericórdia”²⁵⁵.

Conforme mencionado acima, a Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro necessitava de reforma para ter condições de receber estes alienados, como afirmava Sigaud: “se existe classe, que mereça uma vigilância esclarecida benévola, e ativa, é a dos doidos”²⁵⁶, pois estes “vivem pela maior parte isolados em quartos fechados, vigiados, alimentados e tratados, principalmente quando são atacados de monomania e com delírio, ou idiotas [...]”²⁵⁷.

Em seguida o médico chegou a criticar a Câmara pela sua ineficiência no trato do assunto, afirmando, inclusive, que caso os membros precisassem de exemplos para tomar alguma providência, bastava apenas passar pela Rua do Ouvidor para encontrar os alienados. Sigaud afirmava então que este espetáculo, denominado por ele de “ridículo e hediondo”, não fazia bem à sociedade. Aqui vemos os loucos sendo apresentados como um problema de saúde pública e higiene:

A eleição da higiene como campo de diálogo entre a medicina e a sociedade e campo privilegiado de produção científica possibilita a compreensão do modo como determinadas doenças foram alçadas a condição de problemas de relevância social (...) ²⁵⁸.

Desta maneira, a presença dos loucos soltos incomodava “a moral pública com sua presença nas ruas”,²⁵⁹ inclusive com o risco de que algum habitante pudesse ser machucado por esta pessoa ao transitar pelas ruas da capital fluminense. O médico destacava, ainda, a necessidade do tratamento dado aos maníacos e a separação dos doentes em alas específicas de acordo com a sua enfermidade:

[...] O tratamento dos maníacos no hospital da Misericórdia é uma obra de misericórdia, e nós reclamamos uma obra de filantropia. Ha entre estes tais atos da caridade uma linha de demarcação bem pronunciada. No hospital da Misericórdia, o pequeno recinto

²⁵⁵ SIGAUD, Joseph François. Reflexão acerca do transito livre dos doidos pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro. *Diario de Saude ou Ephemerides des Sciencias medicas e naturaes do Brazil* Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, v.1, abr.1835, pp.6-8. p.6.

²⁵⁶ *Idem, ibidem.* p.6.

²⁵⁷ *Idem, ibidem.* p. 6.

²⁵⁸ FERREIRA. Os periódicos médicos e a invenção de uma agenda sanitária para o Brasil (1827-1843). *op. cit.*, p.331.

²⁵⁹ SIGAUD. Reflexão acerca do transito livre dos doidos pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro. *op.cit.* p. 7.

destinado para os doidos obsta que se os possa classificar segundo a natureza da loucura, e, entretanto todos sabem que para obter-se bons resultados do curativo, é circunstância muito favorável, o isolamento e a separação dos idiotas, dos furiosos, dos melancólicos, dos convulsionários²⁶⁰.

Recorrendo novamente aos preceitos alienistas, Sigaud afirmava que um lugar em que os alienados estivessem separados seria proveitoso não somente para os médicos, mas também para os doentes, pelo simples fato de que “quanto melhores estudadas as moléstias, mais conhecidas ficam, e por conseguinte com mais habilidade são tratadas”²⁶¹.

Portanto, compreendemos que, ainda que a Santa Casa fosse o único local disponível para o tratamento de alienados, visto que o Hospício de Pedro II seria inaugurado quase 20 anos depois, seria necessária a realização de reformas neste espaço para que a terapêutica divulgada pelos alienistas, e também no discurso de Sigaud, pudesse obter algum êxito. Neste discurso percebia-se também o começo de uma luta no Brasil para a criação de uma instituição especializada para os alienados.

Na seção de Variedades e Notícias Médicas da edição posterior deste periódico temos a notícia de uma matéria do médico francês Joseph Henri Réveillé Parise (1782-1852) sobre a melancolia dos homens ilustres, traduzida por Sigaud, e na qual se associava a genialidade de homens considerados ilustres na ciência à melancolia:

a maior parte dos homens célebres são atacados pela melancolia diz Aristóteles [...] se estudarmos como filósofo e como médico a vida íntima de poetas, sábios, artistas [...] teremos a convicção de verdade em Aristóteles”²⁶².

Mais adiante, neste trabalho sobre a melancolia dos ilustres, o autor afirmava que “o grau de melancolia, desgosto, e aborrecimento da vida não é sempre o mesmo; porém a moléstia existe e denota pelos caracteres que lhe são próprios”²⁶³. Adiante, ao referir-se à melancolia de Swannerman afirmou que “a melancolia de Swannerman chegou ao ponto de queimar ele por sua própria mão sua obra, [...] dizendo que era sacrilégio divulgar os segredos de Deus”²⁶⁴.

²⁶⁰ *Idem, ibidem.* p. 8.

²⁶¹ *Idem, ibidem.* p. 8.

²⁶² Melancolia dos homens ilustres. *Diario de Saude ou Ephemerides des Sciencias medicas e naturaes do Brazil*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, v.1, abr.1835, p.16.

²⁶³ *Idem, ibidem.* p. 16.

²⁶⁴ *Idem, ibidem.* p. 16.

Interessante notar que, para o autor, a melancolia era uma doença comum em relação às pessoas que eram consideradas ilustres no campo das ciências, e que existia uma característica comum a todos os casos apresentados que era a grande angústia no que tangia aos seus trabalhos publicados. Alguns dos ilustres apresentados pelo autor sentiram-se muitas vezes traído a Deus, com medo da danação eterna pela divulgação dos seus trabalhos. O artigo apresentava alguns casos de melancolia, mas não propunha nenhum tratamento para a doença.

O banzo também foi delineado como uma moléstia mental associada à nostalgia sofrida pelos negros ao serem expatriados. Desta maneira, os negros quando desembarcavam em terras brasileiras sofriam e muitas vezes eram envolvidos por uma tristeza profunda. Luiz Antonio de Oliveira Mendes (1750-1817), natural da Bahia e formado em Leis pela Universidade de Coimbra, em seu artigo no *Diario de Saude*, definiu o banzo da seguinte maneira:

Uma e das principais moléstias crônicas que sofrem os pretos escravos a qual pelo decurso do tempo os leva a sepultura vem a ser o banzo. O banzo é um ressentimento estranhado por qualquer princípio, como por exemplo, a saudade dos seus e de sua pátria, o amor devido a alguém, a ingratião e a aleivosia que outro lhe fizera, a cogitação profunda sobre a perda de liberdade, a meditação continuada com aspereza do que os tratam, o mesmo mau trato que o suportam, e tudo aquilo que pode melancolizar²⁶⁵.

Muitas vezes, os negros também recusavam qualquer tipo de alimento do mesmo modo que os melancólicos. Segundo o artigo, o banzo poderia ser um sintoma da melancolia que estes negros sofriam ao desembarcarem no Brasil, e que o tratamento adequado seria fazer com que o negro pudesse se sentir em casa para assim diminuir um pouco a saudade que ele sentia.²⁶⁶ Outro fator importante seria alimentar o paciente,

²⁶⁵ Da enfermidade dos pretos chamada banzo. *Diario de Saude ou Ephemerides des Sciencias medicas e naturaes do Brazil*, Rio de Janeiro, ano 1, n.10, v.1, jun.1835, pp.74-75. p.74.

²⁶⁶ De acordo com Oda: “Em fins do século XVIII, encontrava-se já bem estabelecida a associação entre escravidão e melancolia; o estado melancólico parecia exemplificar com perfeição o caráter passional dos africanos [...] quando, em 1793, o ilustrado luso-brasileiro Luiz Antonio de Oliveira Mendes (1750-1817?) escreveu sobre a enfermidade chamada de banzo, parecia estar falando de algo conhecido por seus leitores por este mesmo nome; e quando dizia que os africanos cativos sofriam de saudades dos seus e de sua pátria [...] Em linhas gerais, Sigaud considerava o banzo (usou este nome) como uma enfermidade mental, uma variante da nostalgia-melancolia, desencadeada por causas morais, tais como as saudades da África ou o ressentimento por castigos injustos”. Para mais informações sobre o banzo ver: ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Escravidão e Nostalgia no Brasil: O banzo. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 735-761, dezembro 2008. Da mesma autora ver também: ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. O banzo e outros males: o páthos dos negros escravos na Memória de Oliveira Mendes. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 346-61, jun. 2007. Ainda sobre o banzo ver também: DUARTE, Orlando Sattamini.

pois muitas vezes um dos sintomas era a recusa de alimentos, e em alguns casos tínhamos a prática da geofagia, ou seja, o hábito de ingerir terra, areia ou qualquer outra substância.

O tema da melancolia e suas variantes continuava a resultar em novos artigos. Em uma matéria publicada na seção Variedades e Notícias Médicas do *Diario de Saude*, Sigaud tratou da melancolia, mas, diferente do artigo anterior em que somente haviam sido apresentados casos de melancólicos famosos, neste enfatizava o modo como se devia tratá-la, ressaltando principalmente o tratamento moral.

Um das principais características da terapêutica do alienismo eram as tentativas feitas pelos médicos para que o paciente voltasse a ter um pensamento racional, o que, segundo Sigaud, na maioria das vezes mostrava-se bastante eficaz: “comunicações afetuosas com certos alienados começam e acabam algumas vezes sua cura de uma maneira efficacíssima”²⁶⁷.

O tratamento moral, assim como o pressuposto de que todas as pessoas são seres dotados de razão e precisam que esta seja reestabelecida, como dissera primeiramente Pinel, são retomados por Sigaud em seu trabalho, em que afirma também, do mesmo modo que o alienista francês, a importância da alimentação para os melancólicos durante tal tratamento:

Os prolongados jejuns a que certos melancólicos se entregam, aumentam algumas vezes a força de suas ilusões, e do desígnio que eles tem formado de se deixar morrer de fome. Esta circunstância é uma daqueles que se emprega, ordinariamente, em vão os recursos ainda os mais engenhosos do tratamento moral, e tudo que pode inventar. [...] Hum mancebo visionário que se achava em uma dessas circunstâncias, estava a ponto de sucumbir a um jejum que durava dez dias, durante os quais tinha bebido somente água fria e que ele fazia com certa avidez. O guarda, que até então havia tentado toda a espécie de meios para forçar este melancólico a comer, declara-lhe que o vai privar para sempre de sua bebida a água fria, e que lhe não dará senão depois de beber um caldo de carne que ali deixava. [...] de tarde consente em tomar uma nova dose de caldo ; e dai por diante torna-se tanto mais dócil, quanto o jejum exalta menos sua visão; passou depois gradualmente do uso do caldo ao de arroz, e de muitos outros alimentos sólidos²⁶⁸.

Contribuição ao estudo clínico histórico do banzo. Revista Fluminense de Medicina, Niterói, v. 16, n. 3, p. 61-88, 1951. Outro texto importante para se compreender o banzo ver: OLIVEIRA MENDES, Luiz Antonio de. Memória a respeito dos escravos e tráfico da escravidão entre a costa d'África e o Brasil (1812). Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 362-76, jun. 2007.

²⁶⁷ SIGAUD, Joseph François. Do emprego dos meios morais para curar os loucos melancólicos. *Diário de saúde*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 45, v.1, 20 fev. 1836, pp.359-360.

²⁶⁸ *Idem, ibidem*. p. 359.

Posteriormente, Sigaud, mostrou-se atento às reformas feitas em fins do século XVIII e começo do XIX, que ele chamou de “modernas”, quando também apontou que essas teriam sido efetivadas nos hospícios europeus em relação ao tratamento dos alienados. O médico destacou principalmente os trabalhos realizados na Inglaterra através de “Willis²⁶⁹, Towler²⁷⁰ e Haslam²⁷¹; e na França, através de Duquemar, Pouthion²⁷² e Pussin [...] tem provado que uma benevolência animosa e constante, e uma filantropia esclarecida eram indispensáveis no tratamento dos alienados”²⁷³.

Antes destas reformas, que foram efetivadas nos hospícios europeus em fins do séc. XVIII e começo do XIX, para Sigaud “os loucos eram tratados na maior parte dos hospícios, como se acaso se não tivesse tido outro fim, que o de acelerar o termo de uma existência muito deplorável para se dever conservar”²⁷⁴. Deste modo, podemos perceber a presença do alienismo através da adoção de uma terapêutica que se propõe como efetiva, visando um tratamento moral associado à filantropia, como referido por Sigaud. Destaca-se, também, como já foi dito anteriormente, a relevância de praticar estes atos com o objetivo de restituir os indivíduos à razão.

Por fim, o médico de origem francesa, fez uma menção a Pinel para em seguida voltar-se especificamente para o caso brasileiro, os loucos da Santa Casa da Misericórdia, criticando a omissão de seus colegas de profissão:

²⁶⁹ Thomas Willis (1621-1675). foi um anatomista e neurologista e descreveu o Polígono de Willis, a paralisia geral (Sífilis) e a miastenia. Descreveu ainda alguns casos de jovens que na puberdade entravam em "estupidez", estado clínico que correspondia ou que veio ser designado por esquizofrenia. Para mais informações ver: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/ThomaWil.html> .

²⁷⁰ Muito provavelmente refere-se ao médico inglês Thomas Fowler (? - 1801). Não foram encontradas mais informações a respeito.

²⁷¹ John Haslam. (1764-1844) “Suas publicações e promoção de algumas doutrinas de direção moral ajudaram a assegurar que a reputação de Haslam como especialista em doença mental continuasse elevada, especialmente no continente onde seus livros tiveram grande tiragem. Philippe Pinel (1745 – 1826) repetidamente fez referência ao trabalho de Haslam em sua obra “Treatise on Mental Alienation” (1801), e Haslam retornou o elogio em sua própria segunda edição. A ênfase de Haslam na supervisão via suavidade e gentileza, e via autoridade moral do médico-louco, concorda fortemente com Pinel e a nova geração dos profissionais de hospício, começando a adotar meios morais (mais do que médicos) de tratamento do insano.”. IN: Oxford Dictionary of National Biography. Disponível em: <http://www.oxforddnb.com/view/article/12548>. Acesso em doze de julho de 2016.

²⁷² Foi encontrada uma referência a um Father Pouthion of Monosque, entretanto, não sabemos se se trata de uma pessoa. Para mais informações ver: WEINER, Dora. B. Phillipe Pinel linguist: his work as translator and editor. Gesraerus 42 (1985) 499-509. Disponível em: <http://www.e-periodica.ch/>. Acesso 12 de julho de 2016. Para mais informações ver também: ROUSSEAU, G.S. The Languages of Psyche: Mind and Body in Enlightenment Thought. Berkeley: University of California Press. 1990. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/264721254/Languages-of-Psyche> . Acesso 12 de julho de 2016.

²⁷³ SIGAUD, Do emprego dos meios morais para curar os loucos melancólicos. *op.cit* pp. 359-60.

²⁷⁴ *Idem, ibidem*. pp. 359-60.

Temos referido os casos e recomendações do célebre Pinel, para lembrar aos nossos colegas que visitam os doidos da Santa Casa da Misericórdia, quanto útil seria uma reforma das moradas, meios higiênicos e curativos dos enfermos de alienação mental, que ali se acham depositados, reforma que eles pensão também ser útil, urgente, e obra de humanidade, porem que ninguém empreende pela triste influência do hábito²⁷⁵.

Portanto, neste texto percebemos o quão importante era ainda a obra de Pinel em terras brasileiras. Mesmo após a sua morte, ocorrida em 1826, as referências pinelianas, assim como o alienismo ainda era, na década de 30 do XIX, a terapêutica considerada mais eficaz para o tratamento dos alienados abrigados na Santa Casa.

O suicídio apareceu em outra matéria do *Diario de Saude*, na qual se apresentou uma relação entre a febre imitativa e a monomania homicida²⁷⁶, que gerava a alienação mental do paciente. O autor começou discorrendo sobre antigos casos desta doença, como, por exemplo, a de um amigo de Santo Agostinho que fora acometido por este mal, quando se associara o modo como a febre imitativa influenciava no comportamento monomaniaco do paciente ou não. Ao longo do artigo, o autor apresentou vários exemplos que associavam a febre a um estado de alienação mental, que levaria a pessoa a cometer crimes.

Posteriormente, em uma matéria sobre a febre imitativa, traduzida de um periódico de Bruxelas, tratavam de uma “alienação mental que algumas mulheres não podem presenciar sem serem atacadas do mesmo mal, eu recordarei somente alguns exemplos da monomania homicida [...]”²⁷⁷.

Percebe-se aqui a presença de uma das classificações de Esquirol no que se referia à compreensão das alienações mentais. Como já foi visto, a monomania homicida gerou inúmeros debates no campo das ciências na França, principalmente entre psicólogos e juristas, com relação à responsabilidade da pessoa por seus atos,

²⁷⁵ *Idem, ibidem.* pp. 359-60.

²⁷⁶ De acordo com Brisset (2011) a monomania homicida no século XIX pode ser entendida da seguinte maneira: “uma monomania homicida, um déficit moral intrínseco, visível apenas no crime mesmo, faculdade intelectual intacta, loucura raciocinante, mas sem freio moral. Resta aplicar o tratamento moral pineliano. Esses casos saem da esfera da Justiça e vão para a psiquiatria”. Para mais informações ver: BRISSET, Fernanda Otoni de Barros. Genealogia do conceito de periculosidade. *Responsabilidades*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, mar./ago. 2011, pp.37-52. Disponível em: http://www8.tjmg.jus.br/presidencia/programanovosrums/pai_pj/revista/edicao_01_1/02-GENEALOGIA%20DO%20CONCEITO%20DE%20PERICULOSIDADE.pdf. Acesso em 7 de maio de 2016.

²⁷⁷ Febre imitativa. Traduzido de *L'Independant*, diario de Bruxelas. *Diario de Saude ou Ephemerides des Sciencias medicas e naturaes do Brazil* Rio de Janeiro, ano 1, n.13, v.1, jul. 1835, pp.102-104. p.104.

demarcando uma compreensão mais específica no que se referia aos casos de monomania homicida. O alienado teria um lugar para o tratamento e o criminoso outro:

Portanto, no nível que os autores e teóricos do século XIX se representam esta questão, os tipos estão bem destacados, tornando-se absurda esta mistura. É um grande enigma para o olhar médico e criminológico esta mistura de personagens tão diversificadas. [...] o alienado e o criminoso deveriam ter destinos diversos, e serem submetidos a diferentes regimes de recuperação. Seriam regulados por duas diferentes instituições o asilo e a prisão, e recuperados por métodos excludentes. A partir de então o alienado deveria ser objeto de uma terapêutica, e o criminoso, no sentido lato, deveria ser objeto de uma correção²⁷⁸.

A matéria do jornal de Bruxelas relatava, ainda, o caso de uma mulher que havia apunhalado dois meninos pequenos após os ter afogado, e que teria mudado de humor bruscamente, posto que antes era uma pessoa bastante risonha e alegre e, repentinamente havia se tornado taciturna. Apresentava, também, o caso de outra mulher que, em um estado de êxtase religioso, sufocou sua própria filha enquanto esta dormia. Incluía, ainda, casos relatados, que teriam sido analisados, de acordo com o autor, pelo próprio Esquirol:

[...] Doutor Esquirol é consultado por um marido que sentia desejos de matar sua mulher, do qual nenhuma queixa tinha, por uma senhora a quem persegue uma ideia de matar um dos seus filhos, e por uma senhora que se julga a matar seu marido ou seu neto²⁷⁹.

Importante salientar que, no século XIX, a percepção sobre o suicídio se modificou, influenciando também outras teorias como, por exemplo, a do alienismo. O que antes era considerado um ato de liberdade e também de escolha, sem julgamento moral, passou a ser classificado como alienação mental. A partir de então considera-se que haveria uma terapêutica adequada dentro dos hospícios para tratar estes indivíduos que pretendiam atentar contra a sua própria vida em um ato de desesperação.

Um caso neste sentido foi relatado, em 1835, em outra matéria traduzida e publicada no *Diario de Saude*, segundo o qual uma jovem francesa, acometida de alienação mental, pensava que o sol era o seu noivo e que este também havia lhe prometido casamento, “e que nesse dia o sol tinha coberto sua face resplandecente com

²⁷⁸ BIRMAN. A psiquiatria como discurso da moralidade. *op.cit.* p.7.

²⁷⁹ Febre imitativa. *op. cit.* p.103.

seu mais lindo véu de nuvens, para não deslumbrar de pancada sua bem amada”²⁸⁰. A jovem então passou a crer que havia beijado o sol, e que este tinha como existência única ser dela e que ela também seria somente dele, para poderem ser felizes juntos: “O sol, era a alegria, a gloria e o triunfo da pobre mulher; levantava-se no mesmo instante em que seu bem amado flamejante lançava seus primeiros raios no céu tinha os olhos atentos ao nascer de seu esposo”²⁸¹. Aos poucos a referida mulher deixou inclusive de se alimentar, ou o fez raramente, mas manteve seu olhar para o sol. Entretanto, quando anoitecia, “a louca juntava as duas mãos sobre o peito, e com tom misterioso, e com a voz a mais meiga, dizia a seu esposo: esperai-me, esperai-me! Depois entrava a toda pressa no seu quarto, porque não queria fazer esperar o sol”²⁸²:

A mulher do sol assentada sobre a relva ao lado de uma grande macieira seguia os passos de seu augusto esposo no céu. Nunca o coração desta mulher fora mais amoroso, nunca seu olhar tinha sido mais terno, nunca sua visão tinha estado mais perto de ser uma realidade! Entendiam-se tão bem, ela e seu esposo, o sol! Ella lançava para ele um olhar tão penetrante, e ele para ela! Ele caminhava tão devagar no espaço azul, sem duvida para ter tempo de vê-la de joelhos diante dele! Mas, oh céus! Subitamente esse potente raio da natureza para, e se turva; de repente o sol desaparece não como as outras vezes pouco e pouco, sobre a margem do rio, depois de ter sacudido o pó brilhante de sua toga e de seus pés, mas para de súbito, e inteiramente²⁸³.

Ainda relatava a matéria no *Diario de Saude*, que pouco tempo depois a mulher saiu ansiosa de casa para ver seu “marido”, mas foi surpreendida por um eclipse, sem pode ver a pessoa que tanto amava, e acabou morrendo durante o eclipse. Por conseguinte, tanto este caso quanto o analisado anteriormente, são de melancólicos que fixavam seu pensamento em algo, seja o fantasma ou o sol como seu esposo, e que acabaram crendo que aquilo em que pensavam era real e que nada podia livrá-los daquele sentimento muitas vezes de tristeza e angústia.

Outro estudo importante foi o que associou a alienação mental às características fisiológicas femininas, como demonstrara Bomtempo no seu *Compendios de Medicina Prática*, influenciado pelo trabalho realizado por Pinel e por suas classificações das doenças.

²⁸⁰ Observação de loucura. [artigo retirado do *Courrier des États-Units* março de 1835]. *Diário de Saude ou Ephemerides des Sciencias medicas e naturaes do Brazil* Rio de Janeiro, ano 1, n.11, v.1, 27 jun.1835, pp.85-87. p.85.

²⁸¹ *Idem, ibidem*. p.86.

²⁸² *Idem, ibidem*. p.86.

²⁸³ *Idem, ibidem*. p.86.

Já Chaussier, em uma matéria sobre a maternidade²⁸⁴, comentava como as mulheres, durante a gravidez, podiam sofrer de delírios e, conseqüentemente, de alienação mental. Destacava dois casos: “o de duas prenhas simultâneas: uma no útero e outra na trompa de Falópio; o desse delírio, uma fugaz ora perseverante, que perturba algumas mulheres desde o começo das prenhas, e que, assim como os apetites depravados, constitui uma sorte de alienação mental”²⁸⁵.

As condições de gestação da mãe, não somente para a idiotia, mas também para outras as outras formas de alienação mental. A esta condição estariam articuladas: a) durante a alimentação inicial do bebê poderiam se estruturar perturbações que levariam posteriormente a alienações mentais; b) determinadas impressões, vividas pela mãe quando em gestação ou pelo recém-nascido, poderiam levar também a alienação²⁸⁶.

Com isto considerava-se a importância da atenção do médico em relação às lesões que sofriam os recém-nascidos, pois caso não tivesse um olhar aguçado, aquilo que podia ser considerado uma lesão involuntária no crânio do bebê ou em outras partes do corpo, podia ser resultado de uma tentativa de infanticídio por parte de uma mãe acometida de alienação mental. Para o autor, por mais amável que fosse a natureza materna e seu amor para com seu filho, ao sofrerem durante o parto de problemas que deteriorassem seu estado mental.

Em relação à inflamação cerebral associada aos transtornos mentais, podemos nos referir à mais uma publicação sobre o tema, dessa vez um artigo traduzido do filho de Pinel, Scipion Pinel (1795-1856). Neste trabalho, Scipion afirmava que, apesar de todo progresso da ciência médica em relação ao avanço dos diagnósticos das moléstias mentais e de seu tratamento ocorridos no século XIX, no que tangia à associação entre inflamação cerebral e doença o caso era diverso:

(...) confessamos a nossa profunda ignorância, e até avançamos, que a anatomia talvez poderá explicar parte destes fenômenos. A seu respeito existe ainda nas maiores incertezas, de vinte anos para cá, temos nós, visto que a estrutura do cérebro é sucessivamente polposa [...]²⁸⁷

²⁸⁴ Chaussier: factos curiosos observados na maternidade. (Extracto de hum discurso do Sr. Parizet). Trad.de F.C Valdetaro. *Diário de Saúde ou Ephemerides des Sciencias medicas e naturaes do Brazil*, Rio de Janeiro, ano 1, v.1, n. 53, 16 de abril de 1835, p. 419.

²⁸⁵ *Idem, Ibidem*. p.419.

²⁸⁶ BIRMAN, Joel. *A psiquiatria como discurso da moralidade*. p. 72.

²⁸⁷ PINEL, Scipião. Notícia sobre a irritação cerebral ou cerebria, pelo Sr. S.C. Pinel. Trad. de F.C Valdetaro. *Diario de Saude ou Ephemerides des Sciencias medicas e naturaes do Brazil*, Rio de Janeiro, ano 1, v.1, n. 36, 19 de dezembro de 1835, pp.281-283.

Apesar do grande desconhecimento em relação ao cérebro, Scipion Pinel afirmava que os cérebros dos denominados “doidos”, que deliravam por um longo tempo, podiam sofrer alterações consideráveis na sua “textura orgânica”, com deformações variadas:

Em primeiro lugar cumpre dizer, que estas alterações, apresentando em seu aspecto tanta diversidade, quanto aos sintomas que elas ocasionam, pouco deve admirar que as indagações feitas nos cérebros dos doidos, pareçam incertas, contraditórias, e até nulas, aqueles que com maior ardor, se votam a essas fadigas investigações. [...] nos doidos as alterações cerebrais aparecem em caracteres bem distintos²⁸⁸

Em seguida, este autor apresentava a explicação de uma anatomia cerebral associada às doenças mentais. Scipion Pinel explicava então detalhadamente quais eram as principais características das membranas cerebrais quando o indivíduo era acometido de um delírio. A título de exemplo, segundo o médico, a segunda camada cerebral analisada tornava-se rubra quando começavam os primeiros sinais de irritação, e quando esta doença estava mais avançada, esta membrana tornava-se escura.

Scipion Pinel, então, afirmava que desta maneira, “pode-se facilmente reconhecer, por estes sinais, uma violenta hipotermia, e que nesta segunda camada é onde se passam os principais fenômenos do delírio agudo e da mania furiosa”²⁸⁹. Continuando, ele dizia que os médicos que faziam autópsias dos cadáveres de alienados deviam atentar para estas características das membranas cerebrais: “Tais são as alterações principais que me parece caracterizar uma irritação aguda nas duas substâncias do cérebro, e pelas quais começam todas as exaltações mentais”²⁹⁰.

Recorrendo às classificações produzidas por seu pai em relação às doenças mentais, Scipion Pinel, afirmava que a degradação das faculdades intelectuais do indivíduo estava intrinsecamente ligada aos processos de deformação do cérebro: “assim que o delírio furioso tem passado, a inteligência cai em um estado de abatimento, de melancolia, depois demência, e finalmente a imbecilidade mais ou menos completa”²⁹¹.

Este estado de inflamação cerebral ele o denominava de “*cerebria*” em razão da sua sede, podendo ser caracterizada como aguda (mania furiosa), crônica (melancolia,

²⁸⁸ *Idem, ibidem.* p. 281.

²⁸⁹ *Idem, ibidem.* p. 282.

²⁹⁰ *Idem, ibidem.* p.282.

²⁹¹ *Idem, ibidem.* p.283.

demência e imbecilidade) e por fim a parcial (monomania e alucinação), a qual era limitada somente a uma região específica do cérebro.

Mencionando desta vez de maneira explícita o trabalho de seu pai, Scipion Pinel afirmava que:

[...] a duração da mania e, enfim, os sintomas e o tratamento moral na alienação mental, foram tão bem descritos pelo meu pai que quase não é possível considerar este assunto debaixo do mesmo ponto de vista, sem expor-se a desagradáveis comparações. Porém agora restam a explorar as desordens patológicas. É de mister procurar estabelecer as relações das alterações do cérebro com os sintomas da loucura, e debaixo deste ponto de vista, tudo ainda está por se fazer. Eu sei que tais indagações encontram vivas oposições; [...]. Admitir hoje lesões da inteligência, e subdivididas em tantas enfermidades quantas as desordens que representa a inteligência, é personificar, e classificar palavras vazias de sentido.²⁹²

Em relação ao tratamento mais adequado da loucura, Scipion Pinel afirmava o seguinte:

Acerca do tratamento da loucura, a questão lógica e muito mais importante ainda; ela aclara este tratamento tão incerto, e o dirige para pontos bem determinados. Não é mais só pela reclusão e pelos cuidados higiênicos, porém sim por uma medicação ativa, que se-pode fazer desaparecer do cérebro a predisposição física, que faz na loucura tão frequentes as recaídas. Como as alterações do cérebro estão constantemente em relação com os sintomas, deve o tratamento, também seguir suas variações: no delírio agudo, os derivantes e os estupefacientes em alta dose; no estado melancólico, que eu contemplo como a passagem ao estado incurável, os purgantes, etc.²⁹³

Desta maneira, apesar de reconhecer a importância do trabalho de seu pai, Scipion Pinel o criticava ao dizer que a reclusão e a higiene não faziam mais sentido para a observação e cura dos alienados. Agora, além de serem utilizadas para o tratamento e terapêutica das moléstias mentais, a interpretação moral da doença devia estar associada intrinsecamente também a uma medicação adequada ao tratamento moral do doente. Desta maneira, temos presente em estudos como este, a indicação de uma nova terapêutica para o alienismo, que unia tanto o tratamento moral do doente quanto o uso de medicamentos adequados para as determinadas espécies de alienação.

²⁹² *Idem, ibidem*, p.283.

²⁹³ *Idem, ibidem*. pp.283-4.

3.1.5 Revista Medica Fluminense

A melancolia fazia-se mais uma vez presente nos artigos dos periódicos. Dessa vez tratava-se de um caso relatado em uma matéria²⁹⁴ traduzida do periódico *El Universal*, de Montevideú, que era sobre um rapaz que sofria de alucinações, em cuja porta uma feiticeira batia todos os dias para conversar com ele, sendo impossível compreender o que ela falava, dada a rapidez com que dizia as coisas. Mais adiante, o paciente explicava os seus sintomas: “Minhas visões, disse o enfermo quando veio a si, começaram, ha dois ou três anos: no principio era um gato grande, cuja presença me atormentava: vinha e desaparecia sem saber por onde, nem como”²⁹⁵. Depois, o homem percebia que a visão de um gato era somente uma alteração em algo no seu corpo. Posteriormente, o gato foi substituído por um fantasma, o qual toda vez que aparecia sempre ameaçava o homem de morte. Relatava que “depois de alguns meses de existência, o fantasma se retirou, para ceder seu lugar a outro não menos horrível à vista, como ao pensamento; esta é a imagem da mesma mulher, num esqueleto”²⁹⁶. Desta maneira o paciente já em estado de desespero afirmava:

A ciência, a filosofia, e ainda a religião, são impotentes para curar uma enfermidade semelhante; e por mais que não cria na realidade deste fantasma, que me persegue, não poderei deixar de succumbir às emoções, que sua vista me causa²⁹⁷.

Após esta declaração do paciente, o médico, então, utilizando os preceitos do alienismo, tentava fazer com que o paciente entrasse em contradição:²⁹⁸

O Dr. reconheceu com dor que a imaginação de seu enfermo estava cruelmente afetada. Mandou-o pôr-se de cama, e começou à dirigir-lhe diferentes perguntas sobre as circunstancias da aparição, esperando fazer-lhe cair em tantas contradições e incoerências que ao final seus sentidos naturais chegariam à tocar o erro, e poderia então

²⁹⁴ O vizonário de Londres. (Extrahido d’*El Universal* de Monte-Vidéo). *Revista Médica Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1, n.9, dezembro de 1835, pp. 53-56.

²⁹⁵ *Idem, ibidem*, p.54.

²⁹⁶ *Idem, ibidem*. p. 54.

²⁹⁷ *Idem, ibidem*. pp. 53-6.

²⁹⁸ De acordo com Pinel: O princípio da filosofia moral que ensina e não destruir as paixões humanas, mas opô-las umas com as outras, aplica-se igualmente a medicina com a política [...] A diferença mesma, se aí há uma, transforma-se em vantagem para a medicina, que se coloca do ponto de vista mais elevado, considerando o homem em si [...] As vezes uma circunstancia favorável faz surgir uma nova paixão e a melancolia é curada. Para mais informações ver: PINEL. *Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania*. op.cit.p. 227-8.

por si mesmo combater com mais esperanças de sucesso as impressões fantásticas, que obravam tão poderosamente em seu cérebro²⁹⁹.

Todavia, os sintomas não cessavam, a melancolia aumentava e o paciente acabou por falecer. Ao final, o autor afirmou: “Este é um triste exemplo da mortal influência, que a imaginação pode exercer sobre a saúde do corpo, ainda quando os terrores fantásticos não possam alucinar ao que os padece”³⁰⁰. Tratava-se, então, do caso de um paciente que não conseguia ter sua razão restituída, apesar de um tratamento terapêutico pautado na questão moral colocado em prática.

Além do cólera, de problemas no parto, e das febres, entre outras moléstias, o alienismo aparecia referido em casos de caquexia³⁰¹ nos negros, principalmente os escravos, sendo mais comum nas crianças e nos idosos. O principal sintoma que eles sentiam era a vontade de ingestão de terra, mesmo após terem realizado refeições. No estudo³⁰² de J. L. Dors³⁰³, de Saint Thomas, traduzido e publicado na *Revista Medica Fluminense*, em 1839, apareciam referências a algumas moléstias que acompanhavam estes sintomas como o aborto, a hidrofobia e a nostalgia. Em relação especificamente à nostalgia, o autor do artigo afirmava o seguinte:

A nostalgia é uma das principais causas [...], os negros despatriados, fazem-se estúpidos, indóceis e melancólicos, apetezem a solidão e emagrecem de dia a dia. O mesmo acontece muitas vezes quando são separados de pessoas que lhe eram afetivas, ou quando são maltratados além das marcas. O amor também lhes não é inteiramente estranho³⁰⁴.

Segundo o texto de Dros, as condições adversas a que muitos escravos eram submetidos ao serem obrigados a sair de sua pátria poderiam ocasionar a caquexia e, conseqüentemente, transtornos mentais graves, entre eles a melancolia. E caso esta se agravasse, poderia levar o escravo a tentar o suicídio como única maneira de se livrar da

²⁹⁹ O vizonário de Londres. (Extrahido d’*El Universal* de Monte-Vidéo). *op.cit.* pp. 53-6.

³⁰⁰ *Idem, ibidem.* pp. 53-6.

³⁰¹ De acordo com Chernoviz (1890) a caquexia era caracterizada principalmente “por um estado mórbido que se observa nos indivíduos exaustos, sobretudo, depois de longas moléstias e quase sempre é o presságio da morte”. Para mais informações consultar: CHERNOVIZ, Luis Pedro Napoleão. *Diccionario de Medicina Popular*. v.1. Paris, 1890. pp.391-392.

³⁰² DROS, J.L. [Dors] Observações sobre a cachexia Africana, ou cihthonophagia, por J.L.Dros, Medico em S. Thomaz, índias occidentaes. Traduzido do *Jornal des Connaissances Medico-Chirurgicales. Revista Medica Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 5, n.2, maio de 1839, pp.76-79.

³⁰³ J. L. Dors, médico em Saint Thomas (atualmente United States Virgin Islands, nas Antilhas), e autor de “Recherches sur la cachexie africaine”, publicado na *Gazette Médicale de Pari* (n.19, tome VI, 12 mai. 1838).

³⁰⁴ DROS. [Dors], Observações sobre a cachexia Africana, ou cihthonophagia. *op.cit.* p.77.

dor que o afligia por estar longe dos seus pares. Um método muito comum era o de afogamento, já que havia a crença de que ao se afogar, a alma do indivíduo chegaria livre à África para se reencontrar com os entes queridos.

A relação dos problemas puerperais com as moléstias mentais reapareceu nas revistas, especificamente no estudo do médico brasileiro José Pereira Rego (1816-1892)³⁰⁵, publicado na *Revista Medica Fluminense*, que o caso “de uma mulher que começa a ter transtornos após o parto, no qual apesar de a criança ter nascido a princípio sem nenhum problema faleceu pouco tempo depois”³⁰⁶. Relatou detalhadamente o caso:

A paciente caiu em prostração [...] e apareceram logo depois convulsões³⁰⁷. Assustada pelas crises convulsionárias que não cessam, a família pede a visita do Dr. Rego para avaliar a paciente. Chegando a sua residência, ele faz a seguinte análise: “dirigindo-me logo a casa da doente, achei-a no seguinte estado: convulsões tão fortes a ponto de serem necessárias duas ou três pessoas para suste-la em seu leito [...] perda dos sentidos e das faculdades intelectuais [...] pupilas dilatadas”³⁰⁸.

Para fazer com que as convulsões e os delírios cessassem, o médico recomendara o tratamento com sangrias juntamente com laxativos. Horas depois, a paciente encontrava-se no mesmo estado que antes, apenas com a diminuição do número de convulsões. O médico manteve o mesmo tratamento para que se pudesse acabar com as convulsões, fato este que realmente ocorreu após a segunda sangria, mas acabou gerando algumas complicações para a paciente, como a “a perda das faculdades intelectuais”³⁰⁹, inclusive da fala. Posteriormente, “a doente principiou a falar, mas muito pouco, suas respostas eram incoerentes e existia delírio, contudo nos intervalos lúcidos queixava-se de dor no peito”³¹⁰. Por fim, a paciente se recuperou após um longo período de tratamento com várias complicações como delírios e fala incoerente. Mais uma vez, como ocorrera em casos relatados anteriormente, temos a presença do uso das

³⁰⁵ Para mais informações sobre José Pereira Rego consultar anexo I p. 160-163.

³⁰⁶ REGO, José Pereira. Convulsões puerperaes resultantes d'hum parto laborioso, e seguidas de derramamento cerebral, hemeplegia do lado direito, estado commatoso durante cinco dias, perda da falla por nove dias, delírio sucedendo a estes fenômenos, diarreia ao depois, ulceração na região sacra, seguida de gancrena em grande extensão, febres intermitentes quotidiannas, erysipela geral dos membros inferiores, reaparecimento da diarrhéa, symptommas de colite ligeira, terminado tudo pela cura; pelo Dr. J. P. Rego. *Revista Médica Fluminense*, Rio de Janeiro, v. 6, n.5, agosto de 1840, pp. 192-202.

³⁰⁷ *Idem, ibidem*. p 193.

³⁰⁸ *Idem, ibidem*. p 194.

³⁰⁹ *Idem, ibidem*. p 196.

³¹⁰ *Idem, ibidem*. p 196.

sangrias especificamente para acabar com as convulsões, buscando promover a recuperação da paciente com o passar do tempo³¹¹.

3.1.6 Revista Medica Brasileira. Jornal da Academia Imperial de Medicina

Foram encontrados somente três textos relacionados ao tema do alienismo na *Revista Medica Brasileira*, publicada, entre 1841 e 1843, pela Academia Imperial de Medicina. Entre estes temos um estudo do médico italiano Emilio Bonetti³¹², traduzido por J.M. de Almeida Rego (1814-1880)³¹³, no qual relatava um caso de mania como um dos casos de febre intermitente perniciosa maníaca. Bonetti afirmou, inicialmente, que “[...] agora que o céu permite pegar na pena, apresento-vos por extenso a história da febre perniciosa maníaca”³¹⁴.

No relatório³¹⁵ da clínica médica da Faculdade de Medicina a cargo do médico Manoel de Valladão Pimentel (1808-1882), que funcionava na Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, publicado também na *Revista Medica*, relatou-se o caso de uma paciente com delírio puerperal, Neste caso percebemos mais uma vez a associação de problemas no parto com temas relacionados ao alienismo, e também às complicações ocasionadas deste processo, que faziam com que a mulher tivesse delírio e piorasse o seu estado mental.

Já Emilio Bonetti, em seu relato, apresentou outro caso analisado por ele, o caso de um homem sadio que enlouqueceu de súbito:

Luiz Ardemagni, de Chignolo, camponês, de 50 anos de idade, de robusto físico, sanguíneo, não se recordando de ter moléstia alguma

³¹¹ Pode-se perceber que mesmo as sangrias sendo criticadas por Pinel, ele mesmo a utilizava em alguns casos específicos de alienação mental, desta maneira podemos concluir que mesmo indicando um tratamento moral para os alienados Pinel, muitas vezes utilizava métodos científicos intercalados tanto o tratamento moral, como as sangrias e as vezes mesmo tendo uma filantropia em voga no que tange o tratamento do alienado ele indicava espancamentos ou afogamentos para o paciente recuperar a consciência.

³¹² BONETTI, Emilio. Historia de uma febre intermitente perniciosa maníaca, seguida de algumas considerações sobre a maneira de obrar do sulfato de quinina e dos remédios em geral no organismo humano. Carta dirigida pelo Dr. Emilio Bonetti, Di Chignolo, ao Dr. Jacinto Namias secretario da Academia de Veneza e membro de muitas academias ilustres; traduzido pelo Dr. J.M. D’Almeida Rego, dos Annaes Universaes de Medicina de Milão. *Revista Medica Brasileira*, Rio de Janeiro, v. II, n. 7, novembro de 1842, pp. 319-337.

³¹³ Para mais informações sobre os médicos consultar anexo I p. 160-163.

³¹⁴ BONETTI. Historia de uma febre intermitente perniciosa maníaca, seguida de algumas considerações sobre a maneira de obrar do sulfato de quinina e dos remédios em geral no organismo humano. *op.cit.* .320.

³¹⁵ Hospital da Misericórdia. Clinica medica da Faculdade de Medicina á cargo do Sr. Dr. Valladão. *Revista Medica Brasileira*, Rio de Janeiro, v.II, n. 1, maio de 1842, pp.30-32.

despertou na manhã de 16 de Setembro de 1839, queixando-se de frios e poucos momentos depois delirava. Com os cabelos eriçados, os olhos espantados e ameaçadores, saiu do leito gritando com toda a força de sua voz: *Santa Maria Mater Dei*; ameaçava-se contra a mulher, o irmão com mais pessoas que se lhe opunham. Agitava-se como fazem os loucos e vencido pelo número e forças reunidas dos que estavam presentes, foi colocado no leito e amarrado³¹⁶.

Após ser amarrado, o indivíduo havia se escondido embaixo das cobertas e começou a gritar novamente as palavras ditas acima, embora, de acordo com médico italiano, até então não havia nenhuma razão para este acesso súbito de mania. Após os gritos, o homem começou a rir sem nenhum motivo aparente. O clínico, diante da situação tomou uma decisão, como ele mesmo afirmou: “[...] no meio de tanta ignorância das causas, e a repentina e violenta desordem das faculdades intelectuais, ocorreu-me logo a prescrição de uma sangria geral”³¹⁷. Após as sangrias o indivíduo melhorou, mas ainda possuía confusão de pensamentos, como por exemplo, ficava repetindo todas as perguntas que lhe eram feitas, e recordando-se somente do ato de acordar pela manhã. Em seguida a estas observações dos sintomas do paciente, concluiu-se:

Foi então que atendendo ao modo porque tinha decorrido esta mania que acompanhara uma febre de acesso, começando, crescendo e cedendo com ele, se estabeleceu no meu espírito a convicção que tinha a tratar uma moléstia de acesso larvado; e também por via da eliminação tinha dados bem fundados para me corroborar nessa opinião. E com efeito, se a mania tivesse procedido de outra alteração, para que vir repentinamente sem predisposição, sem sinais precursores?³¹⁸

Citando Pinel, o médico italiano asseverou que:

Se quisesse imaginar que uma tal mania dependesse antes das desordens de uma outra cavidade que não a cabeça, em apoio das doutrinas de Pinel, a natureza das afecções próprias a dar origem a mania periódica, e as afinidades desta moléstia com a melancolia e hipocondria devem fazer presumir que sua sede primitiva é na região epigástrica³¹⁹.

Por fim, após a melhora do paciente, Dr. Bonetti, em sua análise do caso, estabeleceu uma diferença entre o delírio e a mania. Desse modo, apresentou-se a seguinte definição das moléstias: “[...] entre o delírio e a mania deve-se notar uma

³¹⁶ BONETTI, *op. cit.*, p.321.

³¹⁷ *Idem, ibidem.* p 322.

³¹⁸ *Idem, ibidem.* p 323.

³¹⁹ *Idem, ibidem.* p.324.

grande diferença, parecendo o primeiro ser mais constituído pela exaltação das faculdades mentais e não desarranjo de ideias como acontece na segunda”³²⁰. Interessante notar que mais uma vez temos então a presença do uso de sangrias para o tratamento de alienações, e que isto não ficava restrito somente aos médicos brasileiros que publicavam nestes periódicos, mas podemos constatar também na Europa o uso de sanguessugas para o tratamento de sintomas relacionados ao alienismo era comum, como no caso do médico italiano que acabamos de relatar, e percebemos também a relação entre a alienação mental e problemas gastrointestinais, isto se deve ao fato de as doenças mentais com destaque para a mania teria sua origem no estômago ou no intestino e de lá passasse para outras páginas do corpo³²¹.

3.1.7 Annaes Medicina Brasiliense e Annaes Brasilienses de Medicina

A Academia Imperial de Medicina passou a publicar, a partir de 1845, os *Annaes de Medicina Brasiliense*³²², tendo entre seus redatores os médicos Francisco de Paula Cândido (1805-1864), Roberto Jorge Haddock Lobo (1817-1869), José Pereira Rego (1816-1892), e Luís Vicente de Simoni (1792-1881)³²³. Em outubro de 1849 a publicação passou a chamar-se *Annaes Brasilienses de Medicina*, e com este nome publicou 32 volumes, até 1885.

Em uma das primeiras edições dos *Annaes de Medicina Brasiliense* foi publicado o necrológio da cidade do Rio de Janeiro³²⁴, no qual foram apresentados os dados sobre a mortalidade na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1845, por meio de tabelas nas quais foram expostos dados de falecimento segundo as freguesias da cidade, e sobre a mortalidade na Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. Os dados das

³²⁰ *Idem, ibidem.* p 326.

³²¹ Sobre isso Pinel afirma o seguinte: “Prelúdios do surgimento ou do retorno dos ataques de mania, que são muito diversos; mas em geral parece que a sede principal seja no estômago e no intestino e desse centro se propaga, como por irradiação, a perturbação do intelecto. Frequentemente se percebe nessas partes do organismo uma espécie de constrição, um apetite voraz ou uma forte aversão por comida... queimações intestinais que fazem desejar bebidas frescas... ocorrem agitações, terrores, insônia.” Para mais informações ver: PINEL, Philippe. *apud* PESSOTTI, Isaias. *A Loucura e as Épocas*. São Paulo: Editora 34, 1994. p 167.

³²² SOCIEDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>. Acesso em 24 de junho de 2016.

³²³ Para mais informações sobre os médicos consultar anexo I p. 160-163.

³²⁴ LOBO, Roberto Jorge Haddock. Necrologio da Cidade do Rio de Janeiro no 1º trimestre do anno de 1845. *Annaes de Medicina Brasiliense*, Rio de Janeiro, n. 2, v.1, julho de 1845, p. 85.

tabelas foram organizados por trimestres, mas infelizmente encontramos somente três tabelas, sendo uma delas sobre o primeiro trimestre de 1845 e as outras duas sobre o segundo trimestre do mesmo ano. Da primeira tabela, referente ao 1º trimestre, podemos extrair o seguinte número de mortes associadas ao alienismo:

TABELA VI					
Enfermidades	Homens	Mulheres	Santa casa	Freguesias	Total
Alienação Mental	4:(três livres) 1 (escravo)	2: 1(livre) 1 Escrava	6	0	6
Demência	4:(três livres) 1 (escravo)	0	4	0	4
Epilepsia	1 (livre)	1 (livre)	1	1	2
Suicídio	3 (livres)	0	0	3 (livres)	3

As tabelas referentes ao segundo trimestre (abril, maio e junho) do ano foram publicadas nos *Annaes de Medicina Brasiliense* de setembro de 1845³²⁵ referente aos meses de 1845, temos os seguintes dados:

TABELA VII					
Enfermidades	Homens	Mulheres	Santa casa	Freguesias	Total
Alienação Mental	3: dois livres e um escravo	1: (livre)	4	0	0
Mania	0	1(livre)	1 ³²⁶	0	1
Epilepsia	0	0	0	0	0
Suicídio	0	0	0	0	0

A última tabela³²⁷ referiu-se ao 3º trimestre (julho, agosto e setembro) de 1845, e da qual podemos extrair os seguintes dados:

TABELA VIII					
Enfermidades	Homens	Mulheres	Santa casa	Freguesias	Total
Alienação Mental	5: quatro livres e um escravo	3 livres	8	0	8
Demência	0	0	0	0	0
Epilepsia	4 ³²⁸ : dois livres e dois escravos		Um livre e um escravo	Um livre	4
Suicídio	0	0	0	0	0

³²⁵ LOBO, Roberto Jorge Haddock. Necrologio da cidade do Rio de Janeiro no 2º trimestre do anno de 1845. *Annaes de Medicina Brasiliense*, Rio de Janeiro, n.4, v.1, setembro de 1845, p. 161.

³²⁶ O autor mostrava que apesar de ter apenas um caso de mulher por mania, outras duas maníacas foram identificadas na Santa Casa, sendo que uma faleceu por causa de diarreia e outra por causa de febre tifóide.

³²⁷ LOBO, Roberto Jorge Haddock. Necrologio da cidade do Rio de Janeiro no 3º trimestre do anno de 1845. *Annaes de Medicina Brasiliense*, Rio de Janeiro, n.5, v.1, novembro de 1845, p.197.

³²⁸ Complementava-se mais um caso de homem com epilepsia que morreu por causa de congestão cerebral.

Apesar de não termos a tabela referente aos últimos meses do ano de 1845, podemos perceber que houve um aumento no número de mortes ocasionadas por alienação na Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. Interessante também é ver que os casos de morte de alienados alcançaram a 35 óbitos num total de 4498, universo de óbitos indicados pelo autor, segundo os dados da estatística mortuária da cidade do Rio de Janeiro para o ano de 1845, publicada nos *Annaes de Medicina Brasiliense*³²⁹. Além dos dados referentes a alienados, importa destacar que neste conjunto havia o registro de 17 suicidas neste ano. Podemos concluir, então, que nos três últimos meses de 1845 morreram 17 pessoas vítimas de alienação, sendo que até o mês de setembro ocorreram 18 mortes, e suicidas houveram 16 mortes, pois tivemos somente uma morte registrada.

Em 1850, encontramos no então denominado *Annaes Brasilienses de Medicina*, um artigo sobre moléstias em crianças, com o foco no estudo da hipocondria na primeira infância. Logo no início do artigo foi apresentada uma definição de hipocondria:

A hipocondria é uma daquelas moléstias, que em todos os tempos mais tem ocupado a atenção dos médicos filósofos, se não pela gravidade de suas consequências, ao menos pelos sofrimentos tormentosos que causa á aqueles que tem a infelicidade de serem por ela acometidos.³³⁰

O texto, assinado por “O Redactor”, afirmava que, apesar da grande quantidade de trabalhos publicados sobre a hipocondria nos mais variados países, ainda não era possível estabelecer qual seria a sua sede e a sua natureza, pelo simples fato de que apesar dos avanços consideráveis no campo da medicina “o vago e incerteza que a respeito ainda existe na ciência, durará sem duvida por muito tempo”³³¹. Salientava, assim, que uma importante fonte para se entender os hipocondríacos eram as análises necroscópicas, que “constituem por certo uma fonte fecunda de observação na indagação das causas e lesões físicas que afligem a humanidade”³³². Afirmou, ainda,

³²⁹ LOBO, R. J. H. Estatística mortuária da cidade do Rio de Janeiro em todo anno de 1845. *Annaes de Medicina Brasiliense*, Rio de Janeiro, v.1, n. 11, abril de 1846, pp. 440-446.

³³⁰ [O Redactor]. Considerações mais frequentes de algumas moléstias de crianças mais frequentes no Rio de Janeiro (Vem do tomo 5º, pag. 192). *Annaes Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, 6º anno, 6º vol., n. 1, outubro de 1850, pp.2-10. p.2.

³³¹ *Idem, ibidem*. p. 2.

³³² *Idem, ibidem*. p 2.

que eram extremamente variadas as lesões orgânicas sofridas pelos pacientes acometidos de hipocondria, tornando desta forma mais complexa ainda a compreensão sobre a doença e suas características.

O artigo recorreu, também, a exemplos de médicos estrangeiros para compreender a definição de hipocondria:

[...] como os senhores Etienne Jean Georget e Jean Pierre Falret em, julgam-na uma moléstia primitiva do cérebro, que influenciando sobre outros órgãos acaba por diferentes focos principais. Outros, como François Joseph Victor Broussais e seus sectários, não veem na hipocondria mais do que uma gastrite crônica desenvolvida em indivíduos de constituição nervosa, e provocando uma irritação cerebral secundária.³³³

Ao tratar da hipocondria em crianças, o artigo relatava que, nos primeiros anos de vida de uma criança hipocondríaca, eram perceptíveis traços de desvios de conduta, pois as faculdades de inteligência estavam então pouco desenvolvidas, e também em decorrência da grande predisposição a defeitos de educação, caso os caprichos não fossem atendidos. Entretanto, o autor assinalava que nenhum dos médicos franceses supracitados falava de casos de hipocondria em crianças muito novas. A definição de hipocondria infantil apresentada foi a seguinte:

Chamamos hipocondria uma afecção nervosa, que sobrevêm dentro dos dois primeiros anos de idade, resultante ou das próprias necessidades instintivas, ou dos efeitos que talvez já sobre o espírito das crianças exerça o desmamamento em época e ocasião inoportuna, e cujas consequências parecem em principio influir sobre as funções do cérebro, e depois - sobre as do aparelho digestivo, e de outros, como melhor se conhecerá da exposição dos fenômenos que a caracterizam³³⁴.

³³³ *Idem, ibidem*. p. 3. Sobre os médicos citados temos as seguintes informações adicionais: Etienne Jean Georget (1795-1828; aluno de Esquirol em Salpêtrière, faleceu de tuberculose aos 33 anos. Para mais informações ver: POSTEL, Jacques. Etienne Jean Georget. *Encyclopædia Universalis* [en ligne]. Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/etienne-jean-georget/>. Jean Pierre Falret (1794-1870; foi médico chefe em Salpêtrière, de 1831 até sua aposentadoria 1867. Para mais informações ver: - EY, Henri. FALRET Jean-Pierre. *Encyclopaedia Universalis*. [em ligne]. Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/jean-pierre-falret/>. Acesso em 12 de julho de 2016. E sobre Broussais temos: François Joseph Victor Broussais (1772-1838; publicou Da irritação e da loucura, em 1828, no qual era a aplicação à patologia mental da doutrina fisiológica. Para mais informações ver: TRIPICCHIO, Adalberto. François Joseph Victor Broussais. REDE PSI. Disponível em: <http://www.redepsi.com.br/2008/02/20/broussais-fran-ois-joseph-victor-1772-1838/>. Acesso em 13 de julho de 2016.

³³⁴ *Idem, ibidem*. p. 3.

Lembrava-se, também, que mesmo considerando que a hipocondria sobreviesse dentro dos dois primeiros anos de idade, não significava que a moléstia pudesse acometer uma criança mais nova ou mais velha. Ressalvava porém que “como só a temos observado dentro dessa época, que sempre por ocasião do desmamentamento, por isso é que fixamos a época de seu desenvolvimento dentro dos dois primeiros anos da existência das crianças”³³⁵. Em seguida apresentou-se os debates médicos sobre as teorias que envolviam a hipocondria; afinal o autor afirmava que o escopo do artigo era entender os sintomas, o modo como se distinguiam e também os meios mais profícuos de cura.

Um dos sintomas destacados neste artigo foi que “seu olhar torna-se triste e languido, a face pálida, a fisionomia abatida e indicando um sentimento profundo de tristeza ou de saudade, os olhos encovados, a cabeça pesada, e como que se não podendo sustentar sobre o tronco”³³⁶. E um dos tratamentos indicados era: “não as contrariando em coisa alguma, e procurando-lhes mesmo todos os meios de fazer sair do estado de melancolia e tristeza que as persegue”³³⁷.

Vemos aí a presença de um tratamento moral para a cura das crianças, pois o simples fato de não poder contrariar demonstrava que para os pais era importante entenderem a gravidade da doença e serem muito pacientes para que seus filhos pudessem ser curados.

Outro artigo,³³⁸ dessa vez publicado na seção “Revista de Jornaes Estrangeiros” dos *Annaes Brasilienses de Medicina*, em 1851, transcreveu um estudo sobre as afecções cerebrais graves, apresentando como sendo um dos principais sintomas destas afecções a retirada gradativa da inteligência, tornando o doente muitas vezes um inválido.

A respeito do estudo destas moléstias, o artigo de Devay afirmou que: “As experiências fisiológicas, as vivisseccões, as aberturas dos cadáveres, o estudo minucioso dos diversos graus de consistência, do colorido da substancia cerebral, etc., tem muito engrossado nossas bibliotecas; mas pouco tem enriquecido o saber do médico”³³⁹.

³³⁵ *Idem, ibidem*. p. 3.

³³⁶ *Idem, ibidem*. p. 5.

³³⁷ *Idem, ibidem*. p. 8.

³³⁸ Estudos sobre alguns sinais precusores ou prodromos das molestias graves de cérebro, consideradas debaixo da relação clínica, physiologica e medico legal pelo Dr. Francis Devay, médico do Hotel-Dieu de Lyon. *Annaes Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, 6º anno, 6º vol., n. 8, maio de 1851, pp.186-192.

³³⁹ *Idem, ibidem*, p.186.

Interessante notar que o autor explicava inclusive o motivo do título do trabalho, visto que estas indagações, “como o indica o título, abraçam os sinais precusores de afecções diversas sob a relação anatômica; elas compreendem todos os sofrimentos provenientes de uma lesão do cérebro propriamente dita desde a apoplexia ato a alienação mental”³⁴⁰. Desta forma, se pretendia fazer um estudo profundo sobre as moléstias do cérebro. Em outro trecho do texto, o autor citou um caso de um paciente acometido de uma moléstia cerebral, apresentando seus sintomas e o tratamento adotado:

Um homem, de 34 anos, de uma conduta irrepreensível até então, conhecido no seu quarteirão por sua probidade, é acometido do *delirium tremens*, moléstia que contrai no exercício de sua profissão, que é de tanoeiro. Ele cura-se desta moléstia pelos cuidados de nosso confrade; porém a datar deste momento, seu procedimento muda; este homem até então honesto pede emprestado a uns e outros somas que nega logo ter recebido; enfim, depois de fazer numerosos logros, foge para evitar a perseguição. Suas faculdades intelectuais parecem sãs; só o dr. Passot tinha notado que este homem, dirigindo-se a contrair novos empréstimos de pessoas a quem já devia, dava demonstrações com isto é uma grande alteração no juízo³⁴¹.

Utilizou-se deste exemplo para corroborar sua asserção sobre a difícil arte de estudar e entender as afecções, dificuldade esta já salientada no início do artigo. Afinal, no caso acima referido, apesar do paciente ter sido considerado curado, este teria começado a sofrer de desvios de conduta, e o médico indicava que isso quereria dizer que ainda não havia se curado na verdade.

Por fim, percebemos a complexidade com a qual o alienismo era tratado nestes artigos de periódicos brasileiros, com referência a uma dezena de autores e escolas. Ainda que se possa afirmar que havia uma predominância de artigos de origem francesa, esta foi bem pequena, pois havia também a presença de estudos vindos de países como Bélgica, Inglaterra, Itália, Estados Unidos (interessante notar que alguns desses artigos/estudos não vieram somente de periódicos médicos, mas, de periódicos comuns como, por exemplo, *Courrier des États-Units* entre outros).

Além disso, tivemos também muitas referências ao uso de sangrias para o tratamento de moléstias associadas ao alienismo, característica esta, entretanto, que não ficou restrita aos médicos brasileiros.

³⁴⁰ *Idem, ibidem*, p. 186.

³⁴¹ *Idem, ibidem*, p.190.

Podemos concluir que no Brasil deste período havia ainda uma busca cada vez mais sistematizada de compreensão das moléstias mentais. Apesar de os doentes serem analisados e tratados na Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, crescia a crença de que o país necessitava de uma instituição própria para este fim, e tal necessidade foi defendida tanto nos periódicos médicos quanto em outros meios de divulgação do conhecimento médico.

3.2. Da necessidade de um hospício

Tendo em vista as críticas feitas pelos médicos sobre a situação dos alienados no Rio de Janeiro, principalmente com relação ao tratamento recebido pelos pacientes atendidos na Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro e por aqueles que perambulavam pelas ruas da cidade, foram surgindo conflitos que “gerados em torno da agressividade relacionada à loucura, as autoridades policiais tendiam a resolvê-los por intermédio de medidas [...] que definiam o louco como objeto de hostilidades”³⁴².

O louco então passou a ser um problema social, que precisava ser extirpado da sociedade, que precisava ter um lugar adequado para ficar recluso durante o seu tratamento, sem prejudicar a sociedade. Para Machado, neste período:

[...] o hospício, principal instrumento terapêutico da psiquiatria, aparece como exigência de uma crítica higiênica e disciplinar as instituições de enclausuramento, e ao perigo presente em uma população que se começa a perceber desviante, a partir de critérios que a própria medicina social institui [...] O louco faz seu aparecimento como um perigoso em potencial e como um atentado a moral pública, a segurança. A loucura é perigo a ser evitado nas ruas da cidade. Liberdade e loucura são antônimos³⁴³.

A questão era o que fazer com os loucos que cometiam crimes na cidade do Rio de Janeiro, e deveriam ser encaminhados para a cadeia ou para a Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro para serem tratados.

De acordo com Engel, esta questão estava presente inclusive no código penal brasileiro da época, que afirmava que os loucos deveriam ser enviados para a cadeia. Entretanto a autora ressalta o seguinte:

³⁴² ENGEL, Magali. *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001. p. 185.

³⁴³ MACHADO. Danação da norma. *op.cit.* p.376.

No entanto, não se previa explicitamente o envio de loucos para a prisão, a não ser nos casos em que no momento dos crimes a razão e a consciência tivessem sido recuperadas. Critério bastante difícil de ser avaliado mesmo depois da difusão das discussões acerca dos intervalos lúcidos na loucura que mobilizaram psiquiatras, juristas, e legistas em fins do século XIX³⁴⁴.

Neste contexto, foi então colocada em pauta a construção de uma instituição especial para estas pessoas. A partir da década de 30 do século XIX, principalmente no contexto das denúncias feitas pelos membros da Comissão de Salubridade Geral, constituída na Sociedade de Medicina no Rio de Janeiro³⁴⁵, passou-se a atentar para as más condições em que eram submetidos os alienados na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.

Após estas denúncias, podemos presenciar o surgimento de debates entre os médicos quanto à construção de uma instituição adequada para o tratamento dos alienados no território brasileiro. Ou seja, como afirma Engel, “mediante as denúncias esses médicos procuravam acompanhar o movimento inaugurado por Pinel em fins do século XVIII”³⁴⁶. Gonçalves e Edler assim retratam este período:

No início da década de 1830, discussões envolvendo a situação dos alienados mentais que vagavam pelas ruas e o tratamento a que eram submetidos aqueles que se encontravam reclusos nas enfermarias da Santa Casa de Misericórdia ganharam relevo na Corte Imperial, mobilizando membros da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro e da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Os maus tratos, a falta de um tratamento físico e moral condizente, de um médico especialista, de enfermeiros competentes e, sobretudo, de condições higiênicas adequadas ao tratamento de doentes³⁴⁷.

Desta maneira, o que antes não recebia muita atenção por parte do Governo Imperial, agora tinha um certo apoio principalmente dos médicos, os quais afirmavam que a falta de um tratamento moral era prejudicial para a cura dos alienados.

³⁴⁴ ENGEL. Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930). *op.cit.* p.184.

³⁴⁵ De acordo com Gonçalves integravam esta comissão os seguintes médicos: José Martins da Cruz Jobim, Joaquim José da Silva e Christovão José dos Santos. Ver também: GONÇALVES, Monique de Siqueira. *Mente sã, corpo são: Disputas, debates e discursos médicos na busca pela cura das “nevroses” e da loucura na corte imperial (1850-1880)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde), Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2011. p.14.

³⁴⁶ ENGEL Os delírios da razão. *op. cit.*, p. 190.

³⁴⁷ EDLER, Flavio Coelho; GOLÇALVES, Monique de Siqueira. Os caminhos da loucura na corte imperial: um embate historiográfico acerca do funcionamento do Hospício Pedro II de 1850 a 1889. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v.12, n.2, jun. 2009, pp.393-410.

Concomitantemente a esta série de denúncias, havia por parte dos médicos uma luta pela criação de um hospício no Brasil, pois, segundo o relatório da Comissão de Salubridade, os loucos internados na Santa Casa, “recebiam um tratamento bárbaro que, em vez de proporcionar alívio de suas desgraças os tornava ainda mais loucos”³⁴⁸. Neste contexto, de acordo com Gonçalves:

As próprias reivindicações apresentadas por membros da *elite médica* do Rio de Janeiro em torno da necessidade de construção de um estabelecimento médico-filantrópico que se empenhasse somente no tratamento de indivíduos diagnosticados como alienados mentais, denotava a influência que as proposições encabeçadas por Pinel e estendidas por seu discípulo Étienne Esquirol surtiram no meio acadêmico brasileiro. Ao reclamarem por um médico “especialista” e um tratamento “físico e moral”, os membros da *elite médica* defendiam concepções próprias àquelas elaboradas por Pinel e Esquirol³⁴⁹.

Entretanto, como demonstra Engel, mesmo após a Comissão de Salubridade alertar para a questão dos loucos no Rio de Janeiro, inúmeras práticas eram adotadas, entre elas o envio dos médicos para o tratamento de loucos na Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro para identificar aqueles que eram realmente loucos, ou seja mesmo após o alerta da Comissão ainda restavam dúvidas por parte dos médicos para saber quais eram loucos e quais pacientes eram sãos. Esta prática “foi efetivamente disseminada nas décadas de 30 e 40 do século XIX”³⁵⁰, sendo também muitas destas denúncias reafirmadas na Câmara Municipal, órgão responsável pela visita a hospitais e prisões.

No entanto, como demonstra Gonçalves, é importante salientar que os preceitos de Pinel e de Esquirol não eram os únicos presentes no projeto de construção do Hospício de Pedro II, pois outros médicos também foram influentes, como, por exemplo, Jean Pierre Falret (1794-1870). Sobre isto a autora afirma o seguinte:

Assim, tomando como ponto de partida este contexto histórico, em que verifica o esforço desempenhado pela categoria médica nacional na construção e consolidação da sua ingerência sobre o tratamento das doenças mentais, pretendemos primeiramente defender com esta tese que esse empenho amparava-se, sobretudo, na conformação de um

³⁴⁸ ENGEL, Magali. Os delírios da razão. *op.cit.*, p. 191.

³⁴⁹ GONÇALVES, Monique de Siqueira. *Mente sã, corpo são: Disputas, debates e discursos médicos na busca pela cura das “nevroses” e da loucura na corte imperial (1850-1880)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde), Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2011. p.16.

³⁵⁰ ENGEL. Os delírios da razão. *op. cit.*, p.187.

arcabouço médico-científico acerca dos distúrbios nervosos, que teve seu impulso com as proposições defendidas pelo médico francês Philippe Pinel, no início do século XIX, mas que, no entanto, não se manteve restrita a essas³⁵¹.

Assim sendo, apesar de destacar a importância da influência destes outros médicos, a autora ressalta que com a inclusão no Brasil de outras concepções sobre as doenças mentais, a teoria alienista, a despeito do discurso do alienismo presente no projeto de construção do hospício, sofreu algumas modificações, especialmente a partir da segunda metade do século XIX.

Luís Vicente de Simoni³⁵², um dos fundadores da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro e que em 1837 era o médico responsável pela enfermagem dos alienados na Santa Casa da Misericórdia, publicou na *Revista Medica Fluminense* um artigo sobre a importância da criação de um hospício no Brasil. O médico, logo no início do texto, procurou justificar a importância da criação de um hospício para o país:

De todas as moléstias a que o homem e sujeito nenhuma há cuja cura dependa mais do local, como que é tratada, do que a da loucura. A conveniência, ou idoneidade do estabelecimento em que os loucos são recebidos, é, na maior parte dos casos, para a cura uma condição absoluta e *sine qua non*. A necessidade desta conveniência, ou idoneidade está ligada não só á qualidade da moléstia, como também á dos meios com que esta pode, e tem de ser combatida, e que, sem essa condição, não é possível aplicar com fruto³⁵³.

Para Simoni, a criação do hospício, baseada principalmente nos preceitos do alienismo, sobretudo aqueles apregoados por Pinel e Esquirol, era fundamental para que se pudesse obter um resultado de cura do doente, pois o louco necessitava de um lugar especial para que pudesse observar seus sintomas e assim ser tratado de maneira adequada. Magali Engel destaca que:

Na tentativa de conquistar o poder absoluto sobre a loucura, o primeiro objetivo dos médicos seria retirar do próprio louco qualquer resíduo de poder sobre si mesmo e sobre a loucura que ele pudesse ter preservado. Assim argumentando que o hospício atenderia antes de tudo ao interesse do próprio louco, o médico atribuía-lhe o direito e o poder de falar por ele³⁵⁴.

³⁵¹ GONÇALVES. *Mente sã, corpo são. op. cit.*, pp.15-16.

³⁵² Para mais informações sobre o médico Luiz Vicente de Simoni consultar anexo I p.160-163.

³⁵³ SIMONI, Luiz Vicente de. Importância e necessidade da criação de hum manicómio ou estabelecimento especial para o tratamento de alienados pelo Dr. Luiz Vicente De-Simoni. *Revista Medica Fluminense*, Rio de Janeiro, anno 5º, n.6, setembro de 1839, pp. 241-262.

³⁵⁴ ENGEL. Os delírios da razão. *op. cit.*, p. 195.

Luís Vicente de Simoni explicitou a relevância da construção de um lugar adequado através dos preceitos da terapêutica do alienista, segundo os quais o isolamento seria importante para o tratamento destes loucos. Do mesmo modo que os alienistas defendiam, para Simoni era importante a separação dos loucos em classes, de acordo com o gênero e a espécie da alienação mental. Buscando apresentar um cuidado mais apurado, ele explicou como devia ser a estrutura mais adequada para receber estas pessoas no hospício:

[...] as distrações, a ventilação, os passeios, os banhos, as embrocações; sem meios próprios de efetuar tudo isso, e conter sem barbaridade os furiosos no seu delírio, sujeitando-os docemente ao tratamento que lhes pode ser útil; sem uma grande atenção e cuidado todos dedicados a esta classe de doentes, e quase impossível obter-se boas curas, e com facilidade³⁵⁵.

Para que o tratamento obtivesse resultados satisfatórios, Simoni dizia que isto não dependia somente do médico, mas também de outros profissionais, como do arquiteto, que deveria projetar um ambiente adequado com os requisitos da terapêutica alienista. Era, igualmente, importante ter um diálogo entre o médico especializado e o arquiteto para a construção deste projeto. Assim, com o diálogo entre os diversos profissionais e a adequada separação dos loucos em suas espécies e gêneros, o tratamento poderia alcançar sua eficácia.

Podemos perceber também uma certa dimensão filantrópica nesta afirmação de e Simoni, ao considerar que tratar os loucos com docilidade e dedicar-se somente a eles poderia resultar na cura destes indivíduos.

Argumentando que muitos trabalhos já haviam sido publicados a este respeito, Simoni afirmava que não havia mais nada que se pudesse contestar sobre este assunto, pois aquilo que o médico denominava de verdade “estão provadas não só por argumentos, mas por fatos, as mudanças a que a convicção por elas produzida tem dado impulso, os sucessos de que estas tem sido coroadas são muito satisfatórios”³⁵⁶. Portanto, não havia, de acordo com este médico, o que se contestar sobre esta terapêutica, tão presente, como ele mesmo afirmava, em inúmeros trabalhos produzidos na Europa.

³⁵⁵ SIMONI, *op. cit.*, p.241.

³⁵⁶ *Idem, ibidem*, p.242.

Para reforçar ainda mais seu argumento sobre a importância da criação de uma instituição para alienados no Brasil, o autor enumerou vários exemplos de países nos quais estas mudanças tinham ocorrido, não só na Europa. Deste modo, os países apontados como lugares em que já haviam sido criadas estas instituições, muitas das quais sob a influência do pensamento iluminista, eram os seguintes:

Rara é a cidade na França, na Itália, na Inglaterra, e nos Estados Unidos da América aonde essa convicção não tenha levado o seu espírito reformador, e de melhora; raro o estabelecimento que mais ou menos não tenha sido utilmente modificado no sentido dos princípios da medicina físico-moral, e com maior harmonia com as luzes, e progressos do século³⁵⁷.

Igualmente, da mesma maneira que os países citados por Simoni haviam colocado em prática o discurso do iluminismo nas ciências e, conseqüentemente, na medicina, cabia ao Brasil naquele momento também procurar estar inserido desta forma, inclusive no que tangia ao progresso que estas nações europeias e os Estados Unidos haviam alcançado no campo da ciência médica. Neste sentido, concernia aos médicos brasileiros realizar aquela reforma e levar o país ao progresso.

Apresentou, em seguida os avanços que haviam sido realizados na Itália após a criação dos hospícios, e de que modo o tratamento físico-moral tinha sido importante para a terapêutica dos alienados. Interessante salientar que, neste trecho do texto, não faz menção a Chiarugi, que foi o primeiro idealizador da reforma nos preceitos do alienismo no território italiano.

Simoni mostrou os progressos no campo científico de um período coetâneo ao seu, referindo-se aos princípios da ciência que nortearam as reformas realizadas nas principais cidades da Itália e a seus resultados satisfatórios. Assim afirmou:

[...] Gênova, Turim, Palermo, e outras cidades acabam de edificar manicômios, cuja construção, dirigida pelos princípios da ciência, os constitui na circunstância de se poderem chamar verdadeiros asilos e um deles, o de Turim, aonde os Drs. Bartolini e Bonacossa obtém resultados felicíssimos do tratamento físico moral, tem merecido os louvores do todos os sábios³⁵⁸.

Estamos diante mais uma vez da justificativa para a criação de uma instituição especial para os alienados no Brasil embasada no discurso científico, moral, e com a proposta de uma terapêutica voltada para a recuperação da razão pelo paciente. Simoni

³⁵⁷ *Idem, ibidem.* p.242.

³⁵⁸ *Idem, ibidem.* p.242.

afirmou que no território italiano esta reforma recebeu elogios inclusive de médicos de fora da Itália, principalmente por causa dos resultados bem sucedidos e por sua construção fundamentada na implementação do tratamento moral: “Basta ler-se os escritos de M. Esquirol e do Dr. Pedro Francisco Buffa para ver-se quanto à antiga condição dos doidos era miserável, nos estabelecimentos em que eram acolhidos”³⁵⁹.

Com esta reforma, dizia, ganhavam a medicina, a ciência, e a humanidade com um tratamento mais humano dos alienados, que buscava “melhorar a sorte dos infelizes que perderam o intelecto”³⁶⁰. Sobre este cuidado com os loucos, Luís Vicente de Simoni comparou o século XIX com o XVIII, afirmando o seguinte:

Um zelo, um movimento benéfico, e ao mesmo tempo ilustrado manifestam por toda a parte a associação feliz do coração com o espírito, da caridade e da religião com o saber, e a experiência em empresa tão útil quão generosa. As coisas, é verdade, ainda estão muito longe da perfeição desejada; mas é inegável que dela estão muito menos distantes do que o estavam no fim do século passado, e que o melhoramento, e o progresso manifestam-se por toda parte³⁶¹.

Após apresentar sua análise baseada em argumentos morais, científicos e filantrópicos, e também na experiência bem sucedida de outros países, com o objetivo de justificar a construção de um lugar especial para os alienados na cidade do Rio de Janeiro, o médico referiu-se ao fato de que em 1830 a comissão de salubridade, constituída pela então Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, já havia feito um relatório tratando do modo pelo qual eram tratados os loucos, sobre suas condições deploráveis, e sobre o tratamento destes na Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro.

Posteriormente, outras comissões também foram criadas com o intuito de debater este assunto. Assim, o médico ainda fazia referência ao trabalho de um companheiro seu, o sr. José Clemente Pereira³⁶², que foi muito importante para que se pudesse compreender a situação dos alienados na capital do império. Sobre o trabalho de Clemente Pereira, Simoni disse o seguinte:

A esses brados nós hoje vamos ajuntar os nossos, e ao quadro apenas esboçado pelo Sr. Provedor José Clemente Pereira no seu excelente relatório, acrescentar alguns traços para que o horror da desfaça do alienado nessa casa e neste país, e o perigo de nós todos se tornem tão

³⁵⁹ *Idem, ibidem.* p.243.

³⁶⁰ *Idem, ibidem.* p.243.

³⁶¹ *Idem, ibidem.* p.243.

³⁶² Para mais informações sobre José Clemente Pereira consultar anexo I p. 160-163.

vivos e tão salientes quanto o requer a indiferença, com inação, que infelizmente tem havido entre nós a este respeito. Vamos descobrir o abismo, que esta aos pés de cada um de nós, e cuja horrível profundidade quase que não tem sido apercebida³⁶³.

Do mesmo modo que seu companheiro José Francisco Xavier Sigaud, que escrevera anos antes, Simoni também criticou as condições às quais eram submetidos os loucos na Santa Casa, e o fato de que os pacientes não estavam separados dos demais doentes de um modo que favorecesse o seu tratamento. Desta maneira, “os alienados ficam assim separados dos doentes do hospital somente por um assoalho de tábuas sem forro”³⁶⁴, podendo ser incomodados pelo caminhar de estudantes, serventes, funcionários do hospital no andar superior, prejudicando o silêncio necessário para o tratamento dos alienados:

Além disso, o tratamento moral não é praticado, muitos dos meios do tratamento físico faltam ou são impossíveis, não há divisão para as diversas espécies de loucura, também não há banhos, jardins para passeio, regime especial e regimento próprio. Finalmente, não há médico especialista e os enfermeiros não tem qualificação alguma, além de estarem sempre em rodizio pelo hospital³⁶⁵.

Por fim, Simoni afirmou que com a criação de um manicômio no país, o louco poderia ficar fora do seio familiar e sob o zelo dos administradores dessa instituição de forma a promover seu tratamento e cura.

No ano de 1841, após um período em que o Brasil fora governado provisoriamente por causa de abdicação ao trono de Pedro I, seu filho Pedro II assume o governo brasileiro e, com isso o projeto para a construção de um asilo no território brasileiro foi finalmente aprovado, devido à “campanha dos médicos articulada pela Academia Imperial de Medicina, aliada às insistentes reclamações dirigidas ao Ministro do Império pelo Provedor da Santa Casa de Misericórdia, José Clemente Pereira por intermédio de relatórios de 1839 e 1841.”³⁶⁶ Posteriormente a estas reclamações tem-se a seguinte situação:

[...] foi aprovado por decreto de 18 de julho de 1841 e, a construção do “Palácio dos Loucos”, na Praia da Saudade, teve início com uma enorme lista de subscritores, dentre os quais constava o próprio imperador. Para a edificação do suntuoso prédio foram utilizados também recursos advindos de donativos, comutações de penas,

³⁶³ SIMONI, *op. cit.* p.244.

³⁶⁴ SIMONI, *op. cit.*, p .245.

³⁶⁵ MACHADO. Danação da norma. *op.cit.* p.378.

³⁶⁶ ENGEL. Os delírios da razão. *op.cit.*, p.200.

loterias, esmolas e rendimentos da chácara onde seria edificado o hospício³⁶⁷.

Pouco tempo após a promulgação do decreto que previa a criação do Pedro II, “nove alienados foram removidos para as instalações provisórias na chácara do Vigário-Geral³⁶⁸”. Posteriormente, no dia 11 de novembro de 1842, o Dr. José Martins da Cruz Jobim, foi “nomeado o primeiro médico desta seção, isolada do Hospital de Misericórdia, pela mesa administrativa do Hospício”³⁶⁹. Ainda, de acordo com Facchinetti e “segundo o regimento interno, seu objetivo era tratar alienados curáveis³⁷⁰”

Para estabelecer o modo pelo qual deveriam ser tratados os alienados, o médico Antonio José Pereira das Neves foi enviado à Europa, em 1843, integrando uma comissão para visitar as principais instituições europeias na época e trazer informações para o tratamento dos alienados a ser implantado no território brasileiro. Ao retornar ao Brasil, em 1845, com um vasto material a respeito da sua experiência na Europa, Pereira das Neves publicou parte de seu trabalho em vários artigos publicados nas edições dos *Annaes Brasilienses de Medicina*, a partir de 1848:

[...] a ideia de que os alienados mentais transitando livremente pelas ruas da Corte representavam um perigo para a sociedade, certamente se configurava como uma preocupação daqueles que clamavam pela construção de um hospício no Rio de Janeiro, então capital do Império do Brasil. No entanto, a atenção para a função terapêutica do hospício fora uma constante, desde a escolha do terreno no qual seria edificado o estabelecimento até a escolha do médico e acadêmico José Pereira das Neves, por parte do governo, para passar três anos na Europa com o intuito de conhecer a estrutura e o tratamento aplicado nas instituições asilares lá estabelecidas³⁷¹.

Em seu primeiro artigo, Antonio José Pereira das Neves se dedicou exclusivamente a analisar o Charenton, um hospício localizado nas proximidades de Paris e dedicado ao tratamento das classes mais abastadas da época. Nas primeiras páginas, o médico brasileiro analisou a estrutura do hospício novo que foi construído

³⁶⁷ GONÇALVES. *Mente sã, corpo são. op. cit.*, p.14.

³⁶⁸ ENGEL. *Os delírios da razão. op.cit.*, p. 201.

³⁶⁹ CALMON, Pedro. *O palácio da praia vermelha apud ENGEL, Magali. Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001. p. 201.

³⁷⁰ FACHINETTI, Cristiana. *Hospício Pedro II*. IN: JACÓ VILELA, Ana Maria (org). *Dicionário Histórico das instituições de Psicologia no Brasil*. 1ª edição. Imago Editora: Rio de Janeiro. 2011.p. 251.

³⁷¹ GONÇALVES. *Mente sã, corpo são. op. cit.*, p.32.

“segundo o plano de Esquirol”³⁷² e onde “os furiosos não tem mais que um leito de madeira sólida pregado no chão”³⁷³.

Segundo Monique Gonçalves, Pereira das Neves:

[...] ao retornar da viagem, este destacava que, além de ter sido apresentado por Sigaud ao alienista Foville responsável pelo hospício de Charenton, na França, a sua visita ao mesmo estabelecimento tinha sido encaminhada a Foville por meio de uma representação conseguida por José de Araújo Ribeiro, Visconde do Rio Grande, na época Ministro plenipotenciário do Brasil na França. Sendo assim, se tal asserção reforça por um lado o papel ativo que Sigaud teve na conformação de um estabelecimento que fosse direcionado à cura dos doentes mentais, por outro, denota a importância de tal visita para o governo, na concepção do hospício de alienados a ser edificado na capital do Império, ao envolver um pedido de visita oficial. Somente em se tratando da visita ao hospício de Charenton, Neves faz menção a uma representação desta natureza, o que reforça para nós a intenção do governo de edificar um espaço modelar, que se assemelhasse às representativas instituições do mesmo gênero na Europa, alcançando assim, o ideal de equiparar o Império do Brasil com as nações ocidentais “civilizadas”³⁷⁴.

No que tange à estrutura do Charenton, José Pereira das Neves afirmou que “a maior parte dos quartos, salas e refeitórios são assoalhados de madeira, e envernizados segundo o uso de Paris e muitos outros são ladrilhados”³⁷⁵.

E por pertencerem às classes mais privilegiadas da sociedade francesa da época, os internos do Charenton “não se ocupam em trabalhos manuais, nem mesmo em jardinagem, mas se distraem nos jogos de bilhar, cartas, gamão, xadrez e outros, os passeios fora da casa é permitido aos doentes pelo médico diretor que manda conduzi-los pelos enfermeiros”³⁷⁶.

O médico brasileiro analisou criteriosamente o funcionamento do hospício, desde a casa de banho, como estavam colocadas as latrinas, e também as condições de salubridade. A respeito das latrinas, ele disse o seguinte:

Como são alienados são inclinados por natureza de sua moléstia a perversões de sensibilidade e aos desvarios das paixões é essencial observar todos os atos da sua vida. Por isto em Charenton as latrinas

³⁷² NEVES, Antonio José Pereira. Relatório acerca do tratamento de alienados e seus principais hospitaes, na França, Inglaterra, Italia, Belgica e Portugal pelo doutor Antonio José Pereira das Neves encarregado desta comissão em maio de 1844, pela administração do hospital de Pedro Segundo, desta capital. *Annaes de Medicina Brasiliense*, Rio de Janeiro, 3º ano, n.7, vol.3º, janeiro de 1848, pp. 161-166.

³⁷³ *Idem, ibidem*, p.162.

³⁷⁴ GONÇALVES. *Mente sã, corpo sã. op. cit.*, p.33.

³⁷⁵ NEVES. *op.cit.* p.162.

³⁷⁶ *Idem, ibidem*. p.162.

são colocadas afim de oferecer toda a facilidade de vigiá-los, ficando ao mesmo tempo o pudor de alguns doente ao abrigo de toda a inquietação³⁷⁷.

Após Charenton, o médico brasileiro continuou na França, quando foi visitar Salpêtrière, o famoso hospício francês no qual Pinel havia sido diretor no começo do século XIX e que era conhecido por abrigar exclusivamente mulheres. Pereira das Neves se espantou com a suntuosidade do local, que era constituído por vários edifícios e que teria aproximadamente entre seis e sete mil habitantes na época de sua visita.

Para que fosse possível organizar esta grande quantidade de pacientes, ele explicou que as pacientes eram, de acordo com a sua moléstia, divididas em cinco categorias, as quais seguem a seguir:

1ª: mulheres públicas que abandonaram sua vida de deboche e desordem, em consequência da idade avançada ou de uma enfermidade. 2ª: indigentes, cegas, paralíticas, inválidas e octogenárias. 3ª: mulheres septuagenárias, achadas de males incuráveis. 4ª: mulheres afetadas de moléstias crônicas, mas suscetíveis à cura. 5ª: alienadas, epiléticas e idiotas³⁷⁸.

Em seguida o médico brasileiro afirmou que o seu foco era estudar exclusivamente a última categoria, na qual ele observava primeiramente os dormitórios em que as alienadas ficavam. Além do mais, ele afirmou que “estas pobres velhas, que acham no derradeiro quartel da vida um refúgio a sua degradação mental”³⁷⁹.

Deste modo, ao observar os leitos, ele viu que o número de alienadas e epiléticas excediam a quantidade de mil, sendo divididas em duas grandes classes, a de curáveis e incuráveis, ficando esta divisão na incumbência dos médicos Jean Pierre Falret (1794-1870), Jean Etienne Mistisié (1796-1871)³⁸⁰(que seria sobrinho de Esquirol), Ulysses Trelat (1795-1879)³⁸¹ e Jules Gabriel François Baillarger (1809-1890)³⁸². O Dr. Falret

³⁷⁷ *Idem, ibidem*. p.164.

³⁷⁸ NEVES, Antonio José Pereira. Relatório acerca do tratamento de alienados e seus principais hospitaes, etc. pelo Sr. Dr. Antonio José Pereira das Neves. 2ª Artigo. Salpetriere. *Annaes de Medicina Brasiliense*, Rio de Janeiro, 3º anno, n.11, vol.3º, maio de 1848, pp. 271-274.

³⁷⁹ *Idem, ibidem*. p.272.

³⁸⁰ Percebe-se aqui a grafia errada de Antonio José Pereira em relação ao nome do médico francês, visto que o sobrenome do sobrinho de Esquirol era Mitivié. Jean Etienne Frumance Mitivié (1796-1871). Estudou em Paris, foi ensinado por seu tio Esquirol no Salpêtrière, apresentou sua tese de medicina em 1820, no ano de 1831 foi nomeado para o serviço de alienados deste hospital. Para mais informações ver: CAIRO, Michel. MITIVIÉ, Jean Etienne Frumance. In: <http://psychiatrie.histoire.free.fr/pers/bio/mitivie.htm> . Acesso em 11 de julho de 2016.

³⁸¹ Ulysses Trelat (1795-1879). Aluno de Esquirol, no Salpêtrière e em Chanreton. Foi nomeado médico chefe do distrito de Salpêtrière a partir de 1840, cargo este que ocupou até 1876. Para mais informações

tem “a seu cargo perto de duzentas alienadas, classificadas de acordo com seu estado de agitação, turbulência ou tranquilidade”³⁸³.

Em relação ao tratamento, o médico brasileiro o denominou de “terapêutica moral”, “princípios estes reconhecidos, por todos os médicos que tratam de alienados, os quais deveriam ser invariavelmente adotados em todos os países, a base mais sólida do tratamento dos alienados”³⁸⁴. Este era constituído seguindo os seguintes passos:

Em primeiro lugar Dr. Falret procura fazer persuadir a alienada que ela está doente, em segundo lugar que sua moléstia é um desarranjo da razão. [...] a todas fala uma linguagem franca e persuasiva, procura conforme o caso despersuadi-las de suas alucinações ou ilusões, o que dizeis é falso, o que fazeis é uma ação de uma mulher que perdeu a razão, eis que convém que façais agora para conseguir o juízo, [...] estás em um hospital para serdes tratada e eu sou vosso médico³⁸⁵.

Vemos presente neste discurso a terapêutica apregoada por Pinel e Esquirol durante o seu tratamento, sendo como o primeiro passo convencer a pessoa que ela estava realmente doente, e precisava reestabelecer a razão para que pudesse sair de lá. Sendo assim, muitas vezes os médicos utilizavam a conversa com o paciente para provar que este estava realmente doente, que suas alucinações e desvarios eram por causa da sua razão que fora restituída e que cabia ao especialista através desta terapêutica fazer com que a pessoa se curasse.

Muitas vezes, como fora observado pelo médico brasileiro, a música era utilizada como terapia, e também as oficinas de corte e costura. Acerca desta forma de tratamento, ele chegou a afirmar que seria bastante interessante introduzi-las no Hospício de Pedro II:

O que acabo de referir, sem a menor exageração, deve ser lido com interesse, porque é inteiramente desconhecido entre nós, onde infelizmente tem se tratado os alienados com desprezo, senão com repreensível abandono e incúria, peço aos Céus que este triste estado

ver: CAIRO, Michel. TRELAT, Ulysses. In: <http://psychiatrie.histoire.free.fr/pers/bio/trelat.htm> . Acesso em 11 de julho de 2016.

³⁸² Jules Gabriel François Baillarger (1809-1890). Foi estudante interno de Esquirol da Casa Real de Charenton, defendeu sua tese em medicina no ano de 1837 e em 1840 é nomeado médico chefe de Salpêtrière. Para mais informações ver: CAIRO, Michel. BAILLARGER, Jules Gabriel François. In: <http://psychiatrie.histoire.free.fr/pers/bio/baillarger.htm> . Acesso em 11 de julho de 2016.

³⁸³ NEVES Relatório acerca do tratamento de alienados e seus principais hospitaes . *op. cit* p.272.

³⁸⁴ NEVES, Antonio José Pereira. Relatório acerca do tratamento de alienados e seus principais hospitais, etc. 2º Artigo. (Vem do numero 11, pag. 274 – Conclusão). *Annaes Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, 3º anno, n.12, vol.3º, junho de 1848, pp. 292-295.

³⁸⁵ *Idem, ibidem.* p.292.

dos nossos infelizes doidos se termine quanto antes com a desejada abertura do magnifico Hospício de Pedro 2^o³⁸⁶.

Ao encerrar sua análise sobre o funcionamento do Salpêtrière, Antonio José Pereira das Neves afirmou, em sua segunda ida ao local, em 1845, que o número de alienadas havia aumentado gradativamente, chegando ao impressionante número de 1630. Este fato, para o brasileiro, gerava alguns problemas como a superlotação, obrigando algumas doentes a deitarem no chão, pois não havia mais leitos disponíveis. Com isso havia reclamações dos médicos em relação à estrutura do local, que não era mais compatível com a condição de outrora em relação ao bem estar das alienadas.

Outro problema notado era a questão da higiene, pois antes os médicos tinham um grande cuidado no que tangia às questões higiênicas e com a superlotação, mas o ambiente acabou tornando-se insalubre, “fazendo aumentar a agitação e a desordem”³⁸⁷, apesar de todos os esforços da administração do local para transferir cerca de duzentas alienadas, que estavam em um estado crônico, para outros locais da França.

Contudo, apesar destes problemas estruturais relatados, o médico brasileiro ao tratar da questão da transferência das alienadas para outros locais afirmou: “Na escolha das alienadas que deveriam deixar Paris e sua antiga moradia, presidio um espírito de humanidade bem digno de louvor”³⁸⁸.

Posteriormente, após presenciar como haviam sido transferidas as alienadas para outras localidades do território francês, Antonio José Pereira das Neves encerrou este seu artigo com um elogio ao modo pelo qual os franceses tratavam os alienados:

Este fato que de passagem acabo de referir, servirá para dar mais uma prova do zelo e caridade com que os franceses tratam hoje as suas alienadas, que recebem no estabelecimento de que fez a história todos os cuidados e confortos que merecem os outros doentes nos demais hospitais de Paris, cujos cuidados ninguém poderá dizer que se encontram melhores em outra qualquer parte da Europa³⁸⁹.

Após analisar como funcionavam os hospícios do Charenton e depois o de Salpêtrière, Pereira das Neves, em seu último artigo mostrou como era o aparelhamento do Bicêtre, outro famoso hospício francês, destinado somente para homens.

³⁸⁶ *Idem, ibidem.* p.294.

³⁸⁷ *Idem, ibidem.* p.294.

³⁸⁸ *Idem, ibidem.* p.295.

³⁸⁹ *Idem, ibidem.* p.295.

Do mesmo modo que o Salpêtrière, Bicêtre também impressionou o médico brasileiro por seu tamanho, e por sua organização a partir de várias classificações de alienados. Anteriormente o prédio em Bicêtre era destinado aos indigentes, mas, com o passar o tempo “o número de alienados, epiléticos e idiotas foi ali crescendo por tal modo que obrigou-lhe a consagrar um quartel especial”³⁹⁰, sendo que os alienados epiléticos eram separados dos demais alienados.

A classificação dos loucos seguia a seguinte ordem: “turbulentos, faladores e furiosos, e quanto ao tratamento são divididos em tranquilos, epiléticos, afetados de moléstias acidentais e entrados de novo”³⁹¹. A camisola de força, caso fosse necessária, era utilizada. Finalmente, havia em Bicêtre uma ala específica para os meninos da chamada Escola de Meninos Idiotas, na qual as crianças possuíam toda uma educação especial e eram classificados em quatro categorias respectivamente:

1ª crianças nascidas pobres de espirito: isto é com uma organização cerebral abaixo da organização comum a espécie em geral, e que na hierarquia dos poderes cerebrais ocupam graus intermediários entre os idiotas e o homem de inteligência comum. Na 2ª estão as crianças nascidas como todo mundo dotadas da organização comum a espécie geral, [...] A 3ª formou-se os meninos nascidos extraordinários: isto é com um cérebro volumoso, [...] estes meninos se fazem notar por uma caráter caprichoso, uma dissimulação profunda, paixões violentas etc. Na 4ª categoria compreendeu os meninos nascidos de pais alienados são por estas causa dispostos a alienação mental, ou a qualquer outra afecção nervosa³⁹².

É razoável notar nesta última classificação percebida por Pereira das Neves um novo olhar em relação à alienação mental no território francês. Lembro que neste período tanto Pinel quanto Esquirol já haviam falecido. Outros discursos começavam a competir, e desta forma não estavam presentes somente as características concernentes ao alienismo, mas sim as da hereditariedade, pois uma criança ao ser filha de pais alienados poderia se tornar uma alienada.

Por fim, o modelo do Charenton foi o escolhido para servir de inspiração para a criação do Hospício de Pedro II. Desta forma, o hospício foi inaugurado no ano de

³⁹⁰ NEVES, Antonio José Pereira. Relatório acerca do tratamento de alienados e seus principais hospitais em França, Inglaterra, Itália, Alemanha, Bélgica e Portugal; pelo Dr. A. J. P. das Neves, encarregado desta comissão em maio de 1844 pela administração do hospício de Pedro 2º desta capital. Artigo 3º (Vem do tomo III, pag. 292). *Annaes de Medicina Brasileira*, Rio de Janeiro, 4º anno, n.1, vol.4º, julho de 1848, jul. 1848, pp.12-16. p.13.

³⁹¹ *Idem, ibidem*. p.14.

³⁹² *Idem, ibidem*. p.15.

1852, com uma obra arquitetônica suntuosa e com a presença no hall de entrada das estátuas de Pedro II, Pinel e Esquirol:

Pelo decreto nº 1.077, de 04 de dezembro de 1852, o Governo Imperial, através de seu Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império, Francisco Gonçalves Martins, mandou executar os estatutos da instituição. Baseado na legislação francesa sobre os alienados, de 30 de junho de 1838, que instituiu a proteção jurídica dos alienados, e de cuja elaboração participara Jean Etienne Dominique Esquirol (1772-1840), o Hospício teria como objetivo o asilo, tratamento e curativo dos alienados de ambos os sexos de todo o Império, sem distinção de condição, naturalidade ou religião. Incorporado à Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, teria os mesmos direitos, prerrogativas e isenções de seus outros estabelecimentos. De acordo com seus estatutos, o serviço do Hospício dividia-se em três setores:- econômico: cujo responsável deveria ser um administrador;- sanitário: que seria desempenhado por facultativos clínicos de cirurgia e medicina, tendo um diretor auxiliado por irmãs de caridade, enfermeiros, enfermeiras, serventes e um farmacêutico chefe da botica;- religioso: ocupado por capelães. Os serviços de enfermagem eram executados por irmãs de caridade auxiliadas pelos ajudantes, sob a direção da Irmã Superiora, e a fiscalização do médico, diretor e do Irmão Mordomo. Inicialmente, em 1853, o serviço sanitário do Hospício ficava a cargo de um médico, auxiliado por 10 irmãs de caridade e 10 enfermeiros. A partir de 1856 integrava o serviço sanitário o denominado 1º médico e um ajudante, e de 1860 em diante, também se contava com um médico adjunto, e posteriormente um médico interino. Os pacientes eram classificados em pensionistas (os que tinham condições de pagar suas despesas com o tratamento e curativo) e gratuitos (as pessoas indigentes, marinheiros e escravos de senhores que só possuísem um e não tivessem recursos para pagar as despesas). O tratamento ministrado aos doentes variava de acordo com o valor da pensão que pagassem; aqueles que podiam pagar uma mensalidade mais alta tinham tratamento especial e ficavam mais bem acomodados. Desde o início de seu funcionamento, o Hospício de Pedro II recebeu indigentes e pensionistas, sendo seus preços de internação modestos e suas instalações divididas em quatro classes. A primeira de quarto separado com tratamento especial, a segunda de quartos para dois alienados com tratamento especial, a terceira com enfermarias gerais para livres e, por fim, a quarta com enfermarias para escravos. Os médicos da instituição tinham um papel secundário na decisão sobre a internação de um paciente, que dependia muito mais de autoridades como o juiz de órfãos, chefe ou delegado de polícia, o provedor da Santa Casa e a família ou o senhor do doente. A decisão final sobre a internação cabia ao provedor, depois de analisar os requerimentos oficiais ou as petições das famílias. O grau de demência poderia ser atestado previamente ou durante um período de observação de no máximo quinze dias³⁹³.

³⁹³ Hospício de Pedro II. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível na Internet: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br> Acesso em 9 de jul. 2016.

Em relação a ocupação dos primeiros pacientes do Hospício Pedro II, e sua procedência Gonçalves apresenta-nos os seguintes dados:

Dentre os primeiros ocupantes do Hospício Pedro II, José Clemente Pereira, provedor da Santa Casa, relacionou 74 homens e 66 mulheres, dos quais 126 eram classificados como tranquilos, 10 como agitados e 4 como imundos. Desse total, 63 eram brasileiros, 57 estrangeiros e 20 tinham a nacionalidade ignorada. Quanto à procedência, 113 advinham do município da Corte, 20 da província do Rio de Janeiro, e 7 de outras províncias do Império: 1 de Minas Gerais, 1 de Santa Catarina, 4 do Rio Grande e 1 do Sergipe³⁹⁴.

Portanto, entendemos que a luta empreendida dos médicos brasileiros pela criação de uma instituição para alienados no Brasil, foi um processo demasiado longo, ainda que bem sucedida. Desde as denúncias no início da década de 30 até a criação do Hospício de Pedro II, passaram-se exatos 22 anos sem que os loucos brasileiros tivessem um lugar que já então se considerava o único adequado para o tratamento, permanecendo em instalações provisórias, como na Santa Casa ou em Vigário-Geral.

A criação do hospício pode ser interpretada como a pressão por ele exercida do crescimento da força do discurso médico sobre a loucura e as preocupações acerca de sua periculosidade, assim como à pressão por eles exercida em relação à condição degradante dos alienados na Santa Casa, que foi promulgado um decreto para a criação de uma instituição especial.

Percebemos neste contexto a ativa presença do médico José Francisco Xavier Sigaud, tanto na publicação de artigos acerca do tema quanto nas relações diplomáticas. Em relação à apresentação de enviados brasileiros à Europa para visitar e conhecer os hospícios, como o de Salpêtrière, destacou-se também a figura Luís Vicente de Simoni, como encarregado da divisão provisória dos alienados do Hospício de Pedro II.

Outro aspecto importante foi o fato de que a criação do hospício, de acordo com os autores, possibilitava a inserção do Brasil no cenário dos países cientificamente desenvolvidos. O Hospício de Pedro II foi o primeiro hospício inaugurado na América Latina, servindo *a priori* como modelo de tratamento de alienados não apenas para os brasileiros, mas também para seus vizinhos americanos.

³⁹⁴ GONÇALVES. *Mente sã, corpo são. op. cit.* p.36.

Conclusão

Esta pesquisa se propôs a analisar como se deu o processo de institucionalização do alienismo no território brasileiro (1832-1852), dando foco principalmente às modificações efetivadas após a chegada de Dom João VI, com o intuito de transformar uma antiga colônia em capital do império português. Assim sendo, percebemos que, primeiramente, a institucionalização das ciências se consolidou mesmo no começo do século XIX, com a criação de instituições adequadas para a propagação do conhecimento científico. Entretanto, percebemos que havia sim a produção de ciências no Brasil mesmo antes da chegada dos portugueses, mas como não havia lugares para divulgar o que era discutido, os trabalhos (este fato se corrobora com a não existência da imprensa) eram publicados no continente europeu, e após a criação destas instituições, temos um ambiente mais propício para a propagação do conhecimento científico no Brasil.

Para este percurso optamos por escolher três instituições que foram importantes primeiramente para a divulgação do conhecimento científico e, posteriormente, para publicação de trabalhos relacionados com o alienismo no território brasileiro.

O primeiro foco de análise foi a medicina no Brasil, visto que com a chegada da Corte portuguesa quase que instantaneamente foram criadas duas escolas de medicina no território brasileiro a de Salvador e do Rio Janeiro. A criação destas escolas visava a produção principalmente de conhecimento médico e científico no Brasil e o aumento do número de médicos no território brasileiro, visto que, até o começo do XIX, a quantidade de médicos, como percebemos ao longo da pesquisa, era deficitário. Outrossim, era importante também obter o monopólio do tratamento e da cura de doenças da população, pois como se percebeu, ainda uma grande maioria optava pelos terapeutas populares. Destarte, como já foi citado, optamos por focar nossa análise no Rio de Janeiro, que sofreu inúmeras transformações tanto no plano arquitetônico, social e também associado a questões de saúde com a chegada do monarca português.

As escolas, quando foram fundadas, tinham basicamente o mesmo currículo, podendo excetuar somente algumas disciplinas. Todavia, desde o começo as escolas médicas passaram por várias dificuldades, principalmente estruturais e a falta de interesse e o desrespeito por partes dos alunos.

Desta maneira, o governo, para melhorar o ensino médico, realizou modificações para que se pudesse aprimorar o que era ensinado e uma das soluções encontradas foi a

ida de alguns estudantes para a Europa para que pudessem aperfeiçoar seus estudos. Estas implementações ganham força com a transformação das escolas de medicina em academias (alteração da grade curricular foi uma delas), e das academias de medicina em Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no ano de 1832 institucionalizando, desta maneira, o ensino médico no Brasil. Com isso, podemos perceber que a exigência havia aumentado em relação aos anos anteriores, a grade passa por uma reformulação e o curso que antes tinha cinco anos passa a ser de seis. Importante destacar neste seguimento a grande influência da medicina francesa neste processo.

As outras duas instituições escolhidas foram Santa Casa e o os periódicos médicos, escolhas estas que se justificam pelo fato de que a Santa Casa, durante muito tempo, foi sede para as aulas da Faculdade de Medicina e, em relação à loucura, como não havia uma instituição especializada no território brasileiro, os loucos no Rio de Janeiro eram para lá enviados. Destarte, tanto os alunos quanto os professores tinham a práxis médica no que tange aos preceitos do alienismo dentro da Santa Casa, podendo inclusive observar como era o comportamento dos considerados alienados.

No que tange aos periódicos, percebemos que foi um importante veículo primeiramente para a divulgação de trabalhos relacionados a ciências no Brasil. O primeiro periódico científico brasileiro fundado em 1813 e chamado de *O Patriota*, foi criado exclusivamente para a divulgação de trabalhos relacionados às ciências. No fim da década de 20 do XIX, temos o surgimento dos periódicos médicos e com eles, desde a primeira edição, trabalhos que tinham como escopo tratar do alienismo. Dessa maneira, percebe-se que estas instituições foram importantes para a divulgação dos preceitos alienistas no Brasil.

Em relação ao alienismo, que surgiu na França em fins do século XVII e começo do XIX, foi a primeira doutrina médica especial a tratar a loucura como doença e, desta maneira, a necessidade de um tratamento moral. Ao longo da pesquisa, percebemos que os preceitos do alienismo não ficaram restritos ao território francês, mas também em outros países europeus como Inglaterra e Itália que, como mostramos, foram reformas realizadas por Willian Tuke e Vincenzo Chiraugi respectivamente. Consequentemente, tivemos também a divulgação destes trabalhos na América Latina, inclusive no Brasil.

Pinel e seus seguidores consideravam que fazia parte da essência de ser humano ser racional (pensamento este advindo da filosofia iluminista); mesmo aquele que havia perdido a razão poderia ser curado, portanto, já que era humano. Assim, cabia à

tecnologia especializada, organizada no interior do asilo e sob a direção do alienista, restituir a razão do doente.

Em relação ao ambiente latino-americano, percebeu-se o surgimento da demanda por parte dos médicos de vários países (ente eles o Brasil) influenciados pelos preceitos do alienismo para a criação de uma instituição especial para o tratamento dos alienados.

Desde o primeiro trabalho produzido na América com esta temática, que foi do médico argentino Diego Alcorta apresentado à Faculdade de Medicina de Buenos Aires, no ano de 1827, claramente influenciado pela terapêutica e os preceitos promulgados do alienismo francês, podemos perceber que a batalha em curso acabou por ser bem sucedida, apesar das reclamações feitas por médicos de vários países.

É importante ressaltar que instituições construídas especificamente para o tratamento de alienados e consideradas adequadas para o tratamento de alienados no território americano só se tornariam uma realidade a partir da segunda metade do século XIX, sendo a primeira o Hospício Pedro II no Rio de Janeiro, inaugurado em 1852, seguido posteriormente de outros lugares como Argentina, Peru e Uruguai.

Com a pesquisa, vimos também que estes preceitos chegaram ao território brasileiro ainda no começo do século XIX, com os trabalhos de Antonio Gomide e José Maria Bomtempo. Nestes trabalhos podemos ver que há uma preocupação em relação a uma medicina especial.

O trabalho de Gomide teve como escopo uma beata considerada santa que, na verdade, sofria de ataques epiléticos, ou seja, era um problema relacionado a faculdades intelectuais da paciente e não mais religioso. Em Bomtempo, percebemos inclusive o mesmo em que ele descreveu as doenças, a influência da nosografia pineliana (no qual como vimos, o médico brasileiro cita sua importância no prefácio de sua obra) e também no modo de tratamento de cada tipo de alienação mental. Bomtempo, assim como o alienista francês, divide as moléstias mentais em espécie para que se possa facilitar o diagnóstico das mesmas. Assim sendo, nestes trabalhos temos a presença de conceitos do alienismo no Brasil, inclusive estabelece um tratamento específico para cada uma delas.

Ao longo da pesquisa vimos também, ao analisarmos as fontes, uma quantidade considerável de trabalhos associados ao alienismo no Brasil. Desde a primeira edição do primeiro periódico médico, com o trabalho publicado de Bayle, percebeu-se, ainda, uma variedade grande em relação aos temas relacionados ao alienismo, sendo esse associado

eventualmente a outras doenças. Observamos, inclusive, que no primeiro trabalho publicado em português e relacionado ao alienismo o tratamento proposto pareceu se diferenciar daquele apregoado pelos alienistas já que médico, ao analisar o caso de um suicida acometido pela melancolia e que havia ingerido veneno, centrou seu tratamento nos efeitos da ingestão do veneno apenas.

Tivemos também a presença de autores estrangeiros no que tange ao tratamento de doenças, como vimos a citação de Haslam, Willis, Cullen entre outros.

Percebemos também a relação em vários casos de problemas gastrointestinais e a alienação, incluindo casos de maníacos, em que a doença, de acordo com Pinel, começaria no intestino e depois se espalha para o resto do corpo³⁹⁵.

Por fim, notamos que, do mesmo modo que nos vizinhos latinoamericanos, no Brasil os médicos também lutaram para a criação de uma instituição especializada para os alienados, principalmente após os relatórios da Comissão de Salubridade, no começo da década de trinta do XIX, mostrarem as péssimas condições em que estavam sendo tratados os alienados na Santa Casa. Somam-se a isso os artigos publicados por Sigaud e de Simoni a respeito da necessidade da capital do império ter um hospício, imbuídos principalmente de preceitos filantrópicos intrínsecos ao alienismo. Estes médicos afirmaram que a questão dos alienados havia se tornado um problema de saúde pública incontornável para a capital do Império, e que eles não poderiam mais estar circulando livres pelas ruas, necessitando de um lugar especial em que fossem acolhidos e tratados da forma correta.

³⁹⁵ Coloquei em anexo a lista dos textos publicados nos periódicos brasileiros a partir de 1830, que tenham alguma relação com o alienismo. Esta pesquisa foi feita pegando todas as edições disponíveis (foram coletados 275 textos dos quais 57 possui alguma matéria relacionada com o alienismo isto representa 20,7% do total), deste modo montei tabelas separadas de cada periódico indicando qual a edição, o autor (alguns não tem autor), as páginas em que se encontra e por último o assunto. Importante salientar que houve uma quantidade considerável de matérias publicadas antes de recorte estabelecido pela pesquisa(9 em um total de 57 representando 16,7% do total), percebe-se também uma grande variedade de assuntos relacionados com o alienismo. Podemos verificar também qual o periódico que publicou mais artigos relacionados com o alienismo (*Diário de Saúde*, muito provavelmente por ter sido o que teve mais edições, assim a possibilidade de aparecer mais o tema seria maior), os autores mais citados (Pinel, Esquirol, entre outros) e que houve um aumento do número de trabalhos publicados e também quais foram as doenças relacionadas com o alienismo (cólera, febres, problemas puerperais, problemas gastrointestinais), nas terapêuticas utilizadas percebemos muitas vezes a utilização da sangria no tratamento e por fim verificamos o número de artigos estrangeiros(são 9 matérias um total de 57 representando 16,7% do total). Para mais informações ver anexos: III, VI,V,VI VII pp. 166-184.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

Annaes de Medicina Brasiliense - Annaes Brasilienses de Medicina

- [O Redactor]. Considerações mais frequentes de algumas moléstias de crianças mais frequentes no Rio de Janeiro (Vem do tomo 5º, pag. 192). *Annaes Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, 6º anno, 6º vol., n. 1, outubro de 1850, pp.2-10.
- LOBO, Roberto Jorge Haddock. Necrologio da Cidade do Rio de Janeiro no 1º trimestre do anno de 1845. *Annaes de Medicina Brasiliense*, Rio de Janeiro, n. 2, v.1, julho de 1845, p.85.
- LOBO, Roberto Jorge Haddock. Necrologio da cidade do Rio de Janeiro no 2º trimestre do anno de 1845. *Annaes de Medicina Brasiliense*, Rio de Janeiro, n.4, v.1, setembro de 1845, p.161.
- LOBO, Roberto Jorge Haddock. Necrologio da cidade do Rio de Janeiro no 3º trimestre do anno de 1845. *Annaes de Medicina Brasiliense*, Rio de Janeiro, n.5, v.1, novembro de 1845, p.197.
- LOBO, R. J. H. Estatística mortuária da cidade do Rio de Janeiro em todo anno de 1845. *Annaes de Medicina Brasiliense*, Rio de Janeiro, v.1, n. 11, abril de 1846, pp. 440-446.
- NEVES, Antonio José Pereira. Relatório acerca do tratamento de alienados e seus principais hospitaes, na França, Inglaterra, Italia, Belgica e Portugal pelo doutor Antonio José Pereira das Neves encarregado desta commissão em maio de 1844, pela administração do hospital de Pedro Segundo, desta capital. *Annaes de Medicina Brasiliense*, Rio de Janeiro, 3º anno, n.7, vol.3º, janeiro de 1848, pp. 161-166.
- NEVES, Antonio José Pereira. Relatório acerca do tratamento de alienados e seus principais hospitaes, etc. pelo Sr. Dr. Antonio José Pereira das Neves. 2ª Artigo. Salpetriere. *Annaes de Medicina Brasiliense*, Rio de Janeiro, 3º anno, n.11, vol.3º, maio de 1848, pp. 271-274.
- NEVES, Antonio José Pereira. Relatório acerca do tratamento de alienados e seus principais hospitais, etc. 2º Artigo. (Vem do numero 11, pag. 274 – Conclusão). *Annaes Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, 3º anno, n.12, vol.3º, junho de 1848, pp. 292-295.
- NEVES, Antonio José Pereira. Relatorio acerca do tratamento de alienados e seus principaes hospitais em França, Inglaterra, Italia, Allemanha, Belgica e Portugal; pelo

Dr. A. J. P. das Neves, encarregado desta comissão em maio de 1844 pela administração do hospício de Pedro 2º desta capital. Artigo 3º (Vem do tomo III, pag. 292). *Annaes de Medicina Brasileira*, Rio de Janeiro, 4º anno, n.1, vol.4º, julho de 1848. pp.12-16, jul de 1848.

- Estudos sobre alguns sinaes precusores ou prodromos das molestias graves de cérebro, consideradas debaixo da relação clínica, physiologica e medico legal pelo Dr. Francis Devay, médico do Hotel-Dieu de Lyon. *Annaes Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, 6º anno, 6º vol., n. 8, maio de 1851, pp.186-192.

- BARBOSA, Manoel José. Relatório e estatística do hospício Dom Pedro II. Primeiro de julho de 1854 até trinta de julho de 1855. *Annaes Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, ano 10, v. 10, n. 5, jul. 1856, pp.98-103.

Diario de Saude ou Ephemerides des Sciencias medicas e naturaes do Brazil

- SIGAUD, Joseph François. Reflexão acerca do transito livre dos doidos pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro. *Diario de Saude ou Ephemerides des Sciencias medicas e naturaes do Brazil* Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, v.1, abr.1835, pp.6-8.

- Melancolia dos homens illustres. *Diario de Saude ou Ephemerides des Sciencias medicas e naturaes do Brazil*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, v.1, abr.1835, p.16.

- MENDES, Luis Antonio de Oliveira. Da enfermidade dos pretos chamada banzo. *Diario de Saude ou Ephemerides des Sciencias medicas e naturaes do Brazil*, Rio de Janeiro, ano 1, n.10, v.1, jun.1835, pp.74-75.

- Observação de loucura. [artigo retirado do *Courrier des États-Units* março de 1835]. *Diário de Saude ou Ephemerides des Sciencias medicas e naturaes do Brazil* Rio de Janeiro, ano 1, n.11, v.1, 27 jun.1835, pp.85-87.

- Febre imitativa. Traduzido de *L'Independant*, diário de Bruxelas. *Diário de Saude ou Ephemerides des Sciencias medicas e naturaes do Brazil* Rio de Janeiro, ano 1, n.13, v.1, jul. 1835, pp.102-104. p.104.

- SIGAUD, Joseph François. Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro. *Diario de Saude*, Rio de Janeiro, v.1, n.28, outubro de 1835.

- PINEL, Scipião. Noticia sobre a irritação cerebral ou cerebria, pelo Sr. S.C. Pinel. Trad. de F.C Valdetaro. *Diario de Saude ou Ephemerides des Sciencias medicas e naturaes do Brazil*, Rio de Janeiro, ano 1, v.1, n. 36, 19 de dezembro de 1835, pp.281-283.

- SIGAUD, Joseph François. Do emprego dos meios morais para curar os loucos melancólicos. *Diário de Saude ou Ephemerides des Sciencias medicas e naturaes do Brazil*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 45, v.1, 20 fev. 1836.

- Chaussier: factos curiosos observados na maternidade. (Extracto de hum discurso do Sr. Parizet). Trad.de F.C Valdetaro. *Diário de Saúde ou Ephemerides des Sciencias medicas e naturaes do Brazil*, Rio de Janeiro, ano 1, v.1, n. 53, 16 de abril de 1835.

O Patriota

- *O Patriota, jornal literário, político e mercantil do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, n.1, janeiro de 1813, p.2.

O Propagador das Sciencias Medicas

- BAYLE, Antoine Laurent. Sobre as allucinações dos sentidos. *O Propagador das Sciencias Medicas*, Rio de Janeiro, tomo 1, anno 1, n.1, 1827, pp.9-39.

- BAYLE, Antoine Laurent. Nova doutrina das moléstias mentais: Opiniões dos autores sobre a natureza destas moléstias. Artigo traduzido da Revista Médica de Paris. *O Propagador das Sciencias Medicas*, Rio de Janeiro, 1º ano, tomo segundo, n.V, 1827.

Revista Medica Brasileira

- Hospital da Misericórdia. Clinica medica da Faculdade de Medicina á cargo do Sr. Dr. Valladão. *Revista Medica Brasileira*, Rio de Janeiro, v.II, n. 1, maio de 1842, pp.30-32.

- Conferência verbal sobre molestias reinantes. *Revista Medica Brasileira*, Rio de Janeiro, ano II, n. 3, julho de 1842, pp.107-111.

- BONETTI, Emilio. Historia de uma febre intermittente perniciosa maníaca, seguida de algumas considerações sobre a maneira de obrar do sulfato de quinina e dos remédios em geral no organismo humano. Carta dirigida pelo Dr.Emilio Bonetti, Di Chignolo, ao Dr. Jacinto Namias secretario da Academia de Veneza e membro de muitas academias illustres; traduzido pelo Dr. J.M. D´Almeida Rego, dos Annaes Universaes de Medicina de Milão. *Revista Medica Brasileira*, Rio de Janeiro, v. II, n. 7, novembro de 1842, pp. 319-337.

Revista Médica Fluminense

- O vizonário de Londres. (Extrahido d´El Universal de Monte-Vidéo). *Revista Médica Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 1, n.9, dezembro de 1835, pp. 53-56.

- DROS, J.L. Observações sobre a cachexia Africana, ou cithonophagia, por J.L.Dros, Medico em S. Thomaz, índias occidentaes. Traduzido do *Jornal des Connaissances Medico-Chirurgicales*. *Revista Medica Fluminense*, Rio de Janeiro, ano 5, n.2, maio de 1839, pp.76-79.
- SIMONI, Luiz Vicente de. Importância e necessidade da criação de hum manicomio ou estabelecimento especial para o tratamento de alienados pelo Dr. Luiz Vicente De-Simoni. *Revista Medica Fluminense*, Rio de Janeiro, anno 5º, n.6, setembro de 1839, pp. 241-262.
- REGO, José Pereira. Convulsões puerperaes resultantes d'hum parto laborioso, e seguidas de derramamento cerebral, hemeplegia do lado direito, estado commatoso durante cinco dias, perda da falla por nove dias, delírio sucedendo a estes fenômenos, diarrrea ao depois, ulceração na região sacra, seguida de gancrena em grande extensão, febres intermitentes quotidiannas, erysipela geral dos membros inferiores, reaparecimento da diarrhéa, symptomas de colite ligeira, terminado tudo pela cura; pelo Dr. J. P. Rego. *Revista Médica Fluminense*, Rio de Janeiro, v. 6, n.5, agosto de 1840, pp. 192-202.

Semanario de Saude Publica

- SIGAUD, Joseph François. Plano de um jornal de medicina, apresentado a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, pelo Sr.Dr. Sigaud, e por este adoptado na sua Ssessão de 21 de outubro de 1830. *Semanario de Saude Publica*, Rio de Janeiro, n.1, anno de 1831, pp.1-4.
- JOBIM, José Martins da Cruz. Invenenamento pelo sublimado corrosivo. *Semanario de Saude Publica*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 59, 11 de fevereiro de 1832, pp.275-276.
- Relatório do Sr Cuissart sobre a Memoria do Sr Gamard acerca do Magnetismo animal: lido na Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro em 6 de outubro de 1832. *Semanario de Saude Publica*, Rio de Janeiro, ano 2, n.126, nov. 1832, pp. 441-448.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Laurinda. O papel das Misericórdias dos “lugares de além mar” na formação do Império português. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.8, n.3, set.-dez. 2001, pp.591-611.
- ABREU, Jean Luiz. A educação física e moral dos corpos: Francisco de Mello Franco e a medicina lusobrasileira em fins do século XVIII. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v.XXXII, n.2, dez. 2006. pp. 65-84. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/viewFile/1357/1062> . Acesso em 4 de junho de 2016.
- ACADEMIA IMPERIAL DE MEDICINA. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível na Internet: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>. Acesso em 18 de maio de 2016.
- AMARANTE, Paulo. *Saúde Mental e atenção psicossocial*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2007.
- ANDREWS, Jonatahn. John Haslam. *Oxford Dictionary of National Biography*. Disponível em: <http://www.oxforddnb.com/view/article/12548>. Acesso em 12 de julho de 2016.
- ANTONIO JOSÉ PEREIRA DAS NEVES. In BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. 1º vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00295710#page/252/mode/1up>. Acesso em 13 de julho de 2016.
- ANTONIO PERREIRA FRANÇA. In BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. 1º vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00295710#page/192/mode/1up>. Acesso em 18 de maio de 2016.
- ARANGO-DÁVILLA, Cesar Augusto. Aspectos conceptuales de la enseñanza de la Psiquiatria en Colombia. *Revista Colombiana de Psiquiatria*, Bogotá, v. 41, supl., oct.2012, pp.11s-21s. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0034-74502012000500002&script=sci_arttext. Acesso em 4 de janeiro de 2016.
- AZEVEDO, Fernando de (org.). *As ciências no Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1994.

- BAYLE, Antoine-Laurent. Pesquisa sobre as doenças mentais. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia fundamental*, São Paulo, v.12, n. 4, dez.2009, pp.752-758.
- BERCHERIE, Paul. *Los fundamentos de la clínica: Historia y estructura del saber psiquiátrico*. Traducción: Carlos A. de Santos. Buenos Aires; Argentina: Ediciones Manatíal, 1986.
- BIRMAN, Joel. *A psiquiatria como discurso da moralidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- BOMTEMPO, José Maria. *Compendios de Medicina Pratica*. Rio de Janeiro: Regia Oficina Typografica. p.IX. 1815. Disponível em: <http://collections.nlm.nih.gov/bookviewer?PID.nlm:nlmuid-2543074R-bk>. Acesso em 30 de dezembro de 2015.
- BORGES, Guilherme Roman. A normalização e a exclusão: o louco e o criminoso em Michel Foucault. *RAÍZES JURÍDICAS*, Curitiba, v. 7, n. 2, jul/dez 2011, pp.145-184.
- BRITTO, Renata Corrêa. A internação psiquiátrica involuntária e a Lei 10. 216/ 01. Reflexões acerca da garantia de proteção aos direitos da pessoa com transtorno mental. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2004. p.15. Disponível em: <http://thesis.icict.fiocruz.br/pdf/brittorcm.pdf> . Acesso em 14 de abril de 2016.
- CAIRE, Michel. Jean Etienne Frumance Mitivié. *Histoire de la psychiatrie en France. Biographies succintes*. Disponível em: <http://psychiatrie.histoire.free.fr/pers/bio/mitivie.htm>. Acesso em 11 de julho de 2016.
- CAIRE, Michel. Ulysses Trelat. *Histoire de la psychiatrie en France. Biographies succintes*. Disponível em: <http://psychiatrie.histoire.free.fr/pers/bio/trelat.htm>. Acesso em 11 de julho de 2016.
- CAIRE, Michel. Jules (Gabriel François) Baillarger. *Histoire de la psychiatrie en France. Biographies succintes*. Disponível em: <http://psychiatrie.histoire.free.fr/pers/bio/baillarger.htm>. Acesso em 11 de julho de 2016.
- CAIRE, Michel. (Just) Louis Florentin Calmeil. *Histoire de la psychiatrie en France. Biographies succintes*. Disponível em: <http://psychiatrie.histoire.free.fr/pers/bio/calmeil.htm>. Acesso em 20 de setembro de 2016.
- CALMON, Pedro. *O Palácio da Praia Vermelha: 1852-1952*. Rio de Janeiro, 1952.

- CAMARGO, Ana Maria de Almeida; MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*. São Paulo: Edusp/ Kosmos, 1993.
- CASTEL. *A Ordem Psiquiátrica: A Idade de Ouro do Alienismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- CHERNOVIZ, Luis Pedro Napoleão. *Cachexia. Diccionario de Medicina Popular*. Volume 1. 1890. Paris, 1890. pp.391-392.
- COELHO, Edmundo Campo. *As profissões imperiais: Medicina, Advocacia e Engenharia no Rio de Janeiro (1822-1930)*. Rio de Janeiro. Editora Record, 1999.
- DANTES, Maria Amélia. Fases da implementação da ciência no Brasil. *Quipu*, v. 5, n. 2, mai.-ago.1988, pp.265-275.
- DANTES, Maria Amélia M. (org.). *Espaços da Ciência no Brasil (1800-1930)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.
- DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. As ciências na história brasileira. *Ciência e Cultura* (SBPC), São Paulo, v. 57, n.1, 2005, pp.26-29.
- DORIA, José Luis. Antonio Ribeiro Sanches: a portuguese doctor in 18th century. *Vesalius*, VII, 1,p. 27 - 35, 2001.
- DUARTE, Orlando Sattamini. Contribuição ao estudo clínico histórico do banzo. *Revista Fluminense de Medicina*, Niterói, v. 16, n. 3, p. 61-88, 1951.
- EDLER, Flavio Coelho. A Escola Tropicalista Baiana: um mito de origem da medicina tropical no Brasil. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, mai.-ago. 2002, pp.357-385.
- EDLER, Flavio. A natureza contra o hábito: a ciência médica no império. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 22, n.1, jan/jun 2009, pp. 153-166.
- EDLER, Flavio Coelho; GOLÇALVES, Monique de Siqueira. Os caminhos da loucura na corte imperial: um embate historiográfico acerca do funcionamento do Hospício Pedro II de 1850 a 1889. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v.12, n.2, jun.2009, pp.393-410.
- EDLER, Flavio; FREITAS, Ricardo Cabral de. O “imperscrutável vínculo” corpo e alma na medicina lusitana setecentista. *VARIA HISTÓRIA*, Belo Horizonte, v.29, n.50, mai/ago. 2013, pp. 435-452.
- EMÍLIO JOAQUIM DA SILVA MAIA. In BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. 2º vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, Imprensa Nacional, 1893. Disponível em:
<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00295720#page/3/mode/1up>.

Acesso em 18 de maio de 2016.

- ENGEL, Magali. Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro. Editora Fiocruz.

- EY, Henri. FALRET Jean-Pierre. *Encyclopaedia Universalis*. [em ligne]. Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/jean-pierre-falret/>. Acesso em 12 de julho de 2016.

- FACCHINETTI, Cristiana. Pinel e os primórdios da medicina mental. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v.11, n.3, set.2008, pp.502-505.

- FACCHINETI, Cristiana; KURY, Lolerai; SILVA, Simone. Os êxtases da Irmã Germana: diferentes interpretações em torno das doenças nervosas no Brasil. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 14, n. 2, jun. 2011, pp. 329-345.

- FACHINETTI, Cristiana. Hospício Pedro II. In JACÓ VILELA, Ana Maria (org). *Dicionário Histórico das instituições de Psicologia no Brasil*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2011. pp.251.

- FALCONE, Rosa. Breve historia de las Instituciones psiquiátricas en Argentina. Del Hospital cerrado al Hospital abierto. p.3. In Facultad de Psicología. Universidad de Buenos Aires. *Historia de la Psicología*. Disponível em: http://23118.psi.uba.ar/academica/carrerasdegrado/psicologia/informacion_adicional/obligatorias/034_historia_2/inv_trab.htm Acesso em 13 de maio de 2016.

- FERRAZZA, Daniele de Andrade. *A psiquiatrização da existência: dos manicômios a neuroquímica da subjetividade*. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2013. Disponível em:

<http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/105617/000721990.pdf?sequence=1>
Acesso em 20 de fevereiro de 2016.

- FERREIRA, Luiz Otávio. *O nascimento de uma instituição científica: O periódico médico brasileiro da primeira metade do século XIX*. Tese (Doutorado em História), FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1996.

- FERREIRA. Luiz Otávio. Os periódicos médicos e a invenção de uma agenda sanitária para o Brasil (1827-43). *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.6, n.2, jul.-out.1999, pp.331-351.

- FERREIRA, Luiz Otavio. Ciência Médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840). In CHALHOUB, Sidney; MARQUES, Vera Regina Beltrão; SAMPAIO, Gabriela dos Reis; SOBRINHO, Carlos Roberto Galvão (orgs). *Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social*. Campinas: Unicamp, 2003. pp.101-122.
- FERREIRA, Luiz Otávio. Negócio, política, ciência e vice-versa: uma história institucional do jornalismo médico brasileiro entre 1827 e 1843. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v.11, supl.1, 2004, pp.93-107.
- FERRI, Guilherme; MOTOYAMA, Shozo. *História das Ciências no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1979.
- FIGUEIREDO, Betania Gonçalves; OLIVER, Graciela de Sousa. Os dilemas da história social das ciências no Brasil: As artes de curar no início do século XIX. In KURY, Lorelai; GESTEIRA, Heloisa (orgs.). *Ensaio de história das ciências no Brasil. Das Luzes à nação independente*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. pp.41-52.
- FIGUEIREDO, Gabriel. Crime e loucura - o aparecimento do manicômio judiciário na passagem do século. *Revista de Antropologia* São Paulo, v. 41, n. 2, 1998, pp.227-233.
- FIGUEIRÔA, Silvia Fernanda de Mendonça. *As ciências geológicas no Brasil: uma história social de institucional, 1875-1934*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.
- FIGUEIRÔA, Silvia Fernanda de Mendonça. Mundialização das ciências e respostas locais: sobre a institucionalização das ciências naturais no Brasil (de fins do século XVIII a transição no século XX). *Asclepio – Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia*, Madrid, v.L, fasc.2, 1998, pp.107-123.
- FONSECA, Maria Rachel Froés da; EDLER, Flavio Coelho; FERREIRA, Luiz Otavio. A Faculdade de Medicina no século XIX: a organização institucional e os modelos de ensino. In DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. *Espaços da Ciência no Brasil (1800-1930)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001. pp.59-80.
- FONSECA, Maria Rachel Froés da. A saúde pública no Rio de Janeiro imperial. In COSTA, Renato da Gama Rosa; FONSECA, Maria Rachel Froés da; SANGULARD, Gisele; PORTO, Angela (orgs). *História da saúde no Rio de Janeiro: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2008. pp.31-57.
- FONSECA, Maria Rachel Fróes da. A institucionalização das práticas científicas na Corte do Rio de Janeiro. In KURY, Lorelai; GESTEIRA, Heloisa (orgs.). *Ensaio de*

história das ciências no Brasil. Das Luzes à nação independente. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. pp.293-305.

- FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1994.

- FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na idade classica*. Tradução: José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2010.

- FRANCISCO CHRISPIANO VALDETARO. In BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. 2º vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893. pp. Disponível em:

<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00295720#page/435/mode/1up>.

Acesso em 18 de maio de 2016.

- FRANCISO DE PAULA CÂNDIDO. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível na Internet:

<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>.

Acesso em 18 de maio de 2016.

- FRANCISCO DE PAULA MENEZES. In BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. 3º vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1895. pp. Disponível em:

<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00295730#page/85/mode/1up>.

Acesso em 18 de maio de 2016.

- FREITAS, Maria Helena Freitas. Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros. *Caderno informativo*, Brasília, v.35, n.3, 2005, pp.54-66.

- FREITAS, Ricardo. *A psicofisiologia de Antonio Ribeiro Sanches (1699-1793): A Dissertação sobre as paixões da alma*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História das Ciências e da Saúde (PPGHCS) da Fundação Oswaldo Cruz/ Casa de Oswaldo Cruz (FIOCRUZ/COC). Rio de Janeiro, 2012.

- FREITAS, Ricardo Cabral de. Francisco de Mello Franco (1757-1822) na Ilustração Luso-Brasileira: reforma cultural e medicina-filosofica. *XXVII Simpósio Nacional de História. Natal, 2013*. Disponível em:

http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364762234_ARQUIVO_ANPUH2013.pdf. Acesso em 4 de junho de 2016.

- GANDELMAN, Luciana Mendes. A Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro nos séculos XVI a XIX. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, set.-dez. 2001, pp.613-630.
- GOMIDE, Antônio Gonçalves. Impugnação Analítica ao exame feito pelos clínicos Antônio Pedro de Sousa e Manuel Quintão da Silva em uma rapariga que julgaram santa na capela da Senhora da Piedade da Serra (1814). *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 14, n. 2, jun. 2011, pp.346-361.
- GONÇALVES, Monique de Siqueira. *Mente sã, corpo são: Disputas, debates e discursos médicos na busca pela cura das “nevroses” e da loucura na corte imperial (1850-1880)*. Rio de Janeiro, 2011. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde), Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz. Fiocruz, 2011.
- HOSPÍCIO DE PEDRO II. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível na Internet: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>. Acesso em 18 de maio de 2016.
- HOSPITAL DA ARMADA E CORPO DE ARTILHARIA DA MARINHA. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível na Internet: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>. Acesso em 15 de julho de 2016.
- JOSÉ CLEMENTE PEREIRA. In BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. 4º vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00295740#page/390/mode/1up>. Acesso em 13 de julho de 2016.
- JOSÉ MARIA BOMTEMPO. *Portugal Dicionário Histórico*. Disponível em: <http://www.arqnet.pt/dicionario/bomtempojm.html>. Acesso em 13 de julho de 2016.
- JOSÉ MARTINS DA CRUZ JOBIM. *Dicionário Histórico Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/simonil.htm>. Acesso em 5 de agosto de 2015.
- JOSÉ FRANCISCO XAVIER SIGAUD. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível na Internet: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br> Acesso em 25 de novembro de 2015

- JOSÉ MARIA CAMBUCI DO VALE. Médicos e Escritores paulistas natos dos séculos XVIII e XIX. Disponível em: <http://www.ube.org.br/?libro=medicos-escritores-paulistas-natos-nos-seculos-xviii-e-xix>. Acesso 24 de julho de 2016.
- JOSÉ PEREIRA REGO. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível na Internet: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br> Acesso em 17 de maio de 2016
- JOAQUIM CÂNDIDO SOARES MEIRELLES. *Dicionário Histórico Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/simonil.htm> Acesso em 17 de maio de 2016.
- JOAQUIM MARCOS DE ALMEIDA REGO. In BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. 4º vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00295740#page/197/mode/1up> . Acesso em 13 de julho de 2016.
- JOAQUIM VICENTE TORRES HOMEM. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível na Internet: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br> Acesso em 25 de novembro de 2015.
- KURY, Lorelai. Auguste de Saint Hilaire, viajante exemplar. *Revista Intellèctus*, São Paulo, ano 2, n.1, 2003, pp.1-11.
- KURY, Lorelai (org). *O iluminismo e império no Brasil: O Patriota*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2007.
- KURY, Lolerai. A cidade e os médicos no período joanino. In SCOTT, Ana Silvia Volp; FLECK, Eliane Cristina Deckman.(orgs). *A corte no Brasil: População e sociedade no Brasil e em Portugal no início do século XIX*. São Leopoldo, RS: Oikos Editora, 2008. pp.119-134.
- KURY, Lorelai; GESTEIRA, Heloisa (Orgs.). *Ensaio de história das ciências no Brasil: das Luzes à nação independente*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.
- JUNQUEIRA, Julia Ribeiro. A História do Brasil através dos editoriais do Jornal do Commercio — edição comemorativa do centenário da Independência. In MATA, Sérgio Ricardo da; MOLLO, Helena Miranda; VARELLA, Flávia Florentino (orgs.). *Anais do 3º. Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a história?* Ouro Preto: Edufop, 2009.

- LUÍS VICENTE DE SIMONI. *Dicionário Histórico Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível em:
<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/simonil.htm>.
 Acesso em 5 de agosto de 2015.
- LUIZ ANTONIO DE OLIVEIRA MENDES. In BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. 5º vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899. Disponível em:
<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00295750#page/358/mode/1up>.
 Acesso em 18 de junho de 2016.
- LUSTOSA, Isabel. *O nascimento da imprensa brasileira*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2004.
- MACHADO, Roberto. *Danação da norma: Medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.
- MALERBA, Jurandir. *A corte no exílio: civilização e poder no Brasil às vésperas da Independência (1808 a 1821)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MANOEL DE VALLADÃO PIMENTEL. In BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. 6º vol. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1900. Disponível em:
<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00295760#page/3/mode/1up> .
 Acesso em 13 de julho de 2016.
- MANOEL FELICIANO PEREIRA DE CARVALHO (CADEIRA N°54). *Academia Nacional de Medicina*. Disponível em:
http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=1739 Acesso em 13 de julho de 2016.
- MARMEROS, Andreas. Psychiatry's 200 th birthday. *The British journal of pshichiatry*. 2008. Disponível em:
<http://bjp.rcpsych.org/content/bjprcpsych/193/1/1.full.pdf> .
 Acesso em 12 de abril de 2016.
- MEIRELLES, Juliana Gesuelli. A Única saída. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 28, jan.2008, s/p.

- MERIMEE, Ana M. *Philippe Pinel. The Father of Modern Psychiatry*. Disponível em: <http://www.geniusrevive.com/en/component/sobipro/163-philippe-pinel-the-father-of-modern-psychiatry.html?Itemid=0>. Acesso em 14 de abril de 2016.
- MOLINA, Andrés Ríos. *La locura durante la revolución mexicana: los primeros años del Manicomio General La Castañeda (1910-1920)*. 1ª ed. México, D.F: El Colegio de México, Centro de Estudios Históricos, 2009.
- NEUBERN, Mauricio da Silva. Sobre a condenação do Magnetismo Animal: Revisitando a História da Psicologia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v.23, n.3, July/Sept. 2007, pp.347-356.
- NAVA, Pedro. *Capítulos da História da Medicina no Brasil*. Londrina: EDUEL, 2003.
- NEVES, Lucia Maria Bastos P. Avisos de Livros nos periódicos lusos brasileiros: Um instrumento dos acontecimentos políticos e culturais. In SCOTT, Ana Silvia Volp; FLECK, Eliane Cristina Deckman.(orgs). *A corte no Brasil: População e sociedade no Brasil e em Portugal no início do século XIX*. São Leopoldo, RS: Oikos Editora, 2008. pp.135-159.
- ODA, Ana Maria Galdini Raimundo; DALGALARRONDO, Paulo. Pinel no Brasil. In PINEL, Philippe. *Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania*. Tradução de Joice Armani Galli. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. pp. 32-43.
- ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. O banzo e outros males: o páthos dos negros escravos na Memória de Oliveira Mendes. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 10, n. 2, jun. 2007, pp.346-361.
- ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Escravidão e Nostalgia no Brasil: O banzo. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 11, n. 4, dezembro 2008, pp.735-761.
- ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. A primeira tese brasileira sobre a alienação mental: leituras, plágios e ciência. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, 16(4), 630-641, dez. 2013.
- OLIVEIRA, Claudia. La historia de la psiquiatría en Venezuela. Medicina en el tiempo. Entrevista al Dr. Manuel Matute. *VITAE*, n.17, oct.-dic.2003. Caracas. Disponível em: http://vitae.ucv.ve/pdfs/VITAE_2079.pdf. Acesso em 4 de janeiro de 2016.
- OLIVEIRA, José Carlos de. A cultura científica e a Gazeta do Rio de Janeiro (1808-1821). *Revista da SBHC*, Rio de Janeiro, n.17, 1997, pp.29-58.

- PACHECO, Vera Maria de Pompeo. Esquirol e o surgimento da psiquiatria contemporânea. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v.VI, n.2, jun. 2003, pp.152-157.
- PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Bayle e a descrição da aracnodite crônica na paralisia cerebral: sobre as origens da psiquiatria biológica na França. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v.12, n. 4, dez.2009, pp.743-751.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Paradoxos do nacionalismo literário na América Latina. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.11, n.30, mai.-ago. 1997. pp.245-259. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v11n30/v11n30a15.pdf> . Acesso em 18 de abril de 2016.
- PESSOTTI, Isaias. *Os nomes da loucura*. São Paulo: Editora 34,1999.
- PIMENTA, Tânia Salgado. Entre sangradores e doutores: práticas na formação médica na primeira metade do século XIX. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 23, n.59, abril 2003, pp.91-102.
- PIMENTA, Tânia Salgado. O exercício das artes de curar e o hospital da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro (1ª metade do século XIX). In *Anais do XXIII-Simpósio Nacional de História-ANPUH*. Londrina, 2005.
- PIMENTA, Tânia Salgado. Hospital da Santa Casa de Misericórdia: assistência à saúde no Rio de Janeiro dos oitocentos. In *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. ANPUH*. São Paulo, julho de 2011.
- PIMENTA, Tânia Salgado. As artes de curar e a Fisicatura-mor na época de Dom João VI. In KURY, Lorelai; GESTEIRA, Heloisa (orgs.). *Ensaio de história das ciências no Brasil. Das Luzes à nação independente*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. pp. 53-64.
- PINEL, Philippe. *Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania*. Tradução de Joice Armani Galli. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- PORTER, Roy. Enlightenment. In PORTER, Roy. *The greatest benefit to mankind: a medical history of humanity from antiquity to present*. New York: WW Norton and Company, 1998. pp. 245-304.
- PORTOCARRERO, Santiago Stucchi. *Loquerias, manicomios y hospitales psiquiátricos de Lima*. Lima: Universidade Peruana Cayetano Meredia, 2012. p.21. Disponível em: <http://documents.tips/documents/loquerias-manicomios-y-hospitales-psiquiatricos-de-lima.html>. Acesso em 20 de dezembro de 2015.
- POSTEL, Jacques. Etienne Jean Georget. *Encyclopædia Universalis* [en ligne]. Disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/etienne-jean-georget/>

Acesso em 12 de julho de 2016.

- REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

- REY, Roseline *apud* FREITAS, Ricardo Cabral. A psicofisiologia de Antonio Ribeiro Sanches (1699-1783). *Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH-Rio*, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em:

http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338411857_ARQUIVO_ArtigoAnpuh2012.pdf. Acesso em 14 de fevereiro de 2015.

- ROBERTO JORGE HADDOCK LOBO. In BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. 7º vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902. Disponível em:

<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00295770#page/141/mode/lup>

Acesso em 18 de maio de 2016.

- RODRIGUES, José Carlos. *O corpo na história*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

- ROUSSEAU, G.S. The Languages of Psyche: Mind and Body in Enlightenment Thought. *Berkeley: University of California Press*. 1990. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/264721254/Languages-of-Psyche>. Acesso em 12 de julho de 2016.

- ROJAS MALPICA, Carlos; GEADA, Nestor de la Portilla; BAYARDO, Sergio Xavier Villaseñor. Historiografía de la psiquiatria latinoamericana. *Investigación en salud*, Guadalajara, México, v.IV, n.3, diciembre de 2002.

- SACRÍSTAN, Cristina. La contribución de La Castañeda a la profesionalización de la psiquiatria mexicana, 1910- 1968. *Salud Mental*, México, v.33, n.6, nov.-dic.2010, pp.473-480.

- SANCHES, Antonio Ribeiro. *Dissertação sobre as paixões da alma*. 1753. Disponível em: www.estudosjudaicos.ubi.pt/rsanches_obras/dissertacao_paixoes_alma.pdf. Acesso em 12 de abril de 2016.

- SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO RIO DE JANEIRO. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível na Internet: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>. Acesso em 25 de novembro de 2015.

- SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. *História Geral da Medicina Brasileira*. V.2. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. 2002.
- SCHWARTZMAN, Simon. *Formação da comunidade científica no Brasil*. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1979.
- SILVA, Cesar Agenor Fernandes da. *Ciência, Técnica e Periodismo no Rio de Janeiro (1808-1852)*. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Franca, 2010.
- SILVA, Paulo José Carvalho da. O tratamento das paixões da alma nos primórdios da medicina moderna: o de *Victumromanorum* de Alessandro Petronio. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v IX, n. 1, mar. 2006, pp. 64-75.
- SILVA, Paulo José Carvalho da. A dor de amor na medicina da alma na primeira modernidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v.11, n.3, set.2008, pp.475-487.
- SILVA, Simone Santos de Almeida. Antônio Gonçalves Gomide: uma semiologia das doenças nervosas no Brasil.. *História, Ciências, Saúde- Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, dez. 2010, pp.515-525.
- SOCIEDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível na Internet: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br> Acesso em 25 de novembro de 2015.
- SOCUDO, Andrea Maria Carneiro Lobo. Da teoria dos humores à tristeza como “afecção mental”: a constituição do conceito de depressão no contexto de uma psiquiatria ampliada. *Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-RJ.: Saberes e práticas científicas*. Rio de Janeiro, 2014. pp.4-5.
- SOUZA, Roberto Silva; JACÓ-VILELLA, Ana Maria. Paixões e afetos: uma análise sobre conceitos e apropriações em teses de medicina do século XIX. *Memorandum*, 15, 35-51. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a15/soujaco01.pdf>. Acesso em 20 de setembro de 2016.
- SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. *Primeiras impressões: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP. Campinas, 2007. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/teses/pdfs/simone.pdf>

- STONE, Michael H. *A Cura da mente. A História da Psiquiatria da Antiguidade ao presente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- TALINA, Antonio Miguel Cotrim. Saúde mental em meio prisional: avaliação de necessidades de cuidados em reclusos com perturbação mental. Lisboa, 2013. Tese (Doutorado em Medicina, Especialidade de Psiquiatria e Saúde Mental), Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, 2013. p.4. Disponível em: <http://run.unl.pt/bitstream/10362/12209/3/Talina%20Antonio%20Miguel%20TD%202013.PDF>. Acesso em 14 de abril de 2016.
- TEIXEIRA, Manoel Olavo. As origens do alienismo no Brasil: dois artigos pioneiros sobre a construção do hospício Pedro II. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v.15, n.2, jun.2012, pp.364-381.
- THOMAS WILLIS. *Só Biografias*. Disponível em: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/ThomaWil.html>
Acesso em 11 de julho de 2016.
- TRIPICCHIO, Adalberto. François Joseph Victor Broussais. REDE PSI. Disponível em: <http://www.redepsi.com.br/2008/02/20/broussais-fran-ois-joseph-victor-1772-1838/>. Acesso em 13 de julho de 2016.
- VENANCIO, Ana Teresa. A construção social da pessoa e a psiquiatria: do alienismo a nova psiquiatria. *PHYSIS. Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.3, n.2, 1993, pp.117-136.
- VIESCA, Ma. Blanca Ramos de; CRUZALTA, Andrés Aranda; DULTIZIN, Benjamín; VIESCA, Carlos T. La sangría como recurso terapéutico en las enfermedades mentales en el México del siglo XIX. *Salud Mental*, v. 25, n. 6, dic. 2002, pp. 53-58. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=58262507>. Acesso em 12 de julho de 2016.
- VISCARDI, Claudia Maria Ribeiro. Pobreza e assistência no Rio de Janeiro na Primeira República. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 18, supl.1, dez. 2011, pp.179-197.
- WEINER, Dora. B. Phillipe Pinel linguist: his work as translator and editor. *Gesraerus* 42 (1985) 499-509. Disponível em: <http://www.e-periodica.ch/>. Acesso 12 de julho de 2016.

ANEXO I

DADOS BIOGRÁFICOS DE MÉDICOS E OUTROS PERSONAGENS

Antonio José Pereira das Neves	Nasc: Rio de Janeiro, 1814; Falec: Rio de Janeiro, 1882. Formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1839. Foi facultativo do Hospício de Pdero II, e foi por este enviado à Europa para estudar o tratamento dado aos alienados e seus respectivos hospitais. Ao retornar ao Brasil exerceu cargo efetivo de médico legista da polícia da Corte.
Antonio Ferreira França	Nasc: Bahia, 1771; Falec: Bahia, 1848. Foi lente de higiene, etiologia, patologia e terapêutica (1815) na Escola de Cirurgia da Bahia, e de patologia externa (1859) na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi médico do Imperador Dom Pedro I.
Emilio Joaquim da Silva Maia	Nasc: Bahia, 1808; Falec: Rio de Janeiro, 1859. Doutorou-se em medicina pela Université de Paris, e foi membro da Academia Imperial de Medicina.
Francisco Chrispiano Valdetaro	Nasc: Rio de Janeiro, 1805; Falec: 1862. Formado em medicina, foi administrador da Imprensa Régia, um dos fundadores do periódico <i>Aurora Fluminense</i> , e editor do <i>Diario de Saude ou Ephemerides des Sciencias Medicas e Naturaes do Brazil</i> .
Francisco Felix Pereira da Costa	Nasc: Lisboa, 1802; Falec: Rio de Janeiro, 1872. Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com a tese sobre “Dilatação e Hipertrofia do Coração”, em 1837. Foi cirurgião-mor da Armada, chefe de clínica e diretor do Hospital da Marinha, no Rio do Rio de Janeiro.
Francisco de Paula Cândido	Nasc: Minas Gerais, 1805; Falec: Paris, 1864. Doutorou-se em medicina pela Faculté de Médecine

	de Paris e foi professor de física médica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi redator dos <i>Annaes de Medicina Brasiliense</i> , da Academia Imperial de Medicina e presidente da Junta de Higiene Pública.
Francisco de Paula Menezes	Nasc: Niterói, 1811; Falec: 1857. Doutor em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, autor junto com Manoel Feliciano Pereira de Carvalho, do relatório “Do exame das causas e origem das enfermidades dos aprendizes menores do arsenal de guerra desta Corte”.
Joaquim Vicente Torres Homem:	Nasc: Campos, RJ, [final séc.XVIII]; Falec: Rio de Janeiro, 1858. Doutor em medicina pela Faculté de Medecine de Paris foi lente de química médica e princípios elementares de mineralogia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi presidente da Academia Imperial de Medicina no e colaborador do <i>Semanario de Saude Publica</i> , publicação da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro.
José Martins da Cruz Jobim	Nasc: Rio Grande do Sul, 1802; Falec: Rio de Janeiro, 1872. Doutorou-se em medicina (1828) pela Faculté de Médecine de Paris, e foi um dos fundadores da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, criada em 1829, juntamente com Joaquim Cândido Soares de Meirelles, Luís Vicente de Simoni, José Francisco Xavier Sigaud e Jean Maurice Faivre. Foi lente de medicina legal e toxicologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e um dos redatores da <i>Revista Médica Fluminense</i> , publicação da então Academia Imperial de Medicina.
Joaquim Cândido de Soares Meirelles	Nasc: Minas Gerais, 1779; Falec: Rio de Janeiro, 1868. Doutor em medicina e em cirurgia pela Faculté de Médecine de Paris foi um dos fundadores da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1829. Foi lente de anatomia e fisiologia das paixões na Academia Imperial de Belas Artes, entre os anos de 1836 e 1856, e integrou o Corpo de Saúde da Armada.
Joaquim Marcos de Almeida Rego	Nasc: Rio de Janeiro, 1814; Falec: 1880. Doutor em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1838. Era irmão do médico José Pereira Rego. Foi presidente da província do Ceará, e diretor de hospital nesta província. Exerceu o cargo de facultativo no hospital da Santa Casa da Misericórdia.
José Clemente Pereira	Nasc: Portugal, 1787; Falec: Rio de Janeiro, 1854. Bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, foi Juiz de Fora da Corte do Rio de Janeiro e presidente do Senado da Câmara. Foi deputado e senador do Império. Em 1838 assumiu a Provedoria da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, cargo que exerceu até sua morte. Como provedor da Santa Casa foi grande defensor da construção do Hospício de Pedro II, no Rio de Janeiro.
José Maria Bomtempo	Nasc: Lisboa, 1794; Falec: Rio de Janeiro, 1843.

	Formado em medicina e filosofia pela Universidade de Coimbra, foi médico da Real Câmara, físico-mor em Angola, e físico-mor do Reino na Corte do Rio de Janeiro. Foi lente de medicina prática e matéria médica na Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro, membro titular da Academia Imperial de Medicina, e sócio correspondente da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa.
José Pereira Rego	Nasc; Rio de Janeiro, 1816; Falec: Rio de Janeiro, 1892. Ingressou em 1833, juntamente com seu irmão Joaquim Marcos de Almeida Rego, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde doutorou-se em medicina em 20 de dezembro de 1838. Dois anos após seu doutoramento, em 1840, ingressou na Academia Imperial de Medicina, onde foi membro titular, eleito em 12 de março e empossado em 26 março de 1840, com a apresentação da memória “Dysenteria aguda”, presidente por duas ocasiões (1855-1857 e 1864-1883), e aclamado presidente perpétuo em 09 de outubro de 1883. Foi nesta instituição patrono da cadeira nº 7. Foi presidente da Junta Central de Higiene Pública (1863-1881). Recebeu o título de Barão do Lavradio em 1874.
José Francisco Xavier Sigaud	Nasc: Marseille, França, 1797; Falec: Rio de Janeiro, 1854. Doutor em medicina pela Faculté de Médecine de Strasburgo, estabeleceu-se no Rio de Janeiro em 1825. Foi um dos fundadores e presidente da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi também editor do primeiro período médico denominado, <i>Propagador das Ciências Médicas</i> , que circulou em 1827 e 1828. Autor de “Du climat et des maladies du Brésil ou statistique médicale de cet Empire” (Paris, Masson & Cie., 1844).
Luiz Antonio de Oliveira Mendes	Nasc: Bahia, 1750; Falec: 1814. Formou-se em leis, e foi advogado da Casa de Suplicação em Lisboa. Autor do primeiro relato conhecido sobre banzo, publicado em português, intitulado <i>Memória a respeito dos escravos e tráfico da escravatura entre a costa d’África e o Brasil</i> . Este estudo foi apresentado à Real Academia das Ciências de Lisboa em 1793, mas publicada somente em 1812.
Luís Vicente de Simoni	Nasc: Itália, 1792; Falec: Rio de Janeiro, 1880. Foi, juntamente com Sigaud, Meirelles, e Jobim, um dos fundadores da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1829. Foi físico-mor e trabalhou no Real Hospital Militar em Moçambique. Foi autor de vários estudos sobre medicina. Em 1839 publicou, na <i>Revista Médica Fluminense</i> , da Academia Imperial de Medicina, o artigo "Importância e necessidade da criação de um manicômio ou estabelecimento especial para o tratamento dos alienados", no qual defendia a necessidade de construção de um hospital destinado especialmente para os alienados, os quais até então se encontravam recolhidos em condições inadequadas no hospital da Santa Casa da

	Misericórdia.
Manoel de Valladão Pimentel	Nasc: Rio de Janeiro, 1802; Falec: Rio de Janeiro, 1882. Doutorou-se pela Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro, e nesta instituição foi professor de clínica interna e anatomia patológica e seu diretor. Foi membro da Academia Imperial de Medicina. Dirigiu a Enfermaria Pública do Hospício de Nossa Senhora do Livramento, da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, e foi médico do Imperador Pedro II e da Princesa Isabel.
Manoel Feliciano Pereira de Carvalho	Nasc: Rio de Janeiro, 1806; Falec: Rio de Janeiro, 1867. Doutorou-se em medicina na Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro, onde foi lente e diretor. Foi médico e 1º cirurgião do Hospital Geral da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. Foi médico do Paço Imperial, tendo recebido o oficialato da Rosa, a respectiva comenda, a grande dignitária da mesma Ordem, o hábito de Cristo, o oficialato do Cruzeiro e o título de Conselheiro “por seu merecimento e letras”.
Pierre René François Plancher	Nasc: França, 1799; Falec: França, 1844. Tipógrafo e livreiro, fugindo da perseguição política que sofria na França, veio para o Brasil onde chegou em 1824. Estabeleceu-se como editor e jornalista, e criou a Typhografia Plancher que funcionou até seu retorno à França. Foi também fundador do <i>Jornal do Commercio</i> .
Roberto Jorge Haddock Lobo	Nasc: Portugal, 1817; Falec: Rio de Janeiro, 1869. Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, foi tenente-cirurgião do Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional, e delegado da instrução pública no Rio de Janeiro. Foi um dos redatores dos <i>Annaes Brasilienses de Medicina</i> , publicação da Academia Imperial de Medicina.

ANEXO II

QUADRO DE INSTITUIÇÕES

Academie Royale de Medicine	Foi criada em Paris, em 20 de dezembro de 1820, para atender as demandas do Governo sobre tudo que interessasse à saúde pública, principalmente sobre as epidemias. A partir de 1848 foi denominada Academie Nationale de Médecine. Publicou, a partir de 1836, o <i>Bulletin de L'Académie Royale de Médecine</i> , tendo como um de seus redatores o médico Étienne Pariset (1770-1847). Exemplares desta publicação estão disponíveis em: http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb34348109k/date
Hospício de Pedro II	Foi criado pelo decreto nº 82, de 18 de julho de 1841, e instalado na Praia Vermelha em terras adquiridas pela Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. Foi fundado direcionado para o tratamento dos alienados. Após a proclamação da República foi desvinculado da Santa Casa e passou a denominar-se Hospício Nacional de Alienados. Entre os médicos que trabalharam no Hospício estavam Juliano Moreira, Miguel da Silva Pereira e Júlio Afrânio Peixoto. Assumiu a denominação de Hospital Nacional de Alienados em 1911.
Hospital da Armada e Corpo de Artilharia da Marinha	Pelo decreto de 9 de dezembro de 1833 foi criado um hospital próprio para a Armada, o Hospital da Armada e Corpo da Artilharia da Marinha, na Fortaleza de São José da Ilha das Cobras, na Baía de Guanabara. Criado para dar atendimento médico aos praças da Armada e do Corpo de Artilharia da Marinha, e funcionários, teve como seu primeiro diretor foi Francisco Julio Xavier, formado na Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro. Trabalharam neste hospital: José Maria de Noronha Feital (cirurgião), Joaquim Vicente Torres Homem (médico consultante), Francisco Felix Pereira da Costa (clínica a cirúrgica), Diogo Rodrigues de Vasconcellos (boticário). O hospital recebeu outras denominações depois: Hospital da Marinha da Corte (1853-1890); Hospital da Marinha do Rio de Janeiro (1890-1908), Hospital Central da Marinha (1908- atual).
Hospital General de Hombres	Foi criado em 1799, na cidade Buenos Aires. Durante quase um século foi o único manicômio de homens. Em 1858 o Hospital General de Hombres tinha 131 dementes no “Cuadro de Dementes”, de um total de 193 enfermos. O censo realizado em Buenos Aires, em 1855, apresentou os dados dos alienados, e está disponível em: http://censobuenosaires1855.com/hospital_hombres.html . Para mais informações sobre o Hospital General de Hombres e sua relação com a loucura Ver: INGIENEROS, José. <i>La locura en Argentina</i> . Texto em domínio público. Disponível em: http://literatura.itematika.com/descargar/libro/446/la-

	locura-en-la-argentina.html
Hospital Real de San Andrés	O Hospital Real de San Andrés começou a ser construído, em Lima, no ano de 1556. Neste estabelecimento foi fundada, em 1808, a primeira escola de medicina no Perú. É considerado o primeiro manicômio do país, antecessor ao Hospital Larco Herrera. Em 1875 parou de funcionar como hospital, quando foi inaugurado o Hospital Dos de Mayo.
Hospital San Martin	Foi o primeiro hospital da cidade de Buenos Aires, e foi inaugurado em 11 de novembro de 1614, já dotado de uma enfermaria e habitações para os religiosos e escravos. Em 1748 o hospital ficou a cargo dos betlemitas, e passou a ser denominado de Hospital de Betlemitas ou de Santa Catalina Virgen. Em 1799 os pacientes do Hospital de Betlemitas foram transferidos para o Hospital de Hombres. Em 1822 fechou suas portas.
Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro	Fundada em meados do século XVI, funcionou até a segunda metade do XIX como lugar para os alienados da cidade antes da construção e inauguração do Hospício de Pedro II.
Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro / Academia Imperial de Medicina	Foi criada em 30 de junho de 1829, com o objetivo de viabilizar o crescimento das diversas áreas da medicina e ampliar a participação desses profissionais junto ao Governo Imperial em questões referentes à medicina e à higiene. Entre seus fundadores estavam Joaquim Cândido Soares de Meirelles, Luís Vicente De Simoni, José Francisco Xavier Sigaud, José Martins da Cruz Jobim, e João Maurício Faivre. Joaquim Cândido Soares de Meirelles foi seu presidente. A Sociedade sofreu, em sua constituição, influência marcante da medicina francesa. Alguns médicos brasileiros, como José Martins da Cruz Jobim e Joaquim Cândido Soares de Meirelles, haviam estado em Paris por ocasião da criação da Academia de Medicina de Paris, em 1820. A partir de 1835, através de um decreto regêncial, passou a se chamar Academia Imperial de Medicina. Com do regime republicano no país, em 1889, passou a ser denominada Academia Nacional de Medicina. Teve inúmeras publicações: <i>Semanário de Saúde Pública</i> (1831-1833), <i>Revista Médica Fluminense</i> (1835-1841), <i>Revista Médica Brasileira</i> (1841- 1843), <i>Annaes de Medicina Brasiliense</i> (1845-1849), <i>Annaes Brasilienses de Medicina</i> (1849-1885), <i>Annaes da Academia de Medicina</i> (1885-1906), e <i>Boletim da Academia Nacional de Medicina</i> (1885-1907).

ANEXO III

LISTA DE TEXTOS ASSOCIADOS AO TEMA DO ALIENISMO PUBLICADOS NO PERIÓDICO *SEMANARIO DE SAUDE PUBLICA*

Edição	Nome Colaborador	Seção	Título do Texto	Paginação	Assunto
Ano 1, n. 1, 1831					Neste número não há artigos sobre o tema.
Ano 1, n. 2, 1831		Boletim Universal/ Sciencias Medicas)	Febre intermitente perniciosa cerebral	2-3	Delírio
Ano 1, n. 3, jan. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema.
Ano 1, n. 4, jan. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 5, jan. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 6, fev. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 7, fev. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 8, fev. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 9, fev. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 10, mar. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 11, mar. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 12, mar. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 13, mar. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 14, abril. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 15, abril. 1831	Mr. Broussais	Boletim Universal / Sciencias Medicas)	Da Colera	81-82	Delírio
Ano 1, n. 16, abril. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema

Ano 1, n. 17, abril. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 18, abril. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 19, maio. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 20, maio. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 21, maio. 1831	Joseph François Sigaud (extrahido <i>Revue Britanique</i>).	Boletim Universal (Sciencias Medicas)	Faculdade de profetizar attribuida a alguns doentes	114-5	Delírio, loucura e alienação
Ano 1, n. 22, maio. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 23, jun. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 24, jun. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 25 jun. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 26, jun. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 27, jul. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 28, jul. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 29, jul. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 30, jul. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 31, jul, 1831					Neste número não há artigos sobre o tema.
Ano 1, n. 32, ago, 1831					Neste número não há artigos sobre o tema.
Ano 1, n. 33, ago. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema.
Ano 1, n. 34, ago 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 35, ago 1831					Neste número não há artigos sobre o tema

Ano 1, n. 36, set. 1831	The Dublin Hospital Reports 1830 ³⁹⁶ / Dr. J..M.C. Jobim	Boletim Universal : Sciencias Medicas-Cirurgia	Ferida profunda na parte anterior pescoço, e suffocação pelo abatimento da eppiglotis sobre a larynge	185-6	Delírio, tentativa de suicídio cortando a garganta com uma navalha.
Ano 1, n. 36, set. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 37, set. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 38, set. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 39, out. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 40, out. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 41, out. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 42, out. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 43, nov. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 44, nov. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 45, nov. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 46, nov. 1831		Boletim Universal/ Sciencias Medicas	Hemicrania devido a presença de uma scolopendra em hum dos seios frontaes	228-9	Relato de delírio devido a não expulsão de vermes do corpo de dois homens.
Ano 1, n. 48, nov. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 49, dez. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 50, dez. 1831	Não é citado	Boletim Universal: Sciencias Medicas	Cura de uma aneurisma da popliteia,por meio da ligadura da crural segundo o methodo de Scarpa pelo Dr J.C Soares de Meirelles	239-40	Delírios passageiros de um escravo ocasionados após uma cirurgia.
Ano 1, n. 51, dez. 1831	J. M.C.J		Discurso do Dr. J.M. da Cruz Jobim tomando lugar de presidente da sociedade.	246	Entre outros assuntos menção aos alienados

³⁹⁶ Nome abreviado de: Dublin Hospital. Reports and Communications in Medicine and Surgery. Acredita-se que o médico José Martins da Cruz Jobim tenha feito uma tradução do inglês sem citar o autor do artigo.

Ano 1, n. 52, dez. 1831	Não é citado	Boletim Universal: Sciencias Medicas	Observação de uma febre adynamica , lida na Sociedade de Medicina pelo Dr. Sr Torres Homem		Delírios ocorridos por febre observados nos 6º e 7º e 8º dias do paciente
Ano 1, n. 53, dez. 1831					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 54, jan. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 55 jan. 1832	Não é citado	Boletim Universal: Sciencias Auxiliares e Medicas		259-60	Nostalgia ocasionada por estar longe do Brasil levando o indivíduo as lágrimas
Ano 2, n. 56, jan. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 57, jan. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 58, fev. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 59, fev. 1832	J .M.C.J ³⁹⁷	Boletim Universal	Invenenamento pelo sublimado corrosivo	275-6	Tentativa de suicídio por envenenamento de um jovem cirurgião português com acessos de melancolia
Ano 2, n. 60, fev. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 91, fev,1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 92, mar. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema.
Ano 1, n. 93, mar. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 94, mar. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 95, mar. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 96, mar. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 97, abril.					Neste número não há artigos sobre o

³⁹⁷ Abreviatura de José Martins da Cruz Jobim.

1832					tema
Ano 2, n. 98, abril. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 99, abril. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 100, maio. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 101, maio. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 102, maio. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 103, maio. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 104, jun. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 105, jun, 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 106, jun. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema.
Ano 2, n. 107, jun. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 108, jun. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 109, jul. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 110, jul. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 111, jul. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 112, ago. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 113, ago. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 114, ago. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 115, ago. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 116, set.	L. V. D. S ³⁹⁸	Boletim Universal:	Reflexões sobre o parecer do Sr.Dr Antonio Ferreira França publicado	401-2	Cólera com problemas

³⁹⁸ Abreviatura de Luis Vicente de Simoni

1832		Sciencias Medicas Pathologia	no n° antecedente ; e sobre a natureza do <i>Cholera morbus</i> em geral		gastrointestinais com delírios e convulsões
Ano 2, n. 117, set. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 118, set. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 119, set, 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 120, set. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema.
Ano 1, n. 121, out. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 122, out. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 123, out. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 124, out. 1832	Journ.Du.Commerce 15 de agosto de 1832	Boletim Universal: Sciencias Medicas: Medicina	Artigo sobre a Hydrophobia publicado ultimamente por J.Bigot	343-44	Cinco acessos de um camponês da França que contraiu hidrofobia tendo posteriormente delírios
Ano 1, n. 125, nov. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 126, nov. 1832	Não é mencionado	Boletim da Sociedade	Relatorio do Sr Cuissart sobre a memória do Sr Gamard ³⁹⁹ acerca do magnetismo animal: lido na sociedade de medicina do Rio de Janeiro em 6 de outubro de 1832.	447	Aplicação do magnetismo em casos de melancolia e alienação mental.
Ano 2, n. 127, nov. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 128, dez. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 129, dez. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 130, dez. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 131, dez. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 132, dez. 1832					Neste número não há artigos sobre o tema

³⁹⁹ Refere-se a Leopoldo Gamard.

Ano 3, n. 133, jan, 1833					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 3, n. 134, jan. 1833					Neste número não há artigos sobre o tema.
Ano 3, n. 135, jan. 1833					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 3, n. 136, jan. 1833					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 3, n. 137, fev. 1833					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 3, n. 138, fev. 1833					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 3, n. 139, fev. 1833					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 3, n. 140, fev. 1833					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 3, n. 141, mar. 1833					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 3, n. 142, mar. 1833					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 3, n. 143, mar. 1833					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 3, n. 144, mar. 1833					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 3, n. 145, mar. 1833	Dr. Francisco de Paula Candido	Boletim Universal: Ciências Medicas: Medicina	Relatorio feito ao Governo sobre a enfermidade de Irajá, pelo Sr.Dr. Paula Candido.	522	Delírios como sendo um dos sintomas de uma doença relatada no Irajá.
Ano 3, n. 146, abril. 1833					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 3, n. 147, abril. 1833					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 3, n. 148, abril. 1833					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 3, n. 149, maio. 1833	Dr. Francisco de Paula Candido	Boletim Universal: Ciências Medicas: Medicina Prática	Observações da febre no Irajá; lidas na Sociedade de Medicina em 17 de abril de 1833.	541-42	Caso de um homem de 37 anos com delírios ocasionados pela febre.
Ano 3, n. 150, maio. 1833					Neste número não há artigos sobre o tema

Ano 3, n. 151, maio. 1833					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 3, n. 152, maio. 1833					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 3, n. 153, jun. 1833	Não é mencionado	Boletim da Sociedade	Continuação do número antecedente: Febre quartã	554-55	Delírios ocasionados por febre alta.
Ano 3, n. 154, jun. 1833					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 3, n. 155, jun. 1833					Neste número não há artigos sobre o tema

ANEXO IV

LISTA DE TEXTOS ASSOCIADOS AO TEMA DO ALIENISMO PUBLICADOS NO PERIÓDICO *DIARIO DE SAUDE*

Edição	Nome Colaborador	Seção	Título do Texto	Paginação	Assunto
Ano 1, n. 1, vol 1, abril 1835	Joseph François Sigaud	Medicina	Reflexão acerca do transito livre dos doidos pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro, e etc	6-8	Reflexão sobre a construção de um lugar para alienados no Rio de Janeiro.
Ano 1, n. 2, vol 1 ,abril .1835	Reveille Parise. Memb.de la Acad .Roy. de Medicine.p.288	Variedades e noticias medicas	Melancolia dos homens ilustres	16	Casos de melancolia em cientistas europeus.
Ano 1, n. 3, vol 1, maio. 1835					Neste número não há artigos sobre o tema.
Ano 1, n. 4, vol 1, maio. 1835					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 5, vol 1, maio. 1835	Dr. J.F Sigaud	Cirurgia	Clinica de partos	33	Importância para a criação de um hospício
Ano 1, n. 6 vol 1, maio. 1835					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 7, vol 1, maio. 1835					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 8, vol 1, jun. 1835	Extrahido de la Hygie diário publicado pelo Barão Percy	Medicina	Das Glarias	60	Doença intestinal conhecida como glaria que pode levar a melancolia
Ano 1, n. 9, vol 1, jun. 1835					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 10 vol 1, jun. 1835	Luiz Antonio de Oliveira Mendes	Medicina	Da enfermidade dos pretos chamada banzo	74-4	Banzo
Ano 1, n. 11, vol 1., 1835	Retirado do Correio dos Estados Unidos março de 1835	Noticias e Variedades Medicas	Observação da loucura	85-7	Caso específico de loucura em mulher na França
Ano 1, n. 12, vol 1, jul. 1835					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 13, vol 1, jul. 1835		Noticias e Variedade Médicas	Febre Imitativa	104	Doença relacionada a mania de suicídio
Ano 1, n. 14, vol 1, jul. 1835					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 15, vol 1, jul. 1835					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 16,					Neste número não

vol 1,ago. 1835					há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 17, vol 1,ago. 1835					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 18, vol 1,ago. 1835	Joseph François Sigaud	Variedades e Noticias Medicas	Assumptos de Theses	140-41	Delírio relacionado a febre empregando loções frias para abaixá-la.
Ano 1, n. 19, vol 1,ago. 1835					
Ano 1, n. 20, vol 1,ago. 1835					
Ano 1, n. 21, vol 1, set. 1835					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 22, vol 1,set. 1835					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 23, vol 1, set. 1835					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 24, vol 1,set 1835					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 25 vol 1,out 1835					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 26, vol 1,out. 1835					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 27, vol 1,out. 1835					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 28, vol 1,out. 1835					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 29, vol 1,out. 1835					
Ano 1, n. 30, vol 1,nov. 1835					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 31, vol 1,nov,1835					Neste número não há artigos sobre o tema.
Ano 1, n. 32, vol 1,nov,1835					Neste número não há artigos sobre o tema.
Ano 1, n. 33, vol 1,nov. 1835					Neste número não há artigos sobre o tema.
Ano 1, n. 34, vol 1, dez.1835					
Ano 1, n. 35,					Neste número não

vol 1,dez 1831					há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 36, vol 1dez. 1835	Tradução F.C Valdetaro	Sciencias Medicas:Pat hologia	Noticias sobre irritação cerebral ou cerebria	281-83	Mania aguda entre outras.
Ano 1, n. 37, vol 1,dez. 1835		Sciencias Medicas: Cirugia	Noticia histórica da enfermidade e morte de Manuel Antunez operado de um aneurisma da artéria carótida pelo Dr. João José Montes de Oca, Medico do Hospital Geral dos Homens de Buenos Ayres e lente de anatomia e fisiologia.		Analisa o caso do paciente e alguns de seus sintomas como por exemplo: propensão ao suicídio e delírios
Ano 1, n. 38, vol 1,jan. 1836					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 39, vol 1,jan. 1836					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 40, vol 1,jan. 1836					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 41, vol 1,jan. 1836					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 42, vol 1,jan. 1836					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 43, vol 1,fev. 1836					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 44, vol 1,fev. 1836					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 45, vol 1,fev. 1836	Dr. J. F. Sigaud	Variedades e Noticias Medicas	Do emprego dos meios moraes para curar loucos melancólicos	359-60	Melancolia
Ano 1, n. 46, vol 1,fev 1836					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 47, vol 1,mar. 1835					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 48, vol 1, mar. 1836					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 49, vol 1,mar 1836					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 50 vol 1,mar,1836					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 51, vol 1,abril. 1836					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 52, vol 1,abril. 1836					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 53, vol 1,abril.	J de Santé trad. F.C. Valdetaro	Variedades e Noticias	Chaussier: factos curiosos observados na maternidade	419	Citação de delírio ou alienação

1836		Medicas			mental durante a gravidez
------	--	---------	--	--	------------------------------

ANEXO V

LISTA DE TEXTOS ASSOCIADOS AO TEMA DO ALIENISMO PUBLICADOS NO PERIÓDICO *REVISTA MEDICA FLUMINENSE*

Edição	Nome Colaborador	Seção	Título do Texto	Paginação	Assunto
Ano 1, n. 1, ,abril 1835					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 2, ,maio .1835					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 3, junho. 1835					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 4, julho. 1835					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 5,ago. 1835		Conferencias Verbaís	Não possui	4-10	Relato de febres na corte , sendo um dos sintomas o delírio
Ano 1, n. 6, set. 1835					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 7, out. 1835		Relatório	Das molestias, reinantes tratadas no Hospital da Marinha desta Corte ,nos trez mezes, de Julho, Agosto e Setembro.	14	Caso de um marinheiro de trinta anos com febre que posteriormente o quadro evoluiu para hemorragia nasal, delírios e acessos todas as noites.
Ano 1, n. 8,nov 1835		Relatorio	Sobre o uso de gelo	26	Gelo utilizado contra o delírio nas febres ataxicas
Ano 1, n. 9, dez. 1835	Extrahido de Del Universal de Montevideo	Variedades Medicas	O Vizionaio de Londres	53-6	Paciente acometido de melancolia e alucinações
Ano 1, n. 10,jan. 1836		Conferencias Verbaís		5	Debata entre os médicos Sr. Reis e Sr. Dr. Meirelles se a febre de um paciente teve acessos de delírio .
Ano 1, n. 11, ,fev 1836					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n.12 ,mar,1836					Neste número não há artigos sobre o tema
n. 1, vol 2 abril. 1836			Da molestia considerada em geral, segundo as diferentes doutrinas médicas.	400-28	Citação de Broussais sobre a loucura como provável sintoma da doença

n,1, vol 4, abril 1838.				11	Relato de um preto quatorze de constituição débil com fortes dores de cabeça que no quarto dia sofre delírios
Ano 1, n. 46, vol 1, fev 1836					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 5, n.2 , ,mai. 1839		Novidades e Variedades medicas	Observações sobre a cachexia Africana ou chthonophagia	76-9	A nostalgia como uma das principais causas desta doença.
Ano 5, n. 3, jun. 1839					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 5, n. 4, jul 1839					
Ano 5, n. 5 ,ago 1839	Artigo extrahido do periódico de Paris—Annales d'Hygiene publique et de rnedecine legale ⁴⁰⁰ .		Do abuso das bebidas esperuosas e das moléstias dos bebados, considerados em suas relações com a medicina legal, pelo Dr. Roesch.	221	Bebida associada à loucura dos sentidos ou a mania.
Ano 5, n. 6, set 1839	Dr. Luiz Vicenti de Simoni		Importancia e Necessidade da criação de hum manicômio ou estabelecimento especial para o tratamento de alienados	243-61	Necessidade da criação de um manicômio do Rio de Janeiro
Ano 5, n. 7, out. 1839	Dr. Luiz Vicenti de Simoni		Relação e observações do Sr. Dr. José Peixeira Rego, sobre as moléstias, tratadas no Hospital da Santa Casa da Misericórdia, na repartição de Medicina. Apresentada á Academia Imperial de Medicina em 3 de Novembro de 1838.	311	Um caso de febre tifoide com relatos de delírios como sintoma.
Ano 5, n. 8, nov 1839					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 5, n. 9, dez. 1839					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 6, n. 1, abril. 1840	Dr. J. P. Rego		Considerações sobre a necessidade de estabelecer-se a constituição medica no Rio de Janeiro	7	Uma determinada moléstia não especificada que causa delírios
Ano 6, n.2, maio 1840					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 6, n. 3 ,jun, 1840					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 6, n. 4, jul 1840	Dr. José Pedro de Oliveira (Montevidéu)		Observação de huma encefalite congestiva revestindo a forma apopletica durante os primeiros dias e de symptomas tetânicos no fim	155	Delirios como um dos sintomas em uma mulher.

⁴⁰⁰ No periódico não é informada a edição do periódico na qual foi publicado o artigo.

Ano 6, n.5, ago 1840	Dr. J. P. Rego		Convulsões puerperais resultantes dum parto laborioso, e seguidas de derramamento cerebral, hemiplegia do lado direito, estado comatoso durante cinco dias, perda de fala por nove dias, delírio ...	192-202	Relato de uma mulher chamada F de aproximadamente 20 anos.
Ano 6, n. 6, set. 1840					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 6, n.7,out 1840					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 6, n. 8 ,nov,1840					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 6, n. 9, ,dez 1840					Neste número não há artigos sobre o tema
Vol 6, n.10, jan 1841					Neste número não há artigos sobre o tema
Vol 6, n.11 ,fev 1841					Neste número não há artigos sobre o tema
Vol 6, n. 12 ,mar 1841					Neste número não há artigos sobre o tema

ANEXO VI

LISTA DE TEXTOS ASSOCIADOS AO TEMA DO ALIENISMO PUBLICADOS NO PERIÓDICO *REVISTA MEDICA BRASILEIRA*

Edição	Nome Colaborador	Seção	Título do Texto	Paginação	Assunto
n. 1, vol 1, maio, 1841					Neste número não há artigos sobre o tema.
n. 2, vol 1, jun, 1841					Neste número não há artigos sobre o tema
Vol 1, 1, n. 3, jul. 1841					Neste número não há artigos sobre o tema.
Vol 1, n. 4, ago. 1841					Neste número não há artigos sobre o tema
Vol 1, n. 6, out. 1841	Dr. José Martins da Cruz Jobim		Discurso sobre as molestias ,que mais afligem a classe pobre do Rio de Janeiro	306	Caso citado de uma molestia que pode levar ao delírio e perda dos sentidos.
Vol 1, n. 7, nov. 1841					Neste número não há artigos sobre o tema
Vol 1, n. 8, dez. 1841	Sr. Dr. Francisco de Paula Costa.	Theses defendidas perante a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em o anno de 1841.	Algumas considerações sobre o charlatanismo em medicina. These apresentada e sustentada em 9 de Dezembro de 1841	427	Citação da loucura em Carlos VI na França.
Ano 2, n. 1, maio. 1842	Sr. Dr. Valadão	Clinica e Observações	Hospital da Misericórdia. — Clinica medica da Faculdade de Medicina	31	Delírio puerperal observado na sala das mulheres.
Ano 2, n. 2, jun. 1842					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 3, jul. 1842			Conferência verbal sobre moléstias reinantes.	107	Molestia que matou soldados na Praia Vermelha e tinha como uma dos sintomas o delírio.
Ano 2, n.4, ago. 1842					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 5, set 1842					Neste número não há artigos

					sobre o tema
Ano 2, n. 6, out. 1842					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 7, nov. 1842	Traduzido pelo Dr. J. M. Almeida Rego.		História de huma febre intermitente perniciosa maníaca...	324	Mania periódica e melancolia relacionadas como sintomas da moléstia .
Ano 2, n. 8, dez. 1842					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 2, n. 9, jan. 1842					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 10, fev. 1842					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 11, mar. 1842					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 12, abril. 1842					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 3, n. 1, maio. 1843					
Ano 1, n. 9, jan. 1843					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 10, fev. 1843					Neste número não há artigos sobre o tema
Ano 1, n. 11, mar. 1843					Neste número não há artigos sobre o tema

ANEXO VII

LISTA DE TEXTOS ASSOCIADOS AO TEMA DO ALIENISMO PUBLICADOS NO PERIÓDICO *ANNAES DE MEDICINA BRASILIENSE* e *ANNAES BRASILIENSES DE MEDICINA*

Edição	Nome Colaborador	Seção	Título do Texto	Paginação	Assunto
n. 2, v.1 julho de 1845.	Roberto Jorge Haddockk Lobo		Necrologio da Cidade do Rio de Janeiro no 1º trimestre do anno de 1845.		Casos de morte associados ao alienismo no primeiro trimestre na cidade do Rio de Janeiro de freguesias
n.4, v.1, setembro de 1845.	Roberto Jorge Haddock Lobo		Necrologio da cidade do Rio de Janeiro no 2º trimestre do anno de 1845.		Casos de morte associados ao alienismo no segundo semestre na cidade do Rio de Janeiro de freguesias
n.5, v.1, novembro de 1845	Roberto Jorge Haddock Lobo		Necrologio da cidade do Rio de Janeiro no 3º trimestre do anno de 1845		Casos de morte associados ao alienismo no terceiro semestre na cidade do Rio de Janeiro de freguesias
v.1, n. 11, abril de 1846	R.J.H.Lobo		Estatística mortuária da cidade do Rio de Janeiro em todo anno de 1845.	440-446	Estatística geral do número de mortes na cidade do Rio de Janeiro, incluindo todos os casos associados a alienação
3º anno, n.7, vol.3º, janeiro de 1848.	Antonio José Pereira das Neves		Relatório acerca do tratamento de alienados e seus principais hospitaes, na França, Inglaterra, Italia, Belgica e Portugal pelo doutor Antonio José Pereira das Neves encarregado desta commissão em maio de 1844, pela administração do hospital de Pedro Segundo, desta capital.	161-6	Relatório realizado sobre a visita a hospícios europeus com o intuito da criação do hospício Pedro II na cidade do Rio de Janeiro
3º anno, n.11, vol.3º, maio de 1848	Antonio José Pereira das Neves		Relatório acerca do tratamento de alienados e seus principais hospitaes, etc. pelo Sr. Dr. Antonio José Pereira das Neves. 2ª Artigo. Salpetriere	271-4	Relatório feito do hospital de Salpetriere
3º anno, n.12, vol.3º, junho de 1848	Antonio José Pereira das Neves		Relatório acerca do tratamento de alienados e seus principais hospitais, etc. 2º Artigo. (Vem do numero 11, pag. 274 – Conclusão	292-5	Última parte do relatório acerca dos hospícios franceses

4º anno, n.1, vol.4º, julho de 1848	Antonio José Pereira das Neves		Relatorio acerca do tratamento de alienados e seus principaes hospitais em França, Inglaterra, Italia, Allemanha, Belgica e Portugal; pelo Dr. A. J. P. das Neves, encarregado desta comissão em maio de 1844 pela administração do hospício de Pedro 2º desta capital. Artigo 3º (Vem do tomo III, pag. 292)	12-16	
6º anno, 6º vol., n. 1, outubro de 1850			[O Redactor]. Considerações mais frequentes de algumas moléstias de crianças mais frequentes no Rio de Janeiro (Vem do tomo 5º, pag. 192)	2-10	
6º anno, 6º vol., n. 8, maio de 1851			Estudos sobre alguns sinaes precursores ou prodromos das molestias graves de cérebro, consideradas debaixo da relação clínica, physiologica e medico legal pelo Dr. Francis Devay, médico do Hotel-Dieu de Lyon	186-192	